
Alice Clayton
Autora de Subindo pelas Paredes
e Arranhando as Paredes
Derrubando as Paredes
[Screwdrivered]
Benvirá

Alice Clayton

Derrubando as Paredes

[Screwdrivered]

Tradução
Amanda Moura

Benvirá

Av. das Nações Unidas, 7221, 1º Andar, Setor B
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05425-902

SAC 0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h às 18h **www.editorasaraiva.com.br/contato**

Presidente Eduardo Mufarej **Vice-presidente** Claudio Lensing **Diretora editorial** Flávia Alves Bravin **Editoras** Debora Guterman *Paula Carvalho* Tatiana Vieira Allegro **Produtores editoriais** Deborah Mattos / Rosana Peroni Fazolari **Suporte editorial** Juliana Bojczuk **Preparação** Augusto Iriarte **Revisão** Laila Guilherme **Diagramação** Johannes C. Bergmann **Capa** Deborah Mattos **Imagem da capa** Thinkstock/g-stockstudio **Impressão e acabamento**

ISBN 978-85-5717-147-3
DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Clayton, Alice
Derrubando as paredes / Alice Clayton ; tradução de Amanda Moura. - São Paulo : Benvirá, 2017.
200 p.
ISBN 978-85-5717-147-1987
Título original: Screwdrivered
1. Literatura norte-americana 2. Literatura erótica. I. Título II. Moura, Amanda
CDD 813
17-1005 CDU 82(73)

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana

Copyright da tradução © 2017 by Saraiva Educação Título original: *Screwdrivered*

Copyright © 2014 by Alice Clayton Todos direitos reservados.
Publicado mediante acordo com a Gallery Books,
um selo da Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados à Benvirá,
um selo da Saraiva Educação.

www.benvira.com.br **1ª edição, 2017**

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva Educação. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

CL 670733

Este aqui vai para todas as queridas autoras que se empenham tanto para alimentar o nosso vício: os romances. Eu sempre preciso de um empurrãozinho.

CAPÍTULO UM

Do topo de uma colina isolada, Vivian contemplava o mar turbulento. Sua silhueta, voluptuosa e esguia, cortava a paisagem lascivamente. Numa pose sirênica, Vivian olhou em direção ao oeste. Um navio preto tinha surgido no horizonte; quando ela o avistou, seu coração acelerou. Seria o capitão pirata que assombrava seus sonhos? O guerreiro moreno, alto e feroz, com uma expressão de fúria e desejo? Um simples olhar dele, e as pernas dela estremeciam. Com um toque… implodiam.

Seria ele voltando de terras distantes e de aventuras que ela mal era capaz de imaginar? Será que a tomaria e a possuiria como só ele sabia fazer? O pirata lhe concederia o tesouro da sua virilidade? Ou a descartaria como a um saco vazio?

O que ele faria?

O quê?

Ele aceitaria outra Coca Zero?

Oi?

Fui removida da minha fantasia pela voz anasalada e maçante de Richard Harrison, contador certificado.

– Quero outra Coca Zero, por favor. E, para a senhorita, mais um… O que você estava bebendo mesmo, Viv?

– Uísque. Água. Sem gelo.

Observei o meu date, mais um em uma longa lista de encontros às cegas. Arranjado pela minha mãe – razão pela qual eu deveria ter recusado o convite de cara e ficado em casa. Não que minha mãe não tivesse bom gosto; Richard era boa-pinta. Para quem curte o tipo.

Cabelos castanhos. Olhos castanhos. Calça de algodão marrom meticulosamente vincada. Camisa social branca. Dentes brancos. Ofuscantes, de tão brancos; quando ele sorriu, imaginei ouvir sinos tocando. Toda vez que um contador sorri, nasce uma fada?

Controle-se, Viv.

Beberiquei meu uísque e estremeci, não só pela gostosa queimação, mas também pelo péssimo rumo que a conversa estava tomando. De aperitivo? Leis fiscais. E nada como uma salada caprese com burrata acompanhada de ganho de capital, não é mesmo?

Eu tinha sobrevivido aos primeiros vinte minutos de encontro deixando a minha mente vaguear até o meu lugar favorito, o mundo dos romances eróticos. Mas agora nem a fantasia de piratas saqueando a minha calcinha era capaz de me fazer suportar aquele zunido marrom-branco-tedioso.

Percorri o restaurante com o olhar, meus dedos tocando o medalhão pendurado em meu pescoço. O pequeno objeto, rosa-claro e marfim, me fora dado quando eu tinha treze anos. Herança de família, presente de crisma. Minha família ainda frequentava a igreja, ao contrário de mim. Não que eu não adorasse um clube da Luluzinha, pois adorava. E não que eu não sentisse certa culpa, pois sentia. Motivo pelo qual estava ali numa sexta à noite, em vez de estar relaxando em casa, na companhia de um bom livro.

Sobre o pescoço que sustentava o pingente herdado, havia um rosto "emoldurado por mechas de cabelo preto encaracolado, pele bronzeada e olhos verdes como o oceano". Assim minha mãe tinha me descrito a Richard Harrison, o contador tedioso. De fato, o meu cabelo é preto e encaracolado – e bem curtinho –, e os meus olhos são verdes. Pele bronzeada? Hum, pode ser. O

que ela convenientemente deixou de mencionar foi o piercing na sobrancelha esquerda. Ela também costumava omitir os piercings no nariz e na língua. E a tatuagem na nuca. Quando, mais cedo, tirei a jaqueta de couro, percebi o sr. Harrison fraquejar, mas ele se conteve. Com um e cinquenta e sete descalça e quase um e sessenta e cinco com meu coturno favorito, eu sabia muito bem a imagem que projetava – e ela certamente não correspondia ao clima familiar do restaurante genérico ao qual ele me levara. Tantos restaurantes bons no sul da Filadélfia, e o cara me trouxe aqui?

Por que diabos me meti em outro encontro às cegas?

Porque você está solteira, nunca se apaixonou e anseia por um pirata?

Fato. Mas eu aceitaria um caubói também. Ou um bombeiro. Ou um *príncipe excluído da linhagem real por um tio impiedoso e sequioso do trono e da virginal princesa do reino rival, a donzela mais linda da face da Terra. Para a desgraça do tio, no entanto, de virginal a princesa já não tinha nada, pois fora deflorada pelo referido príncipe num leito coberto de penas brancas como neve. E, toda vez que o príncipe penetrava a amada, as unhas dela lhe cravavam as costas como as de uma águia a alçar voo, um voo rumo a uma apaixonante…*

Chega de uísque.

Depois de dez minutos ouvindo o sr. Harrison declamar sobre artifícios fiscais e planos de aposentadoria, apoiei o copo na mesa e o encarei. Eu poderia estar me deleitando com uma banheira cheia de espuma, acompanhada do meu pirata, e estava ali ouvindo isso? Eu era totalmente capaz de arrumar os meus próprios dates, o que já tinha falado mil vezes para a minha mãe. Exercer essa capacidade era outra questão, uma na qual nunca me empenhei muito. Não que eu não quisesse sair com caras, me relacionar. Eu queria. Mais ou menos. O negócio era que eu não tinha a menor paciência para toda a conversa fiada, o lenga-lenga.

Eu sabia que a vida não era como os romances, em que o personagem se apaixona perdidamente por sua alma gêmea no momento em que seus olhares se cruzam em meio a uma multidão.

Que absurdo.

Eu sabia que não seria de repente raptada a um mundo de fantasia e emoção por um desconhecido maravilhoso com quem a química seria instantânea e a sintonia sexual perfeita desde o instante em que o seu membro gigantesco roçasse as minhas delicadas pétalas.

Já pensou?

Sabia também que não existia um bilionário bad boy de quase trinta anos, desses que aparecem na lista da Fortune 100, com um metro e noventa de indomesticável e testosterônica virilidade, à espera de que uma garotinha desamparada, de autoestima baixa e All-Star sem meias o tirasse do pedestal e virasse a sua vida de cabeça para baixo com uma rapidinha no banheiro feminino durante um almoço de negócios.

Só para constar: All-Star sem meias deixa os pés fedendo a podre.

Enfim. Por mais ridículas que fossem essas histórias de romance, eu ainda sonhava com a minha. O conto de fadas. Essa maravilhosa troca que acontece quando duas pessoas se tornam uma. Então eu marcava encontros, conhecia caras nos bares, pegava alguns e tinha as mais insípidas, algumas vezes engenhosas, transas possíveis. Dos orgasmos, pelas minhas próprias mãos ou alheias, eu não abria mão. Assim, quando, às vezes, minha mãe me enchia por eu ser a única solteira entre as suas crias, eu cedia e deixava que ela me arranjasse esses encontros.

A diferença entre o meu tipo e o da minha mãe era tão grande quanto a diferença entre um atum e um modelador de cachos. Eu curtia um bad boy, e já tinha me divertido com um ou dois.

Preferia uma coisa mais rústica, cara de mau. Cabelo desgrenhado? Por favor. Artista? Adoro. Músico, pintor, performer, o que tiver.

Já o tipo da minha mãe era aquele de que todos gostam: pai de família, provedor, estável, bem-sucedido, inteligente, sociável nas festas, com esperma suficiente para alimentar a culpa católica por todas as futuras gerações.

E, em sua mais recente onda de influência maternal, sem dúvida gerada pelo nascimento do terceiro neto e pelo desejo desenfreado de formar um time de futebol, minha mãe andava marcando encontros para mim como se o mundo fosse acabar. Só nas últimas semanas eu conhecera Harry Thomson, Tommy Dickerson e, agora, Richard Harrison. Auditor financeiro, advogado tributário e contador certificado. O mesmo cara, a mesma calça, a mesma cabecinha. Tom, Dick e Harry. De jeito nenhum.

– Então eu falei pro cara: "Se você quer um quatrocentos-e-um-k, eu faço, mas você vai perder uma das melhores coberturas fiscais que existem". Aí, o que eu propus para ele foi…

– Dick? Posso te chamar de Dick?

– Bem, eu prefiro Richard mesmo, mas…

– Dick, vamos parar por aqui. Foi um erro.

Ele pareceu decepcionado.

– Droga, eu sabia que a gente devia ter pedido iscas de frango. Esse queijo berreta é exótico demais pra mim também. Deixa só a garçonete olhar pra cá, e eu…

Ele ergueu a mão para se livrar da "berreta", e eu bati a minha na mesa.

– Não tem nada a ver com o queijo, nem com o restaurante, nem mesmo com você, Dick. Sou eu. Eu nunca devia ter dado ouvidos à minha mãe.

– Sua mãe é incrível. Tem um belo fundo.

– Chega de falar de fundos de investimento. Eu quero romance, quero ser arrebatada! Quero algo especial, único, impulsivo, fora do convencional! – Percebi a minha voz se exaltando. Inclinei o corpo à frente. – Quero alguém que derrube tudo que tem nessa mesa, me jogue em cima dela e me faça sentir viva. Você é capaz disso, Dick? – Virei o resto do uísque e o encarei desafiadoramente.

– Impulsivo? Fora do convencional? – Ele engoliu em seco e afrouxou a gravata. Então uma expressão estranha tomou o seu rosto. – Você quer dizer, tipo, na bunda? – sussurrou, com uma piscada exagerada.

Ah. Meu. Deus.

– Precisam de mais alguma coisa? – perguntou uma voz alegre.

Olhei para cima e vi a garçonete.

– O Dick quer iscas de frango. – Suspirei. Tirei da bolsa uma nota de vinte dólares e a coloquei na mesa, ao lado do meu copo vazio. Me levantei, me aproximei do cara, dei um tapinha no ombro dele e disse: – Pena que não rolou.

O alívio na expressão dele foi tão evidente que chegou quase a ser cômico. Ele começou a se levantar, mas gesticulei para que nem se desse ao trabalho enquanto pegava minha jaqueta e caminhava até a porta.

Essa isca, eu não mordo.

*

Fechei a porta de casa; o silêncio era palpável. Meus passos ecoaram contra o concreto polido, sob uma luz baixa e algo solitária. Tirei a jaqueta, rindo ao me lembrar da cara do Dick quando

eu a tirara no restaurante. Tatuagem é algo completamente comum nos dias de hoje, mas não há nada como um desenho na nuca de uma mulher para fazer um almofadinha piscar. Maldade rir; ele não merecia tamanha humilhação. Não antes do prato principal. Cobri a boca ao passar pela fotografia da minha mãe pendurada na parede do corredor.

– Foi mal, mãe, mas aí não dá. Berreta?

É possível que eu tenha rido de novo. A última vez.

Analisando os efeitos na manhã seguinte de tomar mais uma dose de uísque – e decidindo que não estava nem aí –, despejei mais um pouco num copo com gelo e recostei no balcão. Concreto polido, como o piso. Minha casa tinha uma pegada industrial: limpa, organizada. Aço, cromo, preto, tons de… você sabe.

Ao longo de uma das paredes, havia uma série de fotos, todas em porta-retratos pretos e foscos, separadas umas das outras por exatos sete centímetros. Fotos da minha família. Cinco irmãos mais velhos. Minha mãe. Meu pai. Todos nós juntos.

A minha infância foi curiosa. Quando me tiveram, os meus pais estavam tão acostumados com futebol americano, hóquei e beisebol que eu fui direto pros uniformes; nunca me interessei por vestidos. Hoje em dia, uso vestido de vez em quando, mas só aqueles bem justos, com meia arrastão e coturno. Uma coisa Courtney Love 1996. Sem o batom borrado. E a heroína.

Crescer em meio a cinco irmãos fez com que todos na cidade me vissem como um dos "garotos Franklin". Indistinção que se tornou menos comum quando, na puberdade, desenvolvi um belo par de distinções. Ainda assim, o fato de eu quase sempre usar bonés de beisebol e blusas de moletom deu continuidade ao mito. Seguir os passos dos meus irmãos também significou excelência na escola, especialmente em matemática e ciências; fiz aula de cálculo no primeiro colegial. Os Franklin são bons em matemática e ciências, eu também. O que me fazia um ponto fora da curva era que eu amava artes. Desenhar, pintar, tudo isso. Amava. Há uma simetria no desenho, um senso de dimensão e escala que dialoga com o meu lado matemático. Mas, entre as atividades esportivas depois da escola e as aulas para alunos avançados, acabei não tendo muito tempo de explorar esse lado.

Honestamente, não fui incentivada a explorá-lo. O negócio da família é computador, e os meus irmãos e eu fomos preparados para isso. E eu segui à risca… por um tempo.

Ao lado dos porta-retratos da minha família, ficava a única peça de arte do ambiente, a única coisa colorida. Salpicos de coral, rosa-algodão-doce e suaves lufadas de branco. Abril em Paris. Deixei os meus olhos seguirem as protuberâncias de cor, relembrando os meus dias em um estúdio na França. Paraíso. Entre mim e esse paraíso, um mundo e uma empresa de software.

Afastei as lembranças, bebi o resto do uísque e procurei meu celular. Dei o braço a torcer e verifiquei as mensagens. Pelo menos três da minha mãe e outras duas de um número desconhecido. Ciente de que a minha mãe só queria saber como havia sido o encontro e sem dar a mínima para as mensagens de alguém que não conhecia, apaguei todas e fui pro quarto.

Tirei a roupa, coloquei um felpudo roupão branco e cheguei ao único cômodo da casa que não seguia o padrão monocromático moderno. Abri a porta para o caos cor-de-rosa.

Papel de parede rosa, carpete rosa – todas as superfícies eram rosa. E candelabros dourados; eu tinha vários deles. E finas velas brancas derretendo romanticamente. Estava tudo lá. O meu refúgio. O meu nirvana romântico.

Banheira. Funda. Comprida. Encimada por uma prateleira com sais e espumas de banho, pérolas e óleos. Fragrâncias de lavanda, gerânio e, claro, rosas. Liguei o rádio, sintonizei a estação de música clássica e senti a noite se esvair quando acionei a água quente. Enquanto

despejava na corrente de água as ampolas com fragrância de rosas, os meus olhos se voltaram para o livro que terminaria de ler esta noite. Na capa? Homem. Forte. Feroz. Peitoral torneado. Mulher. Linda. Desmaiando. Seios.

Me despindo do roupão e da lembrança de Dick, escorreguei para dentro da banheira cheia de água perfumada e deixei o mundo desaparecer.

*

Eu estava dormindo profundamente quando o celular tocou e me arrancou de um sonho no qual um sapato gigante me perseguia em um toboágua. Tateei o criado-mudo, derrubando uma pilha de livros e uma garrafa de água antes de encontrar o celular.

– Alô?

Silêncio.

– Alô?

– Alô, é a senhorita Vivian Franklin? – perguntou uma voz masculina.

– É a Viv, sim. Quem fala? – esbravejei ao notar o horário. Quem diabos liga à uma e vinte e oito da manhã? – Sabe que horas são?

– Mil desculpas por isso. Aqui na Califórnia, é bem mais cedo.

– Fico feliz pelos comedores de granola. Quem é você e por que diabos está me ligando no meio da noite?

– Senhorita Franklin, tentei ligar mais cedo. Você não recebeu minhas mensagens?

– Cinco segundos para responder à minha pergunta, Califórnia, ou vou desligar.

– Perdoe-me por dizer isso, mas você me lembra a sua tia – disse, soltando uma risada polida.

Franzi as sobrancelhas.

– Minha tia? – Eu não parecia nem um pouco com a tia Gloria nem com a tia Kimberly, e nenhuma delas morava na Califórnia. Espera aí. – Você está ofegando? – Sim, estava. Que nojo. – Cara, você escolheu a pessoa errada para se masturbar…

– Não, não, senhorita Franklin. É que acabei de subir uma escada comprida, e acho que meu coração já não é o mesmo de antes. – Depois de uma respiração profunda, ele riu. – Masturbar… Que ideia. A sua tia Maude teria adorado isso.

Tia Maude. Tia Maude? Aaaaah, a tia Maude.

– Minha tia-avó Maude? Maude Perkins?

– Sim, ela mesma. Sei que você já ouviu isso várias vezes nos últimos dias, mas eu gostaria de expressar os meus pêsames.

– Pêsames?

– Sim, pela morte da sua tia. O meu escritório a representou por décadas, e, nos últimos anos, eu passei a gostar muito dela. Que mulher incrível.

A tia-avó Maude estava… bem… motivando pêsames?

– Tá legal, Califórnia, comece pelo começo: qual é o seu nome e por que você está me ligando no meio da noite para falar de uma mulher que eu mal conheço e não vejo há quinze anos? E que, a propósito, eu nem sequer sabia que tinha… bem… falecido.

– Meu Deus! Você não sabia? Oras, isso é um tanto inusitado, não? Sinto muitíssimo, senhorita Franklin. Permita que eu me apresente. Sou Gerald Montgomery, advogado da sua tia-avó e executor do testamento dela.

Acendi a luz, levantei para pegar um bloco de anotações e voltei para a cama.

– Certo, senhor Montgomery, estou ouvindo. Me conte tudo, inclusive como é possível que ela

tenha morrido e ninguém da minha família saiba disso.

– Bem, senhorita Franklin, ela era, como você bem sabe, bastante excêntrica. – Ele soltou uma risadinha.

Trinta minutos depois, desliguei o telefone, entorpecida e confusa. Olhei para os rabiscos no bloquinho de anotações:

•faleceu e me nomeou como sua única herdeira

•casa, rancho e todos os bens… para mim?

•Mendocino. Califórnia!

Olhei para o relógio, a minha cabeça a mil. Era muito tarde para ligar para os meus pais. Teria que ligar de manhã. Eu mal conseguia processar tudo aquilo. A louca tia-avó Maude. Na última vez que a vi, eu tinha doze anos, quando passei as férias de verão na antiga casa dela.

A casa antiga que ficava num penhasco sobre a praia. Ah, meu Deus… a *casa na praia*.

Saí correndo do quarto, desci a escada e fui até a estante da sala. Peguei um álbum de família velho, cheio de fotografias das férias em família e dos feriados nos meus tempos de criança. Folheei as páginas depressa e encontrei o que estava procurando.

Certa vez, passei um verão em Mendocino – um verão mágico com a minha família e a tia Maude. Fazia tanto tempo que eu quase tinha esquecido. Fechei os olhos e senti o sol na minha pele, a maresia e a areia entre os dedos dos pés. Abri os olhos e vi a foto da casa vitoriana com vista para o impetuoso Pacífico. Chamada de “Cabana de Veraneio”, a propriedade era tudo menos uma cabana. Torretas. Plataforma no telhado. Sacada gigantesca. Assoalho com tábuas largas e lisas graças a anos do roçar de pés descalços. Horta. Sótão repleto de baús e de manequins antigos. Era o paraíso para uma garotinha.

E eu tinha herdado tudo aquilo?

E o rancho! Meu Deus, como pude me esquecer do rancho ao lado dessa casa perfeita? Hectares e mais hectares de terras californianas férteis, povoadas de ovelhas, galinhas e algumas vacas leiteiras. E cavalos. Como me esqueci dos cavalos? E do pitoresco e antigo celeiro onde… Espera aí… Cavalos precisam ser cuidados. Por um… caubói.

Um misterioso telefonema no meio da noite que me arrancara do meu sono. Uma ligação que despertara a minha mente com inúmeras possibilidades. Uma aventura? Um novo começo? Uma viagem para uma terra onde uma nova vida me aguardava? Uma vida com um… – engoli em seco – … caubói? Cacete. Eu podia engolir um caubói. Ainda mais se estivesse estrelando o meu próprio romance. Mas será que eu conseguiria morar do outro lado do país? Eu não conhecia uma alma sequer na Califórnia.

Opa, esquece o que eu disse.

Peguei o celular para ligar para a única pessoa que conhecia na Costa Oeste. Alguém que compartilhava o espírito de aventura que eu *já tive*.

Na Califórnia, eram onze da noite. Mas, com aquela profissão, quem sabe onde o cara estaria? Rolando a agenda do celular, encontrei o nome do meu amigo e fiquei na dúvida sobre ligar ou não.

Foda-se.

Liguei para o meu amigo da época do ensino médio. Simon Parker.

CAPÍTULO DOIS

– Viv Franklin. A que devo a honra desta ligação?

– E aí, Simon? Pode falar? Achei que não era tarde pra ligar, já que você nunca vai pra cama antes da meia-noite, não é?

– É. Geralmente não. Se bem que ultimamente…

– Poupe-me dos detalhes da sua vida amorosa, a não ser de um: você continua com a Caroline, certo? Não estragou as coisas com ela, né?

No reencontro do pessoal do ensino médio, no outono passado, eu conhecera a mulher que finalmente tinha colocado Simon Parker nos trilhos.

– Pode apostar que continuo. Ela está em casa, em San Francisco. Na verdade, nossa casa agora é em Sausalito.

– Em casa? E onde *você* está?

– Fazendo umas fotos no Camboja. Você ia adorar isso aqui, Viv. Acabei de fazer um estudo sobre a floresta abrangendo os templos perdidos e as cidades em torno de Angkor Wat. É surreal.

Suspirei ao pensar nos meus dias de aventureira. Eu selecionara com os meus pais as minhas futuras universidades em potencial, comparando os programas de engenharia da computação, de matemática *etc.* No entanto, eu também pesquisara os programas de arte dessas universidades. E, ao escolher uma pequena faculdade de artes em vez das prestigiadas universidades de tecnologia frequentadas pelos meus irmãos, argumentei com meus pais que uma formação mais equilibrada faria de mim uma jovem mulher mais interessante. Em outras palavras: "Seu 'sexto filho' está se tornando uma jovem mulher, e ela necessita de mais do que um campo de hóquei".

E eu me fui, tirando nota máxima nos cursos avançados de matemática aplicada e assistindo a algumas aulas de arte todo semestre. No meu terceiro ano, anunciei meu bacharelado, engenharia da computação, e deixei minha família espantada com minha formação complementar: artes. Espantei-os mais ainda quando recusei um estágio de verão numa empresa rival de software, em Florença, na Itália. Sabe o que foi ainda mais espantoso? Durante o último ano, passei um semestre em Paris, estudando na Sorbonne. Cursei disciplinas obrigatórias o bastante para agradar a meus pais e uma de desenho anatômico para *me* agradar.

Graduação chegando ao fim, as ofertas de emprego começaram a surgir, mas estava subentendido que eu seguiria os passos dos meus irmãos na empresa do meu pai. Então fiz o que toda garota de família abastada faz: me rebelei. Segui à risca o manual: pintei o cabelo, fiz uma porrada de tatuagens, coloquei piercing em lugares bem visíveis – e em outros não tão visíveis assim – e subi ao palco para receber o diploma trajando coturno e uma mensagem grudada no topo do capelo. Numa fita adesiva, eu havia escrito:

TÔ MUDANDO PRA FRANÇA

Foi a maneira mais subversiva que arranjei para dizer aos meus pais que eu não aceitaria o trabalho que eles tinham para mim. Nenhum trabalho, na verdade. Eu havia conseguido um estágio em uma galeria na Margem Esquerda, em Paris, tinha a grana de um fundo ao qual eu tivera acesso assim que fiz vinte e um anos, visto de entrada e uma mochila novinha em folha.

Meus. Pais. Ficaram. Pálidos.

Eu. Ia. Me. Aventurar.

Pedi desculpas a eles, que reagiram ameaçando me renegar e insistiram que eu estava jogando a minha vida fora. Os dois terminaram em lágrimas, temendo que eu perdesse a cabeça e a honra

para algum francês. Só não faziam ideia de que eu tinha perdido a honra alguns anos antes, no banco de trás do meu carro, o Bombardeiro Azul, mas esse fato não era nem uma coisa nem outra. Uma coisa era deixar minha família para fazer algo que ninguém esperava. A outra era um apartamento no quarto andar de um prédio sem elevador no décimo primeiro *arrondissement* de Paris, com dois colegas que eu tinha conhecido pela internet.

Foi a melhor fase da minha vida. Morei, trabalhei e amei na Cidade Luz. Eu apenas arranhava no francês, mas aprendi rápido, comi comidas deliciosas, dancei em danceterias deliciosas e tive a primeira transa deliciosa com um homem não circuncisado. Uh-la-la. Fiz aulas de arte, aluguei um estúdio, tive casos ardentes com artistas ardentes, tão apaixonados pelo seu ofício e determinados a levar um estilo de vida boêmio quanto eu. Viajei pela Europa, para lugares mais a leste, e acabei me encontrando inesperadamente com Simon em Istambul, já perto do final da minha aventura europeia.

Naquele ponto, eu já tinha sido tomada pelo meu vício em romances picantes, fazendo de qualquer dia ruim ou encontro frustrado uma oportunidade para me regalar com narrativas sonhadoras e fogosas. Porém, enquanto as heroínas dos meus livros sempre terminavam felizes para sempre, a minha vida amorosa não atingia as expectativas. O sexo era estimulante, mas o amor me escapava pelos dedos. Sou uma garota razoavelmente atraente, comissão de frente de respeito, belas pernas e nunca recebi reclamações na hora do vamos-ver. Mas eu nunca – música triste – me apaixonei. E nunca ninguém – música mais triste – se apaixonou por mim. Ninguém nunca me tomou nos braços, beijou meus doces lábios e sussurrou as palavras “eu te amo”.

Só para constar: ninguém sabe disso. Mas voltemos a Paris.

Segui no modo aventureiro, me entregando a ótimas e seguras transas com caras lindos, viajando para diferentes lugares, pintando sempre que a inspiração me tomava, *vivendo*. Vivendo do jeito que só se pode fazer aos vinte e poucos anos, quando nada de épico aconteceu ainda e tudo o que resta fazer é dançar.

Mas aí o meu pai teve um infarto, o que me trouxe de volta para a realidade e para casa. Ver o meu sempre forte e invencível pai daquele jeito mudou a minha perspectiva das coisas. Família está acima de tudo, e, logo depois da recuperação dele, eu estava de volta à vida de sempre como se nunca houvesse partido. Eu tinha tido minha dose de aventura, estava com vinte e três anos, e a matemática me chamava. Para ser sincera, eu sentia falta da certeza que o trabalho com números proporcionava. Números simples, seguros, sólidos, maravilhosamente complexos.

Mantive um pouco da minha independência, entretanto. Logo no começo, dei sorte com um programa de computador que eu tinha escrito e usei o dinheiro da venda da licença para abrir minha própria startup. Dessa maneira, eu permanecia no ramo dos negócios da família, mas podia caminhar com as minhas pernas. Que, aliás, continuavam cobertas pelos coturnos. Embora eu curtisse essa vida confortável, às vezes, quando me deparava com algum problema cabeludo, me pegava segurando uma caneta como a um pincel, simulando pinceladas. Às vezes, eu sentia saudade daquele estilo de vida romântico, selvagem e despreocupado.

Foi por isso que escutar Simon contando onde estava e o que estava fazendo me deixou um pouco melancólica.

– Parece incrível – falei com um suspiro. Tudo o que eu queria era uma aventura.

– O que foi, Viv? O que está pegando?

– Me conta tudo o que você sabe sobre Mendocino.

– Mendocino? Na Califórnia? Que fica a três horas de onde eu moro?

– Isso mesmo.

– Hum, fica na praia.

– Que descritivo.

– Pode me dizer o que está rolando?

– Acabei de descobrir que a minha tia-avó Maude, que eu mal conhecia, faleceu e deixou para mim uma casa na praia, um rancho e tudo o que tem neles.

– Cacete! E quando você vai pra lá?

– Não sei ainda – respondi, roendo a unha e depois sentando sobre a mão. Mania maldita.

– O que a sua família acha disso?

– Eu literalmente acabei de saber da herança, faz meia hora. Minha família ainda não sabe de nada – expliquei, roendo a unha. De novo! Peguei uma meia na cômoda e enfiei a mão dentro.

– Peraí. Isso quer dizer que você é a única herdeira?

– É o que parece. O advogado me disse que eu posso ir até lá pra assinar a papelada e tomar posse de tudo, ou ele pode providenciar a venda.

– Não venda – Simon falou imediatamente.

– Ah, não, não vou vender. Não antes de ver o lugar de novo, pelo menos. – Hum. Ao que parecia, eu iria para lá.

– Legal.

Concordei. Muito legal.

Agora só precisava contar para minha família. Eu partindo em uma aventura? Essas conversas não costumavam acabar bem.

Tirei a meia da mão.

*

Duas semanas, três brigas e quatro malas depois, eu estava pronta para atravessar o país. Contar a novidade para a minha família fora interessante. Especialmente para a minha mãe. Tinha sido a tia dela quem falecera, embora elas não tivessem contato. Tia Maude se afastara de toda a família quando já estava mais velha. Minha mãe convocou uma reunião com as irmãs, Gloria e Kimberly, conversou com o advogado da família, com o advogado da tia Maude e entendeu que a situação estava bem clara. Minha tia-avó não queria que ninguém soubesse de sua morte, exceto eu, sua única herdeira.

Meus irmãos – Michael, Jared, Greg, Kevin e Chris – se dividiram em suas reações. Michael e Kevin ficaram putos por não receber nada, enquanto Greg, Jared e Chris atribuíram isso à maluquice da tia Maude. No entanto, em uma coisa, todos, inclusive meu pai, concordaram: eu não deveria me mudar para Mendocino.

– Amendoim, você por acaso faz ideia de quanto vale uma propriedade como essa, ainda mais perto da praia? Por que ainda não colocou à venda? – meu pai questionou depois que todos os detalhes do testamento foram explicados e analisados.

Revirei os olhos. Ele me chamava de “Amendoim” desde que eu tinha o tamanho de um amendoim de verdade. Se, aos 25 anos, eu ainda não havia me livrado do apelido, isso significava que eu seria um amendoim hoje e sempre.

– Talvez eu acabe vendendo. Mas, neste momento, só quero ir até lá, ver o que é o quê. Depois eu decido. – Olhei de canto de olho para o meu pai. – Talvez eu fique por lá mesmo, quem sabe…

Em menos de dois segundos, fui de “Amendoim” para “mocinha”.

– Mocinha, e você pode me explicar como pretende administrar seus negócios estando na

Califórnia?

– Pai, eu não disse que vou me mudar de mala e cuia pra Califórnia. Embora tecnicamente eu possa fazer meu trabalho de qualquer lugar, não estou preocupada com isso agora. – Contive a adrenalina que me tomava por dizer essas palavras em voz alta. Era um fato: eu podia trabalhar de qualquer lugar do mundo, uma das vantagens de ter um negócio on-line. Mas precisava me concentrar no aqui e agora. Isso era uma missão de investigação, não uma aventura.

É claro que é uma aventura! A minha Viv-Desimpedida-Interior estava dando pulos de empolgação. Mas a Viv-Cara-De-Séria tinha que manter a compostura, ainda mais diante do pai. Assim, sem conseguir impedir que os cantos da minha boca se curvassem levemente para cima, tentei convencer o meu pai de que a viagem não seria como a vez que fugi para a Europa.

– Então você vai voltar logo? – perguntou ele severamente.

– Eu não disse isso.

– Mas…

– Mas nada – interrompi antes que ele continuasse o discurso.

Ninguém jamais interrompia o meu pai, a não ser eu. Ele tinha uma empresa de software que existia desde os anos setenta. Estava no ramo desde que este tinha surgido, e sempre teve muita astúcia para se manter à frente dos demais. Começou o negócio do zero, e agora dois dos meus irmãos cuidavam de diferentes divisões da empresa, outros dois eram engenheiros de software e desenvolviam programas novos e o outro estava se preparando para assumir o controle do negócio quando meu pai se aposentasse – o que ele dizia ser nunca, mas minha mãe tinha planos diferentes.

Uma possibilidade que meu pai vinha vislumbrando havia anos, e sobre a qual me perguntava com frequência ultimamente, era a de comprar a minha empresa, para que eu me unisse a ele e aos meus irmãos. Recentemente, eu tinha ganhado destaque no mundo da computação por ter criado um aplicativo que acabara sendo adquirido pelo Google. O valor não foi tão alto quanto o pago por aplicativos semelhantes, mas foram uns bons trocados. Isso, mais o fato de que eu continuava morando no mesmo pequeno apartamento que alugava fazia alguns anos, tinha meu próprio carro e passava a maior parte do tempo com a cara enfiada no laptop ou num livro, fazia com que eu tivesse zero dívida e uma poupança bem razoável. Para que estava guardando dinheiro, eu não sabia; só sabia que estava.

Para alguma eventualidade? Algo como o que tinha acabado de cair no meu colo após *um misterioso telefonema desde terras distantes, me dizendo que a minha vida tinha mudado e que, se eu tivesse a ousadia de correr o risco, tudo o mais poderia mudar?*

De volta para o presente. Um presente em que, já que não conseguia me convencer a vender minha empresa para ele, meu pai continuava me dizendo como administrá-la. Ou então, como tantos pais fazem, que eu a estava administrando do jeito errado.

– Pai, eu te amo. Amo todos vocês. Mas eu vou para Mendocino. Pode ser que eu volte em algumas semanas, pronta para vender o rancho e a casa na praia e todo o resto, mas neste momento só sei que vou pra lá. Não vou tomar nenhuma decisão além dessa.

A conversa terminou em resmungos e consentimentos relutantes de ambas as partes.

Já o argumento da minha mãe foi de outra espécie de tática, porém não menos estratégico. Ela vivia perpetuamente na terra dos Românticos Incorrigíveis.

– Sabe, estou com um bom pressentimento em relação a essa viagem, Vivvie. Não sei exatamente o que é, mas estou com uma sensação boa. – Ela estava empoleirada na minha cama, me ajudando a fazer as malas. Leia-se: palpitando sobre certas roupas que considerava mais

apropriadas para a viagem.

– Também estou com um pressentimento bom, mãe. Não é estranho se sentir animada com algo que só existe por causa da morte de uma pessoa? Não é horrível?

– Não, querida. É a vida. Você não conhecia muito bem a Maude. Nem eu nem as suas tias conhecíamos. Tentamos nos aproximar, fazer com que ela se mudasse para o leste para ficar mais perto da família, mas… Esse vermelho não, querida. Te deixa apagada. – O suéter vermelho voltou para o guarda-roupa. – Além disso, ela adorava aquela casa. A tia Maude sempre dizia que só sairia dali vestindo o paletó de madeira. A amarela não, querida. Te deixa com cara de doente. – A camiseta foi substituída por uma rosa.

– Paletó de madeira! Isso é mórbido pra caralho. – Senti um ligeiro calafrio. Eu estaria naquela casa em breve.

– Vivvie! Modos. Pessoas velhas falam essas coisas. Não é morbidez, é mais obstinação. "Vestindo paletó de madeira" era o que ela dizia sempre que alguém sugeria que se mudasse para uma casa de repouso. Essa é ótima. Verde sempre caiu muito bem em você, combina com os seus olhos.

– Mãe, eu não estou indo para uma festa ao ar livre.

– Usar cores não faz mal a ninguém, não importa a ocasião. Onde estão aquelas sandálias lindas que te dei de presente semana passada? Você tem pezinhos tão pequenininhos, tão lindinhos, Vivvie, devia parar de escondê-los nesses coturnos. Quem sabe você não conhece alguém por lá? Talvez você conheça o Príncipe Encantado! Um cara bacana, com um bom emprego e…

Ignorei toda a ladainha sobre o cara ideal. Eu sabia bem o que viria pela frente. E não tinha nada de bacana…

Agora ali estava eu, na entrada do aeroporto, cercada de malas e sacolas, pronta para viajar para a Costa Oeste. No meu Kindle, um novo romance para encarar as cinco horas de voo; na barriga, um friozinho por estar embarcando na minha própria aventura, exatamente como as dos meus livros prediletos.

Vamos nessa.

*

Estou bastante certa de que, nos meus romances, a personagem principal sempre chega ao seu novo destino disposta e imaculada, exalando gardênia e entusiasmo.

Já eu cheguei ao Aeroporto Internacional de San Francisco com os tornozelos inchados e a camiseta coberta de molho marinara após uma contenda com um frango à parmegiana. Cheirando a ar reciclado. Exausta e irritada por ter ficado até tarde fazendo as malas, e irritantemente excitada depois da maratona de leitura de *Lombos da paixão*.

Tive dificuldade para fazer minha bagagem caber num carrinho, depois para colocá-la no ônibus que me levaria à locadora de veículos, depois para enfiá-la dentro do carro minúsculo que me disponibilizaram. Não sei onde foi parar o SUV que eu tinha reservado, mas, a essa altura, eu iria para Mendocino até de scooter. Só queria chegar lá.

Dei a partida no carrinho de brinquedo, consultei o GPS, coloquei uma música para tocar e peguei a estrada. E fiquei presa no trânsito. E a pista ficou livre! E trânsito de novo.

Determinada a manter o meu espírito de aventura intacto, abri as janelas para sentir o ar da Califórnia. Certa de que seria envolvida pelo aroma das flores e do sol, me surpreendi quando senti o mesmo cheiro da Pensilvânia. Mas tudo bem. Finalmente estava ali! Eeeee… trânsito de

novo.

Duas horas depois, avistei sinais da costa. A rodovia começou a fazer curvas e mais curvas, e comecei a vislumbrar vestígios de um azul insinuante. As rochas se erguiam majestosamente, e os despenhadeiros brotavam sobre o oceano profundo. O Pacífico parecia agitado, batendo contra a margem como se estivesse com raiva dela. Achei aquilo estimulante: ele podia fazer isso quanto quisesse. Adorei o efeito de chuva que o choque criava; as cavernas escondidas expulsavam a água borbulhante na mesma velocidade com que a ingeriam.

Quando, à velocidade pachorrenta de setenta quilômetros por hora (obrigada, tico-tico), me aproximei da cidade litorânea, cheguei à conclusão de que andar devagar havia sido um presente. Apreciar a bela paisagem, não ter um destino sufocante – eu chegaria quando tivesse que chegar. Foi libertador. A vida me levaria: eu poderia ir para qualquer lugar, eu poderia ser o que quisesse ser, eu…

Fom-fom!

Oi?

Fom-fom! Fom-fom!

Havia uma fila de carros atrás de mim que não estavam nem aí para minha *joie de vivre*. *Lombos da paixão* se passava na Paris da guerra, então o francês estava na minha cabeça: por francês, quero dizer um herói de guerra, membro da resistência, dono de uma comprida baguete. *Ele colocou a sua amante contra o balcão da padaria e, quando a penetrou, tirando a virgindade dela pelos nossos altares e lares, o tempo parou. Não havia mais bombas caindo, não havia destroços a perder de vista. Só havia o aqui. E o agora. E a única coisa que poderia impedir a invasão ao coração dela era o…*

Fom-fom! Fom-fom!

– Já vou, já vou! – gritei pela janela, acelerando o maldito carro a oitenta e oito por hora, fazendo a lataria tremer e trepidar. Haja baguete.

Avistei a cidade de Mendocino ao longe e acelerei, chegando a noventa por hora. Agora vai.

O GPS me levou direto à cafeteria na rua principal, onde eu encontraria o sr. Montgomery, o advogado que entrara em contato comigo. Admirei a beleza da cidade, observando as casas vitorianas e seus gramados impecáveis. Casas grandes e pequenas pontilhavam as ruas sinuosas, todas construídas de forma a aproveitar a paisagem natural e a vista perfeita para o mar. Localizada no alto de um penhasco, a cidade dava para o oceano.

Com um sorriso largo, estacionei perto da cafeteria. Me alongando depois de uma longa viagem de carro depois de um voo ainda mais longo, caminhei até uma fileira de cadeiras de balanço em uma varanda imensa, onde um senhor se encontrava sentado.

Ele sorriu ao me ver e se levantou.

– Senhorita Franklin, presumo?

Quem é que ainda fala assim?

– Pode me chamar de Viv, por favor. Prazer em conhecê-lo, senhor Montgomery. – Sorri e apertei a mão dele.

O homem era alto e imponente, e o terno preto e a gravata destoavam da atmosfera casual daquela aldeia pitoresca.

Mas o seu sorriso era genuíno. Os olhos azuis me percorreram. Olhei para baixo, para o meu jeans rasgado, o coturno, a camiseta manchada de molho, e fechei o zíper da jaqueta de couro.

– Turbulência. Não é legal comer algo com molho a trinta mil pés de altura – expliquei.

– Não se preocupe. Tenho certeza de que, assim que se acomodar na sua casa, você vai poder

tomar um banho e relaxar. Vamos resolver logo isso para que você possa seguir o seu caminho? Estou certo de que está ansiosa para ver tudo.

Ele apontou para uma mesa cercada por cadeiras, na qual havia alguns papéis. Fiz que sim com a cabeça, e, enquanto nos sentávamos, uma bonita mulher, com o cabelo loiro mal-ajambrado num boné, se aproximou.

– Você vai querer café? – perguntou.

Olhei para a mesa e notei que o sr. Montgomery já tinha pedido o dele. Examinei o restaurante em cuja área externa nos encontrávamos. "Cliffside Coffee", dizia a placa na porta e também, percebi, o boné dela.

– Ah, hum, sim. Puro. Obrigada.

– Certo. Você é a Franklin que ficou com a casa da Maude Perkins?

Surpresa, a olhei com os olhos semicerrados.

– Como sabe disso?

– Cidade pequena. Cafeteria. Sei de tudo. – Ela sorriu. Tinha um jeito leve, um rosto bonito, uma energia agradável, não se incomodou com os meus piercings (a reação das pessoas é sempre um mistério). – Já conheceu a casa?

– Literalmente acabei de chegar na cidade. Mas você já sabia disso, certo? – perguntei, arqueando as sobrancelhas.

– Com certeza. Só estou puxando papo. Já volto com o seu café. – Ela deu meia-volta e se dirigiu ao interior da cafeteria. – Ah! Meu nome é Jessica! – gritou, olhando por sobre o ombro antes de desaparecer atrás da porta vaivém.

Voltei a olhar para o sr. Montgomery, que sorriu e preparou os papéis para que eu assinasse.

Maldita cidade pequena.

Curti a cidade pequena.

– Alguma ideia do que vai fazer com a propriedade, agora que é a única dona? – ele perguntou alguns segundos depois de eu ter assinado os papéis com um floreio.

– Ainda não sei. Neste exato momento, a única coisa em que consigo pensar é em banho e cama. Exatamente nessa ordem – resmunguei, sentindo o cansaço do dia grudar na minha pele como areia. Mas, com ou sem areia, eu faria um tour pela minha nova propriedade.

Imaginei como esse pedaço da costa devia ter sido na década de 1850, quando a cidade surgiu. Homens e mulheres, atraídos para o oeste pela promessa do ouro, chegando com nada além do que cabia num carroção. Será que essas mulheres, movidas pelo mesmo senso de propósito e aventura que me tomava agora, olhavam para o oceano com olhos entusiasmados? Admirados? Cobertas, elas sim, com areia de verdade, será que se sentiam cansadas quando seus maridos, exaustos e ao mesmo tempo convulsos da viagem, *miravam-nas com desejo? E, quando o último raio de sol lançava, desde o outro lado do Pacífico, a sua luz abundante e dourada sobre o colo da amada, será que o marido a imprensava contra a roda da carroça com um gemido de prazer e derramava beijos sobre a pele salgada dela? Será que, após prender os bois para se deleitarem na grama perfumada, ele retornava à carroça para gozar…*

– Senhorita Franklin?

Balancei a cabeça para afastar aqueles pensamentos, bastante animadinha por conta dos devaneios. Você é louca, garota. Lancei um sorriso inocente para o sr. Montgomery.

– Desculpe, estava sonhando acordada.

– Teve um dia e tanto hoje. Acho que você já esperou demais. Vamos conhecer a casa?

– Não precisa me acompanhar; só me fala o caminho.

Estava acostumada a me virar sozinha e, embora tivesse apreciado a oferta, realmente não queria que houvesse mais ninguém lá no momento em que eu visse a casa depois de tantos anos. Na minha cabeça, seria uma cena bem dramática.

– Muito bem, senhorita Franklin, posso ajudá-la em algo mais? – Ele deslizou uma chave antiga pela mesa.

Ao pegá-la, senti um frio percorrer a espinha. Minha chave. Era minha agora. A ansiedade me corroía por dentro.

– Não, tudo certo. Então, pra que lado fica?

– Pegue a estrada principal ali e vire na rua Maple. Não tem como errar – o sr. Montgomery explicou, levantando-se e reunindo toda a papelada para mim. – Me avise se precisar de qualquer coisa, sim?

– Sim. Obrigada por tudo. – Apertei a mão dele e saí voando.

*

Virar naquela rua, talvez a minha nova rua, trouxe uma torrente de lembranças. Um verão inteiro passado ali, o sol no meu rosto, a areia sob os meus pés. Essa cidade tinha sido o meu universo – minúsculo *e* enorme coexistindo no mesmo espaço. Muitas vezes, me perguntei, se tivesse tido a chance de voltar, se a rua continuaria a mesma. Tão mágica, tão pitoresca, tão singular? Tão acolhedora? Dizem que a gente jamais retorna à mesma casa, mas ali nunca fora a minha casa. Fora o meu conto de fadas.

Quando dobrei o longo e sinuoso caminho que levava à Cabana de Veraneio, fui arrebatada pelo quão *maior* ela era. Era ainda melhor do que eu me lembrava. A pouco menos de meio quilômetro da cidade, a casa vigiava o oceano da mesma forma que fazia havia mais de cem anos.

Estacionei o carro na entrada da garagem, os pneus esmagando o cascalho. Observei a construção vitoriana de dois andares e o telhado alto e inclinado que abrigava o enorme sótão. A casa era aconchegante e acolhedora, grandiosa e imponente ao mesmo tempo. Do carro, tudo o que se via era a casa e o mar. Comecei a caminhar em direção à varanda da frente, e o despenhadeiro atrás da construção foi revelado, assim como a escada de madeira em caracol da qual me lembrava de apenas espiar a praia lá embaixo.

Olhando ao redor para ter certeza de que estava sozinha, e estava, deixei escapar uma risada nervosa enquanto subia os degraus da entrada praticamente dançando. Descascado e alvejado pelo sal e pelo sol, senti o parapeito de madeira quente, sólido e perfeito sob as minhas mãos. Subindo o último degrau da crepitante e encantadora escada, pisei na varanda enorme, cheia de samambaias e vasos de flores em uma orgia de cores. Roxas, rosa, amarelo-ouro e… Ai!

Meu pé esquerdo atravessou o assoalho, me fazendo cair de joelhos, lançando o conteúdo da minha bolsa entre as tábuas.

Parei por um momento para verificar a situação. Pé? Continuava no lugar. Canela? Um pouco arranhada, nada de mais. Com cuidado, tirei a perna do buraco e testei as tábuas próximas com o meu peso. Percebi que tinha rasgado o jeans já cheio de rasgos e que também tinha um arranhão feio na perna, mas, tirando isso, eu estava sã e salva.

– Parabéns, Viv, quebrou a casa – me repreendi.

A minha voz foi levada pelo vento que vinha do oceano. Hummm, salgado. Salmourado. Oceânico. Bati na roupa para tirar o pó, recolhi as coisas e as coloquei dentro da bolsa. Intrépida, embora mancando levemente, me aproximei da enorme porta de entrada. A vidraça acima da

maçaneta estava coberta por uma cortina de renda.

Será que a casa continuava igual? Fechei os olhos por um instante e deixei a mente vagar livremente. Me lembrei do ádito, do carvalho polido do chão até a metade das paredes, com um banco embutido para guardar sapatos e botas, encimado por uma fileira de ganchos antigos para pendurar jaquetas e casacos. Um espelho comprido, que dava a impressão de que o espaço tinha um tamanho maior do que o real. As placas largas e brilhantes do assoalho que conduziam a uma grande escadaria de madeira, também lustrosa. O cheiro do verniz e do óleo de limão passados na madeira para fazê-la brilhar. Eu quase podia ver.

E eu veria, assim que conseguisse fazer a velha chave entrar na fechadura. Girando para cá e para lá, finalmente destravei a porta. Prendi a respiração antes de entrar na casa. Me preparando para a bela decoração amadeirada, com o sol se derramando gentilmente através de uma janela do lado oeste, entrei.

Respirei fundo para inalar o limão e o pinho e o verniz. Mas o que senti foi… mofo? Estava escuro, e esperei até que meus olhos se adaptassem. Tossi. Abrindo a cortina amarelada da vidraça da porta para deixar a luz entrar, dei uma volta completa e absorvi tudo.

Madeira fosca, riscada. Pilhas de revistas velhas. Roupas aos montes nas escadas. Bolos e mais bolos de poeira. O espelho comprido, opaco e escurecido. E todos os chapéus já fabricados na Costa Oeste dependurados em um porta-chapéus inclinado na minha direção, como que me dando efusivas boas-vindas.

Avancei mais para dentro. A sala de estar antes elegante e aconchegante estava praticamente soterrada em pilhas de calendários, caixas cheias do que pareciam ser xícaras de chá e mais pilhas de revistas. E velhos baldes de estanho; baldes por todos os lados. A sala de jantar? A antiga mesa continuava ali, coberta de bonecas de todos os formatos e tamanhos e de uma espessa camada de poeira. Entrei na cozinha e no mesmo instante dei meia-volta. Sobre todo o balcão, havia latas tamanho família de feijão, em pilhas de três andares, como se alguém estivesse se preparando para cozinhar para um acampamento.

Latas de feijão. Que merda era essa?

Aterrorizada com o que ia encontrar, mas determinada a seguir em frente, subi a escada até o segundo andar, estremecendo ao notar quão frouxo estava o corrimão e quão empoeiradas e, bem, roídas estavam as hastes que o sustentavam. A escada costumava ser grande e brilhosa; agora, permanecia de pé por obra divina. Isso sem falar no rangido a cada degrau que eu subia, desviando de caixas cheias de copos com estampas de personagens de desenho animado e sacolas entupidas com o que pareciam ser meias de cano alto.

O corredor do andar de cima não estava melhor. Uma passadeira oriental que já tinha dado o que tinha que dar me conduziu em meio a pôsteres de futebol e a uma armadura de verdade. Quer dizer, meia armadura. Eu não fazia ideia de onde se achava o tronco, mas as pernas de metal do cavaleiro estavam ali no corredor. Espiei dentro de um, dois, três quartos de hóspedes e encontrei mais do mesmo: pilhas e mais pilhas – embora organizadas – de coisas. Coisas de todo tipo.

Soltei um suspiro ao chegar ao final do corredor e abri a porta do que, se bem me lembrava, era o quarto principal. Eis a parte de cima da armadura, altiva em frente à janela panorâmica com vista para o mar. Planejando uma invasão por água? Improvável, dado que as pernas estavam no corredor.

A ornamentada cama com dossel, ainda majestosa e bonita, tinha cedido na parte central. Bem, bolas de boliche têm esse efeito. Sim. Sete, para ser mais exata. Cor-de-rosa. Alinhadas no

centro.

Olhei ao redor, absorvendo aquela visão.

Acho que a tia Maude era louca de pedra.

*

Saí da casa pela porta dos fundos, testando cada uma das placas do assoalho antes de apoiar o meu peso todo. O arranhão na minha perna latejava. Eu precisaria voltar à cidade para comprar um antisséptico.

Argh! Estremeci só de pensar em dormir em qualquer uma das camas sem antes arejá-las. Mas o sofá não estava de todo mau. Eu poderia dormir nele apenas por esta noite até conseguir…

Um relincho suave interrompeu meus pensamentos. O celeiro! Me virei e o vi: o mesmo vermelho desgastado, o pasto protegido por uma cerca de madeira também desgastada. Do outro lado do imenso quintal, avistei a antiga bomba-d'água do poço que sempre esteve ali. Caminhei pela grama, e ao meu redor algumas galinhas ciscavam o chão.

O sr. Montgomery tinha dito que alguns animais ainda viviam na propriedade. Alguém da cidade cuidava deles, alguém que trabalhara para a tia Maude por um tempo. Hank, se não me engano. Eu não vira qualquer sinal dele na casa… Talvez estivesse no celeiro?

Caminhei até a porta do celeiro, as galinhas piando, fazendo questão de me mostrar que a minha presença era desnecessária naquela tarde. Segui na ponta dos pés e enfiei a cabeça na fresta da porta.

Quentes e consistentes, as vigas de carvalho pairavam no alto exatamente como quando eu era criança e passava horas balançando de um lado para o outro numa corda amarrada entre elas. Vi o palheiro, cheio de comida para os cavalos. Er… cavalo. Contei sete estábulos vazios e um cavalo solitário. Que relinchou de novo.

– E aí, senhor Cavalo? – sussurrei.

O meu conhecimento equestre era igual a zero. Mas sempre vi na televisão as pessoas acariciando o focinho deles.

Não cheguei ao focinho. Porque, antes de alcançá-lo, pisei na merda.

Ao que parece, celeiros antigos e pitorescos com cavalos de verdade também têm cocô. Que agora estava por toda a minha bota. Manquei da perna esquerda devido ao arranhão e arrastei a direita por causa da bota cheia de bosta até chegar ao quintal. Ao que parece também, merda e feno misturados formam um tipo de argamassa. Do tipo que dá para construir uma casa. Então, o meu pé direito estava pesando trezentos quilos.

Me manquei-arrastei em direção ao penhasco, tentando esfregar a bota suja no chão, mas tudo o que consegui foi somar dentes-de-leão à mistura.

– Mas que grande merda – murmurei, tentando rir da situação e recobrar a sensação que eu tinha antes de pisar na bosta.

Eu estava apaixonada por Mendocino, estava apaixonada por essa nova aventura, estava apaixonada por essa…

Eis que o vi. Parada à beira do mundo, açoitada pelo vento, avistei um cavaleiro distante em um cavalo preto, na praia abaixo, que se estendia até onde meus olhos conseguiam ver.

Os meus dedos do pé se contorceram.

Ele chapinhou as ondas, galopando por elas. Avançou violenta e rapidamente, a passos selvagens, sinuosos. Esqueci a bota cimentada, esqueci o jeans rasgado, esqueci tudo, menos… *o cavaleiro.*

À medida que ele se aproximava, seus atributos eram revelados. E por atributos quero dizer a absoluta ausência de roupa no seu dorso poderoso. Pernas longas e fortes envolviam o possante garanhão negro, que bufava e sacudia a cabeça para expulsar a água. Pernas envoltas no jeans mais sortudo jamais fabricado conduziram os meus olhos para cima até o abdômen e o peitoral mais bem definidos do mundo, talhados em pele dourada e molhada pelas mãos do próprio e bondoso Deus. Braços? Como duas jiboias, as mãos mal tocando as rédeas, preferindo guiar o cavalo com um cutucão suave. E por falar em cutucão…

Sua virilidade era notória mesmo sob o jeans.

Engoli em seco conforme avançava pelos degraus traiçoeiros, finalmente chegando à praia. Reduzi o passo quando ele se aproximou. Mais perto agora, vi que o seu cabelo era longo e esvoaçante e loiro, no tom exato do mel e da luxúria. Me detive na areia enquanto ele se aproximava, o chapéu de caubói – caubói, caralho! – *levemente inclinado para trás, revelando um rosto capaz de fazer os anjos cantarem e os demônios lamentarem. Mandíbula quadrada, lábios carnudos, olhos negros e ardentes que me faziam querer me perder neles pro resto da minha vida.*

Ele fez o garanhão parar perto de mim, analisou as minhas curvas femininas e ergueu uma sobrancelha… Satisfeito? Admirado? Totalmente indiferente?

Seria o caubói Hank? Sim, claro que sim. A fivela do cinto confirmava…

Aqueles lábios perfeitos então se descolaram para me dizer:

– Ei, dona, aqui é propriedade privada. Dá o fora.

Ele deu meia-volta com o cavalo e se foi. E, como que de presente de despedida, o cavalo cagou na areia.

Me arrastei de volta à escada, deixando para trás pegadas completamente ridículas devido ao pé direito gigantesco, cheio de merda-feno-dente-de-leão-areia, e ao manquejo da perna esquerda.

Não. Não era assim que o meu romance deveria começar…

CAPÍTULO TRÊS

Rastejei de volta para a casa, puta da vida. Atravessei o quintal e tentei ligar a bomba do poço. Que não funcionou. Óbvio...

Caubói Hank. Eu não estava acreditando. Não fora a recepção que eu esperava. Mas ele era exatamente como eu havia sonhado. Eu já tinha me envolvido com um ou outro bad boy. E poderia fazer isso de novo. Todo grande romance tem um conflito que precisa ser superado, certo? É verdade que poucos começam com bosta de cavalo, mas é questão de adaptar. Por ora, eu tinha coisas para resolver.

Cantarolando a música tema de *Bad Boys*, arranquei as botas nojentas, dobrei a barra do jeans acima da lama e do arranhão e fui até a cozinha. Usando o pano mais limpo que encontrei, abri a torneira, deixei a água cair até ficar escaldante e limpei o corte. Para quem já encarou tantos piercings e tatuagens, água escaldante não é nada. Subi até o segundo andar e vasculhei os armários do banheiro à procura de algo para desinfetar a perna. A última coisa que precisava era pegar uma infecção.

"Bad boys, bad boys, whatcha gonna do? Whatcha gonna do quando seu cavalo cagar no…", cantei para o cavaleiro sem pernas enquanto bisbilhotava o banheiro da tia Maude.

Não encontrei nada, a não ser um frasco de iodo – ainda vendiam iodo? Embebi um punhado de algodão com o líquido marrom e o pressionei contra o machucado. Nojento. Mas era o que tinha. Tomadas as medidas provisórias de primeiros socorros, pensei nos lugares a que precisava ir.

Farmácia para comprar um antisséptico de verdade.

Mercado para comprar comida.

Loja de bebidas, pelo amor do santo pai.

Troquei de roupa, coloquei jeans e botas limpas, peguei a bolsa e segui em direção ao carro. No caminho, percebi que ainda não tinha ido à garagem. O sr. Montgomery dissera que havia um carrão na casa. Eu queria mesmo ir até lá?

Minha perna latejava. Desisti de ir à garagem; eu correria esse risco mais tarde. Logo estava a caminho do centro da cidade, olhando de um lado para o outro. Eu sabia que tinha passado em frente a uma… Rá! Farmácia. Bem ao lado do mercado e de tudo o mais que eu precisava. Estacionei o carro e percebi a garçonete da cafeteria vindo na minha direção. Jamie? Jennifer?

– Jessica. É Jessica – ela disse.

– Eu falei em voz alta? – perguntei, constrangida. O sono e o cansaço da viagem deviam estar começando a pesar.

– Não, mas eu vi pela sua cara. E a casa? – Ela passou a me acompanhar enquanto eu caminhava pela calçada em direção à farmácia.

– A casa? Ah, tudo certo.

– Preciso confessar que estou morrendo de curiosidade de vê-la por dentro. Nos últimos anos, a Maude manteve aquilo trancado a sete chaves, nem vinha mais ao centro, pedia para entregar tudo. A cidade toda está comentando que tem alguém novo se mudando. – Ela gesticulou com a cabeça para um casal de idosos que passava por nós. – Boa noite, Owen, Polly!

– Que noite agradável, não é, Jessica? – respondeu o senhor, sorrindo para mim.

– Sem dúvida – Jessica concordou.

Cidade pequena.

– Para onde está indo? – perguntou Jessica. Enxerida. Mas legal.

– Topei numa placa solta da varanda, vim comprar um antisséptico. E umas cervejas.

– Boa! Se quiser algo rápido pra comer, recomendo a pizzaria do outro lado da rua. É a melhor da cidade. O fato de o meu namorado ser o dono é só uma das razões pra isso. – Ela sorriu, e seus olhos brilharam.

Olhei para onde ela apontava e vi um restaurante agitado e com cara de agradável.

Enquanto eu tinha me limpado e trocado de roupa, o sol havia se posto e agora resvalava o mar. As luzes da cidade começavam a se acender. Postes pontilhavam as calçadas; as lojas, embora fechando, ainda jogavam uma luz suave sobre o asfalto. E aquela bola de fogo ardente iluminava o horizonte feito uma pintura.

Dia maluco, sim. Mas estranhamente ótimo.

– A pizza é boa mesmo? – perguntei, sentindo o estômago roncar. Quando tinha sido a última vez que mandara algo para dentro do estômago?

– A pizza é boa pra caramba. Diga ao John que fui eu que te mandei. Peça À Moda do Açougueiro Especial. É surreal.

– Agora que você falou em comida, estou morrendo de fome. Eu poderia comer um açougueiro de verdade.

– Hum, o açougueiro da cidade é ótimo. O Stan. Todo mundo aqui faria picadinho de você se desse fim nele. Costelas divinas.

A cidade tinha um açougueiro. Açougueiro, cara. Eu estava amando esse lugar.

– Beleza, À Moda do Açougueiro. Obrigada pela dica.

– Boa pedida. A primeira jarra de café sai às seis da manhã. Passa lá qualquer hora. – Jessica tirou o boné, sacudiu o cabelo e, com um tchauzinho, foi embora.

Atravessei a rua, seguindo mesmo a dica dela. Encontrei John atrás do balcão do bar; tipão ex-jogador de futebol americano. Falei que tinha escutado por aí que era com ele que eu deveria tratar sobre uma pizza À Moda do Açougueiro Especial.

– Foi minha namorada quem te indicou, não foi? – Ele fez uma careta.

– Ela mesma. Preciso alertar que sou da Costa Leste, então tenho um gosto meio estranho para pizza – comentei, erguendo uma sobrancelha.

John gargalhou e bateu uma mão na outra.

– Desafio aceito. Uma À Moda do Açougueiro saindo. Vai comer aqui ou levar?

– Levar, acho. Mas preciso fazer umas coisinhas enquanto isso. Volto daqui a meia hora?

– Em vinte e cinco minutos, estará pronta.

– Perfeito!

Saí para comprar tudo o que precisava para sobreviver à noite.

Corri até a farmácia, comprei Merthiolate e Band-Aids e segui para o mercado, que ficava exatamente ao lado. Peguei cereal e uma caixa de leite; a compra da semana, eu só faria depois de tirar da casa todas as latas de feijão e afins. Peguei umas lanternas também, porque, considerando o que tinha acontecido naquele dia, era melhor prevenir do que remediar. Conferi o relógio; tinha o tempo exato para ir à loja de bebidas, comprar um engradado de cerveja e voltar para a pizzaria para buscar a pizza mais cheirosa jamais feita.

– Você vai passar aqui amanhã para me contar se não foi a melhor pizza que já comeu em toda a sua vida. – Ele piscou para mim e me entregou a caixa e um calhamaço de guardanapo.

– Uau. Quanto guardanapo. Ótimo sinal. – Entreguei o dinheiro a ele.

– A propósito, como estão as coisas na casa?

– Está escrito na minha testa? – Balancei a cabeça. – Como diabos você sabe?

– A Jessica contou. E você também se entregou quando disse que era da Costa Leste. – Ele abriu um sorriso. – Bom apetite!

Eu sorri, peguei o troco e voltei para o carro.

Já na casa, sentada à mesa de jantar e cercada de bonecas, comi a melhor pizza da minha vida. No meio da segunda fatia, no entanto, cobri as bonecas com uma lona.

Bonecas são assustadoras pra cacete.

*

Curto meu ambiente limpo. Organizado. Lençóis com as pontas dobradas sob o colchão? Por favor. Latas com o rótulo voltado para a frente? Obrigada, de nada. Se não, como saber o que tem na lata?

Esta casa estava o oposto disso, e ainda assim… quando me deitei na cama – cama que na verdade consistia de uns cobertores cheirando a cedro que eu encontrara dentro de um baú antigo num dos quartos de hóspede e com os quais cobrira o grande sofá da sala de estar –, me senti estranhamente contente. Barriga cheia de pizza e cerveja, aquecida e ligeiramente bêbada, desliguei as luzes e percorri o andar de baixo mais uma vez para checar se estava tudo trancado. Parei em frente à janela panorâmica e observei a lua cheia e brilhante sobre o Pacífico. Eu tinha visto nuvens carregadas antes do pôr do sol, mas agora o céu estava límpido e plácido.

Eu já tinha uma lista de coisas para fazer no dia seguinte, mas, por hoje, estava acabada. Me deixando finalmente vencer pelo cansaço do dia, caí num sono profundo na minha nova casa. O que se passava dentro das minhas pálpebras? Uma reprodução do caubói Hank. O corpo, o volume, a fivela. Bad boy? Deixa comigo…

Plic.

Plic.

Plic-plic.

Esfreguei o rosto para enxugá-lo. Voltei a dormir.

Plic.

Plic.

Plic-plic-plic.

Não, não, nããããão!

Sentei e olhei para o teto. Mais pingos na cara. A sala foi banhada por um fio de luz que a iluminou por um instante feito um flash e então voltou a ficar escura. Ouvi o ruído de um trovão, acompanhado de mais um lampejo. E mais uma rodada de gotas.

E foi aí que me lembrei dos baldes que havia tirado da sala para abrir espaço para a cama improvisada. Pensei que tivessem sido postos aqui e ali aleatoriamente, como o resto das coisas. Não. Era para recolher a água das goteiras mesmo. Óbvio que havia buracos no telhado.

Bufando, afastei os cobertores, coloquei os baldes de volta sob as goteiras que encontrei e voltei a me aninhar feito um novelo de lã. Mentalmente, acrescentei mais um item à lista de afazeres. Voltei a cair no sono, um sono perturbado pelo som de:

Plic.

Plic.

Plic-plic.

*

Na manhã seguinte, passei vinte minutos tentando descobrir como fazer a cafeteira dos tempos

do presidente Eisenhower funcionar antes de lembrar que a Jessica abria a cafeteria às seis. Como eu estava de pé desde as quatro (ia ter que rolar uma adaptação ao fuso horário), joguei umas roupas sobre o corpo e me enfiei no carro, a caminho do centro. A tempestade da noite anterior tinha deixado o ar ainda mais limpo e fresco, e, quando cheguei à porta do Cliffside Coffee, já estava com a energia renovada.

Um sino tilintou quando abri a porta. Notei que, para muitas pessoas, o dia começava ali. O lugar era uma mistura de lanchonete antiga com cafeteria aconchegante. Cabeças se viraram para me olhar. Mas de uma maneira amigável e acolhedora. Vi Jessica atrás do balcão, e ela acenou para mim.

– Estava me perguntando se você apareceria. Café?

– Sim, por favor.

– Puro, certo?

– Isso. Preto meia-noite. – Suspirei, sentando em um banco e aceitando a caneca com prazer.

Com um sorriso, Jessica me entregou o cardápio e depois reabasteceu a caneca de vários clientes.

– A propósito, você estava certa. Aquela pizza foi um presente dos deuses.

– Não te disse? Ninguém conhece carne tão bem quanto meu namorado. Presta atenção no seu café, senhor Martin. Sei muito bem o que acabei de dizer – ela advertiu, batendo a mão no balcão em frente a um cliente que presumi ser o tal sr. Martin. – Velho pervertido. – Ela sorriu; o homem retribuiu o sorriso e voltou a se concentrar no próprio café. – Como foi a primeira noite?

– Uma merda, para ser sincera. Goteira no telhado.

– Putz. Que saco. – Ela balançou a cabeça com empatia, depois olhou para o cardápio. – Já sabe o que vai pedir?

Estava faminta. A maresia estava aumentando meu apetite, definitivamente.

– Vou de Glutão Especial.

– Boa. É pra já. – Ela se afastou para servir os demais clientes, e eu observei o entra e sai.

Um misto interessante de pessoas, velhas e jovens. Pelo que eu tinha visto até agora, parecia existir certa inclinação artística na comunidade, uma mistura equilibrada entre o espírito de liberdade/hipster californiano e o requinte litorâneo. Vi alguns rapazes de macacão, o que me fez pensar em algo. Quando Jessica trouxe o meu café, perguntei:

– Alguma recomendação de alguém que conserte telhado, varanda, essas coisas?

– Várias. Quer que eu arranje alguém?

– Sim. Não sei ao certo o que precisa ser feito, mas definitivamente tem coisas que precisam ser feitas.

– Hum, parece que você está planejando ficar aqui por um tempo. – Ela me lançou um sorriso pretensioso.

– Você é meio intrometida, sabia? – comentei, garfando minhas batatas.

– Com certeza! – ela respondeu, colocando um frasco de pimenta na minha frente enquanto acenava para um grupo que acabara de entrar na cafeteria.

Terminei de comer, peguei um café para viagem e agradeci Jessica por me ajudar a encontrar alguém para dar um jeito na casa. E voltei para lá… onde um caubói estava à minha espera.

*

Tamborilei os dedos no volante, observando o deus grego que estava na varanda. Notei que ele evitou a tábua solta do assoalho. Ele me encarou, os olhos firmes, inflexíveis. Eles pareceram me

reconhecer; será que se lembrava de mim da praia? Ou ainda achava que eu estava invadindo a propriedade?

Coloquei as pernas para fora do carro e invoquei o meu caminhar mais confiante conforme diminuía a distância entre nós. Os olhos dele desviaram para as minhas pernas enquanto eu avançava decidida, em shortinho jeans e com botas recém-limpas. E um curativo. Ah, é.

Agora, parada no primeiro degrau da escada, lambi os lábios e o examinei. As palavras são o primeiro passo para seduzir um caubói…

– Vejo pela fivela do seu cinto que o seu nome é Hunk.* Digo, Hunk. Digo, Hank. Merda.

Ele parecia confuso.

Pássaros chilreavam. O vento soprava. Hank me encarava. Eu? Suava. Ah, é.

Decidi fingir que não tinha falado nada e devolvi a encarada, determinada a permanecer em silêncio.

– Então você é o Hank, certo?

Muito bem, Viv.

Ele fez que sim com a cabeça.

Hummm. Melhor que nada. Eu não ia dizer mais uma palavra sequer.

O silêncio dele me pressionava.

– Sou Viv Franklin. – Suspirei.

Ele continuava me encarando. Será que tinha vestígio do café da manhã na minha cara? Cansei de tentar seduzir o Hank.

– Então, sou sobrinha-neta da Maude. Você sabia que eu vinha para cá?

– U-hum.

Ele falava! Murmurava.

– Ótimo. Então… – Travei. Nada. – Ontem, na praia, você disse pra eu dar o fora?

– Era você?

Certo. Eu sou uma garota bonita. Um tipo meio rústico, com as tatoos e os piercings, mas tenho uma cara ótima e seios nada desprezíveis. Sem dizer que eu estava arrastando um espantalho pelo pé quando nos conhecemos. Ou seja, bem memorável.

Mas não para o caubói Hank. Essa parada seria mais difícil do que eu tinha imaginado. Ainda bem que eu curtia um desafio.

– Sim, era eu. Esse lugar é meu agora. Quer dizer, ainda não sei se vou ficar com ele, tem muita coisa para arrumar, e eu não pensei seriamente sobre as implicações de mudar da Filadélfia para cá, mas estou considerando. O que você faz aqui exatamente? Me disseram que você cuida das coisas. Mas o que isso quer dizer…

– Você gosta de falar – ele comentou, enganchando as mãos fortes na… (engoli em seco)… fivela do cinto.

Adoro homem que não tem medo de ser afivelado.

– Não costumo falar muito… – Dei um passo para o lado para escapar do sol, e ele ficou de perfil para mim. Jesus amado, aquele contorno me deu vontade de lamber coisas. – Bem, quer entrar?

– Não. Só vim para dar comida pros cavalos. Volto amanhã. – Ele franziu o cenho e se virou em direção ao celeiro.

Quando passou por mim, senti o cheiro do seu perfume. Apimentado e másculo. Espirrei.

– E fique longe do celeiro, está deixando os animais agitados.

Permaneci ali, analisando a situação. Esse cara estava me transformando numa idiota! Numa garotinha bobinha incapaz de se conter diante de uma montanha de carne masculina, nada a ver com a forma como eu me comportava na presença de homens. Mas… Aaaahhh. Talvez as coisas tivessem de ser assim mesmo. Tipo, num bom romance, a personagem principal sempre sofre pelo amado. Ok, pensa. Repensa. O caubói era duro na queda. Mas não poderia ser diferente, certo? As coisas não poderiam ser fáceis demais, ou os romances não passariam de simples folhetins. Tinha de haver certo conflito na história. Desafios a serem superados. Mas sem vomitar palavras como uma imbecil, eu esperava.

Entrei na casa, evitando pisar na tábua solta.

Evitei também o quintal, embora o tenha espiado pela janela de um dos quartos de hóspedes do andar superior. Observei Hank atravessando o jardim, alimentando os cavalos e dando de beber às galinhas, que cacarejaram agradecidas. Enquanto tocava o pingente do meu colar, analisei o caubói em seu elemento natural. Ele gostava de trabalhar sem camisa, o que me parecia perfeitamente apropriado e nada vulgar. Afinal, *estava* um calor infernal, quase vinte e um graus…

Depois que ele partiu em sua caminhonete, uma besta varonil em forma de máquina, deixando para trás ondas enormes de poeira, arregacei as mangas. Não sabia ao certo como me livrar de todo esse lixo. Para ser sincera, era um pouco triste.

Maude tinha crescido nesta casa, morado aqui a vida inteira. A propriedade pertencia à família havia mais de cem anos. Quando a primeira geração da minha família viajou da Filadélfia para Mendocino, muitos anos atrás, a cidade não passava de um vilarejo. Era povoado principalmente por famílias da Nova Inglaterra, de modo que o estilo das casas refletia o que esses pioneiros levaram consigo: Cabo Cod, cercas de piquete vitorianas e roseiras por todos os lugares.

Maude morava ali quando a mãe faleceu e nunca saiu para ter a sua própria casa. Os familiares sempre a visitaram ao longo dos anos; tios e tias e primos e filhos dos primos encheram a casa de risadas e lágrimas, jantares e chás. Mas, nos seus últimos anos, a tia Maude tinha se confinado.

Quando comecei a organizar a bagunça de um dos quartos de hóspedes, descobri uma coleção de pinturas dela. Mendocino já havia sido uma colônia de artistas, e ela tinha assinado e datado todos os quadros, desde os anos cinquenta. Eu sabia que ficaria perdida se tentasse olhá-los a partir de qualquer ordem nesse momento, então os coloquei de volta no closet para observá-los com calma em outra hora.

Maude tinha sido uma artista. Interessante. Com os dedos, fantasiei segurar um pincel, notando a luz natural que adentrava o quarto e me dando conta de que aquele seria um lugar perfeito para pintar. Uma inspeção no chão revelou uma ou outra mancha de tinta no assoalho, algo que eu não tinha percebido em nenhum outro cômodo da casa. Então, a minha tia também achava a luz desse quarto irresistível. Sentindo uma afinidade súbita por ela, sorri.

Passei a manhã limpando o quarto com a melhor vista para o mar. Removi uma espessa camada de sal e de sujeira dos vidros das janelas, ainda cantarolando o tema de *Bad Boys*. Quando o azul do Pacífico cintilou mais uma vez, procurei mais flanelas limpas no armário do corredor e fiquei eufórica ao encontrar um conjunto de lençóis novos. Empolgada com a ideia de dormir numa cama de verdade esta noite, fui para o porão verificar se a máquina de lavar ainda funcionava.

Ao abrir a porta do lugar pela primeira vez, percebi duas coisas. Primeiro, que a lâmpada estava queimada. Segundo, que a filha da puta da lâmpada estava queimada. Respirei fundo, joguei os ombros para trás e desci corajosamente os degraus. Adentrando o porão escuro de uma

casa que tinha mais de cem anos com nada para me proteger a não ser um punhado de lençóis.

Existem medinhos e existem medinhos. Eu já fiz piquenique em cemitérios. Visitei as catacumbas subterrâneas quando morei em Paris. Eu sempre era a última a sair do banheiro quando brincávamos de Bloody Mary nas festas de pijama. Mesmo assim, quando cheguei ao último degrau da escada do porão, estava tremendo feito vara verde.

Porão escuro. O pior desafio de todos.

O sol brilhava vagamente através de uma janela empoeirada. Se me lembrava bem, a máquina de lavar ficava do outro lado, perto da fornalha. Me afastando da luz, suspirei aliviada ao ver a máquina… ao lado de uma pilha de cabeças.

Os lençóis caíram, minha boca se abriu num grito silencioso, meu corpo inteiro travou enquanto meu cérebro tentava identificar o que via. Já era tarde demais quando notei a palavra "Halloween" escrita na caixa e me dei conta de que eram apenas máscaras. Na minha cabeça, aquelas sempre serão cabeças reais.

Você nunca viu uma pessoa começar uma lavagem tão rápido quanto eu. Assobiando uma melodia feliz para me distrair, cobri as cabeças com um enorme saco de lixo. Entre bonecas e objetos de Halloween, estava começando a entender por que as pessoas ficam meio excêntricas quando passam muito tempo sozinhas.

Continuei pensando em tudo isso mais tarde, já na cozinha, a porta do porão bem fechada, e estremeci ao lembrar que teria de voltar lá para colocar os lençóis na secadora.

Então ouvi alguém bater à porta. Seria Hank? De volta para mais uma rodada de um papo superagradável?

Limpei o rosto com a parte de dentro da gola da camiseta e notei que eu estava nojenta, precisando urgentemente de um banho. Putz. Renunciei à ideia e fui para o foyer. Espiei através da cortina de renda da janela e vi um homem, mais magro do que Hank Saradão. Jogador de futebol versus jogador de futebol americano. Soltei um suspiro de alívio por saber que teria tempo para me preparar para o nosso próximo encontro e abri a porta.

Cabelo castanho. Olhos castanhos por trás de uma armação grossa. Camisa social branca. Blazer de tweed com… cotoveleiras? Ele carregava uma maleta, era alto e exatamente igual a Tom, Dick e Harry. *Isso* eu tirava de letra. Oras, eu tinha acabado de enfrentar uma legião inteira de cabeças.

– Olá! – cumprimentei, surpreendendo-o.

Empurrando os óculos para trás, ele me olhou. Eu estava com roupa de faxinar: regata, completamente suada, shortinho jeans que deixava a maior parte das pernas à mostra e uma bandana. Ele me lançou um olhar apreciativo. Achando graça, deixei que olhasse e, quando o seu olhar finalmente encontrou o meu, fiz questão de deixar claro que tinha percebido a secada.

Ele enrubesceu e ajeitou os óculos de novo.

– Vivian Franklin? – perguntou, a voz mais grossa do que imaginei.

– Viv. Quem é você?

– Vivian, sou Clark Barrow. Fiquei sabendo que você está pensando em fazer algumas mudanças na propriedade.

– Com certeza. A começar por essa varanda. Isto aqui está uma verdadeira arapuca. – Bati na coluna, que oscilou. – Precisa ver o corte que fiz na perna. Tropecei numa tábua solta. – Levantei a perna e a apoiei no gradil à direita de Clark, correndo a mão pela pele até chegar ao curativo.

Os olhos dele acompanharam a minha mão.

– É um corte impressionante – ele concordou, os olhos grudados na minha perna.

Pigarreei.

Ele continuou olhando.

– Então, Clark, você veio para se oferecer?

– Me oferecer? – Ele olhou para cima.

– Sim, você disse que ouviu por aí que eu estava querendo fazer uns reparos, certo? Ainda não sei se vou ficar por aqui, mas, para ao menos considerar essa hipótese, preciso saber quanto vou gastar para tornar a casa habitável, entende? Acho que podemos começar pela varanda. Essas tábuas do assoalho estão podres, precisam ser trocadas. O telhado está com goteiras; sem dúvida, é por aí que precisamos começar. E, na noite passada, quando estava tentando pegar no sono, isto é, antes de a chuva começar, juro que ouvi algo se remexendo dentro das paredes. Eu detestaria ter de arrancar aquele gesso, mas não suporto a ideia de ser surpreendida no meio da noite por algo peludo, então…

– Arrancar o… espera. Não, não. Não pode fazer isso.

– Que tipo de empreiteiro é você, Clark? – indaguei, franzindo a testa.

– Não sou empreiteiro, sou bibliotecário. E também arquivista da cidade, e é por isso que estou aqui. – Ele ajeitou os óculos mais uma vez.

– Estou confusa. Se você é bibliotecário, por que veio demolir a minha varanda?

– Ninguém vai demolir nada, Vivian. Muito menos essa varanda.

– Que tipo de bibliotecário é esse que cuida de varandas?

– Não só varandas, a casa toda. A Cabana de Veraneio é um patrimônio histórico, como boa parte das propriedades de Mendocino. Então, qualquer reparo, seja ele grande ou pequeno, precisa ser aprovado pela cidade. Mais especificamente, pelo diretor da sociedade histórica – ele afirmou, ajeitando a lapela.

– E quem seria esse diretor? – perguntei em tom seco.

– Eu – ele respondeu, estufando ligeiramente o peito.

– Entendi. – Me virei e comecei a andar de um lado para o outro na varanda, sempre atenta à tábua solta. Remexi no meu medalhão enquanto refletia sobre esse contratempo.

– Então, quer dizer que não posso fazer nenhuma mudança sem consultar você?

– Correto.

– Incluindo a varanda.

– Correto.

– E o corrimão bamboleante?

– Jesus amado! Nem pensar! Foi feito à mão por Jeremiah Wo…

– Calma, Clark, calma. Como ficamos, então?

Ele olhou por cima do meu ombro e viu as pilhas e mais pilhas de caixas no interior da casa.

– Tenho certeza de que você percebeu que a sua tia era um tanto acumuladora, mas muitas das coisas que ela possuía podem ser doadas para a sociedade histórica. Para abrir espaço para você, eu digo – ele sugeriu, esperançoso.

Pensei nas pinturas que estavam no closet. Ainda não estava preparada para simplesmente me livrar das coisas.

Sintonizando a tia Maude? Calafrios.

– Olha, Clark, é o seguinte. Acabei de chegar aqui, não consegui nem desocupar uma cama. Dormi no chão, acredita? – falei, segurando-o pelo braço, logo acima da cotoveleira, conduzindo-o pelos degraus.

– Posso imaginar. Quer dizer, não pela cama em si, mas… – ele gaguejou, as bochechas

vermelhas feito pimentão.

É possível que meus peitos tenham roçado o braço dele. Sempre que puder, dê uma forçadinha de barra, beleza?

– Então, o que acha de me dar um tempo para me acomodar, criar um espaço minimamente habitável, e depois a gente volta a conversar? – perguntei, acompanhando-o até o seu carro. Um Taurus, claro. Seguro. Confiável.

– Acho ótimo, Vivian.

– É Viv – corrigi, com um sorriso meigo. – E, caso eu decida arrancar a minha varanda, ligo para você antes, tá bom?

– Não fico muito confortável de ouvir isso. Um trabalho de restauração é necessariamente lento e metódico. Exige paciência.

Apoiei a mão no carro atrás dele, inclinando o corpo à frente, um pouco mais perto. Era divertido deixar esse cara sem graça.

– Não sei. Às vezes, é bom fazer as coisas de um jeito rápido, firme, selvagem… Entende o que quero dizer, Clark?

Bochechas vermelhas. Olhos faiscantes. Mais do que faíscas, na verdade. Chamas. Hummm.

Ele enfiou um panfleto na minha mão, entrou no carro e foi embora. O folheto era da Sociedade Histórica de Mendocino. O nome dele estava listado no verso.

Clark Barrow. Historiador. Arquivista. Bibliotecário.

Ele esqueceu de incluir Almofadinha de Cotoveleira.

Com uma risadinha, me dirigi à casa. E quase tropecei na tábua solta de novo. Esbofeteando o corrimão da varanda, que balançou sem parar, murmurei:

– Não posso fazer nenhum reparo? É o que vamos ver.

*

Trabalhei feito uma condenada o dia inteiro, parando apenas para comer o que tinha sobrado da pizza e tomar uma cerveja enquanto arrancava os adesivos das prateleiras da despensa. *Será que eles também eram propriedade histórica? Eu tinha permissão para arrancá-los? Ou o futuro da cidade repousava nas figuras de caracóis e gafanhotos desses adesivos dos anos setenta?*

Depois do meu almoço em pé, voltei a me aventurar no porão, dessa vez munida com três lanternas e uma caixa de lâmpadas que encontrei debaixo da pia. O lugar, agora totalmente iluminado, não era mais tão assustador. Investiguei o ambiente frio e me alegrei ao descobrir que os frascos de vegetais e conservas da tia Maude estavam perfeitamente empilhados nas prateleiras, todos com a data da última estação. Hummm. Geleia de amora. Me dirigi à lavanderia, ignorando a caixa de cabeças enquanto enfiava os lençóis na secadora. Depois, pendurei os cobertores de acampamento no varal do quintal, para que os ventos do oeste os açoitassem com a sua brisa, fazendo estalar as extremidades das cobertas. Em seguida, voltei para o andar de cima, determinada a pôr em ordem o quarto que passaria a ser meu. Esfreguei o chão, carregando balde após balde de água suja até o quintal para descartar. Tirei as cortinas velhas, espessas de tanta poeira, e considerei jogá-las fora. Mas agora não conseguia parar de pensar no maldito significado histórico de cada um dos itens da casa…

Com um resmungo, dobrei as cortinas com cuidado e as deixei de lado. Em algum momento, coisas teriam de ir para o lixo. Porém, ao que parecia, um arquivista teria de estar presente para isso.

Passei para o banheiro do corredor do andar de cima e, com muitas esfregadas e a graça

divina, deixei-o impecável. Com o bicarbonato de sódio que eu tinha achado no armário do corredor, um balde cheio de água morna e uma escova, esfreguei cada peça do piso octogonal até que todas ficassem brilhando. A banheira de ferro continuava um pouco manchada, apesar de toda a água sanitária que usei; em compensação, as torneiras de cromo antigas resplandeciam a ponto de eu ver o meu reflexo nelas.

Quando começou a anoitecer, eu estava cansada e fedendo, mas com um quarto e um banheiro impecáveis. Cansada demais até para pensar em comida, fui direto para o banho, passando o sabonete e o xampu o mais depressa possível, com medo de a água quente acabar. Partes principais lavadas, me luxuriei sob a água quente. Deslizei as mãos pela pele e senti cada músculo sensível devido ao trabalho duro.

E me imaginei sentindo um músculo muito específico, pertencente a um caubói chamado Hank. No entanto, assim que comecei a esquentar, a água esfriou – um verdadeiro balde de água fria nos meus devaneios. Me enxuguei, escutando a noite cair sobre a casa. Penteei meus cachos já quase secos com os dedos, cansada demais para segurar o secador por muito tempo. Peguei o meu exemplar de *Lombos da paixão* e me arrastei até a cama mais pecaminosamente macia, me deliciando com o aroma de lençol limpo e cobertor seco ao sol.

Caí no sono antes mesmo de o primeiro lombo se apaixonar.

* Hunk: em português, homem atraente sexualmente. [N. E.]

CAPÍTULO QUATRO

Sonhei com um homem num cavalo. Cavalgando pelas ondas, a simples presença dele me atraía feito ímã. Caminhando sobre a areia firme e compactada devido à ação das águas, fitei o belo homem, que desmontou do imponente corcel e veio em minha direção. Ao mesmo tempo, um homem curiosamente parecido com Clark emergiu do mar com uma maleta cheia de conchas e me disse, sem qualquer rodeio, que não eu deveria jogar fora nenhuma das lagostas que encontrasse nos meus sapatos.

– Lagostas? Que lagostas? – perguntei a ele, obviamente no ritmo de "Rock Lobster", do B-52.

Ele apontou para baixo, e fui tomada por horror quando notei que minhas pernas haviam se transformado em patas de lagosta, que se moviam na areia como palhetas de para-brisa.

Acordei suando frio. No entanto, o som suave das ondas imediatamente me embalou, e logo eu estava no mundo dos sonhos de novo.

Acordei na manhã seguinte quando a luz do sol começou a despontar no céu, meu corpo ainda no fuso da Costa Leste. Precisava ficar acordada até mais tarde naquela noite, para chegar à Costa Oeste de vez. Com exceção do sonho maluco, eu tinha dormido maravilhosamente bem. Sem goteiras, nada de *plic-plic*.

Cobri o rosto com as cobertas e tentei dormir mais um pouco, mas foi inútil. Então me dei conta de que já passava das seis. O que significava…

Café!

Vesti uma calça e um casaco de lã, prendi o cabelo para trás com uma bandana e desci os degraus da entrada. Decidi ir caminhando, para esticar as pernas depois do trabalho duro que elas tinham feito no dia anterior – e que, com certeza, fariam hoje. Atravessei a entrada de carros e virei na rua principal. Fiquei satisfeita ao descobrir que não levava nem dez minutos para percorrer a distância até o centro, mais ou menos uns quinhentos metros. Notei uma loja especializada em antiguidades, especialmente pinturas antigas; paisagens, muitas delas da própria cidade. Me perguntei se os quadros da tia Maude valeriam alguma coisa. Talvez fosse uma boa ideia considerar a possibilidade.

Mas o café me chamava, e eu acatei. Abri a porta e vi o rosto sorridente de Jessica, atrás do balcão.

Ela acenou para mim, e me dirigi ao último banco de novo.

– O mesmo de ontem?

– Sim, por favor, estou morrendo de fome. Esqueci de jantar ontem.

Me acomodei no banco e peguei um jornal que alguém tinha deixado pra trás.

– Nunca tive esse problema, mas só porque o John é um ótimo cozinheiro. – Ela me serviu uma xícara de café e destacou uma folha do seu bloco, pendurando o meu pedido de um Glutão Especial no gancho atrás do balcão da cozinha.

– Entendo perfeitamente.

Com um gesto de cabeça, cumprimentei o sr. Martin, no assento ao lado. Comecei a ler as notícias do dia. Depois de dois dias seguidos, já podia chamar isso de rotina matutina? Não sei, mas estava gostando do rumo que as coisas tomavam.

Depois de comer o equivalente ao meu peso em bacon, peguei o caminho de casa. O sol estava brilhando forte, e o dia prometia ser mais uma vez ensolarado e quente. Lá na Filadélfia, o

outono estava começando, mas por aqui o verão continuava a toda. Enquanto caminhava, fiquei mais uma vez encantada com a paisagem. Jamais me cansaria de olhar para aquele mar. Gaivotas sobrevoavam as termas, planando e rodopiando. Quando cheguei à garagem, parei para espiar lá dentro através das janelas empoeiradas. Caixas em cima de uma lona que cobria um veículo. Que carro seria? Um palpite? Um Ford Pinto rosa.

Tentei várias chaves do molho antes de encontrar a certa. A porta da garagem rangeu ao se abrir e logo desapareceu entre as vigas, levantando uma cortina de poeira. Tossi algumas vezes, sentindo a poeira pinicar meus pulmões. Tinha inalado tanto pó nos últimos dias que, se alguém desse uns tapinhas no meu peito, ele sairia pela boca.

Entrei na garagem, piso de concreto rachado sob os meus pés. Tirei algumas caixas de cima do capô e me preparei para a grande revelação. Prendi a respiração ao segurar a ponta da lona e então a puxei para revelar… quilômetros e mais quilômetros de um carrão.

Um Chevrolet Bel Air 1955 conversível. Verde-água. Rabo de peixe branco. Pneu preto e branco. Sem falar no volante.

– Sua coisa linda – sussurrei, passando os dedos pelo carro.

Parecia estar em bom estado; eu mal conseguia acreditar na minha sorte. Não via a hora de dirigi-lo! Relutante, voltei a cobri-lo com a lona e fechei a porta da garagem. Quando comecei a caminhar de volta para a casa, percebi a porta do celeiro entreaberta. Desvio de rota. Ouvi o farfalhar de feno lá dentro, e as galinhas correram de mim; examinei o chão para ter certeza de que os cavalos não tinham deixado nenhum presente. Aquilo de novo, não.

Espreitei pela fresta e vi Hank. Meu bom Deus todo-poderoso, que homem gostoso.

Puxando o feno com uma forquilha, ele já estava com o corpo suado. Me inclinei contra uma viga, sentindo o cheiro forte e adocicado do feno. Por falar em forte, a camiseta branca dele estava agarrada ao tórax ridiculamente largo. O cara era um filé-mignon, o tipo de homem da melhor qualidade.

Ele virou e, comigo desprevenida, jogou um punhado de feno bem na minha frente.

– Ei, ei! – exclamei, tentando desviar a tempo, mas sem sucesso; um tufo de feno entrou na minha boca.

– Falei pra ficar longe do celeiro. – Ele largou a forquilha e desceu a escada.

Passei a mão pelo meu corpo para varrer o feno, irritada com a atitude de Hank e também com as pinicadas dentro do sutiã e prestes a dizer que eu podia ir ao celeiro quando bem quisesse, quando ele… começou… a passar a mão no meu corpo... para varrer o feno.

Os dedos fortes e habilidosos escovaram a minha roupa com destreza, removendo os fios que restavam, suas mãos dançando levemente na minha clavícula, vagando mais perto dos meus seios do que provavelmente era necessário. Prendi a respiração enquanto ele continuava, seu corpo notavelmente quente dentro do espaço apertado. O perfume dele me tomou e me entorpeceu. Me deixou tonta. Me fez espirrar.

– ATCHIM!

Fiapos de feno voaram.

Em um livro, teria sido um espirro discreto e delicado, um espirro que inspiraria sonetos. Na história de Viv Franklin, foi violento a ponto de afugentar as galinhas.

As mãos dele soltaram meus ombros, e ele deixou o celeiro.

Eu o segui.

– O que exatamente você faz aqui, Hank?

– Cuido dos animais – ele respondeu, caminhando em direção à sua caminhonete.

– Sim, isso eu já entendi. Mas, tipo, todo dia? Duas vezes ao dia? – Corri para acompanhá-lo. Que ridículo.

– Depende. – Ele entrou na cabine. Era um homem de poucas palavras. E de um peitoral de dar água na boca.

– Depende? – Diminuí o passo e tentei recobrar um pouco do meu mistério, do meu fascínio.

– Sim, depende. Hoje vou voltar mais tarde. Para cavalgar a Paula.

Quem era essa tal Paula que eu iria esganar por ser cavalgada pelo caubói Hank?

– Paula? – interroguei, o tom de voz obscuro agora.

– A égua. Ontem, eu saí com o Paul. Hoje é a vez da Paula.

– Os cavalos se chamam Paul e Paula? Quem diabos escolheu esses nomes?

– Eu. – Ele ergueu uma sobrancelha. Uma sobrancelha máscula. O que mais ele conseguia erguer com essa sobrancelha?

– Bela escolha – sussurrei. – Muito boa mesmo.

Ele assentiu e deu a partida no carro.

– Fique longe do celeiro.

*

Voltei correndo para casa, me xingando por agir feito uma completa retardada toda vez que aquele cretino se achava por perto. Estava determinada a causar uma impressão melhor da próxima vez. Mas, por enquanto, tinha coisas mais importantes para fazer.

Precisava ligar para minha mãe.

– Nossa, já era hora de dar notícias, não? – foi a maneira como ela me cumprimentou.

Dei risada, me jogando no sofá de veludo verde de dois lugares que havia na sala de estar. Como ainda não tinha tido tempo de limpar a sala, uma nuvem de poeira subiu com o impacto.

– Desculpa, mãe, ando meio ocupada – expliquei, já sabendo que ia ouvir.

– Ocupada, uma ova! Não existe essa coisa de não ter tempo para ligar para sua mãe! Se você não tivesse me mandado uma mensagem de texto avisando que tinha chegado, eu estaria uma pilha de nervos!

– Estou bem, mãe, está tudo bem. Como vão as coisas por aí? – Se eu não a fizesse trocar o disco, logo estaríamos falando de mãos retorcidas e coração palpitando.

– Por aqui? Ah, o mesmo de sempre. Estou me preparando para o bingo beneficente da Saint Gabe, no fim de semana que vem. Te contei que o Reverendo Mike aceitou chamar outro locutor? Todo mundo sabe que ele vem apresentando o bingo há anos, mas achamos que precisávamos de sangue novo, então…

Enquanto ela discorria sobre as politicagens da St. Gabe, me desliguei um pouco e deixei meus olhos vagarem pela sala. Na parede oposta, havia uma lareira enorme, acho que de mogno, a câmara de fogo revestida de mármore verde. Levantei do sofá enquanto minha mãe contava da briga entre as senhoras Baxter e O'Halloran sobre quem fazia o melhor empanado de pescada, e comecei a limpar a lareira com um pano. Na soleira, havia uma linda grade de ferro na qual a tia Maude guardava a coleção de discos de Johnny Mathis. Onde mais guardaria, não é mesmo?

– E a casa? Me conta – minha mãe finalmente indagou.

– Boa. Mais bagunçada do que me lembro, mas continua muito boa.

– A tia Kimberly mencionou que, na última vez que visitou a casa, ela estava começando a dar sinais do tempo. É muito grave?

– Não está uma maravilha… – Suspirei quando, ao passar uma mão pela lareira, um pedaço da

madeira se soltou. *Ah, vai tomar no…*

– Já vi tudo. Quer que seu pai e eu vamos até aí? – ela ofereceu enquanto eu depositava o pedaço da cornija sobre Johnny Mathis.

– Não, não precisa. Eu cuido disso. Só é mais do que eu esperava. – Olhei ao redor para tudo o que ainda precisava ser arrumado. – O que diabos passou na cabeça dela para deixar tudo isso para mim? Não faz sentido. – Voltei a desmoronar no sofá.

– Para mim, faz todo o sentido.

– Como assim?

– A Maude sabia muito bem o que estava fazendo quando deixou a casa para você. Você é a única pessoa da família que não a venderia logo de cara. Faz ideia de quanto essa propriedade vale? De frente para o mar, em Mendocino?

– O pai comentou algo.

Sete, oito, nove, dez dígitos. O bastante para me deixar tonta.

Minha família morava em uma parte da cidade habitada por velhos ricos, clãs tradicionais, de sangue azul, e um ou outro novo-rico intrometido, como nós. Até meu pai descobrir a sua mina de ouro no ramo da tecnologia de computação, tínhamos sido classe média-média. Assim, embora dinheiro não fosse um problema, nós dávamos o devido valor. Certa vez – eu estava sentada à mesa da cozinha pela manhã –, um dos meus irmãos enchia o saco do meu pai para ter a mesada antecipada, pois queria comprar alguma coisa. "Custa só cem dólares", foi a frase que ele usou e nunca mais vai esquecer. O esporro que o meu pai deu – dizendo, em resumo, que nós nunca seríamos o tipo de pessoa que fala coisas como "custa só cem dólares" – se tornou lendário na minha família.

Não me entenda mal, meu pai deu o sangue por nós. Desfrutamos de uma vida muito confortável, somos sócios de um clube de campo, frequentamos colégios particulares, viajamos todo ano, no verão, no Natal, nas férias, e meus pais têm, cada um, um Mercedes, que trocam de dois em dois anos. No entanto, enquanto meus colegas de escola dirigiam o Mercedes de dois anos dos pais, eu dirigi um Buick LeSabre antigo que passou de irmão para irmão até chegar a mim.

Que fique claro: eu amava aquele carro. Quando ele por fim foi para o ferro-velho, chorei feito um bebê. Eu tinha perdido minha virgin… Espera. Não vou entrar em detalhes. Só digo que estava tocando Beck no rádio e rolou um pé apoiado no teto e uma marca da fivela do cinto de segurança na minha bunda que não saiu até o dia seguinte.

Mas voltemos. O meu ponto é que a minha família era bem de vida. Os meus irmãos eram bem de vida.

E, quando vendera meu aplicativo para o Google, eu também ficara bem de vida. Mas não tão bem quanto se vendesse a casa, nem de longe. Pensando bem: dava para vender uma casa que era um patrimônio histórico? Era possível? Eu conhecia um certo bibliotecário que sabia a resposta para essa pergunta…

– Acha que a Maude sabia que eu não venderia a casa, então?

– Com certeza, Vivvie.

– Mas, mãe, você tem que ver o estado dela. Nem imagino quanto custaria reformar este lugar…

– Então venda a sua empresa para o seu pai. Você sabe que ele quer comprá-la. Assim, você ganha tempo para pensar melhor no que fazer.

– Parece que você e a tia Maude sabem melhor do que eu o que eu deveria fazer.

– Ela era louca. Não idiota.

Bufei.

– Ela guardava a coleção do Johnny Mathis na lareira, mãe.

– Caso encerrado.

*

Depois de desligar o telefone, refleti sobre as minhas opções, a cabeça a mil. Se decidisse permanecer na casa, teria que vender a minha empresa para o meu pai, o que não era a pior ideia do mundo. Eu sentia orgulho do pequeno negócio que havia criado, mas era capaz de fazer aquilo de novo. Se quisesse. O dinheiro da venda me daria fôlego para decidir o que fazer. Olhei pela janela; talvez as respostas estivessem lá fora.

E estavam. Jessica subia os degraus da entrada com uma caixa de pizza nas mãos. Levantei do sofá e alcancei a porta no momento em que Jessica ia bater.

– Sei que te chamei de enxerida, mas isso já está parecendo *Mulher solteira procura* – brinquei ao abrir a porta.

– Você conheceu o pizzaiolo, sabe que não sou solteira – ela disse, revirando os olhos. – Além disso, eu falei que estava morrendo de curiosidade de conhecer a casa por dentro. – Ela começou a descer os degraus, fingindo ir embora. – Se você prefere, posso levar essa caixa embora. Você com certeza tem outros planos para o almoço…

– Entra aqui. Mas já vou avisando: está uma zona. – Segurei a porta aberta para que a pizza e a minha nova e insistente amiga entrassem.

*

– Se o Glutão Especial vai se tornar uma constante na minha vida, e não vejo por que não, vou ter que voltar a correr – resmunguei, dando um tapinha na barriga.

Jessica e eu estávamos sentadas ao redor da enorme mesa de jantar, as bonecas agora descobertas e organizadas de modo que tivéssemos uma plateia. Diferentemente de mim, Jessica não as achava tão assustadoras.

– Tem umas trilhas legais por aqui. Sabe onde fica o parque estadual? – ela perguntou, dando tapinhas na própria barriga.

– Acho que sim. Passei a caminho do centro. O Headlands?

– Sim. Tem umas trilhas maravilhosas lá. E também perto de Big River. Vou fazer um mapa pra você. – Ela apontou para o bolo de guardanapos e a caneta.

– Ótimo! – Eu me levantei e me alonguei. Evitei olhar para as bonecas.

– Então, qual é a sua história?

– A minha história? – perguntei, olhando para ela. Mas também é possível que eu tenha olhado pela janela à procura de uma certa pessoa. Que supostamente voltaria para levar a Paula para passear. Égua de sorte.

– Sim, a sua história. Todo mundo tem uma história. – Ela cortou um pedaço da pizza e me ofereceu. – Você está enrolando.

– Faz dois dias que cheguei. Tenho bastante tempo ainda para criar uma *suposta* história – retruquei.

Jessica fez uma careta.

– Tá bom, tá bom, a minha história, então. Bem, vejamos… Eu nasci pobre…

– Vou colocar todas essas bonecas em volta da sua cama.

– Sou da Filadélfia, Maude Perkins era minha tia-avó, e eu não a via desde que tinha treze

anos, sou designer de software e gosto de pizza. E de cerveja. Juntas, de preferência.

– Casada?

– Não.

– Divorciada?

– Não.

– Gay?

– Não que eu saiba.

– Deixou alguém pra trás?

– Como um companheiro de guerra ferido ou algo do tipo?

– Não, como um namorado ou algo do tipo.

– Não que eu saiba.

– Fantástico. Conheço um cara muito legal que…

– Não, não e não. Nem sei se vou ficar por aqui e…

– Ah, claro que vai.

– Por que todo mundo tem tanta certeza disso? – Aquele interrogatório estava deixando a minha cabeça a mil.

– Digamos que é apenas um palpite. – Ela riu e apontou para a janela. – Além disso, quem neste mundo não ia querer uma vista como essa?

– É verdade – concordei, certa de que Jessica estava se referindo ao mar, mas tudo o que vi foi Hank caminhando em direção ao celeiro.

– E aí, onde a gente coloca os jeans?

– Caído no chão do celeiro está bom para mim – eu falei, apoiando a testa no vidro frio da janela. Ele estava montando Paula.

– Viv? – Ouvi atrás de mim.

– Hein? Oi? – Me virei e vi Jessica com as mãos cheias de calças jeans, mais uma das inúmeras pilhas de bizarrices espalhadas pela sala de jantar.

– Ah, não precisa fazer isso. Sério, é muita gentileza da sua parte, mas…

– É que assim eu tenho a chance de xeretar a casa.

Quem sou eu para recusar ajuda de livre e espontânea vontade? Ainda mais quando gosto da ajudante. Intrometida? Pra caralho, mas eu sou de família grande, estou acostumada com xeretas. Ser de família grande também significa que, em qualquer situação, sempre há alguém para ajudar. Então aceitei a oferta de Jessica, carreguei-a de jeans e um saco de lixo e a deixei bisbilhotar à vontade.

Depois de uma hora, nós duas tínhamos encontrado uma série de coisas interessantes. Em um closet no andar de cima, nos deparamos com um baú de cedro cheio de caixas de chapéu com chapéus dentro, alguns ainda com etiqueta. No segundo quarto do segundo andar, debaixo de dez sacolas de meias, encontramos um conjunto completo de porcelana Haviland. E, numa caixa de sapatos na parte de trás do armário em que ficavam as roupas de cama, achamos… Então. Um material de leitura da mais escassamente vestida variedade, dos anos quarenta, aproximadamente. Eu estava justamente folheando esse material quando escutei um delicado som de cascos vindo da parte de trás da casa.

Desci a escada correndo, mas com a expressão mais blasé possível, passando por Jessica, que, empoleirada na cama, vasculhava outra caixa de bonecas. Ela havia me perguntado sobre a minha história, mas eu queria saber a *dele*. Por que ele se comportava daquele jeito? Queria revelar cada camada daquela cebola, em um sentido bastante específico.

Olhando para o meu reflexo no espelho, imaginei como uma heroína saudaria seu amado que retornava ao lar no seu imponente corcel. Peguei duas cervejas na geladeira e corri para o quintal de trás, onde ele escovava a égua após o longo passeio.

Ele não olhou para mim.

– Trouxe uma cerveja pra você… achei que você poderia estar com… calor.

Ele continuou sem olhar para mim, os movimentos serenos e metódicos enquanto escovava o lindo pelo branco da égua. Em dado momento, se virou e a contornou até o outro lado, cruzando seu olhar com o meu uma única vez. Ergui a garrafa de cerveja, mas ele fez que não com a cabeça e voltou a atenção para a égua.

– Então, Hank. Posso te chamar de Hank?

– E de que outro jeito me chamaria? – A resposta abafada veio do outro lado de Paula. Que virou a cabeça para mim e me mostrou os dentes.

– Certo. De que outro jeito… Então, Hank, você mora por aqui?

– Sim.

– Na cidade?

– Perto.

– Entendo. Faz tempo que trabalha aqui?

– A senhorita Perkins me contratou há alguns anos, me deixava ir e vir quando eu queria – ele disse, se levantando e se endireitando. Mesmo com a égua entre nós, senti o calor dos olhos dele, que avaliavam a mim e ao meu evidente interesse. – Gosto disso. Gosto quando posso entrar. E sair. Quando quero.

Ui. Ui, ui. Eufórica por finalmente ter conseguido arrancar uma reação dele, tentei conter o entusiasmo. Entornei a garrafa de cerveja na boca, espirrei de repente e espalhei cerveja na cara. Claro.

Só para constar: esse tipo de coisa *nunca* acontecia comigo. Eu geralmente era muito boa de flerte. Mas esse homem me fazia sair do sério. Falando em sério, tinha certeza de que a maldita égua estava rindo da minha cara.

Quando me virei para limpar o rosto, notei Jessica no fundo da varanda, segurando o riso. Revirei os olhos e voltei a me concentrar em Hank, que não se preocupou nem um pouco em disfarçar o sorriso. Era a primeira vez que o via sorrir. Um sorriso radiante, contagiante, incrível. Tão incrível que quase não liguei para o fato de que estava rindo de mim. Eu também riria de mim.

Na verdade, eu começara a achar graça dessa situação. Eu tinha à minha frente o apolo dos caubóis, descamisado como de costume, e acabara de derramar cerveja na orelha porque estava completamente de quatro por ele.

Aliás, o que esse homem tinha contra camisetas? Não que eu estivesse reclamando. Fala sério, jamais. Peitoral. Abdômen. E afins. Mas, sério, qual era o problema dele com camisetas? Apenas mais uma camada daquela cebola por revelar. Com os dentes.

Tentei salvar o que restava da conversa. Ele finalmente tinha compartilhado comigo detalhes da sua vida. Morava “perto” e… Ah, sim. Ia e vinha. Sexy, muito sexy.

– Então, você estava dizendo que… gosta de vir e…

– Ir. Sim. Vou nessa – ele disse.

Passou por mim, e, nesse exato momento…

– ATCHIIIIIM! – Segurei as garrafas com força, fechando os olhos durante o espantoso espirro. E outro espirro. E *outro*. Um desfile de espirros. Eu tinha espirrado mais nos últimos dois dias do

que nos últimos dois anos. Ouvi o barulho de sua caminhonete máscula se afastando e, constrangida, mantive os olhos fechados até ter certeza de que ele tinha ido embora. Escutei passos no cascalho, alguém se aproximando. Jessica.

– Esta seria uma boa oportunidade para tentar *não* ser xereta – falei e abri os olhos, preparada para encarar sua expressão zombeteira. Porém, o que vi foi… – Clark!

Dei um passo para trás, surpresa e incomodada por ele ter chegado bem naquele momento e por eu não ter percebido. Culpa do Hank.

– Você quase me matou de susto! – reclamei, me virando rapidamente e caminhando para a varanda. Depositei a cerveja no chão e enxuguei o nariz. – Não assuste as pessoas desse jeito.

– Me desculpe, eu bati na porta, várias vezes, na verdade, mas aí ouvi vozes e resolvi dar a volta. Olá, Jessica – disse, me seguindo conforme eu subia a escada.

– E aí, Clark? – Ela sorriu.

Ele estava com uma camisa azul – social, é claro – e gravata xadrez combinando com o blazer de tweed. Calça de sarja, marrom. Óculos de armação grossa. Cabelo penteado para um lado, lambido, de uma forma quase antiquada.

Ele me olhou com expectativa.

– Como posso ajudá-lo, Clark? – perguntei, levantando a ponta da camiseta para enxugar a cerveja derramada.

Os olhos dele grudaram na minha barriga. Aparentemente, os piercings no meu umbigo o deixaram fascinado. E nervoso.

– Cerveja? – ofereci, amarrando a camiseta nas costas, mantendo a barriga exposta.

Ele pigarreou antes de recobrar o foco.

– São duas da tarde, Vivian.

– Eu sei. – Tomei o resto da garrafa. – E é Viv.

– Vim para mostrar algo que encontrei nos arquivos. Pensei que você gostaria de ver como a casa era originalmente. – Ele apontou para o pacote marrom que carregava debaixo do braço.

– Claro, vamos ver. Entre. Jessica, você vem? – perguntei, gesticulando para Clark entrar.

– Eu não perderia isso por nada neste mundo – ela respondeu, com um olhar travesso e alegre.

*

Infelizmente, o que começou como a inofensiva observação de uma fotografia se transformou numa guerra de palavras. E a palavra foi… *balaustrada*. Ou, como eu gosto de chamar, aquela fileira de coisas finas e compridas.

– Você não entende, não pode mudar as coisas por bernardice. Não em uma casa dessa envergadura, com uma história tão significante!

– Eu vou dizer exatamente o que você faz com a sua envergadura… Você acabou de dizer “bernardice”?

Estávamos em lados opostos da mesa de jantar, de pé, a fotografia à nossa frente, as bonecas assustadoras e Jessica testemunhando a discussão mais ridícula de todos os tempos.

– Sim, é uma bernardice falar em se livrar de algo como uma balaustrada dessa época. Faz ideia do trabalho de artesanato que essa escada demandou? A balaustrada em si vale a…

– O que diabos é essa balaus… isso aí que você disse?

– A balaustrada, Vivian, é a fileira de balaústres presos ao corrimão. Que você quer jogar fora como se fosse madeira velha…

– Eu não disse que quero jogar fora… Só disse que precisa ser consertada porque eu não quero

cair de bunda enquanto carrego baldes e mais baldes cheios de água da chuva que pinga da peneira que é o telhado! O que sugeri foi que, talvez, substituir as peças antigas por novas deixe a casa mais segura e…

– Você não pode substituir uma balaustrada como essa! Não se fazem mais balaústres como esses! Acha que pode simplesmente ir a uma loja de material de construção e escolher uma balaustrada que…

– Se disser *balaustrada* mais uma vez, vou meter um tapa bem na sua balaustrada!

– Isso não faz o menor sentido! Vivian, o que preciso dizer para que você entenda a importância dessas coisas?

– Pode começar me chamando de Viv. Saco! Meu nome é Viv! – guinchei, batendo o punho na mesa, o que fez as bonecas balançarem.

– Posso me intrometer um pouquinho? – Jessica perguntou.

Espumando, inclinei o corpo à frente. Para um homem de blazer de tweed, Clark até que estava exaltado, a respiração pesada, a gola da camisa afrouxada, a gravata torta.

Eu também estava ofegante. Maldita balaustraqualquercoisa.

– Que tal a gente pegar leve um pouco? – Jessica sugeriu.

– Não preciso pegar leve. Foi ele que veio até a minha casa para me dizer o que eu posso ou não fazer…

– A casa é sua, mas o *registro* é meu, Vivian. E eu sou o responsável nesta cidade por defender a…

– Ah, defende isso! – retruquei, o meu dedo do meio terminando a discussão com dignidade.

Silêncio. Exceto pelas respirações pesadas.

– Mulher impossível – ele murmurou, endireitando a gravata antes de pegar a fotografia que tinha trazido.

– *Milhir impissível* – arremedei em um tom que eu não usava desde a terceira série, acompanhado de uma careta que não fazia desde o ensino fundamental. Francamente.

Clark começou a reunir suas coisas, empilhando-as cuidadosamente, guardando-as dentro da maleta.

– Já vi que bom senso não vai nos levar a lugar nenhum. Desde que você chegou à cidade, tenho sido o mais amigável possível, mas quer saber? A partir de agora, as coisas vão mudar. – Ele apontou o dedo para mim. – Você não pode mudar nada nesta casa sem me consultar. Se não acredita, pergunte ao senhor Montgomery, ele vai dizer a mesma coisa. Nada, *absolutamente* nada, Vivian.

E, com isso, ele se foi.

Fechei a porta e soltei um resmungo de frustração. Jessica começou a dizer algo, mas eu ergui o dedo, peguei meu celular no bolso e digitei um número furiosamente. Às vezes, sentia falta de socar botões de verdade, especialmente quando estava irritada desse jeito. É difícil se livrar da tensão quando você tem que discar com tanta delicadeza.

– Está ligando para o senhor Montgomery?

– Não. Pro Simon.

– E o Simon é…

– Um velho amigo. – Ele atendeu. – Ei, Simon. Sua namorada é decoradora, certo?

– Cara, *nunca* a chame disso. Ela é designer de interiores. Por quê?

– Preciso de uma orientação profissional. Vocês não estão a fim de viajar?

Desliguei alguns minutos depois, com um sorriso largo. O reforço chegaria no fim de semana.

CAPÍTULO CINCO

– Deixa ver se entendi. Você herdou a casa, que é patrimônio histórico do condado de Mendocino, certo? – Caroline perguntou.

– Certo.

– Não é de estranhar. A maioria das propriedades aí é patrimônio histórico.

– É, fiquei sabendo – falei, rangendo os dentes.

Naquela mesma noite, estava ao telefone com a namorada de Simon, Caroline, que eu conhecera no reencontro do pessoal do colégio, em dezembro do ano anterior.

Ela parecia legal, e Simon estava completamente apaixonado, algo que eu jamais pensei que veria.

– Então ele está certo? Não posso fazer nenhuma reforma?

– Não posso dizer nem que sim nem que não, preciso pesquisar antes. Via de regra, se uma casa é tombada pelo patrimônio histórico mas o proprietário não recebeu nenhum tipo de recurso federal, ele é livre para fazer as mudanças que quiser, mas não tenho certeza, preciso verificar. Sabe se a sua tia recebeu alguma verba do governo ou algo assim?

– Não faço a menor ideia. Mas posso tentar descobrir. Vou encontrar o advogado dela amanhã.

– Beleza, aguenta firme aí, vou pesquisar melhor sobre o assunto. Quem é esse cara que está enchendo o seu saco?

– O bibliotecário. Quem poderia imaginar?

– Interessante. A coisa toda me parece muito interessante. Amo essa área! Essas casas antigas são fantásticas. Mal posso esperar para vê-la!

– Também vou ficar feliz em te ver – falei secamente, e ela se tocou.

– Quer dizer, estamos indo pra ver você, claro. Mas a casa, puta merda! Você disse que ela tem quatro quartos, é isso mesmo?

Ouvi Simon pedindo para falar comigo. Dei risada, Caroline continuou sem conseguir conter a empolgação antes de desejar boa-noite e passar o telefone a Simon.

Um casal de grandes amigos de Caroline, que tinha uma casa de veraneio na região, viajaria com eles. Sinceramente, eu não estava nem um pouco preocupada com quem viria, contanto que algum ser humano tirasse Clark do meu pé.

– Viv? Está aí? – perguntou Simon.

– Sim, foi mal. Sexta à tarde, então?

– Sim, vamos tentar sair o mais cedo possível, mas, com o trânsito, pode ser que a gente chegue no final da tarde. Quer que a gente vá direto pra casa ou…

– Claro, venham pra cá, e a gente sai para jantar. A casa ainda está uma zona, não está preparada para uma festinha.

– Sem problemas. Ligo pra você quando estivermos na estrada. E… Viv?

– Eu.

– Vai ser ótimo te ver. Estou feliz que tenha nos ligado.

– Afe, Simon, “nos”? Já está assim? – provoquei e ouvi-o suspirar do outro lado.

– Isso aí… Estou indo pra te ajudar e você fica enchendo o meu saco?

Escutei Caroline retrucar ao fundo:

– Pode deixar que eu esvazio o saco dele!

– Ah, fala sério, boa noite pra vocês! – falei e desliguei em seguida.

No ensino médio, Simon passara por uma enorme tragédia. Ele perdeu os pais em um acidente de carro meses antes da formatura. Depois disso, saiu da Filadélfia e nunca mais voltou. Eu estava feliz por ele ter encontrado uma pessoa tão legal quanto Caroline aparentava ser, ainda mais porque ele tinha pulado de uma mulher para outra por anos. Com Caroline, ele parecia não ter olhos para mais ninguém.

Com isso temporariamente resolvido, eu estava pronta para relaxar e jantar. Logo depois que Jessica fora embora, eu tinha ido até o centro para comprar algumas coisas na mercearia. Estava com os nervos à flor da pele, ainda irritada por causa da discussão sobre a balaustrada. Resultado: voltei para casa com três potes de pasta de amendoim e nenhum de geleia. Mas comprei legumes e vegetais, que usei para preparar o jantar. Comi na varanda dos fundos, apreciando o movimento das ondas. Elas me acalmaram: a tensão que eu sentia desde a tarde começou a se dissipar enquanto eu comia. Observei as galinhas ciscando no quintal, ainda muito agitadas para se aninhar. Não sei absolutamente nada sobre galinhas. A não ser que gosto de comê-las. E seus ovos. Epa! Eu tinha acesso a ovos frescos agora?

Na próxima vez que me encontrasse com Hank, eu perguntaria o que ele fazia exatamente e quanto exatamente recebia para fazê-lo. Espera. Era *eu* quem devia pagá-lo? Acrescentei isso à lista de coisas que precisava perguntar ao sr. Montgomery. Depois de falar com Simon, eu ligara para o advogado e combinara de me encontrar com ele no dia seguinte para tratar de mais algumas coisas.

Sem nenhuma pressa de entrar após jantar, dei uma volta no quintal. Me mantendo longe do celeiro – vai que Hank tinha razão e eu de fato assustava os animais –, espiei a horta. Tinha lembranças muito vívidas desse espaço, das fileiras e mais fileiras de canteiros ao longo da lateral da casa, no exterior da cozinha. A tia Maude se interessava muito por remédios caseiros; quanto mais natural, melhor. Sempre havia canteiros cheios de pés de lavanda, consolda, calêndula, equinácea. Se era possível encontrar numa loja de produtos naturais, era possível encontrar no quintal dela. É claro que as melhores ervas também estavam representadas ali: salsa, sálvia, alecrim, vários tipos de tomilho, sendo o tomilho-limão o seu favorito. E a horta de vegetais e legumes era a mais bem cuidada que eu já vi. Muito antes de estar na moda plantar as próprias coisas, a tia Maude cultivava as suas sementes anos após ano: cenouras, tomates, feijões tepari cuja vagem crescia tão rápido que era possível vê-la se desenvolvendo e arbustos recheados de amoras-pretas e suculentas.

Como estava agora? Um caos de ervas daninhas. Uma ou outra cenoura corajosa despontava aqui e ali, mas, de modo geral, estava uma zona descontrolada. Isso era algo que eu precisava arrumar. Talvez não conseguisse restaurar a horta de cara, mas seria bom ter algo voltando a dar frutos ali. Contemplei o pasto do outro lado do celeiro e pensei na quantidade de terra que havia pertencido à propriedade. Vendida em parcelas ao longo dos anos, ainda assim era enorme, e o pasto se alongava pela colina. Mas muito menos do que antes. Remexi o chão empoeirado com os pés, soltei um suspiro e voltei para casa. Havia muito trabalho por fazer. Mas não hoje.

Passei o resto da noite esparramada em frente à televisão, assistindo ao único canal que a antena orelha de coelho sintonizava. Antena orelha de coelho, cara. A televisão era daquelas de tubo antigas, com carcaça de madeira e duas pernas. A antena era constituída por um pedaço de arame envolto em alumínio. Cansada demais para me importar, caí no sono assistindo a um programa de auditório.

Em algum momento depois da meia-noite, fui para o quarto, automaticamente me esquivando das pilhas e mais pilhas de coisas que cobriam o chão. Caí na cama macia, me envolvi nos

cobertores e adormeci mais uma vez ao som das ondas quebrando.

*

Na manhã seguinte, acordei às cinco e meia! Levando em conta que na Filadélfia eram oito e meia, considerei isso um avanço. A minha intenção era ficar em casa, comer um cereal e fazer o dia render, mas então me lembrei de quão antiquada era a cafeteira. Tecnicamente, devia ser um percolador. Tecnicamente, eu não tocaria nele. Acrescentei "cafeteira" à lista de compras e me vesti para ir ao centro.

Decidida a ir caminhando de novo, cumprimentei o Bel Air na garagem. Precisava encontrar a chave dessa belezura. Havia inúmeras gavetas de quinquilharias na cozinha nas quais ela podia estar; de fato, havia milhares de lugares na casa onde ela podia estar.

Enquanto caminhava pela entrada de carros, ouvi o latido de um cachorro em algum lugar próximo. E de repente me dei conta de que, se eu ficasse por ali, poderia ter um cachorro! Não que não pudesse lá em casa, mas jamais gostei da ideia de manter um cachorro grande confinado em um apartamento. E eu teria um cachorro grande, nada daquelas coisinhas minúsculas. E com essa casa e esse terreno? Um cachorro seria perfeito. Deixei para pensar melhor nisso mais tarde, mas definitivamente era um item para acrescentar à lista dos "Motivos para permanecer em Mendocino". Que, aliás, só crescia.

Segui rumo ao centro e, dentro de poucos minutos, estava sentada no meu banquinho, no final do balcão; mais dez minutos, e tinha à minha frente um prato cheio de comida e uma Jessica cheia de comentários.

– Eu simplesmente não estava acreditando! Nunca o vi tão perturbado!

– Não exagera, ele não ficou tão nervoso assim – retruquei, cutucando com um pedaço de bacon o ovo estrelado, fazendo a gema escorrer por todo o prato.

– Eu conheço o Clark Barrow desde o ensino fundamental, estudamos juntos. Ele nunca se altera. É sempre calmo, contido. A única vez que o vi agitado, e ainda assim nem se compara a ontem, foi quando anunciaram as gravações do *Senhor dos Anéis*.

– Acho que você está fazendo tempestade em copo d'água. Tabasco? – pedi, espetando com o garfo um punhado de batatas. – Você o conhece há tanto tempo assim?

– Amiga, eu conheço todo mundo há tanto tempo assim. – Ela me entregou o frasco de Tabasco. – O Clark é dois anos mais novo do que eu, mas, sim, eu o conheço há muito tempo.

– Obrigada. – Salpiquei a pimenta no prato. – E ele sempre foi tenso desse jeito?

– Não é que ele seja tenso… Não quero que você crie uma imagem errada dele. Ele só é…

– Rígido? Inflexível? Pau no cu?

– Estudioso. Metódico. Organizado – ela respondeu, com um olhar de banda.

– Ok, ok. Se você diz… Mas, pelo que vi até agora…

– Pelo que *eu* vi, você não consegue tirar Hank da cabeça. O que foi aquilo? – ela indagou, antes que eu soubesse o que estava acontecendo.

Enfiei um monte de batata na boca e mastiguei afetadamente. Jessica gargalhou e serviu café para mim e para os outros clientes no balcão. Cada vez que ela se aproximava do meu banquinho, eu enchia a boca de comida.

Esse lance com o Hank me virou do avesso. Nunca agi desse jeito com nenhum cara. Mas a questão era que agora eu estava vivendo o meu próprio romance, certo? Quer dizer, era disso que se tratava. A ligação misteriosa no meio da noite, a viagem para o outro lado do país, um caubói descamisado cavalgando na praia? Caubói áspero por fora, mas que, por dentro, lá no fundo,

beeeeeem lá no fundo, tinha um coração de ouro. Certo?

Seria ele o cara? O homem que finalmente diria as palavras que eu nunca tinha ouvido? Será que eu finalmente tinha encontrado o homem do "eu te amo"? A minha intuição dizia que sim, que eu tinha encontrado.

Paciência, Viv. Revele as camadas. Sempre vale a pena esperar por uma pessoa com um peitoral daqueles. Vale a pena espirrar por uma pessoa assim.

Depois de metaforicamente lamber o prato, fiz um sinal para Jessica. Ela rapidamente se aproximou, louca para abrir o bico.

– Ok, me rendo. Me conta sobre o Hank.

– Hum, vejamos. Eu o conheço há tanto tempo quanto conheço o Clark. Ele é um ano mais velho do que eu. Jogava futebol americano com o John; os dois costumavam sair nessa época. O Hank é… hum…

Bonito, era óbvio. Um colírio para os olhos. Mas agora eu seria iluminada sobre aquele enigma. Doce? Gentil? Apaixonado? Bem-dotado?

Controle-se, Viv.

– Simples – Jessica acrescentou, me entregando a conta.

– É só isso? Simples?

– A-hã. É tudo o que tenho a dizer por enquanto – ela afirmou misteriosamente e se afastou.

– Simples? – gritei, o que fez com que todos se virassem para mim e me olhassem. Eu os olhei de volta. – Bom dia, senhor Martin.

Coloquei o dinheiro em cima do balcão e saí pela porta da frente.

*

De volta à casa, passei mais algum tempo no segundo quarto, avançando resolutamente pelo corredor. O quarto da tia Maude seria o último; eu ainda não era capaz de encará-lo. Além disso, o Cavaleiro Sem Pernas parecia ter tudo sob controle. Mantive a máquina de lavar ocupada, lavando os lençóis para a cama mesmo estando bastante certa de que eu já havia escolhido o meu quarto. À medida que eu limpava e organizava as coisas, dividia as pilhas e ordenava os acúmulos de anos, fiquei satisfeita por poder caminhar por dois quartos habitáveis.

No segundo quarto, lençóis de algodão branco agora cobriam a cama. Eu os lavara duas vezes e colocara uma dose extra de amaciante para que perdessem a aparência de anos de armário. Eu tinha dado a sorte de achar, em um dos armários do corredor, uma pilha de colchas antigas, lindas, dobradas com muito esmero e guardadas na embalagem favorita da tia Maude: sacos de lixo reforçados. Que tinham feito um bom trabalho; as colchas estavam em ótimo estado. Agora, a velha cama de ferro estava coberta com um jogo de cama simples mas muito bonito, com estampas em amarelo e rosa. Contrariando o meu gosto, cromo e couro preto não teriam lugar ali. Colchas simplesmente combinavam com a casa. E, sendo sincera, eu curti o visual mais do que imaginei. Esfreguei o piso de madeira não só do segundo quarto, como também do corredor. Devagar, os pontos limpos estavam começando a ser maioria. No entanto, eu tinha usado quase todo o meu escasso material de limpeza e precisava dar outra passada no centro.

Consolidei em uma grande lista os post-its e as listas de afazeres que se achavam espalhados pela casa. Eu precisava ir à mercearia também, fazer compras para o fim de semana. Simon e a sua trupe não ficariam comigo, mas mesmo assim eu queria ter uns lanchinhos e umas bebidas para oferecer.

Verifiquei rapidamente as gavetas da cozinha à procura da chave do Bel Air, porém não

encontrei nada. Sem problemas; isso já constava da minha lista de perguntas ao sr. Montgomery. Eu iria encontrá-lo depois das compras.

Dirigi até o centro, aliviada por ter alugado um carro, embora sem saber por quanto tempo precisaria dele. Se eu fosse mesmo ficar em Mendocino, precisaria trazer meu carro da Filadélfia, ou vendê-lo e comprar outro por aqui.

Ou você pode dirigir o Bombardeiro Azul 2.0.

Em um instante, visualizei aquele carro percorrendo a costa em toda a sua pompa, as rodas brancas brilhando. A mulher ao volante tinha cabelo cacheado e preto, não muito diferente do meu, amarrado em um lenço cor de cereja e verde-água. No rádio, tocava uma música animada, feita para os dedos tamborilarem o volante e cantarolar junto mesmo sem saber a letra. A mulher então parava o carro para admirar a paisagem. À esquerda do veículo, o Pacífico. À direita da mulher? Um homem.

Um homem ele próprio feito para os dedos tamborilarem. Costas torneadas e magníficas, pele de veludo bronzeada e reluzente de suor que não era fruto de um dia de trabalho pesado, embora trabalho pesado não lhe fosse algo estranho. Não, esse suor era do tipo adocicado, expelido por cada poro como a evidência da sua proeza sexual pura e primitiva. O seu pilar da paixão era pulsante e ardente, grande e saliente feito o mastro de uma bandeira hasteada no Quatro de Julho. Mas os fogos de artifício ainda não haviam sido disparados. Nem perto disso…

É, eu estava enlouquecendo. O caubói Hank estava me fazendo perder o norte… o leste… o oeste… o rumo. Onde estou?

Na rua meia-nove…

Chega!

Entrei na loja e ocupei a mente com produtos de limpeza – e não é que a figura do Mr. Clean nas embalagens me pareceu particularmente atraente? Me dei uma esponjada na cara e continuei andando.

Deixei as sacolas cheias de comida e de material de limpeza em casa e voltei ao centro para encontrar o sr. Montgomery. Ele havia concordado em me encontrar no John’s, o restaurante no qual eu obtinha as minhas doses de pizza. Sentei a uma mesa e acenei para o namorado de Jessica, que estava atrás do balcão do bar.

– Senhorita Franklin, é um prazer revê-la – o sr. Montgomery cumprimentou. Com a cabeça, ele apontou para John. – Parece que você já fez amigos por aqui.

– Ah, já sou uma velha conhecida na cidade. – Sorri e dei uma olhada no cardápio. Precisava de algo light; andava comendo feito um caminhoneiro. – Olha, um Philly cheesesteak. No pão integral? Heresia.

Balancei a cabeça. Se tem uma coisa que você não encontra igual fora da Filadélfia é um cheesesteak. Ou um bom hoagie. Quando a garçonete se aproximou, engoli a minha objeção sobre o cheesesteak e pedi algo saudável. Um cheesebúrguer. O que tem de saudável? Pedi sem bacon.

O sr. Montgomery e eu conversamos um pouco sobre a casa, o clima, a cidade.

– Então você tem algumas dúvidas sobre o testamento? Como posso ajudá-la? – ele perguntou, cruzando as mãos em cima da mesa.

– Sim, algumas. O carro que está na garagem. Faz ideia de quando foi a última vez que alguém saiu com ele?

– Tenho quase certeza de que a sua tia manteve o Bel Air ativo. Ela amava aquele carro. Embora ela não o tenha dirigido nos últimos anos, o senhor Higgins às vezes a levava para a

cidade com ele.

– Senhor Higgins?

– O homem que ela contratou para cuidar da casa e do celeiro.

– Ah, Hank! Vamos falar sobre ele. Quem está pagando pelo caubói?

– Caubói?

– Sim, apolo. Deus grego. Quem o paga?

– Ah, sim. A Maude o incluiu no testamento, desde que ele continue cuidando dos animais. Antigamente havia mais animais, sabia? Agora são apenas dois cavalos. E as galinhas, claro.

– Sim… E, por falar nelas, de quem são? Minhas?

– Sim.

– E os cavalos? Paul e Paula? São meus?

– Sim.

– Então, para quem Hank trabalha?

– Bem, tecnicamente, para Maude.

– E como vai ser daqui para a frente? – questionei, bebericando minha Cherry Coke.

– Isso é você e o senhor Higgins que vão decidir.

– Você não está colaborando, senhor Montgomery. Se as galinhas são minhas, posso pegar os ovos? Se ele cuida delas mas elas pertencem a mim, quem fica com os ovos?

– Pergunta interessante. Eu não estava preparado para debater essa questão das galinhas versus ovos hoje. – Ele riu, e eu fechei a cara.

– Que bom que achou engraçado. Então, posso pegar os ovos?

– Quer a minha opinião? Opinião profissional?

– A-hã – falei, antes de dar uma mordida no hambúrguer. – Que *delífia*!

– Está tudo bem, senhorita Franklin?

Fiz que sim com a cabeça, impossibilitada de falar por conta do melhor hambúrguer que já tinha comido na vida.

Percebi que John estava me olhando e o chamei com um gesto. Quando ele chegou à mesa, eu já tinha dado mais três mordidas no lanche.

– E aí, Viv? Senhor Montgomery, como vai?

– Bom te ver, John. Como vão os negócios? – o advogado perguntou.

– Esse sanduíche está surreal de bom – eu soltei. – Pensei que na Califórnia só tinha vegano tacando broto em cima de tudo.

– Isso é no restaurante do outro lado da rua. Detox lá, comida de verdade aqui.

– Eu te amo – falei, acariciando o hambúrguer como a um gatinho.

– Eu ou o cheesebúrguer?

– Não consigo separar um do outro.

– Não vou contar pra Jessica.

– Vocês dois aí, conversem sobre negócios. Estou comendo – eu disse, gesticulando para John e o sr. Montgomery.

Enquanto os dois papeavam, devorei o lanche. Senti a calça lasseando. Precisaria correr no dia seguinte. Enquanto comia, ouvi a conversa dos dois. Ao que parecia, o sr. Montgomery sabia de absolutamente tudo o que se passava na cidade. Pensei que ele morasse fora de Mendocino, já que o escritório ficava em San Francisco.

Quando John voltou ao trabalho e o hambúrguer não passava de uma lembrança, olhei para o sr. Montgomery e perguntei:

– Como é que você sabe tanto sobre esta cidade?

– Nasci aqui. Morei muitos anos nesta cidade.

– Mas o seu escritório não fica em San Francisco? – questionei, confusa.

– Sim. Passo a maior parte do tempo lá. Mas tenho uma casa aqui; a princípio, era um lugar para passar as férias, mas, agora que estou perto de me aposentar, tenho vindo com mais frequência.

– Nem precisa explicar por quê. As pessoas são ótimas, e a paisagem é inacreditável.

– As pessoas *são* ótimas, mas ouvi dizer que você teve uma discussão com o senhor Barrow.

– Como diabos você ficou sabendo disso? – perguntei, sem conseguir acreditar. Falando sério, como as notícias corriam tão rápido por aqui?

– Tenho ouvidos, senhorita Franklin. E ele pode lhe ser bastante útil se você decidir começar uma nova vida aqui. Ninguém conhece esta cidade melhor do que ele.

– Ah, sim, ele adora pontuar isso. Mas não se preocupe. Meus ajudantes estão a caminho.

– Quanto mistério. – Ele riu. – De qualquer modo, acho que você deveria conversar com ele de novo. Ele realmente só está preocupado em manter a integridade da casa… Preocupação que você compartilha, tenho certeza.

– Claro que sim. Mas será que ele precisa se comportar de um jeito tão… tão… bibliotecário?

– Senhorita Franklin, mais alguma dúvida sobre o testamento? – ele perguntou pacientemente; havia um quê de divertimento em sua expressão.

– Sim, tenho. Há alguns problemas na casa, problemas que Clark parece considerar irrelevantes. Mas, quando tem goteira no meio da noite, esses problemas tendem a não ser irrelevantes se a cara na qual a chuva cai é a sua, entende?

– Posso imaginar. – Ele sorriu. – E você quer que o telhado seja consertado, claro.

– Esse é o ponto. Se eu for ficar, a casa vai precisar de uma reforma. E ele…

– Você está preocupada que Clark não aceite fazer nenhuma mudança na casa, certo?

– Nas palavras dele: "Você não pode mudar nada nesta casa sem me consultar. Se não acredita, pergunte ao senhor Montgomery, ele vai dizer a mesma coisa. Nada, absolutamente nada, Vivian". Ele apontou o dedo para mim! Me fala a verdade: ele está certo?

– É complicado, senhorita Franklin. – Ele esfregou as mãos uma na outra. – A sua tia era um pouco excêntrica, como você bem sabe.

Pensei nas bonecas, nos discos do Mathis e nas meias de cano alto. "Excêntrica" era uma definição interessante.

– Ela nem sempre administrou o dinheiro com sabedoria e, durante anos, teve problemas para realizar a manutenção da casa, como você sem dúvida percebeu. Ela se candidatou e recebeu uma verba da Sociedade Histórica para uma manutenção básica. Maude conseguiu pagar algumas coisas por conta própria, arcar com necessidades básicas e manter alguns dos animais. Conseguiu manter o senhor Higgins. Porém, parte do dinheiro não foi utilizada do melhor modo possível.

Pensei nas bonecas, nos discos do Mathis, nas meias de cano alto. Sem falar na armadura. Uau.

– A casa precisa de reparos, senhorita Franklin, e tenho certeza de que, se decidir permanecer, você e o senhor Barrow vão entrar em um acordo para garantir não só que a vontade de sua tia seja feita e a integridade da casa seja preservada, mas também que você não tenha de dormir sob um teto cheio de goteiras.

Refleti por um momento.

– Então, no fim das contas, se eu quiser fazer alguma mudança na casa, preciso consultar o bibliotecário. Certo?

– Sim. Até certo ponto, sim.

Inclinei o corpo à frente, sobre a mesa.

– Preciso saber exatamente que ponto é esse.

CAPÍTULO SEIS

Me esforcei ao máximo, senti meus pulmões queimarem e minhas pernas tremerem ao subir o trecho final da colina. Me concentrei no topo, a poucos metros, dando um último gás para atravessar as árvores e chegar ao cume. Diminuindo os passos, parei com as mãos na cintura, inspirei o ar puro e apreciei a montanha. Que vista.

Eu tinha escolhido uma trilha espetacular do mapa que Jessica fizera para mim. Não corria desde que deixara a Filadélfia, e meus músculos não estavam nem um pouco contentes com isso. De fato, eles estavam furiosos e, enquanto eu avançava pela trilha, cantarolavam:

Pizza
Cheesebúrguer

Pizza

Pizza

Cerveja

Cheesebúrguer

Valeu a pena?

Valeu a pena?

– Com certeza – murmurei, flexionando a perna para trás para alongá-la e me apoiando no tronco de uma árvore.

Eu tinha corrido pelo parque estadual até a região dos promontórios. Meu campo de visão era dominado pelo Pacífico, que se misturava ao Big River conforme este desaguava no oceano. Nomeado em homenagem às sequoias canadenses que margeavam as águas quando essa região da Califórnia se estabeleceu, o Big River tivera um importante papel não só no desenvolvimento da terra, mas também na corrida pelo ouro e na extração de madeira. As majestosas árvores foram removidas para dar lugar à gigantesca expansão imobiliária. Agora protegido, era um belo rio, muito frequentado por praticantes de canoagem e caiaque.

Não é uma má ideia, pensei, me perguntando se haveria uma canoa escondida em algum lugar da casa. Era muito provável que sim. Depois do encontro com o sr. Montgomery, eu passara o restante da tarde e a noite terminando de organizar o segundo quarto e começando a encarar o terceiro. Neste, havia pertences mais pessoais, como cartas e cartões-postais que Maude acumulou ao longo da vida. Eu também encontrara recibos de impostos e faturas em uma pasta sanfonada antiga e incrivelmente organizada. Eles poderiam ser úteis se eu decidisse ficar e…

É óbvio que você vai ficar. Você tem alguma dúvida?

Mordisquei a unha do polegar enquanto contemplava a vista. Eu *ia* ficar. Uma risada irrompeu pela minha garganta e saiu pela boca antes que eu a contivesse, depois outra e mais outra, até que eu parecesse uma hiena no topo da montanha.

– Vou ficar! – falei em voz alta, as palavras preenchendo o espaço. – Demais!

Lancei o punho ao ar em comemoração, me virei para descer a montanha e trombei num peitoral suado.

Por instinto, lancei o punho outra vez, acertando o nariz do sr. Clark Barrow.

Ele gemeu e cambaleou para trás, levando as mãos ao rosto.

– Jesus amado, Vivian! – exclamou, o sangue começando a escorrer.

– Cacete! Clark! Mas que caralho! – esbravejei, agarrando os braços dele e tentando afastar suas mãos do rosto para ver o estrago. – Ficou louco? Como você aparece atrás de alguém assim? Senta aqui para eu dar uma olhada no seu nariz. – Peguei-o pelo cotovelo e o acomodei em cima de uma rocha.

– *Você* ficou louca! Estava falando sozinha no topo de uma montanha! Não faça isso… Ai! – ele respondeu enquanto eu afastava os seus dedos.

Eu tinha visto muito nariz quebrado quando era mais nova; uma cortesia dos tempos de softbol, hóquei *etc.*

Merda, eu estava falando sozinha no topo de uma montanha. Droga.

– Admito, eu estava mesmo, mas… Ei, pode ficar parado, por favor? – Finalmente consegui afastar suas mãos do rosto e ver o que eu tinha feito. É. Tinha acertado ele em cheio. Bosta. – Precisamos ir ao médico. Acho que está quebrado.

– Ah, você acha? – ele perguntou com raiva, me encarando.

Clark começou a se levantar, e me aproximei mais dele.

– Me deixa te ajudar.

– Se fosse por você, eu já teria caído desse penhasco – ele retrucou, se afastando de mim.

– Ei, pode se acalmar e me deixar ajudar? – rebati, virando-o em direção à descida da trilha, na direção oposta à que ele vinha. Tirei a minha camiseta e a dobrei. – Toma, pressiona contra o nariz.

Ele me observou, nua da cintura para cima a não ser pelo top, e arregalou os olhos. Arqueei uma sobrancelha e o encarei. Enquanto ele segurava a minha camiseta sobre o nariz, eu o examinei da cabeça aos pés. Alto e magro, estava apenas de short. A julgar pela aparência, devia praticar corrida havia muito tempo. E talvez flexões e abdominais também. Seu corpo era forte e definido, mas sem exagero. E tinha uma pequena porção de pelos no peito, que levava ao, hum, cós do short. As pernas eram de corredor, torneadas e bronzeadas. Na verdade, agora que eu estava reparando, o corpo todo era bronzeado. E eu *estava* reparando.

Caramba, Clark, jamais imaginei que sob um blazer de tweed houvesse tanta delícia. Mas essa delícia era o mesmo cara que estava empacando a minha vida, então, depois de uma última boa olhada, parei de reparar.

– Que mulher impossível – ele murmurou, a voz abafada pela camiseta.

– Essa mulher impossível vai te ajudar agora, ok, Clark? Por que não apoia o braço ao redor do meu pescoço e… Esse é meu peito. Vamos tentar de novo? – Ele fez uma careta quando envolvi sua cintura com um dos braços. Sua pele era tão quente.

Ele resmungou durante toda a trilha. Eu resmunguei de volta, o rosto vermelho devido ao esforço. Clark era um cara alto e mais pesado do que aparentava.

Meu rosto ficou ainda mais vermelho.

Quando chegamos ao final da trilha, ele disse que conseguia dirigir sozinho até o médico e que, caso o nariz estivesse mesmo quebrado, eu arcaria com as despesas médicas.

*

Eu o segui até a clínica de urgências da cidade. Depois de deixá-lo lá, com dor e mal-humorado, parti para casa. Agora que eu tinha decidido ficar, precisava definir a logística.

Como fazer isso? Eu tinha dinheiro suficiente para bancar tudo? E quando eu poderia finalmente me livrar do tico-tico alugado e começar a dirigir um carro de verdade?

A primeira coisa a fazer era comunicar a decisão aos meus pais e saber se o meu pai ainda tinha interesse em comprar a minha empresa. Ele devia ter; era hora de fazê-lo feliz.

Eu estava contente com a chegada de Simon e Caroline. Precisava saber a minha posição em relação à casa e o que eles, em especial Caroline, achavam que eu deveria fazer. E passar tudo para Clark.

Clark do nariz quebrado, dos olhos furiosos e da barriga tanquinho. Quem poderia imaginar, hein? Eu nunca. Por falar em tanquinho, quando entrei na garagem de casa, vi a enorme caminhonete de Hank estacionada. Olhei para baixo, quase pelada, suja de terra e sangue, e pensei que esse cara nunca tinha me visto na minha melhor forma. Bem, não seria agora.

Saí do carro e me dirigi ao celeiro, de onde vinha o ligeiro farfalhar de feno. Ele devia estar dando de comer a Paul e Paula. Me contorcendo por dentro diante daquela escolha de nomes, coloquei cuidadosamente a cabeça na abertura, com medo de ficar com a boca cheia de feno de novo.

Espiei lá dentro, depois lá em cima; lá estava ele. Mais uma vez, com a forquilha e com a tentação. Mais uma vez, sem camiseta e suado. Mais uma vez, com aquela curva deslumbrante na espinha que mergulhava na lombar, cada vértebra cuidadosamente selecionada e disposta pela mão de Deus, ou pelo menos por alguém com um senso de proporção divino. Vértebras.

Hummm.

– Ei! – chamei.

Ele nem se virou, mas tudo bem. Eu aproveitei um pouco mais daquele pornô vertebral.

– Estão comendo – Hank respondeu num tom aborrecido.

– Não, eu quis dizer… ui.

Avancei alguns passos, os raios de sol permeando as tábuas de madeira, iluminando as placas douradas de feno, fazendo todo o espaço brilhar. Hank também estava brilhando, a pele bronzeada da exposição intensa ao sol, escorregadia de suor e de promessas ardentes. A minha pele deslizaria contra a dele ou a nossa fricção botaria fogo em tudo?

Fui tomada pela visão de mim *sendo jogada sobre um travesseiro de feno. Com um fio de forragem na boca, ele se aproximava devagar, a mandíbula cerrada. Para conter não só o sotaque caipira, mas também as palavras de amor e devoção, os doces poemas que certamente vinha criando desde que eu tivera a audácia de surgir na sua cidade, no seu mundo, abalando as suas crenças. Ele vinha se mantendo em silêncio, guardando para si a sua devoção, até agora, quando a visão do meu corpo sobrepujaria a sua natureza estoica, a sua resistência acerada a mim. Hoje, começaria a ruína.*

Esperei ansiosa. E esperei. E continuei esperando. Ele ainda estava de costas para mim, revolvendo o feno, consciente da minha presença. Revelar as camadas dessa cebola ia ser mais difícil do que eu tinha imaginado. Quando estava prestes a me virar e ir para casa, ele finalmente largou a forquilha de lado e se voltou para mim.

– O que aconteceu com o outro cara? – perguntou, começando a descer a escada. Por um instante, seu tórax desapareceu, o que me deu a chance de admirá-lo da cintura para baixo.

– Hein? – murmurei, o queixo caindo ao mirar as concavidades acentuadas em ambos os lados daquele abdome maravilhosamente esculpido.

Hank pulou os últimos degraus e pousou no chão graciosamente. Ele encurtou a distância entre nós, os olhos percorrendo o meu contorno diminuto. Por um dos cantos do celeiro, uma brisa adentrou o espaço, um beijo de mar na minha pele à mostra. Sem camiseta por conta do que acontecera com Clark, a minha pele se arrepiou. Por causa do vento? Ou por estar perto do caubói?

Inclinei o corpo à frente quando ele se aproximou. Seus olhos se demoraram no meu top, e então as pontas dos seus dedos fizeram o mesmo. Um deles percorreu a minha clavícula e se enroscou sob a alça.

– Imagino que esse sangue não seja seu. Brigando antes do café? – perguntou, na maior sequência de palavras que me dirigira durante toda a nossa convivência. No rosto, havia uma expressão que só poderia ser classificada como… divertida?

– Brigando? – indaguei, mal conseguindo respirar.

– Você ganhou, presumo?

– Eu… estava… correndo – gaguejei, sua proximidade embaralhando meu cérebro e me transformando no Forrest Gump.

Um sinal de confusão perpassou seu rosto, e ele se afastou um pouco. Dei um passo à frente; não queria que a distância entre nós aumentasse.

– Acertei sem querer uma pessoa. Numa montanha.

Xinguei o meu cérebro e a minha incapacidade de formar uma frase coerente quando estava diante desse caubói. Sério, era como se eu me transformasse numa pessoa completamente diferente quando estava a sós com ele.

– Como eu disse, brigando antes do café. – Ele piscou (ele piscou para mim!) e passou a caminhar relaxadamente em direção à porta do celeiro. Se existia alguém qualificado para ser relaxado, era ele.

– Como sabe que eu ganhei? – perguntei, colocando em prática meu próprio caminhar relaxado ao segui-lo.

Ele se virou e recostou na porta, uma mão sobre a cabeça. Que. Filé. Da. Porra.

– Você tem jeito de quem sabe se cuidar. Só isso.

Ele se foi. E eu espirrei doze vezes.

Eu havia revelado uma camada? Talvez não, mas com certeza tinha arranhado a casca.

Espirrei mais uma vez e fui para o banho.

*

Depois do banho, vesti o roupão, enrolei uma toalha na cabeça e me sentei na cama por alguns minutos para organizar os pensamentos.

A ideia de vender a minha empresa sempre me soara como o fim. Eu a tinha criado, eu a tinha administrado, eu tinha me dado muito bem com ela. Realizara tudo isso sozinha. Mas, havia um ano mais ou menos, eu vinha sentindo vontade de fazer algo novo. Não sabia o que exatamente, mas sabia que não tinha a ver com computação.

Agora, a minha empresa seria um meio para um fim. Mais do que isso, seria o meio *certo* para esse fim. Eu sabia que ela continuaria em boas mãos, e a venda me daria liberdade para começar aquele algo novo, o que quer que fosse. Eu tinha algumas ideias, no entanto, e uma em particular estava começando a fervilhar no fundo da minha mente, escondida atrás de pensamentos triviais. Fiz uma nota mental para pensar nisso depois.

Sentando sobre os pés, olhei para o celular, ao mesmo tempo receosa e ansiosa por essa ligação. Percorri os contatos até encontrar “Escritório Papai” e liguei para ele. A secretária me transferiu.

– Amendoim! Como você está?

– Oi, pai – falei, como sempre revirando os olhos ao ouvir o apelido. No fundo? Eu amava. Não o apelido, mas ter um apelido.

– Como vão as coisas na terra da granola?

– Muito bem. Tem um restaurante no centro com cheesesteak no cardápio… mas com pão integral!

– Heresia! – ele entoou gravemente.

– Foi exatamente o que eu disse!

Nós dois rimos. Eu contei os detalhes da viagem até aquele momento, ciente de que minha mãe já tinha feito um relatório completo para ele, mas também de que meu pai gostaria de ouvir da minha boca. Depois de alguns minutos, ele perguntou por quanto tempo eu planejava ficar em Mendocino.

– Bem, na verdade, era sobre isso que eu queria conversar com você. Acho que vou morar aqui.

Ele suspirou.

– É mesmo?

– É mesmo.

Ele suspirou de novo.

– E o que pretender fazer com a sua empresa?

Respirei fundo.

– Na verdade, é por esse motivo que liguei. Ainda está interessado nela?

– Uau. Você vai *mesmo* morar aí.

Nós dois ficamos em silêncio. Engoli com dificuldade o inesperado nó na garganta.

– Está bem, vamos negociar. O que você tem em mente? – ele perguntou objetivamente, num tom estritamente profissional.

Depois de mais ou menos vinte minutos, já tínhamos um princípio de acordo. Faltava discutir uma porção de cláusulas, claro, e eu precisava fazer uma revisão dos registros e dos balanços, mas a oferta inicial não só cobriria as reformas que a propriedade demandava, como me daria um baita empurrão para começar uma vida em Mendocino.

O alívio foi maior do que imaginei que seria. Ninguém tinha assinado nada, mas tudo indicava que as coisas terminariam bem. Eu estaria sozinha, por minha conta e risco, com mais dinheiro no banco e uma vida completamente nova pela frente.

A quase cinco mil quilômetros de distância da minha família.

Aquele nó maldito subiu à minha garganta mais uma vez, me fazendo tossir. E os meus olhos arderam um pouco. Eu me abanei e fui terminando a conversa.

– Então, voltamos a falar sobre isso daqui a uns dias, certo? Vamos deixar as coisas se assentarem – ele sugeriu, a voz ligeiramente rouca.

– Boa ideia.

– Sua mãe e eu estamos pensando em te visitar em breve. Quando seria bom para você?

– Vocês podem vir quando quiserem, sabem disso – falei, fungando um pouco. Afe.

– Bem, vou deixar que você e sua mãe combinem. Vou ficar feliz em te ver, Amendoim.

– Eu também, pai.

Desligamos, e eu permaneci na cama por alguns minutos. Tinha quase trinta anos, havia criado e cuidado do meu negócio por anos, e meu pai ainda conseguia me fazer sentir como uma menininha de três anos, no melhor dos sentidos. Tirei a toalha da cabeça, e meu cabelo, agora seco, apontava para todas as direções, como se eu tivesse sido eletrocutada. Enxuguei o rosto, olhei o relógio e me dei conta de que precisava acelerar. Pulei para fora da cama e fui me arrumar.

Minhas visitas estavam chegando.

*

Na porta, eu esperava pelo primeiro sinal do carro de Simon. Eles chegariam a qualquer minuto; Caroline me enviara uma mensagem quando eles entraram na cidade. Percebi que não conseguia ficar quieta e me dei conta de que estava ansiosa. Ansiosa pela chegada deles, ansiosa para que vissem a minha casa nova. Receber alguém na sua casa é uma coisa gostosa. E, embora a casa fosse minha havia apenas alguns dias e ainda houvesse muito trabalho a fazer, eu estava louca para exibi-la.

Caminhando de um lado a outro na varanda, avistei um feixe de luz ao fundo da entrada de carros. Em poucos segundos, um antigo Range Rover estava estacionado em frente à casa e quatro das pessoas mais bonitas que já vi desceram do carro e caminharam pelo cascalho. Sério, foi como assistir à abertura de um seriado.

Do banco de trás, saiu um casal que supus ser Mimi e Ryan. Ela era mais baixa do que eu, e olha que eu sempre sou a mais baixa em qualquer recinto. Pequena e delicada, tinha a pele bronzeada e impecável e o cabelo preto e brilhoso. Mimi estava de mãos dadas com Ryan, alto,

esguio, o cabelo loiro e encaracolado, razoavelmente longo, puxado para trás das orelhas. Por trás dos óculos chifre de búfalo, olhos verdes. Não pude deixar de notar que, quando Mimi saiu do carro, ele não tirou os olhos da bunda dela.

Isso diz muito sobre o casal. Isto é, se você não notar antes a aliança gigante e brilhante no dedo anelar direito dela.

Saindo do banco da frente do Range Rover, estava uma das minhas pessoas favoritas neste planeta, Simon Parker. Cabelo preto, mandíbula bem definida, ele era o tipo de cara indiscutivelmente lindo. Não importa o seu tipo, a sua preferência, todo mundo concorda que Simon é um gato. E charmoso. Um charme ao qual sou romanticamente imune, sempre fui. Mas, ainda que nunca tivéssemos sido nada além de grandes amigos, eu sempre vou reconhecer um cara deslumbrante. E, falando em deslumbrante, a namorada dele era alta e magra e loira e maravilhosa. O tipo de garota que você quer odiar à primeira vista, mas então ela abre a boca e te ganha. Engraçada, uma mulher que toda mulher quer ser, consegue se manter no controle com o Bonitão ali, algo que a maioria das mulheres não conseguiria. Ponto para ela.

– Ei, Parker.

– Ei, Franklin. – Ele me abraçou apertado, me tirando do chão.

Dei um tapinha na sua bunda e pisquei para Caroline por sobre o ombro dele. Mimi lançou um olhar para ela, mas Caroline a ignorou. Mais pontos. A namorada de Simon sabia que não tinha com o que se preocupar.

– Olha o tamanho desse lugar, Viv – Simon falou, me pondo no chão, apreciando a vista.

– Por falar em tamanho, o que é isso, parceiro? – eu brinquei, acariciando a barriga dele.

Simon alisou a camiseta na altura do abdômen, que continuava predominantemente enxuto.

– Culpa dela. Ela faz torta para mim. O tempo todo. – Ele piscou para Caroline, que enrubesceu.

– Entendo perfeitamente. Tem uma pizza aqui tão boa quanto a do Tony, cara. Estou comendo demais. – Ergui a camiseta para mostrar a minha barriga, que também continuava predominantemente enxuta. Ainda. – Vamos correr amanhã?

– Opa, com certeza, vai ser ótimo. Eu trouxe a minha bike. Ouvi dizer que tem umas trilhas animais por aqui. Já conheceu alguma?

– Nem. Ainda não trouxe a minha bike. Preciso… Céus, que falta de educação a minha! – exclamei.

Simon e eu já estávamos subindo a escada. Me virei e vi Caroline, Ryan e Mimi em um semicírculo na entrada de carros, rindo da nossa falta de noção. Desci os degraus e corri para abraçar Caroline.

– Sou a pior anfitriã. Como você está, mulher?

– Ótima, agora que estou aqui. Estou morrendo de curiosidade de ver a casa! E, claro, você também, você sabe. – Ela sorriu e deu um tapa na minha bunda antes de alcançar Simon.

– E vocês devem ser Mimi e Ryan. Muito prazer! – falei, apertando a mão dos dois.

Ryan começou a dizer algo, porém Mimi estava prestes a explodir de ansiedade para falar:

– Ouvi dizer que, quando você herdou a casa, ela estava cheia de todo tipo de coisa! Bugigangas, quinquilharias e bastante *des*organizada, é verdade? – ela perguntou, pulando de um pé pro outro.

– Hum, sim, é verdade. Comecei a organizar os quartos de cima, mas ainda tem lixo espalhado por todos os lados e…

– Uhuuuu! – Ela deu soquinhos no ar e subiu a escada correndo, quase atropelando Caroline

na ânsia de entrar na casa.

– Ela fumou crack? – perguntei ao noivo dela, que gargalhou.

– Ela é personal organizer. A *sua casa* vai ser o crack.

– Ela vai precisar ir para uma clínica de reabilitação depois daqui.

Conduzi Ryan e os demais convidados para dentro da casa. Onde Mimi já se encontrava. Dando voltas, as bochechas rosadas de empolgação diante das pilhas e mais pilhas sedentas por atenção. E por alguém com um cinto equipado com etiquetas e canetinhas pretas.

Uma vez lá dentro, tive a súbita sensação de… inquietação? Vergonha? Enxerguei a casa como no dia em que eu chegara, suja, bagunçada. Agora que havia pessoas dentro dela, senti certo constrangimento, como se fosse eu quem tivesse feito aquilo. Não pude deixar de pensar na tia Maude; talvez ela se sentisse oprimida por esse monte de coisa e não soubesse por onde começar.

No entanto, todos eles pareceram levar numa boa. Os rapazes foram imediatamente para a janela dos fundos observar a vista e falar sobre a altura das ondas. As garotas estavam examinando tudo, a admiração evidente em suas expressões. O que me deixou feliz.

Mimi voltou a saltitar, os olhos brilhando sobre cada pilha, cada monte, cada oportunidade de restaurar a ordem e o equilíbrio. Caroline absorvia cada detalhe, cada forma, cada pedaço de madeira; ela se concentrava em cada ninharia que lhe parecia antiga e original.

– Viv, esta casa é incrível – ela sussurrou, os dedos percorrendo os intrincados entalhes do corrimão.

– Não é? Quando eu era criança, passei as férias de verão aqui uma vez e nunca mais esqueci. – Recolhi uma meia que estava no chão e a guardei na sacola da qual ela fugira. – A casa não está como na minha memória, mas ainda tem aquela alma, sabe?

– Posso ver o resto? – Caroline pediu.

Mimi espiou a sala de jantar.

– Sim, podemos ver o resto? – repetiu, pegando um dos álbuns de Johnny Mathis.

– Claro. Venham. – Gesticulei aos rapazes para que nos acompanhassem até a cozinha.

Conforme os guiei pela casa, cada um reagiu de uma maneira diferente a diferentes coisas. Caroline quase precisou ser acudida quando viu o fogão.

– Isto é um Magic Chef vintage? Está tirando com a minha cara?

Mimi quase enlouqueceu ao ver as pilhas e mais pilhas de revistas *Life* antigas.

– São dos anos quarenta! Dos anos quarenta!

Mas todos tiveram a mesma reação diante do Cavaleiro Sem Pernas – “bizarro” – e da banheira com pés em formato de garras – “incrível”. As meninas suspiraram quando viram o meu quarto e a vista que eu tinha quando acordava todas as manhãs. A brisa soprava do Pacífico, a água calma e azul como nunca. Cortinas de renda açoitavam a janela, recém-lavadas e brancas feito neve. Tudo o que esse quarto precisava agora era de uma boa mão de tinta e…

– A gente devia pintar as paredes de marfim, vai combinar perfeitamente com essa madeira deslumbrante, que precisa ser restaurada, claro. Podemos pegar o verde dessa colcha e fazer umas almofadas personalizadas. Estou pensando também num tapete bem felpudo, daqueles em que os chinelos somem. E ali na cama a gente pode…

– Menos, amor – Simon disse, abraçando a cintura de Caroline enquanto ela analisava cada centímetro do quarto, evidentemente visualizando um ambiente totalmente novo na sua cabeça.

Suas bochechas ficaram vermelhas, e ela olhou para mim.

– Desculpa, é que uma casa como esta, com esta beleza natural, é incrível, Viv. Realmente

incrível. – Caroline abriu um sorriso genuíno.

– É incrível mesmo. Fico feliz que você ache isso. Mas está precisando de uma puta reforma, ou vai cair na minha cabeça a qualquer momento. Você precisa ver o estado do telhado, da madeira da varanda… Isso sem falar no terror que é o porão. Morro de medo de acender a caldeira à noite. Aquela porra parece *O iluminado*! E o…

– Sim, sim, vamos cuidar de tudo isso. É por isso que estou aqui. Por enquanto, só queremos curtir o fim de semana e a sua casa nova. Isso é demais! – exclamou Caroline, segurando o meu ombro. Ela tinha uma pegada firme. Simon devia estar feliz. – E quero saber tudo sobre esse tal bibliotecário.

Dei risada e conduzi todos ao andar de baixo, rumo à cozinha, onde cerveja gelada, vinho e lanchinhos nos esperavam. Todos pegamos algo para beber e mordiscar e acabamos na varanda dos fundos, cada um aninhado em uma cadeira de balanço. Observando o movimento das ondas e as galinhas ciscando, eu entretive os meus primeiros convidados.

*

Depois de alguns drinques, decidimos caminhar até a cidade para comer alguma coisa. A noite estava deslumbrante; o pôr do sol criava o cenário perfeito para uma caminhada. Enquanto andávamos, os dois casais e eu, senti um repentino desejo. Não de um amasso sobre o feno, nem de uma rapidinha na porta do celeiro, embora esses pensamentos fossem inegavelmente tentadores. Não. Naquela noite, senti o desejo de ser parte de um casal saindo para uma caminhada.

Eu quis o conforto de uma mão envolvendo a minha cintura, de um toque suave na nuca, de uma palavra sussurrada. De uma mão para segurar. Eu adorava os meus livros, a paixão, o fervor. Mas sabe qual era a parte que eu mais amava? Quando o herói tomava a amada em seus braços e a beijava reverentemente.

Ai, ai.

Chutei distraidamente o cascalho conforme caminhávamos até o centro, as risadas despreocupadas do grupo me trazendo de volta ao presente. No qual eu tinha amigos novos e um antigo, embora a três horas de distância. Avistei as luzes do restaurante do John e comecei a salivar. Pizza.

Os pais de Mimi tinham uma casa em Mendocino, e ela conhecia não apenas o restaurante do John, mas o próprio John.

– Mimi! Como você está, garota? – John gritou de trás do bar, acenando para todos nós. – Seus pais estiveram aqui há umas semanas, me contaram que você vai se casar em San Francisco. Parece que vai ser um evento e tanto! – Ele saiu do balcão e se aproximou para nos cumprimentar, exclamando um “Oh” quando Mimi se jogou nos braços do corpulento cara ao lado.

– John, este é o Ryan, meu noivo – ela apresentou, entrelaçando o braço no de John e sorrindo para ele e o noivo. Os dois se cumprimentaram com um aperto de mão, e todos foram devidamente apresentados em seguida.

– De onde você conhece essa aqui? – John perguntou a Mimi, apontando o polegar para mim.

– Na verdade, nos conhecemos hoje, mas ela e ele são amigos de longa data. – Mimi apontou para Simon e eu.

– Viv, o de sempre? – perguntou John, nos levando para uma mesa de canto.

– Não sei se já venho aqui há tempo suficiente para ter um de sempre. Venho? – perguntei,

observando o cardápio. – Embora eu esteja sonhando com pizza…

– À Moda do Açougueiro? – Mimi perguntou, e eu fiz que sim com a cabeça. – Sim, vamos querer duas. Grandes. E duas canecas grandes de cerveja, a que você tiver na torneira.

Todos se entreolharam e assentiram com a cabeça. Pizza e cerveja para todo mundo.

A música tocava na jukebox, o lugar estava lotado, a comida estava maravilhosa e a cerveja abundava. Ryan era um cara fascinante, inteligente e engraçado. Simon contava histórias de suas últimas viagens, e Caroline falava sobre a reforma que os dois tinham acabado de fazer na casa nova em Sausalito. E sobre as aventuras da família felina que os adotara. Mimi? Uma figuraça. Por ter passado férias na cidade várias vezes, ela conhecia metade dos clientes no bar. E quando Jessica, após fechar o restaurante, passou na pizzaria, logo se viu na nossa mesa com uma cerveja na mão depois que Mimi literalmente a arrastou para se sentar com a gente.

Depois de dias praticamente sozinha, me senti quase extasiada. Só um pouco. Peguei a bolsa e fui até a jukebox para tomar um ar enquanto escolhia algumas músicas. Uma pista de dança havia sido aberta no fundo do restaurante, com algumas mesas a mais para quando estivesse lotado. Examinei a lista de músicas, selecionei algumas e, quando estava prestes a inserir as moedas na máquina, senti o nariz pinicar. Olhando para o lado, vi o sr. Hank Higgins sentado num banco, com a garrafa de cerveja mais sortuda do mundo posicionada entre seus lábios.

Observei a língua dele lambendo os lábios carnudos para enxugar uma gota. E os dedos percorrendo o pescoço da garrafa, acariciando-a distraidamente. A mão dele se fechando sobre o topo da garrafa e girando-a quase imperceptivelmente antes de devolvê-la ao apoio de copo. E apanhando os ovos, segurando-os em suas mãos gigantes.

Mencionei que eram ovos em conserva? Que estavam num pote no balcão? Ah, sim.

– Acho que a jukebox não funciona se os botões estiverem cobertos de baba – alguém falou ao meu ouvido, e eu me virei depressa.

Dei de cara com Jessica, que riu.

– Idiota – falei, passando ao lado dela e me recostando na outra ponta do balcão. Daquele ponto, ainda era possível admirar os ovos.

– Não passa de um cara – ela afirmou. – Falando ou não com ele, não passa de um cara.

Frustrada, passei a mão pelo cabelo. Eu não estava de tênis nem coberta de poeira. Estava com um camisão preto, um cordão fazendo as vezes de cinto; ele caía como um vestido curto em mim. No lugar dos coturnos, sandálias; com tiras até os joelhos, elas acentuavam minhas pernas curtas e grossas. O camisão estava habilmente *des*abotoado. O meu decote estava um pouco grande? Sim, estava. Dava para ver a pontinha do meu sutiã preto? Sim, dava. Eu estava incrivelmente sexy? Pra caralho.

Aquela poderia ser *a* noite. A noite em que ele passaria a me ver como algo além de uma máquina disparadora de espirros. Olhei em direção ao bar; lá estava ele. Com os seus ovos. Você consegue, garota.

Entreguei a bolsa para Jessica, que murmurou:

– Arrasa, gata.

Me aproximei dele, caminhando com todo o charme, caprichando no movimento dos quadris. Ter o domínio dos próprios quadris torna qualquer mulher mais sexy, mais *grrr*. Uma das músicas que escolhi, “I Can’t Get Next to You”, de Al Green, começou a tocar na jukebox. Caminhei no ritmo da música, percebendo o olhar do bartender e lhe lançando um sorriso atrevido. Ele sorriu no mesmo instante, os olhos grudados no meu rebolado. Estava enganada, ou a iluminação tinha mudado? O ambiente estava mais escuro, embaçado, cinzento…

– Tem alguma coisa passando do ponto, gente! – alguém gritou da cozinha, mas não importava. A fumaça e o nevoeiro conferiam um ar exótico ao bar, *à taverna, à… casa de ópio*.

A princesa olhou em direção ao mar de pretendentes, ciente de que todos os olhos se voltavam para ela. Sua pele se arrepiou, seu corpo sabia que ele estava ali – uma sabedoria primitiva. Pedaços de seda pendiam do teto, ventiladores dispersavam o ar lânguido, espalhando o aroma forte de mirra e de sândalo trazido pela brisa noturna. Havia outro aroma agora, leve a princípio, mas que se acentuava à medida que ela abria caminho por entre os homens. Homens prontos para cortejá-la, conquistar seu coração, mas ela desejava apenas um. A quem desejava entregar não só o coração, mas algo mais… Algo secreto, algo a que só ele teria direito.

Ei-lo. A multidão se separou, e ele se revelou para ela. Alto, esmagadoramente lindo, caminhava com fome no olhar e poder entre as coxas. Sombrio, perigoso, subitamente atento, ele a viu. Viu-a desejosa. Viu-a ofegante. Viu-a desejosa e ofegante e…

Loira. Peitos. Peitos grandes. Alta. Loira. Loira, alta e peituda. Enquanto eu contemplava os ovos dele, ele contemplava o vestido tamanho PP da garota tamanho M que estacionou ao seu lado. “Explodindo de entusiasmo” é a forma mais sutil de descrevê-la.

Tentei fazer uma correção de rota, algo nada simples quando se está rebolando, e dei de cara com…

– Isso já está ficando ridículo, Clark – resmunguei ao bater a cara bem na cotoveleira dele.

Clark abaixou a caixa para viagem que segurava e me encarou – ou quase isso, dados os dois olhos roxos. Tons de roxo e de verde extravasavam dos dois lados do curativo de borboleta e do esparadrapo. Ele estava vestido de um jeito mais informal, uma camiseta debaixo do blazer de tweed. Olha só. Clark Casual.

– Ai, me desculpa. Machucou muito? – perguntei, aproximando a mão do… Ei! O que diabos eu estava fazendo? Felizmente, ele afastou a minha mão.

– Por favor, não toque, Vivian. Uma visita ao pronto-socorro basta por hoje, não acha? – Ele olhou ao redor. – O que você está fazendo aqui?

– Jantando com uns amigos. E você?

– Vim buscar algo para comer. – Ele equilibrou a caixa de papelão nas mãos para ajeitar os óculos no nariz, o que devia ser uma mania, já que ele estava sem os óculos. Por causa do machucado? Ele estremeceu ao tocar o nariz e quase deixou a caixa de pizza cair. – Preciso ir – murmurou e começou a caminhar em direção à porta.

– Clark. Fique. Te pago uma bebida. É o mínimo que posso fazer por ter quebrado seu nariz.

– Na verdade, não quebrou. Só machucou bastante.

Eu suspirei.

– Dói?

– Você não imagina quanto.

– Então, a bebida é por minha conta. Vem. – Puxei-o gentilmente pelo cotovelo, conduzindo-o até a mesa.

Por cima do ombro de Clark, vi o caubói e a peituda prestes a atravessarem a porta. Ela era toda risadinhas. Ele, todo cheio de si. O caubói olhou para trás, para mim. Quando nossos olhos se cruzaram, ele sorriu. Bundão. Bundão delícia…

Mais uma chance perdida. E eu quase nunca usava vestido. Fazer o quê?

– Pessoal, este é o Clark. Clark, este é o pessoal. A Jessica, você já conhece.

Puxei mais uma cadeira e o acomodei, ao mesmo tempo que peguei a minha bolsa da mão de Jessica. Ela ergueu uma sobrancelha como quem dizia “e aí, o que deu com o caubói?”, e eu

apenas balancei a cabeça.

– Clark! O que aconteceu com você? – Jessica exclamou, arrancando a caixa de pizza das mãos dele e colocando-a numa mesa ao lado enquanto o paparicava.

O pessoal da mesa agradeceu e começou a abrir a caixa. Eu a puxei de volta e a coloquei atrás de mim.

– Está tudo bem, foi um acidente. Nada de mais – Clark disse, percebendo o meu olhar e a minha sobrancelha erguida. Ele deu de ombros e cumprimentou a todos com um aperto de mão.

– Nossa, parece que machucou bastante. Está doendo? – Jessica indagou, inclinando o corpo à frente e erguendo uma mão.

Antes mesmo que eu pudesse impedi-la e dizer que ele não queria que ninguém tocasse no seu nariz, Jessica encostou na bochecha de Clark com delicadeza e depois deu um tapinha no seu ombro. Ele não recuou, não a advertiu, simplesmente aceitou o gesto.

Então, ele não queria que *eu* o tocasse. Bem, não era de estranhar, né? Afinal, fui eu quem deu um soco nele.

– Dói um pouco, mas estou tomando analgésicos, vou ficar bem – Clark disse.

– Como você está tomando analgésico, precisa beber uma coisa leve. Aposto que bebe Perrier, não é, Clark? – provoquei, gesticulando para a garçonete.

Ele revirou os olhos.

– Moro a três quadras daqui. Acho que consigo voltar para casa em segurança. – Em vez da Perrier, ele pediu: – Uísque. Água. Sem gelo.

Meus olhos se arregalaram. Era a *minha* bebida! Quando a garçonete perguntou se alguém queria mais uma rodada, eu pedi a ela exatamente a mesma coisa. Clark tirou o blazer, e eu mais uma vez observei seus braços bronzeados. Não do tipo marombeiro com músculos brotando da camiseta, mas ele era musculoso, sim. Por falar na camiseta, era estampada com um monte de letras e números. Olhei com mais cuidado e me dei conta de que era a…

– Equação de Drake! Finalmente, um nerd da matemática pra me fazer companhia! – Ryan exclamou, estendendo o punho para cumprimentá-lo.

Meio receoso mas contente, Clark retribuiu o gesto. Pelo sorriso discreto no rosto, ele parecia mais relaxado – tão relaxado quanto alguém com um curativo de borboleta no nariz poderia estar.

– O que é a equação de Drake? – Caroline perguntou.

– É uma equação algébrica que não só calcula a possibilidade da existência de vida alienígena, como também postula a capacidade deles de se comunicar via ondas de rádio – expliquei e mordi um pedaço de pizza. – Hummm.

Só percebi o silêncio na mesa quando ouvi Clark gemer discreta, mas audivelmente. Devia ser o nariz. Olhei para o restante da mesa: as garotas sorriam para mim, enquanto Ryan e Simon pareciam impressionados.

– O que foi? – questionei. – Detesto quando acham que só porque tenho peitos sou incapaz de reconhecer uma coisa tão simples quanto a equação de Drake.

Eu curtia jogar com a percepção que as pessoas tinham de mim? Eu, cheia dos piercings e das tatuagens? Sim. Eu odiava que as pessoas fizessem prejulgamentos de mim? Sim.

Quando estava prestes a compartilhar essa pepita de compreensão viviana com o restante da mesa, Caroline, ao tentar pegar a sua bolsa, trombou em Clark, que esbarrou em mim e se virou para me pedir desculpas.

Os olhos dele encontraram os meus, e nesse instante percebi que o que eu julgara ser o mesmo

e enfadonho olhar castanho de Tom, Dick e Harry era na verdade da cor de chocolate amargo, com nuances douradas e um toque de verde. Eu nunca reparara neles, por trás daqueles óculos de armação grossa e das aporrinhações sobre a casa.

Chocolate amargo faz bem, certo?

Mas eu não queria o que faz bem. Queria aquilo que faz mal – um encontro apaixonado, sentimentos e desejos e coisas que fossem sujas, pervertidas, proibidas. Quer dizer, exceto aquela coisa que está tão na moda nos dias de hoje. Ninguém, nem mesmo o caubói, ia chegar perto da minha…

– Porta dos fundos? – Clark perguntou.

– Oi?! – disparei, engasgando com o uísque. Como ele…? Não. Eu falei em voz…?

– Deixei um bilhete na porta dos fundos da sua casa falando que passaria lá amanhã. Está tudo bem? – ele perguntou, enquanto eu continuava engasgada. – Você não deveria pedir uísque se não dá conta… mas a maioria das pessoas não consegue beber puro mesmo. Peço um refrigerante para você?

– Estou bem, estou bem. Só desceu pelo buraco errado, só isso. – Sorri e bebi um gole de água. – Deixou um bilhete?

– Sim, Vivian. Encontrei a planta original da casa. Posso levá-la amanhã, se quiser. Você precisará dela caso insista em continuar com as suas *mudanças*.

– Espera. Eu ouvi direito? Você quer me mostrar uma coisa que vai me ajudar? – perguntei, com um sorriso seco.

– O que mais eu iria querer? Te machucar? – ele rebateu, com um sorriso sarcástico e um dedo apontado para o nariz.

– Touché.

Tilintamos nossos copos, e Clark entornou o uísque. Cacete.

– Preciso ir, a minha pizza vai esfriar. Foi um prazer conhecer vocês. Vivian, nos vemos amanhã, então?

– Comece a me chamar de Viv, e temos um acordo.

Clark me lançou um olhar intrigante, depois se despediu do pessoal. Um instante após ele se afastar, Mimi e Caroline se inclinaram na minha direção.

– Amanhã? Acabou de chegar na cidade e já tem um encontro? Bom trabalho – disse Caroline, balançando animadamente a cabeça.

– Com o Clark? Ah, não. Vocês entenderam errado. Ele é o bibliotecário.

– *O* bibliotecário? – as duas repetiram em uníssono, e eu as repreendi; Clark não tinha nem chegado até a porta!

– Não fazem bibliotecários assim lá na minha terra – Mimi comentou.

– Na minha, também não – Caroline concordou.

– Não fazem bibliotecários assim em lugar nenhum. Esse é um dos motivos pelos quais a nossa cidade é tão fantástica – Jessica falou, e todas nos levantamos um pouco da cadeira para vê-lo atravessar a porta, as cotoveleiras brilhando ao luar.

– Ele é fofo – admiti, bebericando o uísque. – Mas vocês vão ver o outro lado dele. Vão ver amanhã, quando ele discutir comigo sobre algum rodapé, um azulejo ou uma quina da parede que acha que *deve* ser restaurado, mas *jamais* descartado, ou *toda a história do mundo estará ameaçada* por esse pedacinho minúsculo de alguma *porcariazinha* da qual estou tentando me livrar para tentar organizar a minha casa e colocar um pouco de ordem naquilo tudo, mas *nãããão*. Não. Clark precisa salvar o mundo! Ele precisa salvar *tudo*.

Minha voz devia ter ficado mais estridente ao final da diatribe, porque Simon e Ryan pararam de conversar. Assim como as três mesas ao nosso redor.

Olhei para eles e bebi o resto do uísque.

– Amanhã, então?

*

Depois que terminamos o jantar, voltamos para casa e nos deliciamos com cookies na varanda dos fundos, todos já estavam razoavelmente sóbrios e prontos para descansar. Eu os acompanhei até o carro e agradeci por terem vindo, e combinamos de nos encontrar na manhã seguinte depois do café. Quando meus convidados já estavam a caminho da casa de veraneio da família de Mimi, reli o bilhete de Clark que eu de fato encontrara na porta dos fundos. Se eu achava que não era possível que alguém fosse tão formal em um bilhete, tinha sido convencida do contrário.

Vivian…

Apesar do que aconteceu hoje de manhã, ainda me sinto na obrigação de aconselhá-la a respeito do seu projeto de reforma. Embora eu seja completamente contra uma reforma geral, entendo que há partes da casa que estão deterioradas e que isso lhe é insuportável. Sendo assim, tenho algumas sugestões que podem ajudá-la naquilo que pretende fazer. Posso voltar amanhã de manhã com o projeto original. Por favor, me ligue assim que puder.

Saudações,

Clark Barrow

Ah, fala sério! “Saudações”? E o papel era timbrado. Timbrado! Com o símbolo da Sociedade Histórica de Mendocino no topo – como se eu pudesse esquecer por um segundo o que ele representava.

E o que era isso no rodapé? O número do telefone dele?

Sem pensar, comecei a discar. Chamou uma vez, e ele atendeu.

– Clark Barrow.

Afe, ele atendeu dizendo o nome completo?

– Olá, Clark Barrow. É a Viv Franklin.

– Vivian? Que surpresa – ele disse, a voz mais profunda do que me lembrava. Devia ser o telefone. – A que devo o prazer da sua ligação?

O prazer. Uhhhhh, que vozeirão. Por… por que eu liguei para ele?

– Vi o seu bilhete e, sim, aceito a sua ajuda.

– Pensei que já tivéssemos combinado isso durante o uísque, Vivian – ele murmurou. Sua voz estava mesmo mais profunda do que o habitual. Grave. Não arrastada, apenas… pesada.

– Não ficou claro se você vai comparecer.

– Se eu vou comparecer? – ele disse.

Eu pressionei as mãos contra as bochechas. Estavam quentes, ou era impressão?

– Aqui. Amanhã. Se você vai comparecer aqui em casa amanhã.

– Amanhã, claro. – Ele riu. – Se você me quiser.

Hummm. O Clark Noturno era muito diferente do Clark Diurno.

– Claro. Ótimo. Dez horas? – consegui dizer, a cabeça girando um pouco.

– Perfeito.

– Ok – falei e esperei. – Tchau?

– Boa noite, Vivian.

Desliguei o telefone, balancei a cabeça, depois balancei de novo. Subi a escada, me enfiei debaixo das cobertas e pensei em uísque.

Água. Sem gelo. E saudações.

CAPÍTULO SETE

Vivian se encontrava no vão da porta, feliz e radiante, aureolada tal como um anjo pela luz que vinha de trás. Mas de angelicais, seus pensamentos não tinham nada. Ela se recusou a virar, mesmo quando o ouviu se aproximar. Os passos ressoavam, firmes e fortes. Cada passo ecoando tão alto quanto as batidas do coração dela, que, Vivian tinha certeza, ele era capaz de ouvir.

Ele se deteve atrás dela, perto o bastante para que ela sentisse o calor de seu corpo acariciando-a, uma promessa do que viria quando ele finalmente a tocasse. Essa simples promessa, esse simples calor a despiu de seu equilíbrio, de seu autocontrole e praticamente de suas roupas. A camisola de seda era leve ao toque, porém agora não passava de uma barreira, confinando-a quando tudo o que ela desejava era estar nua e livre.

Razão? Regras? Ordem? Tudo desaparecia a cada respiração contra a sua nuca, que a intoxicava e a castigava. No vão da porta, ela se contorceu, sem querer se virar para ver, mas querendo tocar, o corpo se transformando em algo irracional, capaz apenas de sentir o que quer que ele faria com ela.

E, o que quer que fosse, ela permitiria. Ela era dele.

Aquelas mãos fortes pairando sobre a sua cintura, aquelas mãos fortes envolvendo os seus quadris, aquela pele queimando-a, marcando-a como nada jamais havia feito. Quando ele a puxou para perto, ela sentiu o efeito que provocara nele, sentiu que as suas curvas o deixaram excitado, ardente de desejo.

– Vivian – ele sussurrou no seu ouvido, os lábios resvalando o seu pescoço, fazendo-a se arrepiar e gemer.

As mãos dele deslizaram pela camisola até o umbigo, traçando um caminho sob os seios fartos, que ficavam mais pesados a cada segundo, intumescidos na ânsia de serem tocados. Os mamilos se enrijeceram, marcando a seda. Ela se arqueou de encontro às mãos dele, corpo contra corpo agora, quente, incapaz de se conter. Ele gemeu profundamente no seu ouvido; ela estremeceu.

– Vivian – ele disse uma vez mais, e ela começou a se virar.

Ela precisava vê-lo, precisava ver seu rosto, o rosto desse homem que desejava havia tanto tempo.

Um relâmpago irrompeu no céu, um trovão retumbou: era a natureza ecoando a excitação dela por finalmente conhecer aquele toque. Ela se virou, continuou se virando e…

Poft!

Acordei no chão, coberta de suor e enrolada em lençóis, cobertores e uma colcha extremamente grossa. Meu coração estava disparado, e não era para menos. Tinha acabado de ter um dos sonhos mais eróticos de todos; minha cabeça ainda estava cheia de imagens evocadas pelo meu subconsciente.

A Viv Subconsciente estava extremamente lasciva. A Viv Quase Consciente não tinha absolutamente nada contra isso.

Me debati para me desvencilhar do casulo, até que finalmente consegui me livrar das cobertas. Me arrastei de volta para a cama e afastei as cortinas. Um princípio de aurora no céu. Olhei para o relógio. Nem cinco da manhã. Ugh.

Não via a hora de entrar no fuso da Califórnia. Não via a hora de dormir uma noite inteira. Mas, principalmente, não via a hora de que os meus sonhos eróticos fossem substituídos por sexo

de verdade.

Me recostei nos travesseiros. Vez ou outra, eu tinha sonhos em que me projetava no meu próprio romance, sonhos sem dúvida estimulados pela leitura, na noite anterior, de alguns capítulos de *O lobo de Sex Street*. No entanto, diferentemente dos romances, em que eu visualizava o herói claramente na minha cabeça, nos sonhos era sempre um amante misterioso que eu nunca distinguia perfeitamente. Vestígios de lábios carnudos, mandíbula bem definida, um pau gigantesco, claro, mas eu nunca via o rosto dele.

Peguei a colcha do chão e me aninhei feito um tatu-bola, tentando afastar da mente esses amantes sem rosto. À luz do dia, um amante sem rosto não tinha nada de sexy; na verdade, era bem assustador.

A não ser pelo pinto gigantesco. Quem se importa com um rosto quando se tem isso?

A menos que esse rosto esteja enterrado no meio das minhas pernas…

Controle-se, Viv!

Isso, controle aquela cabeça, posicionando-a no ponto certo enquanto ele…

Sem rosto, não haveria boca. Sem boca, não haveria língua.

Bom argumento.

Todas as heroínas conversam sozinhas? Era por isso que eu nunca seria a personagem principal de um romance. A insanidade não deixava.

Desci a escada para preparar algo para o café. Estava determinada a começar a cozinhar, mas o fogão Magic Chef pelo qual Caroline se apaixonara era obsoleto e insuportável. Não dava para simplesmente ligá-lo e cozinhar. Não. Você tinha que ligá-lo, sacudir o manípulo e convencer a chama a se acender. Se não desmaiasse depois de inalar tanto gás antes de isso acontecer, aí sim, uma hora depois, você teria água fervente. O que não fazia o menor sentido, já que fogões a gás são incrivelmente eficientes. Devia ter algo entupindo o fogão, ou estava sujo por dentro, ou estava velho e acabado. O que parecia ser a regra na casa.

Eu também estava decidida a fazer o meu próprio café. O percolador sofrera um infeliz incidente quando eu o arremessara no jardim, quase decapitando uma galinha. Ele agora ficava na garagem. Eu tinha encontrado uma antiga prensa francesa em meio ao lixo do porão, lavara-a várias vezes, e ela estava funcionando muito bem. Então, assim que tivesse água fervente, eu poderia fazer café. Enquanto esperava, fui à varanda dos fundos com uma banana e me aninhei numa das cadeiras de balanço, a camisola esticada sobre os joelhos.

Nunca fui uma pessoa matutina, mas ultimamente a manhã vinha sendo uma das minhas partes preferidas do dia, embora as minhas manhãs estivessem começando mais cedo do que eu gostaria. Talvez fosse o fuso ainda, ou o ar fresco; o fato era que eu estava dormindo mais pesado e mais rápido e acordando com disposição para começar o dia.

O mar estava calmo e tranquilo. Gaivotas sobrevoavam a água aqui e ali, pelicanos flutuavam preguiçosamente e então mergulhavam feito mísseis para capturar algum peixe.

Achei que me sentiria mais… *acabada* por ter vendido a empresa. Eu tinha me enterrado no trabalho por tanto tempo que ele se transformara no meu mundo. Por que eu não estava arrasada?

Em vez de me sentir triste ou desanimada ou em dúvida quanto à minha decisão, sentia o oposto. Não tinha ideia do que estava fazendo em Mendocino, do motivo por que queria ficar, ou do que seria essa nova vida. Só sabia que eu estava… contente. Satisfeita com essa mudança de direção e empolgada por não saber para onde estava sendo levada. Fazia muito tempo que não vivia uma aventura.

Por falar em aventura, a chaleira estava apitando. Corri até a cozinha, coloquei parte da água

quente numa tigela com aveia e o resto na prensa francesa e comecei a cortar algumas frutas. Framboesas, mirtilos e um pêssego gordo foram para dentro de uma tigela com algumas gotas de limão e uma pitada de açúcar. Descobri que comia mais frutas se fizesse uma salada com elas.

Depois, verifiquei a aveia. Macia. O café. Coado. Perfeito.

Despejei algumas colheres de aveia em outra tigela, acrescentei um pouco das frutas, umas gotas de mel, uma colherada de creme e uma pitada de canela. Pressionei o êmbolo da cafeteira e observei conforme os grãos eram prensados no fundo e o café escuro subia. Servi um pouco numa xícara e me sentei à velha mesa da cozinha. Enquanto comia, olhei ao redor.

Não sou nenhuma designer de interiores, mas sei do que gosto. Sempre fui atraída por um visual, uma atmosfera mais industrial, uma coisa moderna, clean. Talvez pelo fato de ter crescido numa casa cheia de moleques que estavam sempre fazendo uma zona. Nossa casa era grande, verdade, mas era abarrotada de equipamentos esportivos e bonecos de super-heróis. Discos de hóquei, Comandos em Ação, peças de Lego (você não imagina quanto dói pisar descalça em uma). Cartazes e pôsteres dos eventos beneficentes da minha mãe, objetos de decoração com tema francês, coleções de perus de pedra, caixas e mais caixas cheias de miniaturas. Bolas de futebol, bolsas de academia, miniaturas de carro do meu pai, lições de casa, papéis… Uma família de oito pessoas acumula muita coisa. Então, quando fui morar sozinha, tomei o rumo contrário.

Cromo. Vidro. Sofá e cadeiras de couro preto. Linhas claras. Ângulos retos. Quinas espessas. O meu escritório em casa consistia em quatro monitores e uma mesa Lucite com cadernos lotados de equações. Minha cama? Plataforma. Mesas de cabeceira suspensas. Luminárias embutidas. Tudo no lugar, organizado.

Dizem que a casa reflete a personalidade do dono, e a Oprah diz que a nossa casa deve “se levantar para nos receber”. Eu só queria poder entrar, encontrar o que estava procurando e tocar o meu dia.

Essa casa? A Cabana de Veraneio? Ela recebia você de pé, sim, e dizia: “Ei, o que quer que você esteja procurando, acho que temos por aqui. Em algum lugar. Só preciso procurar nessas caixas. Aposto que vamos encontrar”.

A desordem, a bagunça, o caos – eram além da conta. Porém. Tinha algo de aconchegante.

A cozinha, por exemplo. Enorme, ainda mais considerando a idade da casa. Normalmente, as cozinhas de casas antigas eram pequenas e eficientes. Essa estava entupida de “coisas”, mas era aconchegante. Através da enorme e luminosa janela na parede de trás, dava para ver o celeiro e a garagem, as flores do jardim e o mar. A metade inferior das paredes era revestida pelo que Caroline chamara de lambril, maltratado e desgastado em alguns pontos, mas ainda em ótimo estado. Os velhos balcões estavam cobertos de riscos e manchas, mas me faziam pensar nos cem anos ou mais de mulheres que se reuniram aqui, cortando e fatiando e rindo e conversando enquanto preparavam mais um jantar de Ação de Graças. Havia três – isso mesmo, três – liquidificadores nesses mesmos balcões, nenhum dos quais funcionava. Mas quantos milk-shakes eles não tinham preparado para as crianças que viviam correndo pela casa? Eu tinha sido uma delas?

O chão estava riscado e fosco, mas eu não tinha dúvida de que houvera um tempo em que ele era encerado até ficar brilhante. As paredes eram de um amarelo desbotado, porém cheias de cartazes antigos com propagandas de farinha, sabão e peixes congelados.

Era um lar. E, apesar de muito limpo e organizado, o meu apartamento na Filadélfia nunca fora um lar. Era um lugar onde eu dormia, só isso.

Pensamentos profundos para uma tigela de aveia. Mas uma aveia deliciosa. Comi outra colherada.

A tia Maude devia estar tramando algo. O Cavaleiro Sem Pernas era demais, mas talvez nem tudo devesse ser escondido da vista. *Hum. Vamos ver.*

Chega de introspecção. Terminei o café e troquei de roupa. Estava torcendo para que Caroline tivesse alguma ideia fodástica para reformar a casa que envolvesse derrubar uma parede ou algo assim.

Eu poderia me frustrar com esse sonho?

Eu disse *chega* de introspecção!

*

– Então, o que exatamente você quer que eu faça hoje? Você fica me chamando de reforço. Por quê, hein? – Caroline perguntou enquanto vistoriávamos a casa novamente.

Simon e Ryan tinham deixado as garotas na casa e ido praticar windsurfe. Eu queria morrer por não estar lá com eles; sempre quis experimentar windsurfe. Em vez disso, estava dentro de casa durante um dia lindo, falando sobre estampas florais e sofás. Mas a ajuda era bem-vinda.

– Você é meu reforço porque é você quem vai falar para o Clark quando ele estiver passando do ponto. Quando for pra ele calar a boca e me deixar fazer as mudanças que eu quero – expliquei, batendo o pé.

– E que mudanças exatamente são essas?

Respirei fundo. Depois, fiz uma careta. Em seguida, respirei fundo mais uma vez. Ainda com a careta.

Caroline pareceu achar graça; eu parecia um peixe fora d'água sem a menor ideia de como respirar.

– Não sei ao certo. Mas fico emputecida de saber que ele pode simplesmente aparecer e me dizer que não posso fazer isso ou aquilo! – Lembrei do dia em que ele apareceu pela primeira vez e começou a discutir comigo sobre a balaustroda-se. – A verdade é que eu amo essa casa. Amo *tudo* nessa casa. Mas ela não vê uma reforma há anos e, se eu vou morar aqui, ela precisa ser introduzida à era moderna. Até as coisas mais fundamentais estão caindo aos pedaços… O telhado é um queijo suíço. Eu tive sorte de não ter chovido mais desde a primeira noite, mas, da próxima vez que chover, vai ser um festival de goteiras de novo. E a varanda frontal está podre… Afundei no assoalho no dia em que cheguei, e dá pra perceber que está podre quando você caminha por ela.

Caroline assentiu.

– Sim, eu senti o assoalho ceder hoje. Mas isso é simples. O Clark não pode concordar que você seja engolida pelo chão da varanda toda vez que chegar em casa.

– Hunf. Veremos. Ei, onde está a Mimi?

– Hum, ela está muito silenciosa desde que foi para o andar de cima – Caroline disse, se aproximando do pé da escada. – Mimi?

– Nada – foi a resposta.

– Mimi, o que você está aprontando?

– Nada. – A resposta foi seguida de um baque. – Está tudo bem.

– Ai, ai, ai. É melhor eu subir e ver o que ela está fazendo. Uma vez, eu a deixei sozinha no meu banheiro; minutos depois, meus batons estavam organizados por ordem alfabética e cor.

Caroline subiu a escada, e eu balancei a cabeça. Embora parte de mim considerasse uma boa

ideia, os meus dois batons já estavam organizados por cor. Rosa Bebê e Vermelho Arrasa-Quarteirão. O rosa para primeiros encontros. Vermelho para você sabe o quê.

Peguei uma vassoura, decidida a varrer a poeira que surgia aparentemente do nada e resolvia dar uma festa toda noite enquanto eu dormia. Esses pisos eram tão velhos que produziam a própria poeira. Suspirando, me inclinei para recolher outro bolo de poeira, quando ouvi um barulho atrás de mim.

Eu me virei e vi Clark. Curativo no nariz, a maleta de mão suspensa no ar como se estivesse prestes a bater na porta. Bem atrás de mim, ele tinha uma visão perfeita da minha bunda.

Me levantei devagar, imaginando qual Clark tinha vindo hoje. Clark Noturno ou Clark Diurno?

– Vou amarrar um sino no seu pescoço, pra você parar de aparecer de fininho – falei, caminhando em direção à porta de vidro.

– Eu trouxe broinhas. Você gosta de broinha? – ele perguntou, erguendo a sacola para que eu pudesse ver que eram realmente pequenas broas.

Não contive uma risada. O sorriso que ele abriu literalmente me tirou o fôlego. Por um instante, Clark me fez lembrar de alguém. Mas essa pessoa não estava clara, não estava palpável na minha mente; tudo bem, porque naquele exato momento eu queria apalpar outra coisa…

– Vivian, eu realmente espero que você não esteja pensando em remover aquela peça da lareira. Vi o pedaço de mármore jogado de qualquer jeito no chão. Preciso lembrá-la que as lareiras desta casa são todas originais, até o azulejo no…

– Ah, Clark, enfia uma broinha na boca e entra aqui. – Soltei um suspiro e segurei a porta aberta.

Ele pôs as broinhas e a maleta de lado e inspecionou o tão ofensivo pedaço de mármore.

– Ufa, só precisa de um reparo simples. Você precisa tomar mais cuidado quando…

– Ah, nem vem, ele se soltou na minha mão! Eu só me apoiei nele quando estava no telefone um dia desses e…

– Eu diria que você não tem consciência da própria força, mas, com base nisto – ele apontou para o nariz –, sei que a verdade não é bem essa.

Ele estava de óculos, embora provavelmente eles o estivessem machucando.

Controle-se, Viv.

– Aceita um café? – perguntei, interrompendo algum discurso sobre a arquitetura da virada do século. Uma expressão que sempre me confunde, confesso, já que o século virou duas vezes desde que as pessoas começaram a usá-la… Qual século, então? Uma dúvida que não seria compartilhada naquele momento.

A boca dele estava entreaberta. Eu me aproximei, empurrei o queixo dele para cima e a fechei. Depois, me virei e fui para a cozinha.

– Vem, Clark. Espero que goste de café forte.

Ele murmurou algo, mas me acompanhou. Apenas para constar, sabe o que ele murmurou?

– Você não imagina quanto.

*

Caroline estava ali para me apoiar, para concordar comigo, para ficar ao meu lado e assegurar que Clark não causasse muitos problemas… certo?

Não foi bem o que aconteceu.

O que, *sim*, ocorreu foi que os dois viraram melhores amigos que não paravam de falar sobre

tampinhas de garrafa, salão de baile e balaustroda-se.

As coisas começaram bem. Todos concordamos que quanto ao telhado não havia discussão, especialmente depois do meu discurso (previamente ensaiado) sobre como a água da chuva poderia estragar uma sala de estar já bastante estragada. Clark aceitou que um novo telhado era necessário; ele apenas observou que o eixo visual deveria ser mantido e as calhas de cobre, substituídas.

Tivemos grandes avanços em direção a um cessar-fogo definitivo quando passamos para a varanda frontal – e quase tivemos uma reconstituição da minha queda quando Caroline pisou na tábua solta. Mais uma vez, Clark me surpreendeu e me impressionou com a sua capacidade de fazer concessões. Ele foi pé no chão; na verdade, o pé dele quase atravessou o chão, o que não poderia ter acontecido num momento melhor: quando eu comentava que as grades e as cornijas eram um tanto rococós para o meu gosto. Embora eu amasse a casa, queria colocar o meu estilo nela, ainda que nos detalhes. Quando Clark começou a resistir, Caroline sabiamente interveio com uma sugestão que, embora fosse de época, era um pouco menos vitoriana. No final, ele concordou que as mudanças cairiam bem na varanda.

As coisas começaram a sair dos trilhos quando fomos para o andar de cima. Clark se debruçou sobre um armário do corredor que eu não tinha conseguido abrir, e algo se soltou. Um tranco, um puxão e um empurrão depois, a madeira deslizou para cima.

A casa tinha um elevador de comida. Ou de roupa suja. Ou de bonecas. Movemos o elevador para cima; estava cheio de bonecas sentadas em um silêncio psicótico. Entre as bonecas, havia uma tampa de garrafa velha.

– Caramba! É uma tampa de Nesbitt’s! Sabe de quando é isso? – Clark exclamou.

– O que é Nesbitt’s? – perguntei.

– Meu Deus, eu amava Nesbitt’s! – disse Caroline. – A de laranja era a favorita da minha mãe. Hoje é difícil de encontrar, mas eu lembro de quando era criança.

– O que é Nesbitt’s? – perguntei mais uma vez.

– Já tomou a de limonada com mel?

– Ah, é uma empresa que faz limonada? Tipo a Country Time? – indaguei.

– Não! Eu nunca achei! – Caroline respondeu.

O corredor de repente ficou muito apertado, e caminhei até o lado do Cavaleiro Sem Pernas.

– Dá pra comprar on-line – Clark comentou.

– Deve ser coisa da Califórnia, né? – perguntei, mas nenhum dos dois respondeu.

Acabei conseguindo afastá-los da tampinha e do elevador de comida, que eu imediatamente livrei das bonecas. Quem no mundo precisava da imagem de um monte de bonecas escondidas dentro das paredes de uma casa velha? Imagem que agora estava gravada na retina. Feliz Natal para você também.

Mas isso não passou de algo estranho. As coisas começaram a se revelar mesmo quando voltamos para o andar de baixo.

Clark começou a contar que, no projeto original da casa, havia um espaço reservado para um salão de baile. No entanto, por falta de recursos ou de interesse, ou simplesmente porque naquela época a região não recebia muitos eventos (opinião pessoal de Clark), o salão foi descartado. Ainda assim, naquele tempo, se a família pertencesse à alta sociedade, bailes faziam parte do calendário social. E salões eram construídos. Essa revelação nos levou a um grande debate, principalmente entre Clark e Caroline, sobre a era de ouro de San Francisco e as festas e bailes que se davam nas mansões antes do grande terremoto de 1906 e do posterior incêndio que

devastou a maior parte da cidade. Ouvi com certo interesse a discussão, mas passei a maior parte do tempo cutucando a tinta lascada do batente no qual estava escorada. Clark chamou a minha atenção todas as vezes que me viu fazendo isso, até que a coisa virou uma brincadeira: quantas lascas eu conseguia puxar antes de ele me reprimir? Infantil, eu sei, porém mais interessante do que ouvir aquela chatice.

O que me leva ao que realmente cutucou a minha curiosidade.

Se você conhece um pouco sobre casas antigas, sabe que elas são bem compartimentalizadas. Proprietários da década de 1890 jamais teriam apreciado a ideia de "conceito aberto". As cozinhas eram e deveriam ser separadas da sala de jantar, e não só para o caso de haver empregados servindo. Mesmo as casas pequenas eram construídas assim. As mulheres cozinhavam, os homens liam o jornal, as crianças andavam em coisas que não exigiam cinto de segurança nem capacete, tudo isso em espaços separados da casa. E então a família se reunia na sala de jantar, totalmente protegida dos fedores e da fumaça que o processo de cozinhar gerava naquele tempo. Uma porta vaivém entre os dois ambientes facilitava a movimentação, ao mesmo tempo que escondia a bagunça.

Eu sugeri remover não apenas a porta vaivém, mas a parede inteira entre os dois cômodos, o que permitiria a entrada de mais luz e conferiria maior versatilidade ao espaço.

Eu assistia a programas de decoração; sabia do que estava falando.

Já *reality shows*, eu nunca assisti e, por isso, não sabia nada sobre alianças. Mas estava vendo uma se formar bem diante dos meus olhos. Clark e Caroline se aliaram na sua determinação de salvar a porta vaivém e de nunca mais, repito, *nunca mais* permitir que se tocasse no assunto demolir uma parede da Cabana de Veraneio.

Sobre essa última parte? Nunca permitir e tal? Releia-a imaginando Charlton Heston na sua melhor interpretação de Moisés.

Eu estava em minoria, rendida e sem Moisés para me salvar.

Meu reforço tinha passado para o lado do bibliotecário, que agora o conduzia pela escada até o local da Batalha da Balaustrada.

– Não. Nem vem. Você não vai convencê-la a salvar esse corrimão decrépito – eu falei, entrando na frente dos dois e parando diante de Clark.

Ele me ignorou e se virou para Caroline.

– Este corrimão foi feito à mão por Jeremiah Woodstove e é um dos poucos remanescentes deste estilo.

Caroline exclamou oooohs e aaaahs.

Bati com força no maldito corrimão, que balançou.

– Está caindo aos pedaços. Está balançando, um perigo! Outro dia, uma lasca entrou na minha pele! Está vendo? – Coloquei a mão debaixo do nariz de Clark, que arregalou os olhos. Talvez porque, da última vez que minha mão esteve tão perto, sangue foi derramado.

– Não acho que uma lasca seja motivo para destruir a balaustrada inteira. – Ele examinou a minha mão. – Mas sinto muito pela lasca.

– Não foi nada de mais. E eu não disse que quero tirar tudo. Só as partes bambas.

Ergui os olhos para Clark e me dei conta pela primeira vez de quanto ele era alto. Tudo bem, isso se devia em parte ao fato de ele estar um degrau acima, mas ele era um homem alto e ponto. Um homem alto com o nariz quebrado.

– E me desculpe pelo seu nariz, caso eu tenha esquecido de falar isso antes – sussurrei.

– Sim – ele sussurrou de volta, com um sorriso discreto. – Você esqueceu mesmo.

– Bem, estou pedindo desculpas agora.

Notei que Mimi estava no topo da escada, observando tudo como um rato. Caroline tinha recuado e agora se achava no primeiro degrau, olhando para cima.

Sorrindo.

Ugh.

– Mimi, preciso de alguns minutos para organizar as minhas anotações. Por que você não vem me ajudar? – Caroline sugeriu, e Mimi saltitou pelos degraus.

Quando passou por mim, ela disse:

– Eu reorganizei o armário de roupas de cama e o closet do corredor; as roupas da sua tia que você tinha empilhado estão em caixas separadas por cor e estação. De nada.

As duas desapareceram, e eu voltei a olhar para Clark.

– Você conhecia bem a minha tia?

– Mais ou menos. Eu a ajudei a conseguir um subsídio algum tempo atrás, que ela usou para consertar algumas coisas por aqui. Mas ela meio que se isolou nos últimos anos. – Ele apontou para uma pilha de coisas em que eu ainda não tinha tocado. – Eu não fazia ideia. A coisa não estava tão grave na última vez que estive aqui.

– Ao que parece, ninguém sabia que estava tão grave. Eu não vinha aqui desde que era criança, e a casa com certeza não era assim naquela época.

– Vocês eram próximas?

– A tia Maude e eu? Não, fazia anos que eu não falava com ela. – Comecei a descer os degraus, e Clark me acompanhou.

– Estranho, não acha?

– Estranho?

– Que ela tenha deixado a casa para uma pessoa que mal conhecia. Não me entenda mal…

– Não. É estranho mesmo. A minha família e eu estamos tentando entender isso desde que recebi a ligação do senhor Montgomery. O máximo em que consigo pensar é que ela sabia que eu amava esta casa e seria a única da família que provavelmente não a venderia.

– E você não tem irmãos e irmãs que ficaram com dor de cotovelo?

Era a primeira conversa de verdade que tínhamos.

– Irmãs, não. Só irmãos. Cinco. Mais velhos. E nenhum deles queria a casa. Bem, digamos que alguns ficaram meio pê da vida por não poderem embolsar uma grana com a venda dela. Acho que… Cadê você? – Olhei para trás.

Clark tinha se detido ao pé da escada.

– Você tem cinco irmãos mais velhos?

– Sim.

– E todos moram na Filadélfia?

– Sim. Por quê?

– Por nada. – Ele correu até o meu lado e empurrou a porta vaivém. – Damas primeiro.

Passei por debaixo do braço de Clark e o encarei.

– Está tudo bem, Clark? Parece meio pálido.

– Deve ser o nariz – ele disse e me seguiu cozinha adentro.

*

– Bem, essas são as minhas recomendações por ora, Viv, dado o pouco tempo que tive. Acho que a maior parte do que você quer fazer para deixar a casa mais confortável pode ser realizada sem

mudanças significativas na estrutura. – Caroline se achava sentada à mesa da cozinha, com o bloco de anotações aberto, referindo-se a ele vez ou outra conforme nos mostrava um plano inicial de reforma.

Clark e eu escutávamos atentamente, interrompendo-a poucas vezes.

– Quanto a você, Clark, sei como se sente em relação a esta casa e compartilho com você a preocupação estética de manter essas casas antigas intactas. No entanto, a minha amiga Viv precisa viver aqui, não ser a zeladora de um museu. Você vai precisar ser flexível, certo? – Ela apontou um dedo para ele.

Lancei um olhar convencido para Clark, até que Caroline apontou o dedo para mim.

– A casa é patrimônio histórico, e ele é o responsável. Então, se você quer que ela continue assim, e você quer, acredite em mim, vai precisar trabalhar com ele. Certo?

Foi a vez de Clark me dirigir um olhar de satisfação. Hunf.

– Vou deixar o nome de três empreiteiros da região com os quais já trabalhei, todos confiáveis. E, chegando no escritório, vou preparar uma lista de algumas coisas que necessitam de reparo imediato, como o telhado e a varanda. Peça um orçamento para cada uma dessas coisas, e a gente parte daí. Tudo bem assim? – Caroline fechou o bloco de anotações.

– Acho que sim. Quanto eu te devo?

– Nem um centavo. Eu estava louca para escapar um fim de semana. Apenas me prometa que, na próxima vez que eu vier, vou ter um quarto. – Ela sorriu, e eu a abracei. Caroline era uma garota bem legal. – E, Clark, você disse que tem cópias do subsídio que a tia dela recebeu, certo? Pode me enviar?

– Claro. Sei exatamente onde estão – ele disse, fechando sua maleta.

– Sistema decimal de Dewey, certo? – brinquei.

Ele me lançou um olhar malvado.

– Não zombe do sistema, Vivian.

– Eu? Jamais – falei, levantando e caminhando até a geladeira. – Quem quer uma cerveja?

– Manda! – uma voz grave gritou do outro lado da porta de tela, e todos nos viramos.

Simon e Ryan tinham voltado do windsurfe, molhados e sorridentes.

– Brrrr, vocês não estão com frio? – Mimi perguntou, correndo para o quintal com algumas toalhas que eu tinha dobrado.

– Que nada, é refrescante – Ryan respondeu, batendo o queixo.

– Não parece muito refrescante. Não querem um café? Posso fazer um rapidinho. – Olhei para o fogão Magic Chef. – Em uma hora, está pronto.

– Não precisa. Uma cerveja vai bem – afirmou Simon, abrindo o zíper da roupa de mergulho e se enxugando com a toalha.

Caroline soltou o bloco de anotações. Ai, Deus. E Mimi? O que ela estava sentindo agora definitivamente não era refrescante. Peguei duas cervejas e, com os olhos fechados, levei até a porta da varanda.

– Alguém pega aqui. Rápido – pedi, rindo ao ouvir o guincho de Mimi. – Clark, quer uma? – Ouvi a risada dele atrás de mim ao ver Caroline com a cara coberta de roupa de mergulho molhada. Sim.

– Não, não, preciso ir. Vai saber aonde isso vai parar – Clark disse, ainda rindo.

– Eu te acompanho.

Nós nos esgueiramos por entre os casais na varanda, que se despediram de Clark. No caminho até o carro dele, notei-o espreitando a garagem.

– Você sabe do carro? – perguntei.

– O Bel Air? Ah, sim, esse carro é uma lenda aqui na cidade. Cresci vendo-o para lá e para cá. Não é o tipo de carro que se esquece.

– Eu nem entrei direito na garagem. Você não faz ideia de quanto lixo tem lá. Mas, pelo que vi, é um baita carro.

– Sabe, a Maude provavelmente fazia a manutenção na Brady's Auto. É onde todo mundo da cidade leva o carro. Aposto que eles têm todos os registros das manutenções que ela fez. – Chegamos ao carro de Clark; ele guardou a maleta dentro e se recostou na porta. – Se você quiser, posso ligar para eles, ver se ainda têm os registros.

Ele sorriu para mim, e eu retribuí o sorriso tímido.

– Não precisa se incomodar, Clark. Mas é fofo da sua parte.

– Não é nenhum incômodo, sério.

– Não é só um pretexto para poder dirigi-lo? – provoquei. Como eu pude achar que o cabelo dele era simplesmente castanho? No sol, era cor de avelã, com notas avermelhadas e mel. Os fios estavam ligeiramente ondulados por conta do ar salgado, afastando-se do seu rosto. – Você quer pôr as mãos naquele volante, hein?

– Bom, já que você tocou no assunto, eu…

A voz de Clark foi interrompida pelo ruído estrondoso da caminhonete bestial de Hank triturando o cascalho conforme dava a volta pela casa.

Hank desceu da caminhonete com uma leveza impressionante, do tipo que só alguém que sabe exatamente do que o próprio corpo é capaz possui. O cabelo loiro estava puxado para trás, alguns fios rebeldes caindo livremente sobre o rosto. Ele tirou a camiseta e pegou algumas maçãs na caminhonete. Ergueu a cabeça, cruzando brevemente seu olhar com o meu, e se dirigiu para o celeiro. Mas ao notar que eu estava conversando com Clark?

Deu meia-volta e passou a caminhar na nossa direção. Clark se empertigou e deu um passo quase imperceptível para mais perto de mim. Hank cravou os olhos em mim, percorrendo o meu corpo da cabeça aos pés de um modo que me fez engolir ruidosamente. Era isso ou babar; eu estava literalmente salivando.

Ele parou a menos de trinta centímetros de mim. E continuou me encarando do jeito que só homens bonitos de verdade são capazes, ciente de que a sua presença bastava. Então abriu a boca para falar, finalmente começando uma conversa comigo!

– Qualé, Viv?

O homem era um poeta. Eu fiquei sem palavras. Mentira, tinha uma:

– Qualé?

Ele abriu um sorriso cheio de si, e eu juro por tudo o que é mais sagrado que um raio de sol irrompeu por entre as nuvens e brilhou exatamente sobre ele, destacando o relevo do seu rosto perfeito, mostrando-me que a beleza tinha nome, e era Hank.

– Ah, pelo amor de Deus – escutei atrás de mim.

Me virei e vi que Clark estava olhando para nós dois com uma expressão de desaprovação.

– Me desculpe, Clark. Você conhece o Hank? – perguntei, saindo do caminho enquanto os dois se mediam.

– Claro que conheço. Cidade pequena, esqueceu? Como vai, Hank?

– E aí, Clark? O que aconteceu com a sua cara? Bateu numa porta de novo? – Hank perguntou, fazendo malabarismos com as maçãs.

– Não, não bati numa porta, eu…

Hank o interrompeu:

– No último ano do ensino médio, esse cara aqui bateu com a cara numa porta de vidro. Quebrou o nariz e o vidro. Foi hilário! Cara, aquela festa foi demais, hein? Todo mundo estava lá. Até o Clark! Acho que eu nunca tinha te visto numa festa, e, bem quando você aparece, dá de cara na porta! Eu racho o bico até hoje!

Clark deu uma risadinha.

– É. Muito engraçado – ele disse, mas não havia a menor expressão de graça no seu olhar.

Senti que devia rir também, já que os dois estavam rindo. Mas não consegui.

Alguns segundos se passaram, e Hank era o único a continuar rindo. Ele finalmente parou de lançar as maçãs no ar e disse:

– Trouxe para os cavalos. Quer tentar dar pra eles? – Ele me jogou uma maçã, e eu a peguei.

– Claro, só um segundo. – Me virei para Clark. – Obrigada por ter vindo. E obrigada de verdade pela ajuda com a casa.

Ele me olhou com frieza.

– Por favor, me mantenha informado sobre os orçamentos e me consulte antes de fazer qualquer alteração definitiva.

Eu pisquei. Tínhamos voltado a esse estágio?

– Vem, Viv! – Hank chamou, tomando a direção do celeiro e me acenando com um dedo.

– Espero que aproveite a visita dos seus amigos, Vivian – Clark falou antes de entrar no carro e partir.

Atravessei o jardim em direção ao celeiro e notei que os quatro na varanda me observavam em silêncio enquanto eu seguia Hank. Nunca cheguei ao celeiro, no entanto: comecei a espirrar e não parei por quase dois minutos.

CAPÍTULO OITO

Naquela noite, eu e meus amigos fomos jantar na casa da família de Mimi. Comemos, bebemos, brincamos de Pictionary (esses quatro ficavam estranhamente ferozes quando estavam jogando), passamos uma noite deliciosa.

Na manhã seguinte, eles passaram em casa antes de voltar para San Francisco. Trouxeram pãezinhos da padaria da cidade, e eu coloquei a prensa francesa para trabalhar mais uma vez. Eu tinha encontrado uma lona velha na garagem, e, antes de partirem, os rapazes me ajudaram a amarrá-la sobre o telhado. A previsão para a semana era de chuva, e eu não queria passar mais uma noite carregando baldes de um lado a outro da sala de estar. Amarramos bem a lona, que parecia uma boa solução até que o telhado fosse substituído.

Estávamos do lado de fora, próximos ao Range Rover, todos se preparando para partir, Mimi falando sem cessar sobre parar no caminho para comer bacon.

– Acredite, Simon, é o melhor bacon do mundo. Pergunta pro Ryan. Sempre faço ele parar lá quando a gente vem para cá.

– Aprendi que não devo discutir com essa aí – Simon brincou, apoiando um braço no meu ombro. – É muito legal ter você por aqui, Viv. Você tem que nos visitar em Sausalito qualquer dia desses.

– Eu topo, só preciso ajeitar as coisas aqui – falei, apoiando a cabeça no ombro dele. Eu sentia saudades dos meus irmãos, e saber que Simon estava a poucas horas de distância caso eu precisasse dele me deixava feliz. Dei um tapinha na sua bunda e me aproximei da sua namorada. – Não tenho palavras pra agradecer tudo o que você fez, Caroline, apesar de você e o Clark terem ficado amiguinhos demais pro meu gosto.

Ela ergueu uma sobrancelha para mim.

– Ah, ele é terrível – disse, fingindo se enforcar. – Ele não é bem o monstro que você pintou.

– Ele é legal, só um pouco travado demais para mim. Mas ele me mantém focada. E eu gosto de deixá-lo sem graça. Vou mandar uma mensagem mais tarde perguntando se ele quer me ajudar a pintar a casa de laranja neon.

– Você meio que não presta, sabe disso, né? – Caroline riu e me puxou para um abraço.

– Meio?

– Viv, se precisar de mais alguma ajuda com a organização, me avisa, tá? Deixei um cartão e uma tabela de preços em cima da mesa de jantar, com desconto, claro, já que somos amigas agora. Quando estiver com tudo pronto para começar a organização de verdade, me liga, hein? – Mimi disse enquanto Ryan a ajudava a se acomodar no banco de trás.

– A cabeça, querida – ele falou. – Foi um prazer te conhecer, Viv. A gente vem pra cá algumas vezes por ano, vamos nos ver de novo, com certeza. Você vai ao nosso casamento, não vai?

– Que ótima ideia! – exclamou Mimi. – Ah, Viv, você tem que ir! Ryan, foi a melhor ideia que você já teve! Vai ser o casamento mais lindo de todos! E você pode…

Ryan fechou a porta e deu a volta no carro. Assim que ele abriu a outra porta, escutei:

– … e o bolo vai ter sete andares, acredita? Todos os empregados vão usar preto, eu vou ser a única de branco, claro, e…

Caroline disse a Simon:

– Vamos comprar esse bacon logo… Temos três horas de viagem. – Ela se sentou no banco do passageiro, deixando Simon e eu ali.

– Aula de windsurfe da próxima vez? – ele perguntou.

– Sim. Agora, dá o fora daqui.

Simon entrou no carro, e eles partiram, Mimi acenando empolgadamente para fora da janela. Eu ri e então entrei em casa. Estava bem silenciosa agora. Terminei o café, coloquei os fones de ouvido e voltei à limpeza.

E percebi, pela primeira vez, quanto a casa era grande para uma pessoa só.

*

O restante do dia foi estranho – e o fim foi ainda mais estranho. Limpei a sala de estar. Tinha começado a dividir as coisas em pilhas: guardar, doar, jogar fora. A pilha da doação estava cheia; alguém ganharia meias para anos. A tia Maude era a maior consumidora de canais de compras e afins que eu tinha visto. Multiprocessador, aspirador de cera de ouvido, travesseiro que conservava a temperatura (esse ia ficar para mim, que ideia maravilhosa!), sem falar no santuário dedicado a Ron Popeil e seu império. Desidratadores de alimentos, churrasqueiras – até uma caixa com latas antigas de spray para cabelo eu encontrei.

Mais uma vez, me perguntei como a tia Maude tinha ficado assim. Extremamente independente, mas também, ao que parecia, extremamente solitária. Desejei que esse não fosse bem o caso – e desejei também que ela não tivesse deixado tanta bagunça para outra pessoa limpar. O conjunto de facas Ronco era ótimo e tal, mas… cinco deles? E, se ela tinha dinheiro para comprar esse monte de porcarias, por que havia goteiras no telhado? Ainda mais se tinha dezessete tubos de uma massa adesiva milagrosa que colava absolutamente tudo…

Terminei a limpeza um pouco mais cedo para fazer um jantarzinho gostoso. O fogão e eu tínhamos começado a nos entender, e eu queria dar o próximo passo na nossa relação. Nada sofisticado, veja bem, frango talvez? Alguns legumes? Será que saía um arroz? Iríamos descobrir.

Depois de um banho rápido, fui para a cozinha. Em poucos minutos, eu tinha uma boa quantidade de legumes picados, uma panela de água fervendo para o arroz e dois peitos de frango no forno, um para agora e outro para o almoço do dia seguinte ou para uma salada. Nada de pizza esta semana. Não, senhor. Estava na hora de estabelecer uma rotina.

Abri as janelas da cozinha e deixei a porta dos fundos escancarada para que os últimos raios de sol entrassem. O céu estava cinzento a leste, e começava a ventar forte; parecia que vinha tempestade por aí. Agradeci a Ryan e Simon por terem colocado a lona no telhado; a noite seria muito mais agradável sem chuva *dentro* de casa.

O vento que antecede uma tempestade sempre traz um cheiro tão fresco que o deixei entrar. O cheiro de mofo finalmente estava começando a desaparecer da casa depois de uma semana de faxina pesada. Servi um pouco de vinho numa taça para saborear enquanto cozinhava; isso e o rádio sintonizado na estação de músicas antigas tornavam a noite perfeita para ficar em casa e cozinhar.

Como cresci numa família grande, a questão nunca foi *se* eu deveria aprender a cozinhar, mas *quando*. Eu tinha oito anos quando comecei a preparar ovos mexidos e fazer a minha própria torrada. Cozinhar para um demandou alguns ajustes, já que as receitas favoritas da minha família eram feitas para alimentar um exército. Entretanto, na medida em que cresci e fui morar sozinha, aprendi que existe algo de especial em cozinhar para si mesmo. Preparar a mesa para uma pessoa é tão importante quanto para catorze. Então desenterrei alguns pratos de porcelana, lavei, deixei-os secando na cozinha e até acendi uma vela na sala de jantar.

Tapinha nas minhas costas.

De volta à cozinha, cortei e mexi, acrescentei uma pitada disso, uma pitada daquilo. O arroz estava no fogo, alho e cebola salteando, e eu tinha acabado de adicionar brócolis à panela, quando escutei…

Flap-flap-flap.

Arqueei a cabeça para um lado e escutei de novo. O que era isso?

Mas, depois de um instante, tudo o que ouvi foram os legumes cozinhando, e me concentrei neles. Mais um minuto se passou. O frango devia estar quase pronto, fui dar uma olhada…

Flap-flap-flap-flap.

Mas o que diabos era isso? A escumadeira e eu fomos para a sala de jantar… Não vi nada. Na sala de estar? Nada também. Será que eu estava ouvindo coisas?

O vento estava ficando mais forte, as cortinas balançavam de ambos os lados da lareira. Talvez fosse a causa do barulho. No entanto, assim que as cortinas foram fechadas, ouvi o barulho de novo, vindo da sala de jantar.

Flap-flap-flap.

Voltei para lá. Merda. O que era…

Um *morcego*!

Ele voou na minha direção, e eu corri para a varanda, uma mão segurando a escumadeira, a outra protegendo a cabeça.

Flap-flap-flap-flap.

– Sai, sai, sai, sai! – gritei, batendo o pé no chão e atravessando a madeira podre de novo. Dessa vez? Fiquei presa.

– Filho de uma sirigaita! – praguejei, deixando a escumadeira de lado e tentando liberar o pé. Não. Estava preso em algo. – Filho da puta desgraçado! – xinguei de novo. Em algum lugar, a minha mãe com certeza fez uma cara feia.

Um trovão ressoou. E o que eu ouvi dentro de casa?

Flap-flap-flap.

Me abaixei por instinto, embora estivesse na varanda. Varanda que vinha tentando me devorar pedaço por pedaço desde que eu chegara. Tentei me acalmar; ficar nervosa só iria piorar as coisas.

Pense, Viv!

Tentei não jogar o meu peso sobre o pé fincado, já que, cada vez que pisava mais fundo para tentar alavancá-lo, ele ficava mais preso. Comecei a pensar no que devia haver debaixo daquele piso, no que estaria segurando o meu pé.

Uma das bonecas…

Isso! O meu celular estava no bolso, graças a Deus! Mas para quem ligar? A essa altura, Simon já tinha chegado a San Francisco, e eu não fazia a menor ideia de como contatar Hank. O sr. Montgomery? Não, muito velho. Não queria ligar para o resgate; embora na minha cabeça isso fosse uma emergência, não era de fato.

Você sabe para quem ligar.

Ah, cara.

E faça isso logo, antes que a boneca arranque outro pedaço.

Liguei para o bibliotecário.

*

– Ora, ora, ora.

– O que temos aqui? – completei, erguendo o olhar para Clark.

– Tirou as palavras da minha boca. – Ele subiu os degraus vagarosamente.

Quando eu ligara para ele, Clark dissera que viria imediatamente. E não deu risada, apenas perguntou se eu estava bem e se precisava de alguma coisa. Respondi que uma margarita cairia bem. Ele ignorou o pedido, mas trouxe sua caixa de ferramentas. Da Rubbermaid. Vermelha. "Clark Barrow" estampado na lateral – para o caso de alguém tentar roubá-la?

Clark Domingo à Noite tinha um estilo bem mais descontraído: jeans desbotado, tênis de corrida, camisa xadrez para fora da calça sobre uma camiseta branca. Agradeci em silêncio aos céus por não ser uma regata branca coladinha, por Clark ser do tipo que usava camiseta, e então me esbofeteei mentalmente por me importar com o que ele estava usando sob a camisa. Que parecia macia e confortável e quente. Senti um arrepio. Estava começando a esfriar, chega de brincar de boia no mar da varanda.

Clark ajoelhou diante de mim e analisou a situação.

– Qualquer um diria ser imprudência, Vivian, sabendo das condições do piso, andar por aqui tão descuidadamente. – Ele cutucou a madeira ao redor da minha perna esquerda, enterrada até a metade da coxa.

Eu passara os últimos vinte minutos sentada com metade da bunda sobre a madeira quebrada e metade fora e já estava começando a ficar mais do que agitada.

– Qualquer um diria ser imprudência me provocar depois de levar um murro no nariz – retruquei num tom meigo.

O olhar dele passou calculadamente da minha perna para o meu rosto.

– É você quem está presa na varanda. Tem certeza de que quer brigar comigo agora?

Ele tinha me pegado, droga.

– Ok. Nada de briga. Mas faça *alguma coisa*, Clark.

– Estou esperando as palavras mágicas.

– Hum… Agora?

– Sério?

– Seu cuzão?

– Mesmo?

– Clark!

– Vivian.

– Ah, tá bom. *Por favor*, me ajuda, Clark. Por favor, por favor, por favor? – falei, cerrando os dentes.

– Não foi tão ruim, foi? – A expressão dele se suavizou.

– Ainda estou presa.

Ele assentiu com a cabeça.

– Por mais gratificante que seja ver você nesse estado, vem uma tempestade por aí, e eu prefiro não estar aqui fora quando isso acontecer. Então vamos ver o que podemos fazer, sim?

– Sim. – Inclinei o corpo um pouco para trás, para que ele visse melhor como eu estava entalada.

– Com licença, preciso chegar um pouco mais perto. Eu só… Ah, sim, estou vendo.

Clark tinha se inclinado sobre mim, um braço apoiado de cada lado do meu corpo para espiar através da tábua quebrada. A cabeça quase nivelada com o chão. E com tudo o que estava no chão. Nivelada com a minha… Ui. Senti sua respiração nas minhas coxas nuas. Eu estava com

um short de corrida que deixava pouco para a imaginação, e *minha* imaginação estava bombardeando meus sentidos com as mais impróprias imagens.

Só consegui pensar que, se ele se movesse três centímetros para a esquerda, provavelmente me tiraria dali só com a mandíbula. E como eu nunca tinha percebido que ela era tão forte, tão esculpida, tão ligeiramente coberta por uma barba de domingo à noite? Barba que poderia muito bem raspar no meio das minhas pernas, para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, e então para cima, para cima em direção à minha…

– Vou ter que ir lá embaixo – ele disse, e eu reuni toda a minha força para não enterrar a mão naquele cabelo macio e fazê-lo cumprir sua palavra.

– Oi? – falei, ofegante. Ofegante, pelo amor de Deus! Por um bibliotecário?

– Vou ter que ir embaixo do assoalho. Acredite, não estou com a menor vontade. Vai saber o que tem lá – ele comentou, se virando para mim.

Tudo o que vi foi o curativo e os hematomas, cujo roxo estava dando lugar a um amarelo nas bordas. E assim o feitiço se quebrou.

Ainda respirando pesado, o alertei para tomar cuidado com as bonecas. E observei conforme ele desceu rapidamente os degraus, contornou a lateral da casa e começou a remover com o máximo cuidado a cobertura de treliça ao lado da varanda.

Que porra era essa? Com tesão por um bibliotecário quando havia um caubói na parada? Os devaneios com Hank claramente comprometeram o meu cérebro. Eu estava vendo coisas, imaginando coisas, ficando excitada ao menor toque, até mesmo de um cara como Clark!

O vento começou a soprar mais forte, e eu tremi. Por que ele estava demorando tanto?

– Ei! Dá pra ser um pouquinho mais rápido aí? – finalmente gritei, no momento em que o terceiro pedaço da treliça era cuidadosamente colocado no chão da varanda.

A cabeça de Clark despontou na borda da varanda.

– Tem ideia de quantos anos tem isto aqui?

– Tem ideia de quanto vai ser uma merda se começar a chover enquanto você estiver lá embaixo?

Ele olhou para o céu, mais escuro a cada minuto que passava.

– Não está mais aqui quem falou.

Ele arrancou a última treliça e desapareceu.

Ouvi um barulho abaixo e então senti o chão se deslocando levemente sob meu pé preso.

– Vivian? Sou eu, não se assuste.

– Não brinca, Clark. Quem mais poderia ser?

– Desculpa aí, hein? Eu só estava preocupado que você se assustasse e me desse um chute. Vamos ver o que podemos fazer para desentalar você.

E ele pôs as mãos na minha perna. Envolveu o meu tornozelo, virando-o ligeiramente.

– Está preso em um bloco de cimento, mas acho que consigo tirar. Aguenta um pouquinho aí, Vivian.

– É Viv. E toma cuidado, hein?

– Mulher impossível – ele murmurou. Suas mãos percorreram minha perna até chegarem na parte de trás do joelho.

E então eu senti uma… Bem, pareceu uma…

– Clark! Você lambeu…

– Não! – ele gritou, desprendendo meu pé no mesmo momento e empurrando-o para fora do buraco.

Caí para trás, a perna livre da madeira, o coração acelerado. Vi-o rastejando para fora de onde se metera, alisando a roupa para tirar a poeira e caminhando até mim.

Apontei para ele.

– Você lambeu a minha perna.

– Óbvio que não – ele disse. Mas as pontas de suas orelhas estavam vermelhas.

Flap-flap-flap-flap.

– Ai, droga! Tinha me esquecido disso.

– Você é cheia de problemas, hein? – Ele deu risada, alcançou a caixa de ferramentas e tirou um bastão de lacrosse.

– Você trouxe *isso* pra matar um morcego?

– Era isso ou uma raquete de squash. – Ele brandiu o bastão no ar algumas vezes. – Além do mais, nós não vamos matá-lo. Vamos pegá-lo e depois soltá-lo.

– Não tem essa de *nós*. Tem *você*: é *você* que vai pegar o morcego.

– A casa é sua. Você deveria me ajudar. E, para alguém tão durona, você está com muito medo de uma coisinha tão pequena como um morcego.

– Não estou com medo!

Quando ele cinicamente fez um gesto de reverência como que dizendo "fique à vontade para resolver isso sem mim", eu resmunguei:

– Ok, estou com um pouco de medo. Eu ajudo, mas você vai na frente. – Me levantei e limpei o short. Agora tinha mais um arranhão para combinar com o da outra perna. Francamente.

Vasculhei a garagem até encontrar um ancinho e um balde e me reuni com Clark na varanda. Pulando o buraco, me protegi atrás dele enquanto ele abria a porta. Nós dois entramos, alertas a qualquer movimento ou barulho.

– Tem alguma coisa queimando? – ele perguntou, remexendo o nariz.

– Droga! Meu jantar! – gritei, passando rapidamente por Clark em direção à cozinha. – Filho de uma puta!

– Vivian! – Clark exclamou, passando rapidamente por mim para desligar o fogão.

Fumaça saía do forno, meus peitos de frango estavam carbonizados. O arroz? Grudado no fundo da panela. E os legumes? Tostados. Comecei a arremessar as panelas na pia, provavelmente com mais força do que era necessário. Eu estava emputecida com a varanda, com a casa, com a minha perna machucada e com o fato de ainda ter um morcego dentro da casa. *Um morcego dentro de casa!*

– Você tinha convidado alguém para jantar? – Clark perguntou da porta que levava à sala de jantar. Ele parecia… magoado?

Olhei na direção dele e vi a vela acesa na mesa.

– Não, era só pra mim – respondi, passando por ele e apagando a vela.

– Você acende velas para jantar sozinha?

– Sim. E daí? – Me virei para ele. Vi o morcego. Empoleirado no bastão de lacrosse, atrás da cabeça de Clark.

– Ai. Hum… Clark?

– Acho que é perfeitamente válido acender velas para jantar sozinho – ele disse, fazendo que sim com a cabeça.

– A-hã. Posso só…

– Porque, afinal, se você não se considerar uma boa companhia, quem mais vai, não é?

– Com certeza. Posso te…

– Eu faço a maior parte das refeições sozinho, mas nunca pensei em acender velas. Não sei se um cara fazendo isso seria visto como algo tão empoderador quanto é para uma mulher, acho que seria visto como algo bem triste até. Mas dane-se, sou a favor de experimentar tudo pelo menos uma vez na vida. Isso aí, Vivian. Acenda velas, por que não? Você merece. Mesmo que seja apenas frango ou…

– Morcego.

– Ou morcego. Mesmo que seja…

– O maldito *morcego*, Clark! Abaixa! – eu gritei, brandindo o ancinho.

Clark caiu no chão, e eu derrubei o morcego do bastão de lacrosse.

– O balde! O balde! – gritei, e Clark o lançou para mim. Pousando o balde sobre o morcego, sentei em cima dele e gritei: – Uhuuuuu! – E joguei o ancinho para cima em comemoração.

O ancinho acertou o lustre e quase destruiu o troço todo. Conforme ele balançava para a frente e para trás no teto, eu me encontrava sentada sobre um balde no meio da sala de jantar, com um morcego debaixo da bunda e um bibliotecário debaixo da mesa.

Relâmpagos e trovões lá fora.

Tempestade torrencial à vista.

Não me restava outra coisa a não ser rir.

Não teve goteira. Pelo menos isso.

CAPÍTULO NOVE

Clark era um cara firmeza, eu tinha que admitir. Vinte minutos depois, o morcego havia sido libertado, as janelas estavam fechadas para proteger a casa da tempestade que a açoitava, e eu me achava empoleirada à mesa da cozinha, com o sr. Clark Barrow pilotando o fogão. Vestindo um avental que encontrara na despensa, ele preparava ovos mexidos e torradas como se fosse um profissional.

– Bem, o que mais você pode fazer? – ele me perguntara ao se oferecer para me ajudar a preparar algo para o jantar.

– Pedir uma pizza?

– Você tem ovos, pão. Que tal se eu preparar alguma coisa? É o tempo de a chuva diminuir e eu poder voltar para casa.

Eu concordara. E agora ele estava cozinhando para nós dois.

Eu o alertara sobre o temperamento do fogão, mas Clark tinha a manha para manuseá-lo.

– Minha avó tinha um igualzinho, estou acostumado – contou, remexendo habilmente os botões e acendendo as bocas.

– Estou impressionada! – comentei, e de fato estava. Ok, eram apenas ovos mexidos e torrada, mas eu tinha esmurrado a cara dele não fazia muito tempo, e ainda assim ali estava ele preparando um jantar para mim. Um cara legal.

Eu não sabia o que fazer com um cara legal. Nunca fiquei com um homem do tipo certinho, um Backstreet Boy; sempre preferi algo mais heavy metal, alternativo, punk, cheio de tatuagem. Eu entendia o que as pessoas viam num Nick Lachey, mas o meu tipo sempre seria um Dave Navarro, um Chris Cornell.

Um cara legal? Hummm.

Balancei a cabeça para afastar esse pensamento e beberiquei meu vinho.

– Então me fala de você, Clark.

– De mim? O que posso dizer sobre mim?

– Bastante coisa, aposto. Me conta sobre o homem, o mito, a lenda.

Ele ergueu uma sobrancelha e, com a cabeça, apontou para o vinho.

– Enche a minha taça e você vai descobrir tudo sobre os três.

Enchi. Clark falou. Nascido e crescido em Mendocino, fez faculdade em Pepperdine, graduação em história, especialização em arquivologia e museologia. Sua família sempre esteve muito envolvida com a sociedade histórica da região, com a preservação de casas e igrejas, com a restauração e a adaptação de edifícios antigos. Ele confirmou o que Caroline já havia me dito: a maior parte de Mendocino era patrimônio histórico. A maioria das iniciativas partia de financiamento privado, porém Clark trabalhava com proprietários que se candidatavam a receber subsídios federais, como o que a minha tia recebera. A biblioteconomia era a sua principal atividade, mas, nos últimos anos, o trabalho tinha diminuído bastante, e agora ele contava com uma equipe bem reduzida.

– Ninguém mais trabalha puramente com pesquisa, não sem a internet, claro. Nós até que nos adaptamos muito bem, mas a biblioteca daqui só existe por causa dos amantes de livros. E agora, com Kindles e iPads e afins, mesmo esses leitores estão sumindo. Pratos? – ele perguntou, trazendo a panela com ovos mexidos para a mesa.

Eu o ajudei a passar manteiga nas torradas, e nos acomodamos em torno da mesa da cozinha.

Como um ancinho ainda pendia do lustre e estava chovendo muito forte para pegar a escada no celeiro, a sala de jantar não era uma opção no momento.

– Vou fazer a minha carteirinha da biblioteca assim que puder. – Dei uma garfada no prato. – Hum, está uma delícia, Clark. Pimenta? – perguntei, salpicando Tabasco nos ovos.

– Não, obrigado. Você gosta de ler?

– Tenho fama de rata de biblioteca – respondi, torcendo para que minhas bochechas não estivessem tão vermelhas quanto eu estava sentindo.

– Último livro que você leu que mudou a sua maneira de pensar sobre algo?

Pensei rapidamente. *Lombos da paixão* não devia contar nesse caso, embora ele tivesse transformado o modo como eu enxergava baguetes.

– Vejamos. *Buracos negros, universos-bebês e outros ensaios*.

– Impressionante. Hawking. O que você achou comparado a *Uma breve história do…*

De repente, a cozinha ficou totalmente escura.

– Eu sabia que isso ia acontecer – Clark comentou.

– O que houve? – Olhei em volta. Tinha uma lanterna em algum lugar.

– A energia sempre acaba na cidade quando tem tempestade. Geralmente ela volta em poucas horas, não precisa se preocupar.

– Não estou preocupada. – Vasculhei a gaveta até que a encontrei. – Aqui está! – Acendi a lanterna.

– Qual é a potência dessa coisa? – Clark ergueu as mãos para proteger os olhos.

Era um pouquinho forte.

– Não tem regulador, foi mal – falei, tentando encobrir um pouco a luz. – Já sei. – Corri até a sala, me esquivando do ancinho, e peguei as velas. Com um fósforo, as acendi rapidamente e as coloquei sobre a mesa da cozinha. – É possível criar um clima até para ovos mexidos.

Olhei para ele, do outro lado da mesa, o cabelo bagunçado por conta da batalha contra o morcego, a camiseta suja de lama por ter entrado debaixo da varanda e um sorriso intenso. E o curativo, que Deus o tenha. Sorri de volta e dei uma mordida na torrada.

– Então, Clark, a sua família ainda mora aqui?

– Ah, não. Agora é a minha vez de fazer perguntas. – Ele sorriu, passando geleia de morango na torrada. E lambeu cada um dos dedos; geleia de morango à luz de velas faz sujeira mesmo. – De onde você é? Faz uma semana que estou tentando descobrir de onde é esse sotaque…

Caramba. Só fazia uma semana?

– Sotaque?

– Sim, é bem peculiar. Não é aquele sotaque genérico do extremo leste, mas tenho quase certeza de que é de algum lugar por ali.

– Sim, é por ali. – Fiz que sim com a cabeça, gostando do rumo da conversa. Os nativos da Filadélfia têm mesmo um sotaque peculiar, embora a maioria das pessoas não perceba.

– Não é de Nova York.

– O estado ou a cidade?

– Nenhum dos dois. Nem de Boston. Não é de Nova Jersey, embora eu tenha de admitir que o meu conhecimento desse sotaque se limita ao meu vício em *Família Soprano*. – Ele abriu um sorriso discreto.

– Quase lá. Filadélfia. Um bairro afastado do centro.

– Filadélfia. Então me fala: o que você faz lá na Filadélfia?

– Bem, até poucos dias atrás, eu tinha a minha própria empresa de software.

Clark deixou a torrada cair.

– Você tinha a sua *própria*… Como assim?

– Assim. Sou engenheira de software, dei sorte com um programa assim que saí da faculdade e abri o meu próprio negócio.

– Em que você se especializou?

– Em resumo, eu desenvolvo programas de mineração de dados. Procurar agulha num palheiro cibernético, sabe? Acabei de vender um programa novo.

– Você disse que tinha uma empresa até poucos dias atrás. Não tem mais? – Ele tinha uma expressão de fascínio no rosto.

– Não, depois que tudo isto caiu no meu colo, eu decidi vender a minha empresa para uma empresa maior. Eles já tinham feito várias ofertas, e, para ser sincera, o meu coração já não estava cem por cento ali. Quando eles me fizeram a última proposta, eu vendi. Estou no processo de vender, na verdade.

– Para quem?

– Franklin Logistics and Software.

Dessa vez, Clark se engasgou com a torrada.

– Você acabou de vender a sua empresa para a Franklin L&S?

Passei um copo de água para ele.

– Bem, estamos no meio do processo, mas sim.

– Espera… Vivian Franklin. Franklin L&S. Alguma ligação?

– Sim. É a empresa do meu pai. – Eu sorri.

Clark ficou paralisado, digerindo o que acabara de ouvir.

– Posso perguntar uma coisa? – ele disse.

– Claro.

– Por que você vendeu? Pelo que você disse, as coisas pareciam estar caminhando bem. Por que vir pra cá?

Refleti por um momento.

– Acho que porque fazia muito tempo que eu não vivia uma aventura, e eu queria viver uma. Eu precisava de algo exatamente assim neste momento. – Mergulhei um dedo no pote de geleia e o lambi. – Você acredita em destino, Clark?

– Destino? – ele perguntou distraidamente, perdido na minha boca.

– Sim, destino. Um caminho predeterminado do qual você não pode escapar?

– Nunca pensei muito nisso. Sou bem metódico. Não sou dado a devaneios.

– Não? Que surpresa.

– Está me zoando, Vivian? – Ele riu.

– Só um pouco. – Permanecemos em silêncio por um momento, à luz das velas. – Então – eu finalmente disse –, melhor lavar a louça, né?

– Eu ajudo. – Ele começou a recolher os pratos.

– Nada disso. Você cozinhou. Eu lavo. – Peguei seu prato antes que ele pudesse fazê-lo e levei a louça suja para a pia.

– Você lava e eu seco? – Clark vestiu o avental de novo.

– Combinado. – Liguei a torneira.

Enquanto cuidávamos da louça, conversamos um pouco mais.

– Você sempre quis trabalhar com computação? – ele perguntou, secando o prato que eu acabara de lhe entregar.

– Não. Na verdade, não planejei nada. A maior parte da minha família trabalha com isso; eu queria tentar algo novo, sabe? Fora da caixa?

– Você? Fora da caixa? Nunca suspeitaria. – Ele passou a ponta do dedo ensaboada pela tatuagem no meu braço.

– Está me tirando? Fui eu que desenhei essa aí. – Joguei uma bolha de sabão na direção dele.

– Você é tatuadora também?

– Não, mas cursei algumas disciplinas de arte na faculdade e por um tempo tentei seguir com isso, mas o bichinho do computador me picou. Essa, fui eu que desenhei. – Me virei para que ele visse melhor a tatuagem à luz fraca das velas.

Ele examinou o desenho, virando meu braço para ver a tatuagem por completo.

– Você desenhou isso?

– A-hã. – O toque de sua mão na minha pele me fez prender a respiração. Backstreet Boy ou não, ele tinha boas mãos.

– Você é muito talentosa.

– Já fui, talvez. Faz muito tempo que não uso essa parte do meu cérebro.

– Por quê?

Mordi o interior das bochechas, despreparada para responder a essa pergunta. Eu nunca tinha retomado aquilo porque sempre surgia algo novo no caminho. Achava que sempre haveria tempo para pintar, que eu poderia deixar para depois. Que conseguiria equilibrar isso com a vida prática. Mas a família e o trabalho ocupavam todo o meu tempo. Isso não fazia a vida ruim, apenas uma vida sem muita… paixão. Aventura. Propósito. Fascínio. Encanto… e arte.

– Toma – falei, entregando a Clark um prato escorregadio.

Ele o secou e não me perguntou mais nada.

Em silêncio na cozinha escura, continuamos lavando a louça. Foi gostoso não falar nada. Quando terminei de lavar, me recostei no balcão e tomei o último gole de vinho da minha taça. Enquanto secava os pratos, Clark cantarolava uma música que parecia familiar, mas que não reconheci. Mesmo cantarolando, sua voz era afinada e agradável. Ele me pegou observando-o, mas não parou de cantarolar, apenas sorriu.

Me surpreendeu quão suave era aquilo, quão confortável. Clark não era uma cebola cheia de camadas não reveladas. Era um livro aberto. Fácil de ler, de prever, ele me diria qualquer coisa que eu perguntasse. Sem joguinhos, sem conversa fiada.

Mas sem desafio, certo? Sem esforço, sem ter de correr atrás, sem frio na barriga, sem adrenalina. Como quando Hank me jogou aquela maçã? Aquilo foi empolgante, não foi?

Também foi empolgante quando Clark estava debruçado sobre você, respirando nas suas coxas…

Oras, eu sou humana. E uma humana que estava vivendo o seu próprio romance, lembra? A casa, o mar, o caubói? Eis a paixão. A aventura. O propósito. O fascínio. O encanto.

– Pintar?

– Oi? – perguntei, acordando do meu devaneio.

– Eu falei que, se você quiser, posso te ajudar a pintar a cozinha. Quando você quiser, digo.

O bibliotecário terminou de secar a louça, ainda cantarolando sua música alegre.

E eu continuei pensando por um bom tempo sobre pintar. Mesmo depois que ele foi embora.

CAPÍTULO DEZ

As duas semanas seguintes passaram voando. Passei os dias faxinando, organizando ou levando incontáveis sacolas de roupas, utensílios de cozinha e estimadas meias de cano alto para um abrigo local que as recebeu com alegria. Encontrei pilhas de pratos, copos e pires velhos; nada muito sofisticado, mas nada vagabundo também. Selecionei um ou outro item para ficar, mas a maior parte eu embalei e levei ao abrigo.

Joguei fora tanta coisa que agora eu sabia o nome de todos os lixeiros que faziam a rota de casa. Tapetes surrados, casacos e cachecóis comidos pelas traças foram descartados; sacos e mais sacos de revistas foram para a lixeira de recicláveis. Caixas com recibos antigos, calendários dos anos setenta, fitas cassete, CDs, fitas VHS, DVDs – tudo doado, reciclado ou descartado. Os Stereo 8 foram para uma loja de antiguidades; eu sabia que alguém pagaria por eles.

Enciclopédias, amareladas pelo tempo e enrugadas pela umidade decorrente dos vazamentos e infelizmente desatualizadas, também foram para a reciclagem. Como Clark bem apontou, nem tudo valia a pena salvar. Talões de cheque, guias de TV e propagandas de lojas locais que já tinham fechado havia anos – os motivos para não salvar as coisas eram os mais diversos. E não existia uma maneira fácil de fazer isso; não dava para entrar no modo escavadeira e simplesmente jogar tudo fora. Me dei conta disso quando encontrei, dentro de uma caixa na qual achei que só havia cupons antigos, a declaração original de posse do terreno da casa! E em uma velha caixa de bijuteria? Um broche antigo com um rubi do tamanho de uma bola de gude! Uma bola de gude!

– Uma bole de gude bem pequena, e isso se você tiver muita boa vontade – Clark ponderou quando mostrei a ele.

– Ei! Cadê o seu senso de contação de histórias?

Eu estava contando essa história para Jessica, que tinha passado em casa para ver como andavam as coisas. Ela me ajudara algumas vezes a separar e embalar, até mesmo levando carregamentos para o abrigo, depois do expediente no café.

Uma tarde, eu a arrastei até o sótão comigo. Depois da incursão ao porão, fui obrigada a admitir para mim mesma que precisava de companhia para encarar o sótão; eu tinha visto filmes de terror o bastante para não me aventurar sozinha. Prometi a Jessica alguns dinheiros para cada boneca assustadora que encontrássemos lá.

A escada que levava ao sótão ficava no final do corredor do segundo andar, quase escondida atrás do armário de roupas de cama. E atrás de uma porta que se abria com chave, o que, quando eu era criança, fazia aquilo parecer um portal para um reino encantado.

Jessica e eu abrimos a porta, que fez um rangido estridente. Os degraus eram tão íngremes quanto eu me lembrava – e tão rangentes quanto os de qualquer sótão que se preze. Havia um patamar estreito, mas, assim que você o contornava, notava quanto o lugar era grande. A casa era imensa, e o sótão fazia jus a ela.

Abrangendo toda a extensão da construção, ele possuía as maiores placas de assoalho que já vi – e eu sou da Pensilvânia, terra dos assoalhos gigantescos. Mas estamos falando do norte selvagem da Califórnia e de uma época em que as toras derrubadas eram incrivelmente enormes. Quando, a passos de camundongo, subimos os últimos degraus, me deparei com uma das minhas mais vívidas lembranças da infância.

Quilômetros e quilômetros de límpido mar azul. A parte de trás da casa era incrustada de

janelas, oito painéis largos e igualmente altos. Não havia razão no mundo para que um sótão tivesse tantas janelas, era um desperdício de espaço e calor. Mas não importava. Porque o homem que planejou essa casa sabia quão importante e quão única seria uma vista dessa magnitude. E ainda bem que as gerações subsequentes pensaram o mesmo, já que as janelas nunca foram substituídas por uma parede.

– Olha só para isso. – Jessica suspirou atrás de mim.

– Incrível, não? – falei baixinho.

Quando será que havia sido a última vez que alguém estivera ali? As partículas de pó dançando no ar incitado por nós indicavam que a tia Maude não tinha usado o espaço recentemente. E ele não havia sido contaminado pelas pilhas de lixo que tomavam conta do restante da casa. Continuava sendo o sótão da minha infância.

Manequins se alinhavam ao longo de uma parede como garotas num baile à espera de um convite para dançar. Alguns trajavam vestidos de festa inacabados. Mesmo com os vestidos desbotados pelo sol de tantos anos, o sótão se achava repleto de pontos rosa-algodão-doce, amarelo-ouro, azul-celeste, verde-bandeira, vermelho-rubi. Lantejoulas, laços, estampas e babados aguardavam uma oportunidade para rodopiar.

Na outra parede? Malas empilhadas. Na lateral de cada uma, adesivos com nomes de lugares de que eu nunca ouvira falar quando criança, mas que soavam bem exóticos. Atenas. Sião. Cidade do México. Cleveland. Algumas malas estavam vazias, porém outras continham tesouros. Chapéus e luvas velhos para brincar de se vestir de madame, câmeras antigas para brincar de tirar foto vestida de madame. Mapas. Cartas. Anuários cheios de pessoas que viveram, choraram, tiveram filhos e morreram, tudo antes de eu nascer.

Móveis antigos, espelhos obscurecidos pelo tempo mas ainda capazes de refletir tudo à sua volta. Antigas pinturas de paisagens, algumas do mar, outras de montanhas, porém todas grandes e emolduradas em madeira esculpida. Em uma ocasião, eu encontrara uma âncora escondida atrás de um conjunto de pinos de boliche; em outra, eu atacara o reino de Viviana com um exército de soldadinhos de lata.

E tudo continuava ali. Melhor ainda, nada parecia pequeno, como acontece com tantas coisas da infância. Tudo continuava maior do que a própria vida, e tudo diante dessas estonteantes janelas panorâmicas.

Jessica e eu soltávamos suspiros e murmúrios admirados conforme olhávamos tudo e gritinhos empolgados quando encontrávamos algo brilhante ou perfeitamente gracioso.

– Esta é a melhor casa de todas, Viv. – Jessica soltou um suspiro e desmoronou em uma poltrona antiga próxima às janelas.

– Eu sei! Talvez eu devesse ser modesta, mas entendo perfeitamente o que você está dizendo. Esta casa é do caralho! – Eu me sentei em uma otomana macia de frente para a janela, apreciando a imensidão azul.

– Eu sabia que tinha uma razão para querer tanto conhecer a casa por dentro. – Jessica pegou um refletor solar antigo e bancou a estrela de cinema à beira de uma piscina em Beverly Hills. – O que você está pensando em fazer com todo esse espaço? Você não pode usar como depósito, ele é legal demais para isso! – Ela inclinou o refletor para absorver mais raios de sol.

Eu tinha uma ideia – uma ideia que se insinuava dentro de mim desde que eu tinha doze anos. Eu diante das janelas, a luz natural se derramando enquanto simulo pintar uma grande paisagem. Segurando um pincel imaginário, finjo pincelar em diferentes cores, um sombreamento diferente para aquela árvore, talvez, ou um formato diferente para aquela colina. Vejo a minha pintura

sobreposta à paisagem real e, em pensamento, me encontro no meu próprio estúdio de arte.

Mas não me sentia preparada para compartilhar em voz alta esse pensamento.

Se eu realmente fosse trabalhar nesse espaço, precisaria de um sistema de climatização. E telas nas janelas para poder abri-las.

– Está ficando meio abafado aqui. Vamos descer e beber alguma coisa.

– Tem certeza? Sinto que não te ajudei em nada, a gente só brincou – Jessica disse, ajustando a cartola na cabeça.

– Eu meio que quero deixar as coisas como estão por enquanto. A maior parte da casa está muito diferente do que me lembro. – Meus dedos percorreram uma das pinturas. – Estou feliz de ter algo exatamente igual.

Jessica começou a descer a escada na minha frente. Eu me detive no topo dos degraus e observei ao redor mais uma vez. Havia outro motivo para eu não querer mexer nas coisas por ali. Eu queria que Clark visse o sótão. Da maneira como estava.

Apaguei a luz e acompanhei Jessica.

Nós continuamos com a limpeza todo santo dia. Até o namorado de Jessica, John, entrou na dança quando nos demos conta de quanto o Cavaleiro Sem Pernas era pesado. Clark e John o ergueram, juntaram o torso à metade de baixo e o levaram para a loja de antiguidades que recebera algumas das outras coisas.

– Não acha que ele deveria ficar na casa? – Clark perguntou, tamborilando sobre a cabeça do cavaleiro.

– Não, ele é muito bizarro. Por falar em bizarro, as bonecas são as próximas da lista.

Gargalhei quando Clark tentou me assustar dizendo que as bonecas se vingariam se eu me livrasse delas.

O que não demandou muito trabalho – cara de surpresa – foi o Bel Air. Clark encontrou as chaves dentro de um pote de maionese na despensa, junto com todo tipo de bugiganga. Tentando pegar uma moeda de cinco cents muito antiga, Clark virou o pote sobre a mesa da cozinha. Enquanto ele remexia os objetos, eu avistei um chaveiro com duas enormes chaves reluzentes. Contendo um gritinho de alegria para não me frustrar caso não fossem as chaves certas, eu as peguei, corri até a garagem e escorreguei para o banco do motorista antes que Clark sequer se desse conta de que eu tinha saído. Eu ia apenas colocar a chave no contato para saber se era a certa, mas, quando ela entrou, não resisti.

Com um engasgo e uma gargalhada, o motor voltou à vida. Clark saiu correndo da casa – sem dúvida, com a imagem de um buraco na forma do Bel Air na porta da garagem – e parou em frente ao capô, com uma expressão estupefata. Eu pisei no acelerador uma vez, o que fez Clark se afastar para o lado.

– Pelo barulho do motor, ele parece ótimo! – gritei por sobre o ronco, e Clark se aproximou da janela do motorista.

– Não vamos abusar da sorte. Vou pedir para alguém da Brady’s Auto vir dar uma olhada nele. O que acha?

Por mais ansiosa que eu estivesse para desfilar pela cidade no Bel Air, pensei que seria bem frustrante encalhar no acostamento. Com relutância, desliguei o carro e entreguei as chaves a Clark.

– Vamos esclarecer uma coisa. Você não vai dirigir antes de mim. Mesmo que os caras digam que está tudo certo com ele, você vai me esperar. Entendeu? – eu disse, cutucando o peito dele.

Clark assentiu, guardando as chaves no bolso. Era bom que ele tivesse entendido…

Clark estava por perto na maior parte dos últimos tempos. A limpeza e a organização revelavam a cada dia a necessidade de outros reparos, sobre os quais, óbvio, eu precisava consultá-lo. Mas não liguei. Tinha me acostumado com ele ali. Agora que o curativo tinha sido retirado e o hematoma havia desaparecido, eu não me incomodava de olhar para ele.

E, se você superasse a maleta e a gravata, as cotoveleiras e os óculos de aros grossos, Clark era um cara muito divertido. Ele me fazia rir; me fazia pensar. E me deixava furiosa. De um jeito descomplicado, estava se tornando um bom amigo.

E eu tinha tomado a decisão certa quanto a deixá-lo ver o sótão como estava. Clark adorou. Ficou ensandecido com os anuários, ainda mais porque a maioria era do colégio local. Enquanto ele se debruçava sobre cartas e recibos de lojas havia muito fechadas, examinei o modo como o sol iluminava o ambiente. Os locais onde havia sombras, aqueles onde a luz batia com maior intensidade. Mentalmente, comecei a planejar o espaço que se tornaria o meu estúdio.

– Quer ajuda? – Clark perguntou enquanto eu lutava para afastar uma mala da parede.

– Não precisa, eu consigo – insisti, quase vesga com o esforço. – O que diabos tem aqui dentro? – Dei mais um puxão, o que fez com que a mala (e eu) deslizasse pelo chão. Caí de bunda e mordi a língua. – Filha da… Ai!

– Mulher impossível – Clark murmurou, correndo até mim. – Você precisa parar de querer fazer tudo sozinha.

– E o que você acha que eu estou fazendo, explorando essas pessoas para limpar a casa? – Fiz uma careta ao sentir o interior da minha boca. O piercing na língua bateu contra os dentes de cima, o que acontecia com frequência. O barulho fez Clark se aproximar.

– Não perdeu o piercing, perdeu? – Ele se agachou a meu lado e me ofereceu seu lenço. Graças a Deus, o cara andava com um lenço.

– Não, esse maldito não sai tão fácil. – Aceitei o lenço e o pressionei na ponta da língua, onde eu tinha mordido.

– Doeu?

– Não ouviu meu grito?

– O piercing. Pra colocar.

– Por quê? Está pensando em colocar um piercing, Clark? – perguntei de brincadeira.

– De jeito nenhum.

Soltei uma gargalhada. Ele se sentou a meu lado no chão e me observou intensamente.

– Só queria saber como é.

– Dói, claro, mas é uma dor boa. E eu estava preparada pra ela, diferente de agora. Nada de mais, sou uma mulher durona. Cinco irmãos, lembra?

Clark me encarou por um instante, o olhar se atraindo para minha boca. Coloquei a língua para fora, para que ele pudesse ver o piercing. Ele respirou fundo.

– Mulher durona.

Permanecemos sentados sob um feixe de luz, observando um ao outro. Quando voltei a pressionar o lenço contra minha boca, seus olhos brilharam. Uma nuvem passou pelo céu e interrompeu o raio de sol, e nós dois nos endireitamos e desviamos o olhar. Clark finalmente se levantou e me ofereceu a mão. Ele me puxou com mais força do que eu esperava, e eu perdi o equilíbrio e me choquei contra ele. Nós rimos.

– Vamos ver o que tem de tão pesado nessa mala! – ele exclamou, remexendo a trava.

Suguei o lenço enquanto o observava.

Vi poeira no cabelo de Clark e, sem pensar, passei os dedos para varrê-la. Suas mãos

hesitaram.

– Poeira – murmurei, recuando e sacudindo a cabeça.

– Ah… – Ele destrancou a fechadura e deu um passo para trás, abrindo a mala e espiando dentro. – Olha só para isso!

Eu não fazia a menor ideia do que estava vendo. De bronze, em forma de arco, parecia uma… cornucópia?

– É um vaso em forma de chifre? Daqueles que as pessoas põem na mesa no Dia de Ação de Graças?

– Não. É um alto-falante, Vivian. – Clark tirou o aparelho da mala com todo o cuidado. A alegria em seu rosto era evidente, como se ele tivesse acabado de encontrar um tesouro. – É um gramofone. E está praticamente intacto.

– Que demais – sussurrei, olhando para a mala e vendo a base e a agulha.

– Acho que a gente deveria levá-lo lá pra baixo, colocá-lo na sua sala de estar.

– Boa ideia. Vai que a gente precisa tocar Johnny Mathis numa emergência.

Clark respondeu com um sorriso que iluminou o sótão inteiro, embora o sol ainda estivesse escondido por nuvens.

O gramofone foi transferido para a sala de estar. Clark não teve muito tempo para arrumá-lo, mas nós colocamos Mathis para ter certeza de que estava funcionando. Apesar do chiado, de o som não ter a qualidade com que este século está acostumado, foi um ótimo acréscimo à sala.

Definitivamente, a casa estava começando a tomar forma.

Mas uma coisa *não* se encaixava: o caubói. Hank continuava me deixando louca de tesão, mas, pelo amor de Deus, estava se mostrando um nó mais difícil de desatar do que eu esperava. Todos os dias, ele vinha para alimentar os animais. Todos os dias, ele parava ao lado de sua caminhonete na entrada de carros e tirava a camiseta como se estivesse posando para um calendário. Todos os dias, ele trabalhava no celeiro, separando feno, dando de comer às galinhas, cuidando dos cavalos. Um dia ou outro, ele passeava com um ou com outro, em vez de soltá-los no pasto. E eu parava de vasculhar caixas ou de varrer para ficar observando-o da janela.

Observando-o colocar a sela, ajustá-la e verificar as correias. Observando-o montar no animal usando apenas a própria força. Observando-o sacudir o cabelo como se estivesse na capa de *Uma xícara e meia de prazer* ou *Deuses do sexo – Versão Catalunha* (disponível nas livrarias!) e sair cavalgando rumo ao pôr do sol.

E quantas vezes eu me masturbei pensando no caubói? Perdi a conta. Os sonhos incrivelmente eróticos e detalhados que eu vinha tendo com meu amado – cujo rosto eu ainda não conseguia ver mas que com certeza pertencia a meu vaqueiro – me deixavam mais excitada do que nunca. Eu acordava completamente molhada no meio da noite, imagens de nós dois nus, suados, fazendo sexo, e a minha mão descia para me aliviar, me fazer ofegar e gemer e gozar tão forte que eu via estrelas.

Revelar as camadas dessa cebola vinha sendo um processo lento. Deus era testemunha do meu esforço, porém Hank não dava o braço a torcer. Pensei nos meus romances favoritos, nos quais o herói era inflexível, convicto, guardava seus segredos mais obscuros com a força de um guerreiro e a teimosia de uma mula. Mas isso era parte da jornada, certo? Era algo que a heroína tinha de superar, a despeito de todas as intempéries. Ela jamais aceitaria um *não* como resposta, ela relutaria e usaria todo o seu poder de sedução.

Eu desejava selvageria e devassidão, mas o meu arsenal estava se esgotando, sumindo, desaparecendo.

Tinha tentado de tudo. Esperei o momento certo em que Hank passaria em frente à janela rumo à caminhonete para desfilar com uma toalha habilmente enrolada no corpo. Uma. Duas. Três vezes banquei a idiota.

Certa manhã, saí para o quintal usando apenas a camisola, um pedaço quase inexistente de pano, e segurando um pote de pasta de amendoim e falei que eu não conseguia abri-lo; me dá uma mãozinha, please? Hank abriu o pote e disse que a pasta de amendoim do Peter Pan era nojenta, preferia a Jif, e simplesmente voltou a limpar o esterco da estrebaria.

Uma tarde, tomei sol na varanda dos fundos, de biquíni, besuntada de óleo. Quando ele finalmente apareceu, nem sequer percebeu a minha presença – isto é, até que eu desisti e tentei me levantar da cadeira de vinil. Eu estava tão oleosa que escorreguei entre as tiras da cadeira. Ele surgiu do celeiro e se deparou com um emaranhado de braços e pernas se debatendo contra as tiras de vinil, minha bunda no chão da varanda. Ele precisou segurar a cadeira para que eu conseguisse sair. E tudo o que fez foi balançar a cabeça e montar Paula para dar uma volta. Maldita égua sortuda.

Eu pagava peitinho, rebolava, fazia caras e bocas, jogava o cabelo para trás. Estava me transformando no tipo de garota que não suportava. Eu chupava pirulito, gemia ao morder um donut, sorria como uma idiota enquanto segurava dois abacates na mesma mão e acariciava uma berinjela com a outra. Ele perguntou se eu estava preparando uma salada.

Em meio a tudo isso, eu também estava me preparando para voltar à Filadélfia para empacotar as minhas coisas e me mudar oficialmente para Mendocino.

O dia anterior à viagem amanheceu claro e ensolarado. Eu amanheci com tesão e frustrada. Tinha passado mais uma noite sendo torturada/satisfeita pelo meu amante sem rosto. Amante com mãos de deus e boca de poeta. Com a boca, ele me dizia as palavras que eu sempre desejei ouvir mas que nunca me foram ditas. Ele me amava, me tratava com carinho, iria até os confins da Terra para me proteger, passaria o resto da vida cuidando de mim.

Com as mãos? Percorria o meu corpo com destreza, me enlouquecendo. Eram as mãos mais pervertidas e sensuais.

Esse amante obscuro era exatamente o tipo de homem que eu queria na vida real. Uma mistura de amor e libidinagem que eu buscava desde que descobrira que livros eróticos podiam ser o melhor amigo de uma mulher.

E, quando acordava da última rodada de sonhos, a pulsação acelerada e a pele pegando fogo, eu me dava mais um solitário, mas ainda assim satisfatório, orgasmo.

Eu precisava de mais. Eu merecia mais. Mas o que eu tinha para hoje? Para este exato momento? Um banho frio. Tinha coisas para fazer.

Tomei café no centro, pois queria ver Jessica antes de viajar.

– Ei, amiga, você vai voltar, né? – ela perguntou enquanto eu subia no banquinho ao final do balcão. Ela me serviu café sem que eu precisasse pedir e me olhou preocupada.

– Oin, vai sentir saudades de mim? – brinquei, envolvendo a caneca quente com as duas mãos.

A manhã estava fria, e me perguntei como era a mudança de estação por ali. Eu havia crescido em meio à explosão de cores que é a Costa Leste no outono. Os bosques ao redor da nossa casa eram uma profusão de laranjas e dourados, vermelhos intensos e amarelos vívidos. A Califórnia é sinônimo de areia e praia e sol. Mas ali, mais ao norte, fazia frio. O que acontecia com as folhas das árvores?

– Sentir saudades de você? Claro que não! Adoro mexer nos lixos do seu porão. – Jessica soltou uma risada.

– Foi você que pediu, gata. Você que se ofereceu para ajudar.

– Eu sei. Graças a Deus, eu finalmente consegui entrar no seu sótão.

– Por que isso me soa tão pervertido?

– Porque você não tem um macho?

– Não tenho um macho? – Revirei os olhos.

– Pareceu mais engraçado na minha cabeça. Mas você entendeu. – Ela fez meu pedido para a cozinha. – Como vão as coisas com o Hank?

Apoiei a cabeça no balcão e suspirei contra a fórmica.

– Nada. Ele mal olha pra mim.

– Eu te falei, você não é o tipo dele. Você é gostosa, sem dúvida, mas muito baixinha, muito morena e definitivamente muito inteligente para ele – ela disse, apontando um dedo para mim.

Eu tinha finalmente confessado que estava de quatro por Hank (o que Jessica já sabia havia semanas) no dia em que ela me pegara o espiando pela janela enquanto mordia o cabo de uma vassoura.

– Ele curte um tipo muito específico, Viv. Eu o conheço há muito tempo, ele sempre gostou do tipo Barbie. Já o vi com muitas mulheres, mas nenhuma tão legal quanto uma Viv. – Ela deu tapinhas no meu braço.

Eu concordei com a cabeça enquanto ela desaprovava as mulheres vulgares pelas quais caras como Hank sempre se interessavam. Mas, na minha cabeça, tudo se encaixava no arquétipo de um romance. Homem deslumbrante que desejava mulheres deslumbrantes, o mesmo tipo, só mudando o nome. Tentando reparar um erro? Perseguindo um fantasma? Punindo a si mesmo por aquilo que nunca poderia ter? Ele precisava de uma morena pequena, arrebatadora, com tatuagens nas costas, fórmulas matemáticas no cérebro e um pau na mão. O pau *dele*, porque essa morena seria aquela que o libertaria da punição de todos esses casos de uma noite só, *e dela seria o corpo com que ele se deleitaria, e dela seriam os gemidos de desejo que apagariam os milhares de noites de sexo vazio e promessas não cumpridas…*

Enfim, praticamente um manual de como escrever um livro erótico. Assim, tudo o que Jessica estava me dizendo só alimentava a coisa, deixava-a mais tentadora, aguçava ainda mais a minha curiosidade sobre o que encontraria quando finalmente desvendasse Hank.

– Deus do céu, preciso dar.

– Hum, agora? – Jessica perguntou, piscando para mim.

– Estou ficando louca. Desculpa, senhor Martin – falei quando ele me lançou um olhar.

– Talvez você fique menos animada se parar de ler aqueles livros eróticos. – E, ao notar que as minhas bochechas ficaram vermelhas no mesmo instante, ela completou: – Eu sabia! Sabia que eram seus! Achei que você ia botar a culpa na coitada da Maude! – Ela serviu meu pedido.

– Certo. Alguns dos livros são mesmo da tia Maude. Encontrei o catálogo quase completo da Harlequin num closet. Parece que é de família. E, sim, eu curto um bom romance apimentado. Agora, derrama o molho apimentado aqui.

– Estou bastante certa de que esse era o título de um dos livros que vi na sua mesa de cabeceira.

– Não, não, aquele era o *Mulheres apimentadas e seus machos*. O que você viu foi *Derrama o seu molho divino em mim*. Cujo subtítulo é *Agora*.

– Uau.

– É. – Gesticulei para ela se aproximar. – Posso contar um segredo?

– Sempre. – Ela se inclinou na minha direção.

– Acho que estou vivendo um romance desses.

Ela pareceu confusa.

– O quê?

– É… Tem coisas acontecendo *comigo* e *ao meu redor* que só acontecem nesses romances.

– U-hum. E você está vendo alguma dessas coisas acontecendo neste momento, Viv?

– Não, não é isso. Não estou delirando. Mas pensa. Imagina que você é a personagem principal de um romance.

– Eu não tenho um corpete.

– Nem eu, mas estou pensando em comprar um. Sério, pensa comigo. Eu moro do outro lado do país e então recebo um telefonema misterioso no meio da noite. Herdo uma casa de alguém que eu mal conhecia. Uma oportunidade de um novo começo, uma nova vida… E ainda tem um caubói?

– Hank é o caubói, certo?

– Claro que sim! Ele usa chapéu e monta um cavalo!

– Ok… E?

– Como assim, "e"? É o começo de um romance clássico! – Bati o punho no balcão.

– Mas o caubói não está a fim de você.

– Por enquanto. Mas isso faz parte, entende?

– E não tem mais ninguém nessa equação?

– Hã?

– E se tiver um cavalo negro nesse romance?

– A Paula? – indaguei, confusa.

– Deixa pra lá. O que eu quero saber é: cadê o final feliz?

– Hum… O final feliz. – Suspirei, lambendo o garfo.

– Que nojo.

– Que tesão. Tem uma grande diferença. Desculpa, senhor Martin. – Gesticulei com a cabeça para a direita.

– Falando sério. Como essa história pode ter um final feliz se o Hank é o herói?

Refleti por um momento, sem saber o que pensar. Verdade seja dita: eu achava que, a essa altura, já era para ter rolado alguma coisa. Fazia semanas que eu estava em Mendocino. Tempo demais para não ter acontecido absolutamente nada.

Então tudo ficou claro.

– A heroína nunca pode saber o desfecho da história. Caso contrário, por que ela iria se importar com a jornada? Seria um saco se ela começasse a história com as costas grudadas no colchão, não seria?

– Não sei, há muitas vantagens numa rapidinha. Desculpa, senhor Martin. Mais café?

– Vocês são doidas – ele comentou, estendendo a caneca.

*

Voltei caminhando para casa, pensando em tudo o que Jessica havia dito. Eu não sabia quanto tempo mais aguentaria ficar perto de Hank sem atacá-lo. Eu estava como uma drogada na fissura por uma transa de romance. Eu precisava de um *pilar pulsante de paixão, um membro masculino de mamute, uma cobra grande e grossa para se atracar com a minha civeta.*

Também precisava pensar em ler livros melhores. Minha imaginação estava começando a me incomodar.

Já em casa, vi Hank dando de comer às galinhas. Automaticamente, adicionei um rebolado ao caminhar.

– Oi, Hank!

– Qualé?

– Vou para a Filadélfia amanhã. Você cuida de tudo enquanto eu estiver fora?

– É meu trabalho. – Ele jogou mais comida para as galinhas.

Soltei um suspiro.

– Filadélfia? Você é de lá? – ele perguntou, e senti o coração pular dentro do peito. Uma pergunta espontânea!

– Sim! Sou de lá.

– Ah. – Ele olhou bem nos meus olhos. – Gosto do queijo de lá.

Hein? O queijo? Ah!

– Ah, sim, o cream cheese. É muito bom. Eu também gosto. – Abri um sorriso largo.

– Gosto no bagel. Não na torrada.

Eu imediatamente imaginei Hank pelado numa cama com um bagel enorme em volta do…

– Torrada é bom com geleia – ele concluiu, me despertando do meu sonho.

Ah. Tá. Ainda estávamos falando de comida de café da manhã.

– Geleia é bom.

O que não era nada bom era essa conversa. Como eu poderia torná-la um pouco mais sexy, um pouco mais sensual, um pouco mais me-vira-e-mete-em-mim-de-quatro, por favor, obrigada, de nada?

Talvez falando sobre algo que fosse do interesse dele, algo que o deixasse interessado em quanto *eu* estava interessada nele.

– Então. Hank. Eu estava pensando. Talvez, quando eu voltar, a gente possa marcar uma aula de equitação?

– Equitação? – Ele jogou o último punhado de comida para as galinhas e se dirigiu ao celeiro.

– Sim, sair com os cavalos? Não ando a cavalo desde que era criança. Talvez você possa me ensinar? Me fazer pegar o jeito de novo?

Ele se deteve, se virou e me encarou. Intensamente. Meu coração se acelerou. Olhos nos olhos no meio do celeiro, as galinhas correndo aqui e ali – obviamente afetadas pelo magnetismo animal que pulsava no espaço entre mim e ele. Finalmente, o homem estava enxergando a mulher que eu era. Seu olhar era firme como sempre imaginei. Ele abriu a boca perfeita para dizer…

Fom-fom!

Merda. Clark tinha ficado de passar em casa para falar do orçamento do empreiteiro de que eu mais gostara. Que também era o que propunha mais mudanças, ou seja, eu estava preparada para brigar.

Ele estacionou e saltou do carro com uma broinha na mão e um sorriso no rosto. Que se tornou ligeiramente menos largo quando viu a encarada entre mim e Hank em meio às galinhas.

E quando o caubói viu o bibliotecário? Ele se aproximou de mim, dispersando as galinhas para a esquerda e para a direita. Devagar e resolutamente, caminhou a passos largos, mesmo quando pisou numa espiga de milho seca. Então deteve-se bem na minha frente, o olhar se desviando para o meu peito, que subia e descia, e reencontrando os meus olhos. Sua expressão era firme, penetrante, ardente. Seus lábios se abriram, a língua se lançou para lubrificá-los.

– Montar, hein?

– Montar – sussurrei, incapaz de produzir a respiração necessária para fazer as cordas vocais funcionarem.

– Sim. Montar. – Com a cabeça, ele apontou para o celeiro. – Quando você voltar, vou te levar para um passeio. Acha que aguenta no pelo?

Deus pai misericordioso.

Eu nunca tinha compreendido muito bem o significado da expressão "de pernas bambas". Agora eu sabia. Felizmente, tinha um caubói para me amparar. A pele dele queimou em contato com a minha quando seus dedos envolveram meus bíceps, literalmente me segurando no ar enquanto eu tentava achar o equilíbrio. Inspirei o ar, e seu cheiro tomou as minhas narinas. Suor. Doce feno. Calor. Como podia alguém exalar esse perfume? Ele podia.

Inspirei mais uma vez e… espirrei. Dessa vez, um pouco mais delicadamente, pelo menos.

Hank riu, me colocou em pé, me girou no sentido horário e, com um leve empurrão, me impeliu na direção da casa.

– E aí, Clark? – ouvi Hank dizer com uma voz arrogante.

Flutuei em uma nuvem de hormônios em polvorosa até a porta dos fundos, onde Clark estava me esperando com o cenho franzido.

– Oi, Clark – consegui dizer enquanto ele segurava a porta aberta para mim. Cambaleei para dentro, ainda sem sentir o chão sob meus pés.

Ainda em transe, flutuei até a mesa da cozinha, onde finalmente me sentei numa cadeira. Meu cérebro estava em parafuso, da cintura para baixo, meu corpo estava contraindo um pau fantasma, meus ouvidos não paravam de repetir duas palavras que eu jamais imaginei serem tão sensuais, tão promissoras. Repeti-as em pensamento, infinitas vezes, de diferentes maneiras.

No pelo.

No *pelo*.

No pelo.

– Cocô de cavalo.

– O quê? – perguntei, arremessada da minha nuvem macia e luxuriosa.

– Cocô de cavalo – Clark repetiu, apontando para o meu sapato.

Em meio ao transe, eu tinha pisado na merda.

– Merda!

Com um suspiro, me levantei e vi o rastro que deixara no chão limpo. Comecei a saltitar até a porta, mas, no segundo pulo, pisei em falso e fui lançada para a frente. Eu teria atravessado a porta de tela se não fosse por Clark, que me pegou pela cintura.

Contra o peito dele, meu nariz foi tomado pelo cheiro de Irish Spring e livros. Fui imediatamente transportada à biblioteca de casa: o cheiro familiar das lombadas dos livros banhadas pelo sol, as páginas amareladas, uma tarde serena em frente às estantes.

Mas ele me endireitou antes que eu pensasse muito nisso e me ajudou a chegar à varanda. De longe, vi a caminhonete de Hank partindo. Tentei limpar o sapato no cascalho. Depois de esfregá-lo no chão algumas vezes, olhei para a varanda e notei que Clark estava me observando. Embora o sapato estivesse praticamente limpo, preferi tirá-lo antes de subir a escada.

– Nojento, né?

– Concordo – ele murmurou. Depois, pareceu que ia dizer mais alguma coisa. Mas não disse e, quando eu subi a escada, apenas segurou a porta aberta para mim. – Tem água sanitária embaixo do balcão. – Ele pegou um rolo de papel-toalha na despensa. – Vamos limpar essa sujeira.

– Não, Clark, não precisa. Fui eu que sujei. Eu limpo. – Tomei o papel da mão dele e peguei a

água sanitária. Estava exatamente onde ele havia dito que estaria. Ele estava passando muito tempo ali nas últimas semanas. – Recebi o orçamento do último empreiteiro, quer dar uma olhada? Está na lareira. Podemos ver juntos? – Me agachei para despejar um pouco de água sanitária no chão. – Aí, em vez de me mandar mensagens de texto falando sobre o que você não quer que seja feito, você já fala na minha cara, e eu grito com você pessoalmente. Que tal? – Limpei o último resquício de merda e joguei tudo dentro de um saco plástico, amarrando-o para levá-lo ao lixo.

No entanto, quando me virei, ele continuava ali. Olhando para mim. Com uma expressão indecifrável.

– O gato comeu a sua língua?

– Hum?

– Você está com cara de quem quer dizer alguma coisa. O que é? – Eu lavei as mãos, depois me virei e me apoiei na pia.

Clark abriu a boca, depois fechou, depois abriu de novo.

– Está parecendo um peixe, Clark. Desembucha.

Ele ficou vermelho.

– Deixa pra lá – disse, caminhando em direção à porta.

– Ei, espera. Aonde você vai? Não vai olhar o orçamento? – Caminhei até ele e agarrei o seu braço para detê-lo; ele fitou a minha mão.

– Faz ideia de quanto é perigoso montar no pelo, Vivian?

– Hein?

– No pelo. Cavalo. Está lembrada? – Ele franziu a sobrancelha.

– Ah! No pelo! Certo. Hã, imagino que a gente não vá realmente…

– Porque é *muito* perigoso. Ainda mais para alguém que não monta há um tempo. Essas coisas têm que ser feitas com calma. Sem pressa. Com segurança.

Ouvi o tique-taque do antigo relógio de pêndulo na sala de estar. E senti o cheiro da brisa do oceano. E a textura rugosa do casaco de Clark, áspera e ao mesmo tempo macia sob meus dedos. E vi os olhos dele por trás dos óculos, cor de chocolate tramada com fios dourados e verdes. Paciente. Gentil. Expectante?

Ele levou a mão à minha e a removeu do seu braço.

– Nos vemos quando você voltar.

Ele pegou a maleta e as broinhas e abriu a porta.

– Espera! Clark! – Ele se virou. – Você não quer… ahn, você sabe… ver o orçamento?

O canto direito de sua boca se ergueu num sorriso misterioso.

– Confio em você. Sei que vai escolher o melhor.

E se foi.

Enquanto eu fazia as malas, a casa de repente me pareceu grande demais.

Na manhã seguinte, fui para a Filadélfia.

CAPÍTULO ONZE

As cinco horas dentro do avião me deram bastante tempo para pensar, ler e pensar mais um pouco. Por mais que estivesse ansiosa para rever a minha família, me bateu uma saudade de Mendocino assim que dobrei a última curva da estrada.

Do que não senti nem um pouco de saudade foi do carrinho de aluguel mais minúsculo dos Estados Unidos, que deixei no aeroporto de San Francisco. Se tudo desse certo, quando voltasse para Mendocino, eu iria rodar pela cidade no Bombardeiro Azul 2.0.

Durante o voo, li a proposta que meu pai havia me enviado, e era uma boa oferta. Ao longo dos últimos anos, eu guardara uma grana, claro, mas isso me deixaria tranquila por um tempo. Antes de partir, eu tinha ligado para o último empreiteiro e aceitado seu orçamento; ele poderia começar o trabalho assim que eu voltasse.

Eu continuava encafifada com o fato de Clark não ter olhado o orçamento comigo; imaginei que ele voltaria a meter o bedelho em tudo assim que o trabalho começasse. Até lá, eu me preocuparia com as coisas que estavam a meu alcance. Vender minha empresa, empacotar as coisas do meu apartamento, vender meu carro.

Reclinei o assento o máximo possível e me recostei.

*

Meus pais me pegaram no aeroporto, me encheram de beijos e abraços e em seguida me alimentaram. Nem me deixaram passar no meu apartamento antes. Fui direto para a mesa da sala de jantar da minha mãe, sobre a qual havia todas as minhas comidas prediletas. Frango assado, purê de batata, molho caseiro e uma enorme tigela de ervilhas. “Ervilhas para dar cor”, a minha mãe costumava dizer, frase que apropriara da minha avó, que achava que todo lugar devia ter um pouquinho de verde.

Eu comi de tudo. Estava devorando o segundo pedação de bolo de chocolate recheado com creme de manteiga de chocolate quando meu pai me serviu uma xícara de café e se sentou a meu lado, varrendo as migalhas com a ponta dos dedos. Sinal de que era hora de conversar sério.

– Leu a proposta, imagino? – ele perguntou, e eu fiz que sim com a cabeça, a boca cheia de chocolate.

– E?

– E... – falei, fazendo uma pausa para engolir – parece que está tudo certo. Tem um ajuste ou outro que eu gostaria de fazer, mas pode considerar negócio feito.

Na outra ponta da mesa, minha mãe explodiu em lágrimas.

– Me sinto tão boba por chorar... Não é como se eu não soubesse que isso iria acontecer, mas é que… parece que agora é pra valer. Você vai se mudar mesmo. – Ela enxugou os olhos com a ponta do guardanapo.

– Mãe, vai ficar tudo bem, você vai ver. Logo, logo vou colocar a casa em ordem, e vocês vão poder me visitar.

– Mas você vai estar tão longe!

– Nossa, se ao menos houvesse um jeito de você ir voando para lá… Tipo, num avião? – brinquei, fazendo drama com a situação. Eu estava provocando a velha? Sem dúvida: era a única maneira de fazê-la parar de chorar. E também de…

– Respeite a sua mãe, Vivvie. Eu sei muito bem que posso te visitar. Mas não é a mesma

coisa, e você sabe. – Ela apontou para mim; esse dedo esticado era sempre prenúncio de sermão.– Eu sei que você falou que uma amiga vai te ajudar com a decoração, mas não tem sentido gastar um dinheirão com isso, sendo que eu posso te ajudar. Você vai ver, eu deixo aquela casa um brinco rapidinho!

Sempre pontual no sermão…

– E outra coisa. Esse tal Clark. Não gostei dessa história de ele estar te importunando. A casa é sua, e você faz o que bem quiser com ela. O que ele tem na cabeça para achar que tem o direito de…

– Mãe…

– … te dizer o que você pode ou não fazer…

– Mãe! O Clark está sob controle. Você acha que eu não consigo lidar com um bibliotecário?

– Ele é bibliotecário?

– Ele é o bibliotecário da cidade, é arquivista e o diretor da Sociedade Histórica local. Conhece muito sobre a cidade e sobre a casa. Ele até ajudou a tia Maude a tombar a propriedade como patrimônio histórico. É por isso que ele está tão envolvido nesse projeto… ele quer garantir que as mudanças respeitem o padrão da época em que foi construída.

– Hummm.

– Ele é uma pedra no sapato, mas, sei lá… no bom sentido? Detesto admitir, mas ele tem algumas ideias boas. – Nossa, Clark não me deixaria em paz se me ouvisse dizendo essas coisas sobre ele. – Você tem que ver o que a gente pensou para a varada da frente! Lembra que contei que o assoalho está podre e que eu atravessei uma tábua na minha primeira noite lá? E de novo depois?

– Você caiu duas vezes na varanda? – meu pai perguntou, com uma expressão de surpresa ao lançar um olhar à minha mãe.

Ela fez um gesto para que ele ficasse quieto e outro para que eu continuasse.

– Eu não te contei da segunda vez? Pois bem… depois que me desatolou do assoalho, o Clark concordou que a gente precisava começar pela varanda. E sugeriu restaurar aquele balanço antigo. Lembra dele, mãe? – perguntei, pegando o celular.

– Acho que sim. Do lado esquerdo? – Ela me observava atentamente.

– Isso. A tia Maude gastou um rolo inteiro de fita adesiva para mantê-lo pendurado. Tenho uma foto aqui – falei, vasculhando a galeria de fotos do celular. – Achei! Olha o estado precário dessa coisa! Mas o Clark conhece um carpinteiro que faz restauração. Ele acha que…

– Clark de novo? Quem é esse cara? – meu pai inquiriu, olhando para mim e depois para minha mãe.

– Tenho um palpite – disse minha mãe, olhando para a foto no meu celular. – É ele aqui?

– Hein? Ah, sim, é ele.

O balanço estava no centro da foto, mas, sem me dar conta, eu havia enquadrado Clark. Ele estava próximo ao balanço, cotoveleiras no comando, mãos na cintura e um sorriso convencido no rosto. Na ocasião, ele achou que tinha ganhado uma discussão sobre a situação da balaustroda-se. Mal sabia ele que, quanto mais tempo eu passava na casa, mais me convencia a manter a cara original dela. Mas qual seria a graça de contar isso para ele?

Não contive um sorriso ao notar como o sol do final da tarde destacava os traços do rosto dele, a mandíbula delineada, a gravata desajeitada. Mais tarde naquele dia, Clark tinha relaxado e até afrouxado a gravata.

– Ele é bonito – minha mãe opinou, me trazendo de volta da pequena cidade de Mendocino,

onde o sol do final da tarde era irradiante.

– Sim, suponho que sim. Pega no meu pé, mas é um cara legal.

Ela assentiu com um gesto de cabeça e deu um tapinha na mão do meu pai.

– Vamos deixar a Vivvie tomar conta das coisas da casa. Parece que ela tem tudo sob controle.

– Amendoim, se precisar de ajuda, estamos aqui. Ou talvez seja melhor a gente já planejar uma visita… Você não acha que é muita coisa para dar conta sozinha? – meu pai perguntou. Ele se virou para minha mãe em busca de apoio.

Eu me preparei para cortar a asa dos dois, mas minha mãe me surpreendeu.

– A Vivvie dá conta. Nós vamos para lá quando tudo estiver como você quer. – Ela piscou para mim.

– Uau. Certo. Perfeito. – Arregalei os olhos sem acreditar naquilo.

– Vamos falar sobre empacotar as suas coisas e sair do apartamento. Se você não for levar os móveis, talvez a gente possa doar alguns para a igreja. Eles estão precisando de um sofá para as aulas de catequese aos domingos, e o abrigo das mulheres está sempre pedindo utensílios de cozinha. Que tal começarmos a ver isso amanhã? – Minha mãe tinha no rosto aquela expressão que sempre fazia quando estava prestes a iniciar um projeto. E essa expressão sempre me deixava nervosa.

– Sim. Vamos começar amanhã. – Fiz que sim com a cabeça, beberiquei o café e olhei para o meu pai.

Ele também conhecia aquela expressão – e sabia que era melhor não contrariar a mulher. Bora empacotar…

*

O celular tocou à uma e dezessete da madrugada. Uma chance para adivinhar quem era do outro lado da linha…

– Me explica uma coisa: por que os californianos não têm noção das horas? Faz parte do jeitão descontraído? Ou o sol está brilhando forte demais e você não consegue ver o relógio? – resmunguei.

– Vivian?

– Foi você que ligou, Clark. Não sabe com quem está falando?

– Vamos ver… Agressiva, sarcástica, amor de pessoa… Sim, sei exatamente pra quem liguei – ele disse com uma risadinha.

– Estou morrendo de sono aqui, e você vem listar os meus defeitos? – Bocejei, me afundando no colchão e ajeitando o travesseiro sob a cabeça.

– Mulher impossível – ele disse quase sussurrando. – Estou ligando por causa do Cavaleiro Sem Pernas.

– Você só pode estar brincando…

– Parece que eu estou brincando?

– Para ser sincera, eu nunca vi você brincando. Como vou saber?

– Você nunca me viu fazer um monte de coisas, Vivian. Não faz ideia de como eu pareço fazendo certas coisas.

Oh. Clark Noturno. Eu me deitei de lado, abraçando o cobertor um pouco mais apertado.

– Ok, vou morder a isca. O que raios tem de tão importante com o Cavaleiro Sem Pernas pra você me ligar à uma da madrugada?

– Vai morder?

Apertei o travesseiro com mais força.

– Clark…

Ele deu outra risadinha.

– Estava pensando e acho que a gente se precipitou quando decidiu se livrar dele. Afinal, ele foi o homem da casa por um bom tempo. Talvez ele devesse ficar mais um pouco, não?

– Foi você que disse que nem tudo valia a pena guardar. O que, a propósito, foi algo inacreditável. E sensato. Tinha porcaria demais na casa. – Eu precisava admitir que me livrar do cavaleiro tinha sido triste. – E vai saber onde ele está? O John o levou para a loja de antiguidades.

– Na verdade, ele ficou com o cavaleiro. O John achou que poderia colocá-lo no restaurante. Nas suas palavras: "Pode dar um toque de classe ao terraço".

– Não sei se um item medieval transmite a mensagem certa no terraço de um restaurante…

– Foi exatamente o que eu disse quando passei lá para buscá-lo.

– Espera. Você já pegou o cavaleiro?

– Sim.

– E tinha certeza de que eu ia concordar em trazê-lo de volta para a casa?

– Sim.

– Você se acha, né, Clark?

– Sim.

– Então, por que diabos me ligou? Parece que você já resolveu tudo. – Rolei para deitar de costas de novo. – Tem certeza de que me ligou só pra isso?

Silêncio do outro lado da linha. Exceto pelo barulho quase imperceptível dele tomando um gole de algo que presumi ser uísque. Água. Sem gelo. Uma imagem me veio à mente: Clark sentado em uma poltrona de couro, uma mão segurando o telefone, a outra, o copo. Cabelo: desgrenhado. Óculos: abandonados ao lado de um livro sobre uma mesa lateral. Jeans. Camisa: branca, para fora da calça, os primeiros dois botões de cima abertos. Gravata: azul, afrouxada, mas desatada. Barba: uma sombra cinza entre o desalinho e a perfeição.

Tirei o travesseiro de trás da cabeça e cobri a cara para disfarçar uma risadinha. O que diabos tinha dado em mim?

Então ouvi-o respirar. Uma respiração longa, profunda e quase… trêmula? Quase um… tremor?

Minha respiração? Presa. Refém de um bibliotecário a quase cinco mil quilômetros de distância que me ligou no meio da noite para falar sobre uma armadura bipartida.

Apertei o travesseiro com toda a força.

– Quer saber se eu liguei só para isso, Vivian? – ele finalmente perguntou, a voz muitas oitavas mais baixa do que a do Clark Diurno. Rouca, áspera.

– A… hã – guinchei.

– Foi só pra isso. Boa noite. Tenha bons sonhos.

E ele desligou.

Eu enterrei a cabeça no travesseiro e dei chutes no ar.

Depois de algum tempo, acabei caindo no sono.

Sonhos bons? Nem unzinho. Picantes? Todos.

*

Durante a semana seguinte, minhas atividades foram uma repetição do que eu vinha fazendo na

Costa Oeste. Com a diferença de que, em vez de organizar os pertences de outra pessoa, agora eu estava organizando os meus. Minhas coisas, minhas roupas, minhas fotos, minhas tralhas e bugigangas, tudo o que eu possuía. Foi mais difícil e mais fácil do que imaginei. Mais difícil porque eu estava prestes a me mudar para outro estado, e para um novo estado de espírito. Eu ia deixar para trás minha família e a família dos meus irmãos.

E mais fácil porque eu estava prestes a encarar uma vida nova e o que viesse pela frente, o que quer que fosse. Mais fácil porque eu sentia falta de acordar com o barulho das ondas quebrando, do ar fresco e de balançar na velha cadeira de balanço da varanda dos fundos, com um copo de uísque na mão, enquanto o sol se punha no horizonte.

Mendocino não saía da minha cabeça, mas a Filadélfia sempre ocuparia um pedaço do meu coração. E uma parte desse pedaço se achava na cozinha agora, embalando minha coleção de ímãs de geladeira. Minha mãe insistira em enrolar cada um deles em papel-toalha, embora não houvesse nada de remotamente frágil ou quebrável num ímã que dizia: “Peguei caranguejos em Key West, Flórida”. Caranguejos de pedra, que fique claro. Delícia. A coleção de ímãs era o ponto de caos brega no meu apartamento perfeitamente organizado.

– Mãe, não precisa fazer isso, sério. Joga tudo numa caixa, não tem problema – falei ao passar por ela a caminho da sala de estar.

Ali, o forte de caixas estava ficando cada vez maior. Roupas, itens pessoais, obras de arte – algumas de minha autoria, outras que eu comprara ao longo dos

anos. A mobília iria para um depósito (leia-se: porão da casa dos meus pais), ou seria doada, ou seria levada por um dos meus irmãos. As bicicletas eram feitas para a Califórnia, assim como os caiaques; eu não via a hora de pegar aquelas trilhas e cair naquelas águas.

– E desde quando você sai jogando as coisas numa caixa? – minha mãe questionou.

– Como assim? – Estiquei o braço para pegar o rolo de fita crepe da mão dela.

– A filha que eu conheço gosta de tudo arrumado e organizado.

– Continuo a mesma. É só que eles vão se revirar dentro da caixa, não precisa arrumá-los tão perfeitamente. – Encolhi os ombros.

Talvez eu já estivesse um pouco contaminada pelo jeito de ser da Califórnia. Não era a pior coisa do mundo.

Clark continuava me ligando, não todas as noites, nem no mesmo horário. Mas sempre tarde e com tal regularidade que eu ia para a cama me perguntando se o Clark Noturno daria sinal de vida. E, na maior parte das vezes, ele dava.

– Pode parar. Time de xadrez? Por favor, me fala que é brincadeira – eu disse durante uma dessas ligações.

Estava deitada na cama, comendo jujuba e perguntando a Clark sobre seus tempos de escola. Alguns dias antes, tínhamos conversado sobre isso, começando pelo jardim de infância, passando pelo ensino fundamental – sem dúvida, o período mais detestado e constrangedor para todo mundo – e chegando ao ensino médio.

– O time de xadrez era coisa muito séria. Sabe o peso que isso tem no histórico acadêmico? As universidades são loucas por essa porra. – Ele riu e bebericou o uísque.

As três horas de diferença faziam com que eu e Clark estivéssemos entregues a diferentes veleidades, mas isso propiciava uma conversa mais relaxada. E um Clark mais solto.

– Uau. Acho que é a primeira vez que ouço você falar palavrão, senhor Barrow.

– Você já me ouviu falando palavrão.

– Não. Estou bastante certa de que não. Já ouvi um “bernardice”, um “oras, bolas”, um…

– Eu nunca falei “oras, bolas” – ele interrompeu, e eu dei risada.

– Ah, falou. Quando eu ia jogar fora o cobertor comido pelas traças que cobria o encosto do sofá da sala. Você veio com um discurso de que era um cobertor de lã autêntico de Adirondack, uma coisa extremamente rara na Califórnia, mais encontrada no norte de Nova York, por causa dos acampamentos para onde as famílias ricas iam para escapar do calor de Manhattan, da Filadélfia e de Boston na virada do último século, e que a gente não podia jogar fora de jeito nenhum. Que jogá-lo no lixo seria a mesma coisa que jogar no lixo um pedaço da cultura americana como a conhecemos – falei, tomando fôlego ao final.

Longo silêncio.

– Você tem uma memória impressionante, Vivian – Clark finalmente comentou, com bom humor.

Eu estava com medo de tê-lo chateado.

– Para certas coisas, eu tenho mesmo.

Troquei de posição na cama, ficando mais confortável.

– Xadrez, hein? Me conta mais sobre isso.

– O que você acabou de fazer? Sua voz está diferente.

– Troquei de posição na cama. Eu estava com os pés apoiados na parede.

– E agora?

– Agora?

– Uhum.

Clark Noturno. Abri um sorriso no escuro.

– Estou deitada do jeito certo – respondi, a voz um pouco mais alta no final da frase.

– Eu não sabia que tinha um jeito certo de deitar na cama, Vivian. – Sua voz estava mais grave, revestida de mel quente.

– Depende da cama, acho – provoquei.

– Acho que depende do corpo – ele provocou de volta, e minha pele se arrepiou. – Me fala como é o jeito *certo*. – A voz ainda mais cheia daquela voluptuosidade pretensiosa.

Oficialmente? Eu estava deitada com as costas no colchão e a cabeça no travesseiro, as pernas debaixo do cobertor. Extraoficialmente?

– Estou esticada na cama, os braços sobre a cabeça, só os pés cobertos, porque está muito quente hoje. Estou mexendo no cabelo com uma mão e, com a outra, estou segurando… você.

Fechei os olhos, prendi a respiração e esperei.

Clark. Gemeu. Profundamente.

Oras, bolas.

*

Duas noites depois, eu estava deitada de costas de novo, com Clark no meu ouvido, me contando sobre seus lugares prediletos para praticar caiaque no Big River.

– A água não é muito agitada por lá. A correnteza é ideal para relaxar e se deixar levar pelo rio. As árvores nas margens, o barulho das águas, não tem nada igual – ele contou naquela voz baixa e melódica que aparecia à noite. Tarde da noite.

– Você está com sorte, porque estou levando o meu caiaque. – Tomei um gole de água da garrafa ao lado da cama. – Dois, na verdade, se você quiser um emprestado.

– Eu tenho um, mas obrigado. Acho que a gente vai ter que levá-los para dar uma volta um dia desses, ver como eles se saem.

– Ver se os dois se comportam bem? – Eu ri e rolei para me deitar de lado.

– Você deve entender bem do assunto. Com cinco irmãos, imagino que “comportem-se” fosse como um mantra.

– Era o contrário… As nossas brincadeiras eram violentas. Eles nunca pegaram leve comigo por eu ser mulher. Eles sabiam que, se fizessem isso, eu partiria pra porrada.

– Eu acredito em você. Até afastei o telefone do ouvido aqui.

– Você nunca vai me deixar esquecer isso, né? Você me assustou! Tem sorte por eu não ter chutado seu saco.

– Você está brincando, mas, com cinco irmãos, me surpreende que faça piada com uma coisa dessas.

– Acredite, já vi muitos sacos sendo chutados, acidental ou intencionalmente. Aposto que você está encolhido como um tatu-bola neste momento.

– Podemos mudar de assunto? Por favor?

– Claro. Sobre o que você deseja falar?

– De repente, parece que eu liguei para o disque-sexo…

– Quer que eu te chame de *Papai*? – Dei uma risadinha no telefone e o meu melhor miado sexy.

– Vivian…

– Brincadeira. Me conta uma coisa sobre você que eu não sei.

– Uma? Tem muita coisa que você não sabe. – Ele riu.

– Ok, me conta tudo o que eu não sei, então.

– Está falando sério?

– Se solta, bibliotecário, desembucha – falei sem rodeios, e Clark riu. – Eu começo. Cereal favorito?

– Farinha de aveia.

– Adoro farinha de aveia! Com açúcar mascavo?

– Melado. E cereja desidratada. De vez em quando, gotas de chocolate.

– Isso deve ser delicioso. – Suspirei. – Preciso experimentar qualquer dia desses. Certo. Filme favorito?

– Só um?

– Ilha deserta, só pode levar um DVD.

– Tem DVD nessa ilha deserta?

– Você não sabe brincar. – Cruzei as pernas de modo que uma ficasse em cima e a outra sob o cobertor. Eu estava com frio e com calor ao mesmo tempo.

– Neste caso, acho que vou escolher… Nossa, essa é difícil!

– Nós não chegamos na parte difícil ainda, Clark – provoquei, mordendo as juntas dos dedos quando ele murmurou algo incompreensível.

– Tudo bem, vamos pular para a parte difícil.

– Maior arrependimento? – perguntei sem titubear.

– Não tenho – ele respondeu, igualmente sem titubear.

– Ah, fala sério.

– Sério. Claro que tem coisas que eu gostaria que tivessem acontecido de um jeito diferente, mas a maior parte delas não dependia de mim. Acho que arrependimentos só servem para nos corroer por dentro. Quem quer viver no passado?

– Boa resposta. – Lancei a próxima pergunta antes que ele tivesse tempo de me perguntar sobre os meus arrependimentos: – O que mais te atrai?

– Uma mulher que consegue o que quer, quando quer – ele respondeu rapidamente, e eu rapidamente tirei a outra perna de debaixo do cobertor. Aparentemente, o frio tinha passado. Clark Noturno ia acabar comigo.

– Maior meta na vida? – perguntei, levando a conversa a um território mais seguro. Ouvi-lo falar sobre trabalhar no Instituto Smithsonian ou na Biblioteca Pública de Nova York seria uma maneira confortável de encerrar a noite.

Mas, pela primeira vez, ele hesitou.

– Clark?

– Hum… A maior meta na vida?

– A-hã.

– Promete que não vai rir?

– Sim – prometi, curiosa para saber a resposta.

– Sinto que eu deveria dizer algo como escalar o Monte Rainier. Mas quer saber? A minha maior meta, a minha meta de verdade?

– Sim – sussurrei, prendendo a respiração.

– Me apaixonar por uma garota incrível, me casar e encher uma casa enorme de filhos.

Eu não conseguia respirar.

– Antiquado, eu sei. – Ele soltou uma breve risada. – Bem diferente de escalar uma montanha,

né?

Finalmente encontrei minha voz. Estava, veja só, soterrada por aquele nó que insistia em aparecer ultimamente.

– Nada de escalar montanhas, Clark. Fica com a outra opção – sussurrei. – Me parece muito melhor.

– É?

– Com certeza. Quem não gostaria disso?

A minha mão chegou a doer, de tão forte que apertei o telefone.

*

Era a minha última noite na Filadélfia. Todo mundo estava na casa dos meus pais, a mesa tomada pela família. E tomada por caçarolas e pratos para alimentar o exército dos Franklin. Nós gargalhamos, gritamos, brincamos, nos provocamos, comemos. Fizemos tudo de que eu sentiria falta a cada domingo, e, em algum momento entre o gratinado de batata e o bolo de morango de três camadas, senti um aperto insuportável no peito.

Deixei a mesa e fui para a varanda dos fundos, envolvendo o corpo com os braços para me proteger do ar frio. E da melancolia.

– Às vezes, parece que a gente não vai aguentar, né? – ouvi, e uma lufada de fumaça surgiu de detrás dos buxos que decoravam as bordas da piscina.

– Você sabe que ela vai te matar se perceber o cheiro de tabaco na sua roupa – alertei.

Eu sabia bem o que minha mãe pensava sobre o hábito de fumar do meu pai. À medida que envelhecera, ele passara a fumar bem menos, mas ela ainda pegava no pé dele por isso.

– Eu falo que foi o Peterson, o vizinho. Ela nunca vai saber. – Ele soprou anéis de fumaça na minha direção.

– Claro, porque a mãe nasceu ontem mesmo. Ela está muito bem para quem tem um dia de vida. – Passei na frente do meu pai enquanto ele batia o cachimbo na sola do sapato.

Nós observamos as estrelas por um momento. A noite estava limpa, com uma lua brilhante.

– Amendoim. Já te disse que sinto muito orgulho de você?

Direto no peito. E nas vias lacrimais.

– De onde veio isso?

Meu pai era um homem de poucas palavras quando o assunto era emoção.

– Não faço a menor ideia do que você está tramando, e isso me dá muito medo. Mas não vejo você tão empolgada assim desde que foi para Paris, e aquilo me deixou com muito medo também. Então imagino que você saiba o que está fazendo.

– Nossa, eu…

– Não terminei. Me deixa dizer isso, está bem?

Fiz que sim com a cabeça, e ele respirou fundo.

– Eu sinto muito por não ter insistido que você usasse vestido. Sinto muito por você ter ganhado uma bola de beisebol antes de uma Barbie. Sinto muito por não ter deixado você pintar a casa com as suas aquarelas na segunda série, sinto muito por não ter dado ouvidos quando a sua mãe quis te colocar no sapateado em vez do futebol. E eu ia dizer que sinto muito por você ter entrado no mundo da computação, mas a verdade é que não sinto. Você tem a cabeça para isso; só não tem o coração. E, se você não tivesse feito isso, eu não teria tido a chance de comprar a sua empresa e de ajudar a nós dois ao mesmo tempo. E eu estou muito feliz de poder te ajudar agora, já que não fiz isso quando devia. – Ele apertou meus ombros, depois me soltou. –

É tudo o que tenho a dizer. Mas estou orgulhoso pra caramba de você.

Meus olhos estavam ardendo quando olhei para o meu pai.

Ele pigarreou e então apertou meus ombros mais uma vez.

– Vamos pegar mais um pedaço daquele bolo antes que seus irmãos o devorem.

Eu me senti surpresa. Arrebatada. Eu me senti… Amendoim.

*

– Tudo pronto? – Clark perguntou, mais tarde naquela noite.

– Acho que sim. Tudo o que precisava ser despachado já saiu daqui. Vendi o carro ontem, ou seja, já tenho um extra pra gastar na Cabana de Veraneio. Estava pensando em instalar uma claraboia, ou talvez uma piscina acima do nível do chão, na varanda da frente. – Bocejei contra o telefone. Passaria essa última noite na casa dos meus pais, já que tinha oficialmente saído do apartamento.

– Não perde uma oportunidade de me atormentar, não é, Vivian? – Ele suspirou. – Que horas é o seu voo amanhã?

– Devo chegar no aeroporto de San Francisco às onze e meia. Você tinha que ter me visto no telefone com a locadora de carros; não vai ter tico-tico dessa vez. Espero não precisar do carro alugado por muito tempo. Alguma notícia do Bel Air?

– Sim, uma boa: entregaram o carro hoje de manhã. Está à sua espera.

Deixei escapar um gritinho, que imediatamente tentei abafar com o travesseiro. Tarde demais. Ouvi o barulho de pés descalços no corredor. Rolei para o lado para esconder o telefone, e a minha mãe abriu a porta em seguida.

– Vivvie, já passa das duas horas! Você tem que estar de pé daqui a algumas horas. *Nós* temos que estar de pé. Com quem você está falando?

– Clark – eu respondi para ela, e Clark respondeu como se eu estivesse falando com ele. – Não você, fica quieto – sussurrei ao telefone e olhei para minha mãe. – Já vou desligar.

– Se despede dele e vai dormir – ela advertiu, fechando a porta. Dei risada. – Agora – ela acrescentou, já do lado de fora, e eu revirei os olhos.

– Voltei – sussurrei ao telefone, mais baixo do que antes.

– Por que você está sussurrando? – Clark também sussurrou. – Por que *eu* estou sussurrando?

– Minha mãe acabou de me mandar desligar. Senhor, fazia dez anos que eu não ouvia isso. Ela nunca gostou de me ver no telefone de madrugada, especialmente quando era um garoto do outro lado da linha.

– Hum. Muitos namorados na época do colégio?

– Muitos? Não. Alguns? Sim.

– Algum especial?

– Na época, talvez. – Rolei para o outro lado, ficando de frente para a parede.

– Ah, até parece que não viveu um romance adolescente angustiante.

– Pior que não. Na verdade, a maior parte dos meus relacionamentos foi uma coisa mais física, não de sentimento. – Soltei um suspiro. Encorajada pela escuridão e pelos quase cinco mil quilômetros que me separavam de meu confidente, segui em frente: – Posso contar um segredo?

– Sobre você? Sou todo ouvidos.

Respirei profundamente e fechei os olhos.

– Eu nunca me apaixonei. – Senti meu corpo estremecer. Ouvir essas palavras em voz alta tornava a coisa mais real.

Silêncio do outro lado da linha. Exceto pelo som da respiração dele.

– Fala alguma coisa – murmurei, o rosto quente.

– Tudo bem, Vivian, eu também nunca disse aquelas palavras para ninguém. Você sabe. Eu te amo – ele confessou baixinho.

– Eu te amo?

Ouvi-o respirar fundo.

– Sim.

Nós dois respiramos fundo. O telefone estalou. Cinco mil quilômetros é uma distância e tanto.

– Mas você já namorou, certo? Quer dizer, as garotas devem fazer fila pro bibliotecário bonitinho. – Eu dei risada, aliviando a tensão.

– Você me acha bonitinho? – Ele riu, e eu revirei os olhos.

– Sim, você é bonitinho. Desembucha, vai. Quero saber sobre seus casos obscenos.

– No colégio? Ah, nada de mais – ele disse num tom quase melancólico.

Eu pensei no episódio contado por Hank em que Clark bateu com a cara numa porta de vidro durante uma festa. E no que ele próprio contara sobre o clube de xadrez. Uma imagem do que Clark devia ter sido no ensino médio passou pela minha cabeça, e eu tirei minhas próprias conclusões do que ele tinha passado.

– Na faculdade? – perguntei, tentando imaginar um Clark mais jovem no campus. Será que ele já ostentava as cotoveleiras naquela época ou aderiu a elas depois?

– Se eu namorei na faculdade?

– A-hã. – Cruzei as pernas sob o corpo. E roí a unha do polegar enquanto esperava a resposta.

– Tive algumas namoradas.

– E depois da faculdade?

– Algumas.

– E depois de depois da faculdade?

– *Depois* de depois da faculdade?

– É. Recentemente. Atualmente. Enfim. – Roí a unha com mais força.

Ele deixou escapar mais um daqueles risos abafados. Eu arranquei um pedaço da unha. Sem pensar, cuspi.

– Você cuspiu alguma coisa? – Clark indagou, curioso e achando graça.

Mortificada, enterrei a cabeça no travesseiro e murmurei um abafado “sim”.

– Jamais imaginaria que você é do tipo que cospe, Vivian.

Meus olhos se arregalaram, eu me sentei, quase levitando do colchão, e retruquei: – Só quando é alguma coisa que não vale a pena engolir.

Opa, parecia que eu tinha virado o jogo. Ouvi nitidamente Clark engasgando com um gole do que presumi ser uísque. Olhei para o relógio e vi que já era bem tarde.

– Melhor desligar. Preciso acordar cedo. Te vejo amanhã?

– Com certeza, Vivian – ele respondeu, com aquela voz grave que me provocava arrepios. – E, para constar, estou solteiro.

Deixei escapar um suspiro trêmulo. Nós nos despedimos, eu desliguei e tentei dormir.

Na manhã seguinte, me despedi dos meus pais e embarquei rumo à Califórnia, sem saber qual Clark estaria esperando por mim quando chegasse.

Eu já estava sobrevoando algum lugar de Utah quando me dei conta de que não tinha pensado no caubói uma vez sequer durante a viagem. Hum.

CAPÍTULO DOZE

Dirigi de San Francisco a Mendocino tomada por uma inquietação – mas muito grata pelo SUV, já que eu tinha mais bagagem do que algumas semanas antes. Daquela vez, minha agitação vinha da ansiedade de não saber no que estava me metendo. Agora eu sabia que estava voltando para casa. Mas qual era a parte mais emocionante? Minha vida nova? A própria casa? O bibliotecá…

Uou. Nem consigo pensar.

Percorrendo a Highway 1 – o trecho mais longo, para admirar a vista cênica –, senti a pele mergulhar nos azuis profundos e nos verdes vibrantes da costa, nas falésias, no marrom vívido da terra. Selvagem e rústica, essa parte do país certamente estava entre as mais belas do mundo.

Quando fiz a última curva e avistei Mendocino no horizonte, meu coração começou a bater um pouco mais forte. A singularidade da paisagem me arrebatou mais uma vez: os chalés coloridos por roseiras e buquês de malvas-rosa, as treliças cobertas de videiras e rodeadas de abelhões voando de um lado a outro. Fazia calor, o vento fresco do outono substituído pela brisa quente e pelo sol vultoso. Sorri ao avistar a farmácia, a mercearia, o restaurante do John e o Cliffside Coffee, todos abarrotados de moradores e turistas. Eu já podia me considerar uma moradora? Quanto tempo levava para isso?

Quando virei na Maple, a Cabana de Veraneio surgiu à vista. Torretas, varandas enormes (e perigosas), janelas brilhantes de limpas e… Para tudo. Lá estava ele!

Estacionado na entrada de carros, o Bombardeiro Azul 2.0. Dois-ponto-zero, porra.

– Caralho! – exclamei, quase me esquecendo de estacionar o carro alugado.

Tirei o cinto de segurança e saltitei até o Bel Air, que parecia pronto para decolar. Zerado, o cromo resplandecendo, um carro fodástico. Pendurados no retrovisor? Dois dados de pelúcia. Porra!

Corri os dedos pelas curvas suaves e pela pintura reluzente. O carro tinha sido encerado e polido à perfeição. Me abaixei para conferir os pneus grossos, salientes, com a faixa branca.

– Animal – murmurei, e escutei passos se aproximando.

Olhei ao redor, ainda agachada, e vi mocassins marrons. Calça de sarja marrom. Camisa xadrez azul e verde, gravata verde. Blazer de tweed. Mãos nos bolsos. Dentes alinhados, sorriso largo. Óculos com armação grossa que um dedo empurrou sobre um nariz perfeitamente cicatrizado. Olhos castanhos e acolhedores. Cabelo castanho-escuro ondulado, perfeitamente dividido.

– Oi, Clark – falei, me levantando devagar e me virando para me apoiar no carro.

Sorri ao notar que seus olhos, como de costume, se deslocaram para minhas pernas e então subiram lentamente pelo meu corpo. Não sei se todos os bibliotecários comem com os olhos como Clark faz, mas ele sem dúvida desenvolveu essa habilidade à perfeição. Ele não se apressou, não perdeu uma curva sequer. Se eu arqueei as costas para a frente quando os olhos dele finalmente chegaram a meus seios? Claro que sim. E fui recompensada com o equivalente a uma ereção facial.

E quando seus olhos encontraram os meus? Seu sorriso se tornou ainda mais intenso.

– Vivian – ele sussurrou com aquela voz cheia de mel. Mas logo o sorriso deu lugar a uma expressão tímida. – Seu voo foi tranquilo, imagino.

Tudo bem. Eu não estava mesmo pronta para ficar cara a cara com o Clark Noturno. O Clark Diurno também tinha o seu charme.

– Sério? Você quer falar sobre o meu voo? – Estufei o peito um pouco mais, rindo por dentro quando ele empurrou os óculos para trás novamente.

– Hum, bem, sobre o que você quer falar? – Ele engoliu em seco.

Decidi pegar leve. Sorri e dei uma batidinha no carro.

– Vamos levar essa belezura pra dar uma volta.

Sua expressão foi tomada por uma mistura de alívio e gratidão que logo sumiu.

– Esse carro tem seguro, certo?

Soltei uma gargalhada, o que me rendeu um "mulher impossível", mas dito de um jeito mais carinhoso do que o usual.

Escorreguei para o banco do motorista, Clark se sentou no do passageiro, e nós levamos aquela belezinha para passear pela costa.

*

Dirigimos por uma hora, indo muito além de Fort Bragg. Ali, a costa era ainda mais selvagem e sinuosa – perigosa na medida certa para acrescentar ao dia uma dose extra de adrenalina. O asfalto formava uma trilha serpenteante nas colinas, o Pacífico esparramado à nossa esquerda, as montanhas pairando majestosamente à nossa direita.

Entre mim e as montanhas? Clark, que me brindou com histórias sobre os primeiros habitantes da costa, os mineiros que trouxeram suas famílias em busca de riqueza, as cidades que se ergueram no ápice da bonança e que, acabado o ouro, desapareceram na mesma velocidade com que surgiram. Os piratas que navegaram por essas águas, saqueando e se apossando de tudo. Hum, se apossando.

Entre uma história e outra, sintonizamos estações de músicas antigas para dar ao Bel Air o que ele merecia: doo-wops. Rama lamas. Shoop-shoops. E uns dindongs.

Foi gostoso, foi espontâneo, foi divertido. O carro era macio, rápido na reta, suave nas curvas. Foi como andar nas nuvens. E nós andamos naquelas nuvens a tarde toda – eu, meu Bel Air, meu bibliotecário e meu shoop-shoop.

O bibliotecário.

Foi o que eu disse. *O* bibliotecário.

Quando pegamos a estrada de volta para casa, o sol já estava se pondo sobre o mar, atribuindo tons de dourado ao azul.

Ao chegarmos à cidade, Clark me pediu para virar à esquerda na entrada de carros de uma casa.

– Por que estamos parando aqui? – perguntei, estacionando ao lado de uma típica casa do litoral de Cabo Cod.

– Preciso pegar uma coisa. – Ele saltou do carro, correu até a porta do motorista, abriu-a e a fechou depois que eu saí.

– Você mora aqui? – Olhei ao redor.

– Sim. Por que a surpresa?

– Surpresa, não, empolgação. Estou morrendo de curiosidade de conhecer onde você mora. – Corri até a porta de entrada e espiei pelas janelas de ambos os lados da porta: livros por todo lugar, perfeitamente organizados em prateleiras e mesas. Uma poltrona. A combinação perfeita de tons de verde na parede, acolhedora e confortável. Uma lareira de pedra.

– Eu tenho a chave, sabia? – ele comentou atrás de mim; senti sua respiração no topo da minha cabeça. Clark era bem mais alto do que eu. – Não precisa ficar espiando pela janela.

Dei risada.

– Só se você quiser me mostrar…

– Claro que quero te mostrar. Mas você não quer ver o Cavaleiro Sem Pernas? Ele está te esperando na garagem.

Voltando a olhar através da janela, perguntei:

– Promete que me mostra a casa outro dia?

Clark concordou.

– Prometo.

Ele me conduziu ao redor da construção. No pequeno jardim, havia um braseiro, uma churrasqueira a gás e cadeiras Adirondack dispostas em círculo. Clark se deteve perto da garagem.

– Ah, o Cavaleiro está protegendo o Taurus, é isso? – brinquei.

– O Taurus é um dos carros mais roubados nos Estados Unidos, Vivian. Pensando estatisticamente, se você tivesse um cavaleiro para te proteger, não o colocaria para guardar algo que tem muitas chances de ser roubado? – Ele sorriu para mim.

– É, acho que sim. Será que é por isso que ele estava no quarto da tia Maude? Talvez ela tivesse medo de que alguém roubasse a décima quarta pilha de meias de cano alto.

– Talvez ela só se sentisse sozinha. Acontece. – Ele destravou a porta, mas não nos movemos.

– Acontece com todo mundo em algum momento da vida. – Pensei mais uma vez em quanto ele era mais alto do que eu.

Observei o nó Windsor, frouxo como costumava estar àquela hora do dia. Pela gola da camisa, espreitei um pequeno pedaço de pele. Bronzeada, o que me fez lembrar do sol se derramando sobre o seu peitoral naquele dia na trilha.

Quando o cheiro de sabão em pó Irish Spring invadiu minhas narinas, meu olhar se desviou para o rosto de Clark, que me encarava com uma expressão indecifrável.

– Concordo – ele murmurou.

– Hã?

– Concordo com você. Todo mundo se sente sozinho às vezes.

– Não quando se tem um cavaleiro com uma armadura brilhante. – Senti um intenso rubor tomando minhas bochechas. Antes que Clark dissesse algo que nos mergulhasse ainda mais no trivial, eu nos salvei. – Que tal o levarmos para casa?

– Ótima ideia.

Em pouco tempo, estávamos atravessando Mendocino com o cavaleiro no banco de trás, pés para o alto ao lado do tronco.

Notei a cara de curiosidade de Jessica quando cruzamos a via principal: Clark, eu e a armadura dentro de um conversível verde-água, o shoop-shoop rolando solto. A boa notícia é que o shoop-shoop nunca sai de moda.

*

Ainda dando risada, entramos na garagem e demos a volta na casa. Tive um sobressalto quando avistei a caminhonete de Hank. Só de vê-la, meu coração acelerou. Não pude evitar. Eu o vi no celeiro, sem camiseta, o torso suado e escorregadio imediatamente despertando as minhas partes femininas. Não era algo que eu controlasse; era como se aquilo fizesse parte da minha constituição e fosse acionado toda vez que eu via o cara.

No banco do motorista, tamborilei os polegares sobre o volante. Só notei que Clark tinha saído

do carro quando ele já estava a meu lado, batendo na porta. Desviei os olhos do pornô estabular; Clark estava de cabeça baixa, encarando o nada. Fitei o celeiro de novo e percebi que Hank nos vira. E agora estava andando na nossa direção. Saí rapidamente do carro, e Clark fechou a porta com uma suave pancada.

– Vivian, eu só queria…

– Viv! – Hank chamou.

Hank se movendo era algo que eu não sei descrever com precisão, a não ser que o peitoral, o abdome, a destreza, a suculência, a louridão, a naturalidade, a confiança, o domínio de tudo ao redor eram absolutamente, literalmente, impressionantes. Depois de duas semanas sem Hank, eu estava na fissura por uma dose direto na veia. E foi demais para o meu corpo. O que esse cara tinha que me deixava completamente idiota?

A verdade era que eu sempre tive uma queda por bad boys, por caras duros na queda. Nos livros, a heroína sempre se sente atraída pelo pirata, pelo príncipe cafajeste, pelo cavaleiro sombrio. E, embora o príncipe encantado tirasse um suspiro ou outro de mim, o príncipe canalha da facção inimiga nunca falhava em roubar o meu coração. E o meu saiote. Minha parte consciente e inteligente sabia que esse homem não prestava para mim. Mas a parte inconsciente sequestrava os meus hormônios sempre que ele se achava na minha órbita. O desejo primitivo de ser invadida pelo membro mais potente do bando me deixava completamente à mercê, pronta para ser dominada.

Por sorte, foi a Viv consciente quem falou mais alto dessa vez. Quando Hank cruzou o jardim, eu estava respirando calmamente.

Não podia dizer o mesmo da pessoa a meu lado.

– Já voltou de Pittsburgh, hein? – Hank perguntou, detendo-se à minha frente, um ou dois centímetros mais perto do que o recomendado pelos padrões sociais. Deliberadamente. Ele me examinou da cabeça aos pés, e minha respiração estúpida começou a querer acelerar.

– Ela é da Filadélfia, não de Pittsburgh.

Clark estava mais perto do que um instante atrás; eu conseguia sentir sua tensão através do blazer, no meu braço. O cheiro de Irish Spring estava mais forte e pungente.

– Ah, e aí, Clark? Nem tinha te visto. Tavam dando uma volta, é? – Hank deu um passo à frente, colocando-se propositalmente entre mim e Clark, para olhar o carro.

Clark, cavalheiro como sempre, deu passagem, mas os lábios se comprimiram. Desconfiei que, sendo Clark, fosse um sinal de que estava quase furioso.

– Vocês vieram do ferro-velho? Que troço é esse? – Hank perguntou com sarcasmo, apontando para o cavaleiro no banco de trás.

Clark fechou os olhos. Seus lábios reapareceram e agora contavam até dez.

– Ei, não fala assim do Cavaleiro Sem Pernas. Ele é o cara. E está de volta. Não é, Clark? – retruquei, acariciando o braço de Clark.

Hank seguiu o movimento dos meus dedos como um falcão. Ele nos encarou e então abriu um sorriso debochado, como se soubesse de um segredo. E não foi um sorriso que me agradou; foi um sorriso que transformou seu rosto de algo bonito em algo… diferente.

Um rosto que, minha intuição me dizia, Clark já tinha visto. De repente, tive a clara visão de como fora o ensino médio para Hank. E havia sido um pouco diferente do que fora para Clark.

– Parece pesado. Precisa de ajuda pra tirar do carro? – Hank perguntou, se enfiando ainda mais no meio de nós dois para pegar o cavaleiro pelos ombros. – Uau, é bem pesado. Quer que eu te ajude, Clark?

Eu respondi primeiro:

– Obrigada, Hank, é muito gentil da sua parte, mas a gente…

– Eu me viro – Clark interveio, também agarrando os ombros do cavaleiro. Agora havia quatro mãos na armadura.

Eu? Bem no meio.

– Meninos, que tal se a gente…

– Olha só pro seu rosto, cara! Está ficando todo vermelho! Anda, deixa que *eu* ajudo a Viv com isso. Pesa uma tonelada. – Hank puxou o cavaleiro para si.

Clark puxou de volta com a mesma força, e o movimento desarranjou seus óculos, que ficaram tortos no rosto.

Eu? Ainda no meio.

– Sério, gente, que bobeira. E se a gente…

– Pode. Deixar. – Clark voltou a agarrar a armadura, e no mesmo instante Hank a soltou, fazendo com que Clark caísse no banco traseiro.

E eu batesse contra o peito de Hank, que me segurou forte pelos quadris. Depois de tantas semanas, eu estava finalmente, abençoadamente, imprensada contra seu peitoral nu.

Hank riu, me apertando ainda mais.

– Pode deixar, Clark – ele disse, as mãos agora espalmadas na minha lombar.

Nós três nos congelamos numa cena ridícula. Exceto pelas mãos de Hank, que vagueavam pela minha lombar.

Eu me afastei, algo que jamais pensei que faria. Mas Hank estava sendo um escroto.

Ah, meu Deus. Clark.

Pálido, ele se ergueu, saiu do carro, pegou a outra metade do cavaleiro e desapareceu na casa sem dizer uma palavra.

Hank olhou para a outra metade da armadura no banco traseiro e depois para mim.

– Precisa de ajuda? – Sua expressão já não tinha a intensidade de segundos atrás.

– Não. Vou esperar o Clark.

Hank assentiu com a cabeça e, antes que eu me perguntasse o que tinha acabado de acontecer, ele já estava na caminhonete.

Ouvi a porta da varanda se abrindo e vi Clark descendo os degraus. Sem olhar nos meus olhos, ele pegou a outra metade da armadura e começou a voltar para a casa.

– Ei, espera, eu seguro a porta pra você – falei, tentando chegar antes dele.

Mas com Clark as coisas não eram assim. Segurando a metade do cavaleiro sob um braço, ele segurou a porta aberta para mim. Ainda olhando para o chão, *mas segurando a porta aberta*. Para mim.

Como não sou boba, permiti. Clark me acompanhou; virei à esquerda para a sala de estar, e ele subiu a escada. A casa estava abafada por ter ficado fechada enquanto eu viajava, e me apressei em abrir janelas e cortinas. Quando ouvi Clark descendo, me virei para ele.

A gravata tinha um nó perfeito, o cabelo estava bem dividido e ajeitado. A cor retornara às bochechas, e, quando ele empurrou os óculos para trás sobre o nariz, eu sorri, aliviada por ver que ele estava bem.

– Vivian, se não estou enganado, o empreiteiro virá na sexta para avaliar os serviços. É isso mesmo?

Meu sorriso desapareceu.

– Hum, sim. Até onde sei, mas…

– E a sua amiga Caroline também vem neste fim de semana, certo?

– Sim. – Franzi o cenho.

– Ótimo. Deixei anotações para você sobre algumas das mudanças. Por favor, revise-as até sexta, para que possamos conversar.

– O quê?

– Sexta. Um dia depois de quinta, que vem depois da quarta, que é antecedida pela…

– Clark, para! De novo isso? Escuta, eu sei que o que aconteceu lá fora não foi…

– Por favor, veja as anotações antes que eu volte aqui na sexta – disse secamente e começou a caminhar em direção à porta dos fundos.

– Ei, espera! – Corri para alcançá-lo.

Ele parou na porta, emoldurado pelo sol poente.

– Não vou te ver até sexta?

– Estou muito ocupado, Vivian. E já gastei muito tempo nesse projeto. Por favor, não deixe de olhar as anotações. – Ele atravessou a porta e se deteve quando chegou ao último degrau. Virando-se ligeiramente de lado, mas ainda sem olhar nos meus olhos, disse: – Vai chover nos próximos dias. Enquanto você estava fora, percebi que uma ponta da lona tinha se soltado e a prendi de novo. Acho que você não vai ter problemas.

– Obrigada – falei baixinho.

Clark finalmente se virou e olhou nos meus olhos. E eu fiquei arrasada com a frieza que havia em seu olhar. Ele assentiu com a cabeça e se foi.

Naquela noite, dormi novamente sob a proteção do cavaleiro. O vento frio do mar açoitou a casa por todos os lados, mas, dentro, estava aquecida.

Bem, a casa.

Eu, não.

CAPÍTULO TREZE

Durante a semana, olhei para o calendário mais vezes do que no último ano do ensino médio, quando estava em contagem regressiva para as aulas terminarem. Fiz planos para a visita de Caroline e preparei as coisas para a chegada do empreiteiro, tratando de fazer tudo o que podia antes de o trabalho de verdade começar.

Eu sentia falta de Clark. Sentia falta dele pra caralho. Estava acostumada com ele ali, me contando fatos interessantes e curiosidades. Estava acostumada com ele me desafiando em tudo, desde a maneira certa de guardar fotografias até o motivo por que o bom funcionamento de uma lareira é essencial para a vida como a conhecemos. Estava acostumada com seu cabelo meticulosamente repartido, os óculos de armação grossa, a risada discreta quando eu fazia alguma coisa que o divertia.

Eu sentia falta de seus telefonemas. Sentia falta de desvendar o homem por trás do tweed, o homem que se interessava por muito mais do que memorabilia e significados históricos. Sentia falta das insinuações após uma dose ou duas de uísque e de sua voz profunda se derramando deliciosamente sobre mim. Eu sentia muita falta do Clark Noturno.

Mas o Clark Noturno não me telefonava.

Finalmente comecei a limpar o quarto da tia Maude, o único que faltava. Coloquei o cavaleiro de vigia no corredor e comecei tirando as bolas de boliche do meio da cama. Troquei a roupa da cama por lençóis limpos e um edredom que havia comprado no centro da cidade. Me livrei de roupas, bugigangas e pilhas de correspondência antiga.

Seu closet se mostrou um verdadeiro tesouro. Escondida atrás de uma cômoda velha, na parte mais funda do closet, havia outra coleção de pinturas. Peguei todas, coloquei-as sob a luz do último sol e olhei uma por uma.

Não eram paisagens. Eram de natureza muito mais íntima. Sensuais, eróticas, belas. Os rostos não eram nítidos, mas os dois ou três semblantes delineados me revelaram que a mulher na pintura era a tia Maude e que o homem era… Não!

– O senhor Montgomery? – sussurrei, um rubor intenso irrompendo nas bochechas.

Rapaz, já rolou muita coisa debaixo desse teto. E, a considerar pelo quadro dezessete, debaixo da minha tia também. Agora, o que fez o queixo cair mesmo foi o número dezoito. Mas fui interrompida por uma batida na porta de entrada. Por um momento, meu coração bateu mais rápido ao imaginar quem poderia ser, mas então me lembrei que tinha pedido a Jessica que me ajudasse a pendurar as cortinas.

*

– Me conta as últimas fofocas. O que está pegando com o caubói Hank? – Jessica perguntou, se acomodando numa cadeira de balanço na varanda dos fundos, uma cerveja gelada na mão.

Me sentei a seu lado, revirei os olhos para o comentário, mas ergui minha cerveja para um brinde.

– O quê? O romance de livro não está se desenrolando como você planejou?

– Sem comentários – respondi com um sorriso.

– Ele não está a fim de montar? – ela provocou, arrancando de mim uma gargalhada.

Pensei na oferta que Hank tinha feito que envolvia cavalgar no pelo e tudo o mais. Na ocasião, achei que era exatamente o que eu queria. Afinal, ele era o cara certo. Não era?

– Está tudo transcorrendo conforme o previsto. – Beberiquei a cerveja.

– Sei.

Balançamos um pouco, em silêncio.

– Tem certeza? – ela perguntou.

– Vaca enxerida.

– Vaca legal. Há uma diferença.

– A linha é bem tênue, né?

– Bota tênue nisso.

Bebemos e balançamos.

– Sobre esse seu plano… Você acha que o Clark…

– Jessica? Esquece isso, ok?

– Ok. – E ela esqueceu. Por exatos sete segundos. – Posso dizer só uma coisa?

Não consegui segurar a risada.

– *Uma* coisa. E é bom que valha a pena.

Jessica falou, e não foi exatamente o que eu esperava: – Certo. É o seguinte: você acha que está vivendo em um livro romântico, certo?

– Porra, falando desse jeito parece uma coisa patética.

– Responde – ela pediu, me observando com atenção.

– Sim, vai. Eu admito. Eu acho que estou vivendo em um romance. Pode rir agora. – Balancei mais rápido na cadeira.

– Não vou rir. Porque acredito súper em você. – Ela bebeu a cerveja com a maior naturalidade.

Esperei Jessica concluir, mas ela não disse mais nada. Fiz uma careta.

– Muito engraçado. Aonde você quer chegar?

– Já cheguei.

– Espera, espera, espera. Você acredita em mim?

– Claro. – Jessica chocou sua cerveja contra a minha de novo.

– Elabore – pedi, me sentindo um pouco desconfortável.

– Não precisa. Eu concordo com você.

– Ah, fala sério! Você não concorda!

– Você é agressiva assim com *todo mundo* que concorda com você? – Ela riu, observando o pôr do sol. – A previsão é de chuva para o final dessa semana, mas não é o que está parecendo. O céu está limpo – Jessica mudou de assunto.

Ela parecia descontraída enquanto se balançava na cadeira. Eu terminei minha cerveja, definitivamente contraída.

Naquela noite, já na cama, olhei para o calendário. O dia seguinte era sexta-feira. Caroline estaria aqui. O empreiteiro também. E o bibliotecário. Estremeci sob as cobertas. Devia estar fazendo muito frio…

Eu não podia continuar me enganando. E eu sempre fazia isso.

*

Acordei com um sobressalto, coberta de suor, tão excitada que não estava suportando sequer o contato do lençol contra a pele. Eu o chutei para longe.

Eu tivera um sonho extremamente real, que começara do mesmo jeito de sempre. Eu me achava no vão da porta, e um homem se aproximava de mim por trás. Eu não percebia sua presença até ouvir passos no assoalho de madeira. Minha pele se arrepiou ao sentir aquele

homem, aquele amante obscuro, tão perto.

Ele pressionou o nariz logo abaixo da minha orelha, me fazendo arquear para trás à espera de encontrar seu corpo, mas eu encontrei apenas o vazio. Ele continuava ali, no entanto, os lábios roçando o mesmo ponto, sussurrando meu nome no meu ouvido.

– Vivian, minha doce Vivian – ele disse profundamente. Tão profundamente quanto eu o desejava dentro de mim, preenchendo-me de paixão quente e frenética. – Há quanto tempo você está esperando por mim? Hummm, sua pele é intoxicante. Eu quero descobrir se seu gosto é tão doce quanto seu cheiro.

Ele me deixou sentir seu corpo inteiro agora, moldando-me a ele. Teso, tão teso, e não apenas o peitoral e as coxas. Teso para mim. Teso contra mim. Teso – logo, esperava – dentro de mim. Lutei para me virar, para olhar, para tocar, mas, como sempre, ele me impediu.

No entanto, nessa noite, ele foi mais longe do que nunca, e as mãos fortes arrancaram a camisola de seda da minha pele quente e percorreram livremente meu corpo nu. Confinada contra seu corpo, presa por seus braços poderosos, logo me vi pressionada contra a parede, e suas mãos colocaram as minhas acima da minha cabeça e puxaram meus quadris, preparando-me para ele.

Mas não para a sua extraordinária ereção. Ainda não. Meu amante obscuro atiçou meus seios, beliscando suavemente minha pele macia, a ponta dos dedos fazendo meus mamilos intumescerem, percorrendo os bicos sensíveis.

– Você tem alguma ideia do que provoca em mim? – ele perguntou, arrastando a língua pela minha nuca.

Senti o cabelo macio que se seguiu à língua conforme ela traçava seu caminho para baixo, cada vez mais para baixo: entre minhas escápulas, mergulhando na cavidade entre cada vértebra, até finalmente se deter na minha lombar, os dentes mordiscando a cova logo acima das minhas nádegas.

As mãos? Não mais nos meus seios, agora inchados e pesados conforme eu arqueava as costas em busca de sua intenção mais uma vez. As mãos se dirigiam ao sul, começando a explorar meus segredos mais íntimos. Meus gemidos eram uma súplica para que me aliviasse dessa expectativa que começava a beirar a dor, desse anseio insuportável de ser ocupada por ele.

– Devagar, Vivian. Você não sabe há quanto tempo eu espero por isso – ele sussurrou, separando minhas pernas.

Não mais do que de repente, sua respiração não estava mais em minhas costas. O interior das minhas coxas foi roçado por seu cabelo sedoso, e meus joelhos ameaçaram ceder. Olhei para baixo, para as mãos que, gentil e insistentemente, induziam minhas pernas a se abrirem ainda mais. E então… os beijos. Ah, os beijos!

Atrás de meus joelhos, primeiro. Depois, subindo pela parte de trás de minhas coxas, movendo-se resolutamente para o interior delas. Seu rosto permanecia escondido. E depois?

Ele enterrou a boca em mim. Gloriosamente. Deliciosamente. Indecentemente.

Meu mundo parou – e recomeçou, como que renovado agora.

Minhas mãos continuavam apoiadas na parede, e meus gemidos de prazer choviam sobre ele. Não vi mais do que uma mecha de cabelo entre minhas pernas. Estremeci, vacilei. Meus olhos queriam se fechar, eu lutei para mantê-los abertos. Eu precisava *vê-lo.*

– Vivian – a voz misteriosa disse. – Seu gosto é tão libertino quanto eu sonhava.

Ele começou a erguer a cabeça e abrir os olhos, e eu…

Acordei.
– Porra! – gritei, esmurrando o travesseiro.
Não voltei a dormir naquela noite.
Aí, o que aconteceu quando amanheceu? A Viv estava bem irritada.

CAPÍTULO CATORZE

Caroline chegaria por volta das dez e meia da manhã. Como Simon estava no México, ela havia planejado passar a noite aqui. Eu estava contente por receber minha primeira hóspede; as colchas estavam limpas e os travesseiros, afofados.

Continuava abalada pelo sonho. Parte de mim estava furiosa por *quase* ter visto o rosto dele; no entanto, outra parte de mim estava com medo de vê-lo. Não saber de quem era o rosto mantinha aquilo como uma simples fantasia. Uma fantasia com a língua mais rápida do oeste, mas ainda assim uma fantasia.

Naquela semana, tanto o bibliotecário quanto o caubói tinham sido presença rara. Eu não vira Hank uma vez sequer, apenas sinais de que ele passara por aqui. Paula estava no pasto com Paul, as galinhas estavam alimentadas. O rastro dos pneus na lama depois de uma tempestade.

E nós sabemos muito bem por que Clark não tinha aparecido.

– E já gastei muito tempo nesse projeto – ele dissera antes de me deixar com uma lona bem presa e o cenho franzido.

Achei que ele se arrependeria, que o Clark Noturno telefonaria. No entanto, nem o Clark Noturno nem o metódico Clark Diurno deram sinal de vida. Ele finalmente estaria aqui hoje.

Nervosa? Nah. Isso de andar sem parar de um lado para outro é o que eu faço quando estou relaxada, tranquila e serena.

O Mercedes conversível mais elegante que já vi surgiu na entrada de carros e parou próximo à casa.

– E aí, gata? – Caroline gritou, com um sorriso. – Cada vez que vejo essa casa, ela está mais bonita.

– Sim, e hoje é o dia em que vamos agir para deixá-la ainda melhor. – Peguei a mala dela no banco traseiro e a pendurei no braço antes que Caroline pudesse fazê-lo.

– Você está falando igualzinho a um palestrante motivacional! – Ela saiu do carro e espreguiçou o corpo depois da longa viagem.

Caroline estava vestida para trabalhar, uma calça preta elegante cobrindo as pernas longas, um suéter framboesa combinando com um cachecol rosa-claro que acentuava o pescoço longo. Tinha um estilo leve que eu sempre invejei – o estilo e a capacidade de caminhar pelo cascalho em um salto de sete centímetros.

– Você faz parecer tão fácil – comentei, olhando para seus sapatos conforme ela me acompanhava até a varanda dos fundos.

– Eu aprendi com a melhor. Você tem que ver a minha chefe andando numa reforma. Adicione ao cascalho cavaletes, cabos elétricos e um salto de nove centímetros: é a Jillian. – Ela olhou ao redor da cozinha. – Está ótimo aqui. Gostei do que você fez.

Caroline observou as prateleiras acima do fogão, as quais eu tinha limpado e ocupado com um conjunto antigo de caçarolas laranja e panelas para banho-maria que estavam no porão. Eu as organizara por tamanho.

– Puta que pariu! São todas Le Creuset! Você que trouxe, ou elas eram daqui?

– Encontrei no porão, atrás de um monte de potes velhos de conserva.

– Cuide dessas belezuras, por favor, e pode ser que você queira vistoriar a minha mala antes de eu ir embora. E a minha bolsa. – Ela se virou para reparar no espaço vazio sobre o balcão. – E você tem sorte de não ser uma KitchenAid. – Caroline apontou para uma batedeira obsoleta.

Eu a havia deixado no balcão, embora não fizesse a menor ideia se usaria um dia. Ela passava uma coisa acolhedora. E dava à casa uma cara acolhedora. Então deixei-a ali.

Conduzi Caroline ao andar de cima; ela se admirou com o progresso que eu tinha feito. Deixei-a à vontade para escolher o quarto que quisesse, e ela ficou fascinada com a vista para o mar. Caroline testou – e aprovou – o colchão e depois observou enquanto levantei e abaixei as cortinas três vezes até deixá-las na altura exata em que eu as queria. E me observou enquanto eu deixava as janelas abertas no mesmo nível. E me observou enquanto eu ajeitava os livros sobre as cômodas, separados por exatos cinco centímetros um do outro.

– Está nervosa com alguma coisa? – ela indagou.

– Nervosa? Não. Por quê? – perguntei, e a campainha tocou.

Os livros foram parar no chão, consequência de um espasmo involuntário causado pelo dim-dom. Suspirei ao abaixar para recolhê-los.

Jesus, Viv, controle-se!

Com uma sobrancelha arqueada, Caroline ainda me observava quando eu disse:

– Deve ser o Clark. Vou abrir a porta para ele.

Desci a escada correndo, espreitando a silhueta familiar através da cortina. Tinha sido uma longa semana. Com um frio na barriga, praticamente saltei sobre os dois últimos degraus, sobrevoei o chão e envolvi com a mão a maçaneta da porta. Só aí parei para respirar. O que eu encontraria do outro lado? O Clark Divertido e Familiar? Ou o Clark Distante e Desapegado?

Abri a porta. Lá estava ele. Alto, moreno, de tweed. Abri um sorriso sem nem me dar conta. Seus olhos castanhos se encheram de calor no mesmo instante, absorvendo-me e, como de costume, percorrendo meu corpo dos pés à cabeça. Como de costume, eu permiti. Apoiei o corpo no batente enquanto ele observava minhas pernas, vestidas com o shortinho mais curto que eu tinha. Eu não planejara o que iria vestir. De modo algum.

Quando chegaram à minha barriga e ao piercing, seus olhos se arregalaram. Minha camiseta estava amarrada nas costas para deixar o umbigo à mostra. Seu olhar se deteve na altura do meu peito, que eu estufei ligeiramente enquanto meus dedos brincavam com o medalhão. Clark ajeitou os óculos no nariz. Aquela breve inspeção pareceu durar horas. E, quando seus olhos finalmente encontraram os meus, estavam calorosos e amáveis e felizes por me ver. Então se tornaram estritamente profissionais.

– Espero que você tenha deixado tudo em ordem para a chegada do empreiteiro.

Meu estômago se revirou. Clark continuava puto.

– Também estou feliz em te ver, Clark. Entra. – Suspirei, segurando a porta bem aberta e apressando-o para dentro.

Seu braço roçou o meu, e meus dedos tocaram distraidamente minha pele enquanto Clark adentrava a sala e dava uma volta para examinar o que eu tinha feito durante a semana. Sua sobrancelha se arqueou diante do post-it colado no corrimão solto.

– Nem começa. Só vou perguntar se eles conseguem restaurar, não substituir. Feliz?

– Sim, é exatamente essa a palavra que eu usaria para me descrever neste momento – ele murmurou, alto o suficiente para que eu ouvisse.

Sufoquei um comentário mal-educado, observando-o da porta.

– Como foi a sua semana? – perguntei.

– Agitada. – Ele agora observava o espelho com moldura de madeira da entrada. – Foi você que fez esse arranhão?

– Não. – Ficando ao lado dele, tentei ver o ponto na parte de baixo da moldura em que ele

estava esfregando o dedo.

– Esse arranhão não estava aí.

Eu o empurrei para o lado.

– Se você tirar a mão, quem sabe eu consiga ver o arranhão. – Semicerrei os olhos para identificar o que o estava perturbando.

A velha moldura de madeira era toda rachaduras e arranhões. O que ele estava vendo? Me inclinei para olhar, mas seu braço estava na frente; então passei a cabeça por baixo do braço dele e fiquei na ponta dos pés. Afastei sua mão e examinei o ponto onde estava seu dedo.

O arranhão de milímetros parecia tão velho quanto a própria madeira. Eu estava a ponto de dizer a Clark que parte de seu corpo ele podia arranhar, quando senti o calor desse mesmo corpo contra o meu. Seu relevo longilíneo e esbelto se encaixava ao meu, e Clark deslizou o dedo até o ponto exato. Na moldura.

– Aqui, está vendo? Essa marca não estava aqui – ele disse baixinho, ao pé do meu ouvido.

Meu pescoço esquentou. O que estava acontecendo?

Devagar, saí da ponta dos pés e pousei os calcanhares, pressionando as costas com mais força contra ele. Depois, me ergui mais uma vez, arqueando o corpo ainda mais na direção da parede, pressionando uma parte de mim contra uma parte bem específica dele. Clark deixou escapar um silvo, e eu abri um sorriso.

– Você quer dizer este aqui? – perguntei, passando o polegar na madeira.

Repito: *o que estava acontecendo?*

Espiei por cima do ombro e vi Clark. Olhos fechados, mandíbula cerrada. Respiração pesada.

E, mais atrás, vi Caroline. Braços cruzados, sorriso zombeteiro.

Me virei para a parede, bati o dedo de leve sobre o arranhão e me desvencilhei de Clark.

– Bem, vamos acrescentar isso à lista de coisas que precisam ser feitas – afirmei.

Clark abriu os olhos. Pigarreando, se virou e viu Caroline.

– Ah, oi! – ele disse, afastando-se até o outro extremo da sala. – Esse empreiteiro que você contratou tem experiência com esse tipo de restauração, espero.

Me recostei na parede, perturbada, confusa, sem nenhuma ideia do que tinha acabado de acontecer. Estava quente ali. Abri as janelas. Puxei a parte de trás da gola da camiseta para deixar entrar um ar. Caroline disfarçou uma risada.

– Sim, ele faz serviços para um morador daqui com quem eu já trabalhei. Eles são muito cuidadosos com projetos como este – ela respondeu.

Clark assentiu vigorosamente.

– Bom, muito bom. Enquanto ele não chega, posso mostrar alguns desenhos originais que encontrei nos arquivos de algumas das casas da cidade? Você comentou que daria uma olhada na casa de férias dos seus amigos. Eu conheço bem aquela casa, é linda.

Clark colocou a pasta em cima da mesa de jantar e travou uma conversa perfeitamente normal com Caroline – enquanto eu ainda estava tentando fazer meu batimento cardíaco voltar ao normal.

Ele não parecia minimamente afetado pelo que tinha acontecido. Hunf!

*

Pior dia da vida. Sério. Depois que o empreiteiro chegou, vistoriamos cômodo por cômodo, com Caroline liderando a caravana. Ainda bem que ela estava ali, porque a tensão borbulhante entre mim e Clark era como uma fina camada de insanidade a revestir cada palavra pronunciada. Cada

olhar acalorado. E cada olhar não tão acalorado.

Quando perguntei se o armário de cedro do corredor do andar de cima poderia ser retirado para expandir o banheiro, ouvi um sermão de Clark sobre o crime contra a humanidade que seria destruir algo tão importante quanto tal armário. Escutei os primeiros dois minutos da ladainha, até que fui pega revirando os olhos e prontamente repreendida. Ao que mostrei a língua. Ao que Clark me lançou um olhar tão ardente que eu não sei como o cedro não pegou fogo.

E quando Caroline e Joe, o Empreiteiro, começaram a falar sobre calafetar as janelas do segundo andar e qual seria a melhor opção de vedação? O rosto de Clark ficou cinquenta tons de roxo, e eu quase arranquei meu lábio inferior ao mordê-lo.

Ainda assim, nós fizemos progressos ao longo do dia. E, ao final, chegamos a um acordo quanto às mudanças que eu considerava necessárias e não desagradavam Clark. Isto é, mudanças que respeitavam o registro histórico e também as diretrizes que ele tinha em mente para a integridade da casa. Caroline passou o dia se equilibrando na corda bamba entre essas duas imposições, mediando e controlando a tensão que já não podia ser ignorada.

Tanto a trégua que se estabelecera entre mim e Clark depois dos primeiros dias como a amizade que tinha florescido enquanto eu estava na Filadélfia tinham desaparecido. Em seu lugar? Silêncio inquietante. Conversas frustrantes e artificiais. E o pior? Calafetação. Ah, a calafetação.

Depois que nos despedimos de Joe, Caroline pediu licença para fazer uma ligação, e Clark e eu ficamos sozinhos no hall de entrada.

Silêncio. Mais silêncio. Ranger da sola de sapato, som da respiração e mais silêncio.

Por fim, ambos falamos juntos:

– Então, o que você acha de…

– Então, se não tiver problema para você…

E ambos nos calamos.

– Pode falar – eu disse.

– Não, não. O que ia dizer?

– Não, por favor. Você primeiro.

– Damas primeiro, Vivian.

Isso iria continuar noite adentro se alguém não colocasse um basta nessa teimosia mútua.

– Eu ia perguntar o que você achou do Joe. Ele me pareceu a melhor opção entre todas.

– Ele parece ser muito competente e parece que entendeu o que você pretende fazer. Tenho certeza de que ele vai fazer um bom trabalho.

– Que bom. Eu também achei isso, mas queria saber o que você achou – murmurei, tentando preencher o silêncio. O que nunca tinha sido necessário. – Então… é isso aí.

Mais silêncio.

– O que você ia dizer? – perguntei.

– Oi? – Ele parecia distraído.

– Quando a gente falou ao mesmo tempo… O que você ia dizer?

– Ah. Bem, eu só ia dizer que você e a Caroline parecem ter pensado em tudo e que o projeto está nos trilhos. Acho que vai correr tudo bem com a reforma.

– Eu também acho. Vai ser divertido ver algumas coisas saírem do papel. – Eu me aproximei um pouco mais dele e apontei para uma parte da cornija que separava o hall da sala de estar. – Gostei muito da sua ideia de tentar reproduzir esses detalhes no andar de cima. Isso vai criar uma harmonia.

– Me pareceu uma progressão natural. – Ele ajeitou os óculos.

– Fico feliz que você tenha gostado das minhas ideias para o banheiro do quarto principal. Estava com medo de você não aceitar a ducha cascata – falei em tom de provocação.

Ele suspirou.

– Por que eu não aceitaria? Banheiros precisam ser adequados aos dias atuais, Vivian. Até eu sei disso. – Seu tom estava diferente. Clark parecia cansado, frustrado. Exaltado, mas não como quando eu conseguia provocá-lo.

Várias vezes antes, eu havia provocado Clark apenas para ver sua reação, mas, naquele momento, tudo o que eu queria era ouvi-lo dizer "mulher impossível" com aquela sua voz profunda. Porém, não foi isso que ele disse.

– Acho que está na hora de eu me afastar e deixar você prosseguir com as escolhas que fez.

Clark começou a caminhar em direção à porta, e eu me joguei na frente dele.

– Ei. Calma, por que você está fugindo?

– Não estou fugindo. Estou indo embora – ele disse objetivamente, olhando para todos os lados, menos para mim, quando me coloquei entre ele e a porta.

– Ah, para com isso, vai. Caroline e eu vamos tomar uma taça de vinho agora, relaxar olhando as ondas. Depois, talvez a gente saia com o Bombardeiro Azul pra dar uma volta pela costa. – Me recostei na porta e abri um sorriso.

– Você vai beber e dirigir? – ele questionou num tom severo.

– Não! Se a gente sair pra dar uma volta, vai ser bem mais tarde, tipo… Droga, Clark, você entendeu o que eu quis dizer! – Mastiguei a unha do polegar. – Fica, vai. Sim?

– Não posso. – Ele deu um passo para o lado.

Eu dei um passo para o mesmo lado.

– Não pode ou não quer?

– Vivian – Clark murmurou quando parei bem na frente dele, me movendo de um lado para o outro conforme ele tentava se desvencilhar.

Não tirei o olhar do rosto dele.

– Não pode ou não quer? – repeti, determinada. Fitei os olhos cor de chocolate de Clark, carregados de um sentimento impossível de identificar.

– Tenho planos.

– Planos? – indaguei em um tom incrédulo. O que não foi uma boa ideia.

– Sim, planos. Não passo todas as noites pensando em você. Na sua casa, quero dizer.

– E que planos são esses? – Franzi o cenho.

Ele abriu a boca para falar, fechou, abriu de novo. Lambeu o lábio inferior, e eu observei.

O salto de Caroline ressoou no chão e me fez desviar o olhar; Clark passou por mim e atravessou a porta.

– Nos vemos depois – ele disse.

Quando Caroline surgiu atrás de mim, Clark já descia a escada. Nós duas observamos o Taurus partir devagar. Sem erguer poeira, em linha perfeitamente reta na estrada.

– Você falou para ele ficar? – Caroline perguntou.

– Sim. – Tomei o caminho da cozinha. – Quer beber?

– Claro. – Ela me acompanhou.

Servi uísque para mim e vinho para ela.

– Está a fim de ir pro centro mais tarde? – perguntei, e Caroline fez que sim com a cabeça, o olhar curioso. – Ótimo. – Entornei o uísque e nem sequer me contraí com a queimação. – Ótimo.

*

Duas bebidas depois, Caroline, Jessica e eu, após termos caminhado até a cidade, nos achávamos no balcão do John, pedindo pizza e mais bebidas. A pizza e as bebidas chegaram, e nós partimos para uma mesa no canto. Enquanto Caroline e Jessica sabiamente trocaram o álcool por água, eu continuava firme no (quarto copo de) uísque. Sem nenhuma intenção de parar. Meu corpo estava quente e relaxado, os lábios, entorpecidos e atiçados ao mesmo tempo. Comecei a abrir os botões de cima da camisa, ávida por um pouco de ar.

– Para de se despir – Caroline brincou.

– Era pra alguém estar fazendo isso por mim – murmurei, mas parei de desabotoar na altura do sutiã.

– Ah, alguém adoraria fazer isso. Vai por mim – Jessica comentou, trocando um olhar conspirador com Caroline.

– Sem essa palhaçada. Se tem alguma coisa pra falar, fala logo. Fala de uma vez.

Jessica me passou um guardanapo para limpar o uísque que eu havia derramado.

– Como vão as coisas com o caubói?

– O caubói?

– É, o personagem central do seu romance literário?

– Ah, sim. Ele. Bem…

– Calma – Caroline interrompeu –, você está escrevendo um romance?

– Não, não estou. E por que você – apontei para Jessica – não cala essa…

– Ah, você não sabe da teoria da Viv? O motivo de ela estar aqui? – Jessica soltou uma risadinha, e Caroline me encarou.

– Que teoria?

– Não tem teoria nenhuma. Era mais uma sensação de…

– Estou completamente confusa aqui. – Caroline olhou para Jessica em busca de alguma explicação.

– Tudo bem, a Viv também está.

– A *Viv* está bem aqui! E a *Viv* vai te dar um soco na fuça se você não parar com essa história de romance!

O que fez Jessica se calar por aproximadamente três segundos.

– A Viv está com essa ideia maluca de que…

– *Eu* conto! Você vai distorcer as coisas! – exclamei, e Jessica fez um gesto indicando que a pista era toda minha agora. – O negócio é o seguinte: eu sinto que Hank e eu nascemos um para o outro.

– Hank? – Caroline indagou, o cenho franzido.

– Sim, o Hank. E eu. Juntos. No sentido bíblico da coisa.

– Tipo, a Terra sofreu um dilúvio e ele é o único homem que restou. Esse tipo de coisa?

Jessica ergueu a mão espalmada e tocou a de Caroline.

– Não! Você já viu o cara? O abdome, o tórax, o rosto? – perguntei, derramando um pouco mais do uísque ao narrar o corpo dele com as mãos.

– Sim, já vi o cara. Até falei com ele. Na verdade, ele grunhiu pra mim. – Caroline franziu o nariz ligeiramente.

– Grunhiu pra você? – indaguei, confusa. – Quando?

– No dia em que estava todo mundo lá. Ele olhou pros meus peitos e grunhiu “delícia” ou algo

assim e depois se enfiou no celeiro. Aparentemente, ele esperava que eu fosse desmaiar ou alguma coisa parecida – ela bufou.

– Ele gosta mesmo das loiras e altas – Jessica comentou. – Embora prefira as mais vadias. Sem ofensa.

– De boa.

As duas tilintaram os copos. Bebi o resto do uísque e gesticulei para John pedindo mais um.

– Então você e o Hank estão destinados a ficar juntos. De onde você tirou isso?

– É muita coisa para explicar – resmunguei.

– A Viv está sempre lendo romances. Aí, quando ela recebeu uma ligação no meio da noite falando para atravessar o país e herdar a casa na praia de uma tia que mal conhecia, e com um caubói seminu no meio, ela presumiu que estava vivendo uma das histórias que tanto ama – Jessica recapitulou e olhou para mim em busca de aprovação.

Eu suspirei.

– De novo: quando você fala assim, parece ridículo. Mas não é bem assim, tem mais coisa. Tipo, não faz parte do enredo sofrer um pouco? Todo romance tem esse lance de correr atrás, não tem? Esse não ata nem desata? Esse enigma peniano lentamente desvendado?

– Mas oi? – Caroline perguntou, e eu apoiei a testa na mesa.

– Você e o Simon não demoraram eras pra ficar juntos? – indaguei sob meus braços.

– Sim. Mas foi como preliminares. Ia rolar de qualquer jeito; era só uma questão de tempo – ela explicou, a voz sonhadora. Olhei para ela, e sua expressão também era sonhadora.

– É o mesmo comigo e com o Hank. – Eu franzi o cenho assim que essas palavras saíram da minha boca.

– Mas tem mais uma peça nesse enigma peniano, né? – Jessica disse.

Caroline assentiu enfaticamente com a cabeça.

– Total. Acho que você não está enxergando uma coisa nessa história, Viv. A peça mais importante.

Eu me endireitei, estiquei as costas e olhei na direção do bar, me perguntando onde estava meu maldito uísque. Não vi John. Mas vi…

– Clark – sussurrei.

– Exatamente! – Caroline e Jessica exclamaram ao mesmo tempo.

Balancei a cabeça, sem tirar os olhos dele.

– Não, ali. Na mesa perto do bar.

A cabeça das duas se virou, e nós três vimos Clark puxando uma cadeira. Para uma garota.

Alta. Magra. Loira. Linda. Inteligente, presumi. Tinha cara. Ela devia ser os *planos* dele para a noite.

Clark riu de algo que ela disse, e eu estremeci conforme aquela risada sombria sobrepujou o ruído de centenas de conversas, centenas de copos tinindo e garfos retinindo. A mulher abriu o guardanapo, posicionou-o perfeita e polidamente no centro do colo e depois apoiou a mão perfeita e polidamente no centro da mesa. E acariciou a lateral da mão dele. *Acariciou a lateral da mão dele!* Vadia!

Eu me levantei e atravessei o bar, ignorando o braço de Caroline e os gritos de Jessica. Clark se virou a tempo de ver minha súbita acometida e pulou da cadeira.

– Oooooi! – eu falei, me plantando em frente à mesa, perfeita e *im*polidamente. – Senta, Clark, não quero interromper. – Com uma mão no ombro dele, empurrei-o com força para baixo. – Só queria dar um *oi*. Oi! – Prendi minha atenção na loira que me fitava com curiosidade. Sentimento

errado, filha. – Sou a Viv, muito prazer – falei gentilmente, oferecendo a mão para cumprimentá-la.

– Prazer em conhecê-la, Viv. Espera… Viv? De Vivian? – ela perguntou, e meu olhar se deslocou dela para Clark. Que empalideceu.

– De Viv mesmo.

– Nossa! Por que você não senta com a gente? – Ela bateu palmas de alegria.

– Ah, eu tenho certeza de que a Vivian tem coisa melhor para fazer do que…

– Eu adoraria! – Puxei uma cadeira de uma mesa vazia e a posicionei com o encosto virado para a frente. – O que vamos beber?

– Não acho que seja uma boa ideia… – Clark começou, e eu o interrompi com um *shh*.

– Bobeira, é uma ótima ideia! De que outra forma… Desculpa, qual é o seu nome? – perguntei à loira.

– Chloe. – Ela olhou para mim e depois para Clark.

– Chloe! Que nome encantador. Vamos tomar alguma coisa, sim. Ei, John! – gritei, e ele respondeu. – Traz minha bebida pra cá, beleza?

– Pode deixar! – ele exclamou.

Eu me acomodei na cadeira, cruzando os braços sobre o encosto. Sorri para Clark, que forçou um sorriso de volta.

– Vivian, eu estava torcendo pra encontrar você aqui. Estava louca pra te conhecer – disse Chloe.

– Chlo – Clark resmungou, e eu estremeci diante daquela intimidade.

Qual era a razão de estremecer? Qual era a razão, aliás, para eu estar ali? Olhei para minha mesa e vi Caroline e Jessica acenando freneticamente para que eu voltasse. Mas já era tarde.

– Estava louca pra me conhecer? – indaguei, encarando Clark.

Que estava encarando meus peitos. Olhei para baixo e notei que um pedaço do meu sutiã preto estava à mostra por trás dos botões que eu havia desabotoado. Olhando bem nos olhos de Clark, abri mais um botão. Ele soltou outro resmungo, mas um bem diferente agora. Na frente da Chloe? O que diabos estava rolando entre esses dois?

Ela apenas riu.

– A Vivian isso, a Vivian aquilo, acredita que ela disse isso, acredita que ela quer fazer tal coisa… Pelo que ele fala, você é uma figura!

Eu a encarei completamente confusa. Ela continuou:

– Faz muito tempo que não ouço o meu primo falando assim de alguém, mas, agora que te conheci, já entendi por quê. – Ela fez uma careta para Clark quando ele a fulminou com o olhar.

– Opa, opa, opa. Clark é seu primo? – Agora fui eu que lancei um olhar fulminante para ele. – Os planos que você tinha eram com a sua prima? Que porra é essa?

– Olha a boca, Vivian – ele advertiu, descendo o uísque goela abaixo assim que John colocou a bebida na mesa e me fitando por sobre a borda do copo, os olhos expelindo fumaça.

Eu inclinei o corpo à frente na mesa, fazendo com que dois pés da cadeira desencostassem do chão, e olhei bem nos olhos de Clark.

– Que. Porra. É. Essa. Clark?

– Chloe, pode nos dar licença um minutinho? – ele perguntou, sem tirar os olhos dos meus.

– Claro. Prazer em conhecê-la, Viv. – Ela soltou uma risadinha e, ao sair da mesa, deu um tapinha no meu ombro.

Nem a vi se retirar, já que eu e um certo bibliotecário estávamos brincando de quem piscava

primeiro.

– Ela é legal – falei.

– Você está bêbada.

– Sim.

– Estou curioso, Vivian – ele comentou, ainda sem tirar os olhos dos meus.

– Curioso?

– A-hã. Estou me perguntando por que você estava tão interessada em saber com quem eu estava. – Ele inclinou o corpo à frente; eu inclinei o meu ainda mais. Poucos centímetros nos separavam. – Parecia até que você estava… – O olhar de Clark dançou pelo meu cabelo, pelos meus lábios, pelos meus ombros, pelos meus seios, ainda empinados e seminus. Quando voltou a me olhar nos olhos, ele abriu um sorriso. – Com ciúme.

– Ciúme? Eu? – Resfoleguei e soltei uma gargalhada. Que se transformou em cuspe. – Só vim pra dar oi. Para o meu amigo, com quem eu costumava conversar o tempo todo. O meu amigo que costumava querer me ajudar com a minha casa, que me ligava no meio da noite, que saía comigo para passear num carro foda com um cavaleiro bizarro no banco de trás. Onde está esse cara?

– Você não faz a menor ideia, não é? – Ele balançou a cabeça e então se levantou e chamou John. – Pode embrulhar a pizza para viagem, por favor?

– Vai embora? De novo? Por que você sempre faz isso? – questionei, nervosa. A minha cabeça estava começando a doer.

– A Chloe está passando por algumas coisas e…

– Como uma pessoa tão bonita está passando por algumas coisas? – Por cima do ombro dele, olhei para a linda loira no bar.

– Todo mundo passa por coisas, Vivian. Ela está pensando em sair de San Diego e se mudar para o norte. E precisa conversar sobre isso. Às vezes, a gente só precisa dizer as coisas em voz alta para a ficha cair.

– Eu posso muito bem dizer as coisas em voz alta – murmurei, encarando-o. Tão alto. Tão enraivecido. Em que momento ele tinha ficado tão bravo?

Clark assentiu para alguém atrás de mim, e eu me virei e vi minhas amigas se aproximando, uma de cada lado.

– Não a deixem voltar sozinha, ok? – Clark falou para Jessica, que assentiu.

O que *me* deixou brava.

– Não preciso que ninguém me leve pra casa. Sei muito bem me cuidar.

Clark apenas olhou para mim com uma expressão vazia.

Eu não gostei. Preferia o Clark bravo.

Ele se afastou, trocou algumas palavras com John e pegou a pizza. Em seguida, se juntou à prima na outra ponta do bar, de onde ela me mandou um tchauzinho.

Ele se foi. Eu fiquei, bêbada. Com metade do sutiã para fora.

Hora de ir para casa.

*

Acordei com algo terrível na boca. Que logo descobri ser minha língua. Cada passo em direção ao banheiro foi um lembrete de quão intensamente o sol brilhava, de quão escandalosas as gaivotas podiam ser e quão forte era a maresia quando o oceano ficava logo do outro lado da janela. Janela pela qual entrava toda aquela maldita luz.

Enquanto eu me arrastava pelo corredor, Caroline apareceu na porta de seu quarto, linda, leve e solta. Vaca.

– Bom dia, flor do dia – ela disse, e eu dei um soco no seu ombro. Fraquinho. – Também te amo.

Fiz que sim com a cabeça e cheguei à pia do banheiro. Com a boca cheia de pasta de dente, joguei água na cara e me olhei no espelho. E então esvaziei o conteúdo do meu estômago. Caroline fechou a porta quando eu me sentei no chão e, com um gesto, pedi para ela sair.

– Vou pegar umas bolachinhas de água e sal – ela disse do outro lado da porta, e eu murmurei um "obrigada".

Dei um tempo para meu corpo se recompor, depois joguei água no rosto pela segunda vez. Também tentei escovar os dentes pela segunda vez. Me sentindo um pouco melhor, peguei o roupão atrás da porta e fui para o andar de baixo.

Na cozinha, Caroline estava revirando a despensa.

– Não tem bolacha de água e sal. Só achei esses biscoitinhos aqui.

Sorri debilmente.

– Pode ser. Se você puder acertar a minha cabeça com uma marreta, seria ótimo também.

– Não achei nenhuma marreta. Que tal uma chave de fenda? – Ela me acompanhou até a mesa e colocou os biscoitos e um pouco de água em cima dela.

– Qualquer coisa é melhor do que o que estou sentindo agora. – Tomei a água e mastiguei alguns biscoitos. – Ontem eu desabotoei a camisa na frente de metade da cidade mesmo?

– Mesmo. O pessoal da mesa do lado estava apostando quando você arrancaria o sutiã à la *Flashdance*.

Num borrão, vi Caroline se movendo pela cozinha, despejando o café, acendendo o fogão.

– Como você aprendeu a mexer nisso tão rápido? Demorei semanas para fazer esse maldito fogão funcionar. Sem falar no percolador.

– Instalei um parecido para um cliente e fiquei fascinada. Até pensei em colocar um na nossa cozinha nova, mas a minha paixão pelo Viking venceu.

– Vikings são deliciosos. – Bebi mais um pouco da água.

– Por falar em delicioso, quer conversar sobre ontem à noite?

– Não – falei para os biscoitos.

– Nem um pouco? Não quer falar sobre como você saiu correndo para ver com quem o Clark estava jantando?

– Não.

– Enquanto falava pra gente sobre como você e um tal caubói estão destinados a ficar juntos?

– Não.

– Ok. – Ela se aproximou com o café e as torradas e se sentou de frente para mim. Sem dizer nada.

– Era prima dele – eu falei, mordendo um pedaço da torrada dela. – Caso você esteja curiosa para saber.

– Desconfiei que fosse algo assim – ela comentou, mal contendo o sorriso.

Eu teria revirado os olhos, mas eles pareciam soterrados. Mentalmente? Revirei os olhos com força.

*

Caroline ficou até depois do almoço e me mostrou suas últimas ideias para a casa. Eu lhe mostrei

o sótão e falei da minha intenção de transformá-lo em um estúdio. Ela, que não sabia que eu tinha sido uma artista em vidas passadas, se entusiasmou com a ideia e me fez prometer que lhe mostraria alguns trabalhos na próxima vez que viesse à cidade.

– Melhor ainda: me manda alguns quadros quando o estúdio estiver a todo vapor.

Tentei explicar que fazia anos que eu não pintava, que não tinha ideia do que aconteceria quando arriscasse umas pinceladas, blá-blá-blá, mas ela não quis saber.

Simon voltaria do México naquela noite, e Caroline queria chegar em casa antes dele. Eu a invejava. Tinha de admitir. Ela tinha um homem que a adorava e a satisfazia. Seu brilho denunciava isso. Mais importante, Caroline tinha alguém que lhe dizia "eu te amo". Tinha isso ao acordar, ao passear no parque, ao relaxar no sofá, ouvia isso durante o sexo. Longo, profundo suspiro.

Segurando meu braço como uma irmã enquanto caminhávamos até seu carro, Caroline inspirou o ar oceânico antes de jogar a mala no banco traseiro.

– Este lugar é mágico mesmo. Simon e eu precisamos vir mais vezes para o norte.

– As portas estão sempre abertas. Venham quando quiserem.

Ela me puxou e me envolveu num abraço apertado.

– Se cuida, tá?

– Tá. Você também vai se cuidar? – perguntei, confusa.

– Estou falando sério, Viv. Sei que você pensa que está vivendo esse romance…

Resmunguei e a empurrei na direção do carro.

– Não, escuta… Eu acredito em sinais, que certas coisas estão destinadas a acontecer, acredito mesmo. Mas tenta se manter aberta para tudo, ok? As coisas nem sempre precisam ser tão difíceis. Às vezes, para se apaixonar, basta virar para o lado e enxergar o que está diante do seu nariz.

– Você deveria escrever autoajuda.

– Vai se foder, Viv! Isso que estou dizendo vale ouro. Ouro.

– É isso que eu ganho por compartilhar meus segredos. – Balancei a cabeça de um lado para o outro.

– Não esquece do que eu falei.

– Esteja aberta. Entendi. Boa viagem. – Dei risada ao simular uma continência enquanto ela entrava no carro. – Brincadeiras à parte, obrigada por tudo. De verdade.

– Você não vai me beijar, né?

– Estou considerando.

Ela riu, deu a ré na entrada de carros e buzinou alegremente antes de pegar a estrada e desaparecer.

E eu fiquei sozinha. Com as palavras de Caroline ecoando na minha cabeça ressacada.

As coisas nem sempre precisam ser tão difíceis. Às vezes, para se apaixonar, basta virar para o lado e enxergar o que está diante do seu nariz.

Se isto fosse um filme para TV, eu caminharia até a beira do penhasco e observaria o movimento das ondas, minha silhueta forte porém triste contra o pano de fundo azul-metálico do mar. A câmera se afastaria devagar, para mostrar a casa bonita mas vazia.

Me dirigi à cozinha para preparar um sanduíche de pasta de amendoim.

Aquelas palavras não saíram da minha cabeça pelo restante do dia. Aquelas malditas palavras transformaram meu estômago numa confusão de nós.

CAPÍTULO QUINZE

Eu perambulei. Eu pensei. Eu me prostrei.

Andei em círculos pela casa e ajeitei os post-its nos quais Caroline deixara observações para o empreiteiro, arrumando-os em um ângulo de noventa graus na parede e alinhando-os meticulosamente uns aos outros.

Eu não tinha parado de pensar nas palavras de Caroline. Maldita! Ela e suas bruxarias!

Na sala de jantar, fitei as bonecas que Jessica ainda não tinha levado embora e mandei uma mensagem para ela dizendo que, se não viesse buscar aquele exército psicótico, ele iria marchar rumo ao precipício. Ela respondeu com um dedo muito específico.

Organizei os álbuns de Johnny Mathis, que tinham sido transferidos da lareira para as prateleiras embutidas em ambos os lados da parede. Ordenei-os por estilo (Natal e outros) e depois por data, para facilitar a busca por cronologia ou por época. Ordem alfabética sempre que possível. Se usei a classificação decimal de Dewey para manter a mente ocupada? Talvez. Mas Dewey me fazia lembrar de uma pessoa que estava decidida a ser uma nota remissiva na seção dos romances.

Escutei o súbito estalar de um trovão e, quando olhei pela janela, vi um relâmpago estocando o mar. Ótimo. A chuva prometida para a semana ia finalmente cair. O vento estava ficando mais forte, açoitando os vasos de samambaia na varanda dos fundos.

Me sentei no sofá sobre as pernas cruzadas, passei os braços ao redor dos ombros e me encolhi. Eu tinha colocado o pijama quando me dera conta de que tudo o que queria era não ser perturbada. Mas a camiseta e a calcinha de algodão não estavam me aquecendo. Ainda bem que eu sabia onde encontrar meias de cano alto gigantes, que eu tinha puxado na altura dos joelhos e agora puxava ainda mais para cima para espantar o frio.

Meus olhos percorreram o aposento e se detiveram na lareira. Ei, Joe, o Empreiteiro, tinha dito que a chaminé estava pronta para uso. Ei, havia um punhado de lenha ali que parecia seca. Ei, Viv, faça uma fogueira!

Assim eu fiz.

Passei a infância acampando; sou capaz de fazer fogo com três gravetos e uma corda. Abri o cano da chaminé, amassei algumas folhas de jornal e as enfiei sob a antiga grade de ferro, capaz de suportar um fogo grande o bastante para assar um boi. Empilhei a madeira, quebrando os pedaços menores para formar um pequeno ninho para o fogo e me certificando de que havia espaço para o ar passar.

É isso que os novatos em fogueira se esquecem. Para que as chamas cresçam e se mantenham acesas por um bom tempo, é necessário um espaço para o fogo respirar. Mas não muito grande, ou ele se apaga.

Balançando a cabeça para afastar certos pensamentos que teimavam em aparecer, acendi um fósforo e ateei fogo no papel sob a grade. A madeira acima começou a acender e crepitar. Colocando duas lenhas maiores no topo e continuando a alimentar a parte de baixo com gravetos e fragmentos de madeira, logo eu tinha uma labareda espantando o frio da sala. Desobstruí a área em frente ao fogo e removi a tela para apreciar as chamas.

Me aninhei no sofá novamente. O fogo crescia, iluminando com um fulgor radiante o crepúsculo que se aproximava. As brasas cintilavam alegremente sob as chamas.

Mas eu não estava alegre. Continuava com nós no estômago. Ninguém parecia enxergar o

romance que eu acreditava protagonizar. Ou enxergava, porém não estava convencido de que o caubói era o herói. *Eu* ainda estava?

Droga. Mil vezes droga.

Senti uma mistura de confusão, raiva e frustração. Resignação?

Então vi a caminhonete de Hank passando pela entrada de carros da casa e estacionando perto do celeiro.

Aí a luxúria, autêntica, pura, tomou conta.

Não passou nenhum pensamento na minha cabeça quando atravessei a casa, saí pela porta dos fundos e cruzei o jardim. Só havia intenção.

Tinha. Que. E agora.

Ele já estava despido, a camiseta jogada ao lado como é de praxe quando se vai forcar feno. A visão de sua pele bronzeada e dos músculos me fez acelerar o passo.

As galinhas, cientes de que era melhor não me impedir, abriram caminho, e eu andei tão rápido que meus peitos balançaram. É o que acontece quando você veste sutiã GG e o deixa no chão do andar de cima. Vê? Tudo estava acontecendo como deveria. Eu havia simplesmente esquecido de colocar o sutiã naquele dia, ou uma mão invisível assim me guiara para que frenéticos dedos alheios pudessem me apalpar sem ter que lidar com o incômodo dos fechos?

Predestinação. Preordenação. E ai de quem viesse com ladainha de intempestividade *etc*. Eu não ia mais ficar chupando o dedo – mas ele, se Deus quisesse, ia chupar o dedo e muito mais.

Entrei no celeiro e assumi o que considerei ser uma pose particularmente sensual, uma mão sobre a cabeça, a outra na cintura, recostada contra o batente da porta, quadris empinados, costas arqueadas, os meninos projetados como que numa oferenda.

Hank forcava o feno. Tão forte, tão viril, o suor já reluzindo naquelas costas esculpidas por Deus, os quadris se afunilando naquela cintura que eu queria envolver com as pernas e cavalgar sob um poente sexual.

Por falar em poente, o sol cortava as nuvens imensas, dourando o chão do celeiro de lado a lado, iluminando o feno dispersado, a madeira rústica, a bosta marrom.

Oi?

É um celeiro. É onde a bosta mora.

Bem, eu sempre podia respirar pela boca. Tampouco importava, já que logo eu estaria ofegando. Fitei Hank mais uma vez.

Isso. Concentre-se nele. As mãos deslizando para cima e para baixo no cabo da forquilha, segurando o pedaço de pau com força. Ui.

Esperei que ele se virasse e me visse, que me visse e saltasse do mezanino, os olhos ardendo desejosos e selvagens, o sangue correndo por seu corpo para se concentrar num *grande, grosso, duro e latejante míssil de esperma.*

Calada. Ele vai se virar a qualquer momento.

Mas ele não se virou. Então fiz o que qualquer heroína faria nessa situação.

Pigarreei.

Nada.

Pigarreei de novo.

Paul e Paula se viraram. Hank? Continuava forcando o feno.

Com palavras concebidas para seduzir, para incendiar, ordenei:

– Vire-se, por favor.

Ui.

Ele se virou. Ele de fato me esquadrinhou. E como não? Uma miragem em branco, perfeitamente emoldurada pelo sol poente para a sarrada do século.

Os olhos de Hank percorreram meu corpo, e cada parte perscrutada se arrepiou.

Ele jogou a forquilha no chão, e, conforme descia a escada, cada milímetro de pele revelada sobre o cós do jeans era um presente dos deuses. Hank saltou os últimos três degraus e aterrissou sutilmente, com a graciosidade dos predadores.

Ele me olhou por debaixo dos cílios impossivelmente longos, a língua percorrendo o lábio inferior. Algo perpassou a sua expressão. Cobiça? Desejo puramente carnal? Ou seria algo mais próximo de… divertimento?

Divertimento não é ruim; pequenos prazeres e tal. Sugeria uma emoção mais profunda. Afinal de contas, ninguém vive só de lascívia.

A cebola havia sido finalmente descascada.

Ele apoiou as mãos na fivela do cinto.

– Vem cá – disse com uma voz tão suave quanto seda e perfeitamente orquestrada para me fazer perder os sentidos.

E eu perdi. E diminuí a distância entre mim e o destino. Abandonei aquela iluminação perfeita e, à medida que me aproximava do meu caubói perfeito, já não sabia se o sol nascia no leste ou no oeste. Agora a centímetros daquele homem seminu, desejei enterrar os dentes em cada camada.

Ele estendeu uma mão, a ponta dos dedos procurando e encontrando minha boca, que se abriu imediatamente. Hank pressionou o polegar nos meus lábios, e eu senti o gosto de sal e de terra e de homem. Ele pressionou ainda mais, e eu o tomei. Ele finalmente estava dentro de mim. Chupei seu polegar, e seus olhos fervilharam.

– Isso. É disso que estou falando – ele disse.

Hein?

– Você me quer, não é? – ele perguntou, e fiz que sim com a cabeça. – Fala. Em voz alta.

Ele tinha acabado de citar uma frase de *Crepúsculo*? Não importava.

– *Eu ero oê* – consegui dizer. Não tão sexy quando se está chupando um polegar. Mas não fazia mal. O que importava era que ia rolar.

E então ele me imprensou contra um dos estábulos. Minhas costas se chocaram em um bloco de feno. O polegar ainda na boca. A-hã.

Enquanto me desviava do feno, minha visão foi completamente preenchida por Hank, e isso era bom. Ele tirou o polegar da minha boca, deslizou a mão pelo centro do meu corpo e envolveu minha cintura. E então alavancou meu corpo e posicionou minhas pernas ao redor de si – finalmente elas estavam no lugar a que pertenciam. *Aaaaahhhh.* Tem algo em estar com as pernas em volta de um cara gostoso que parece simplesmente certo.

Seus olhos encararam os meus, perfurando minha alma e descortinando meus pensamentos mais íntimos, meus desejos mais secretos. Ele parecia estar mapeando meu rosto, memorizando cada traço, guardando cada detalhe para levar consigo até o fim de seus dias.

– Você parece aquela garota daquele filme de dança. Com aquela porra preta em volta dos olhos.

– Hum… *Cisne negro*?

– Esse aí. Natasha Portland. Alguém já te disse isso?

Tenho bastante certeza de que ninguém nunca me disse que pareço a Natasha Portland.

Chegava de palavras. Não queria que ele abrisse a boca para falar. Com os pés, me

impulsionei para mais perto dele, *fazendo sua virilidade e minha flor secreta se entrechocarem*, sentindo esse homem maravilhoso. Ele entendeu a mensagem; uma expressão satisfeita tomou seu rosto ao me sentir, desejosa, ávida debaixo daquelas mãos gigantes.

Sua mão esquerda se ergueu até minha bochecha e afastou uma madeixa para o lado. Enterrando as mãos nos meus cabelos, ele agarrou minha nuca com firmeza e me posicionou para dar o Primeiro Beijo.

Hank se inclinou, e o cheiro de suor e sol e… feno… preencheu minhas narinas.

Eu achava que, a essa altura, meu estômago estaria borboleteando de excitação. Bem, acho que, quando uma coisa tão épica assim acontece, o corpo se desliga um pouco, provavelmente se preparando para redirecionar a energia para certas partes.

É, devia ser por isso que não estava sentindo nada…

Ele lambeu os próprios lábios.

Agora vai!

Lambi os meus.

O romance do século, senhoras e senhores!

E ele me beijou.

Correção.

O. Caubói. Engoliu. A porra da minha cara.

Sua boca abriu o bastante para me engolir inteira. A língua me estapeou e me ensopou. Os lábios, encharcados e moles. O hálito? Cerveja velha e um show de horrores.

Meus olhos? Escancarados. Como minhas pernas, que logo começaram a se fechar.

Empurrando seu peito – tão escorregadio de suor que eu não conseguia me afastar –, finalmente arranquei sua boca do meu pescoço, que ele começava a chupar.

Seus olhos exibiam desejo. E agora confusão.

– Aonde você vai, broto? – Ele lambeu minha bochecha. Como a porra de um gato. *Ugh!*

– Devagar aí, caubói. – Puxei minha camiseta para baixo, cobrindo a barriga.

– Que merda é essa?

– Péssima ideia. Péssima, *péssima* ideia.

Suspirei, sentindo o peso de toda a expectativa que eu havia criado desabar sobre minha cabeça. Como eu sou idiota.

Eu o encarei. Do alto dos meus um e cinquenta e sete, perguntei:

– Por que agora? Faz semanas que estou me jogando em você. – Merda. Tudo o que eu tinha feito para esse cara olhar para mim.

Ele passou as mãos pelo próprio tórax, depois ajeitou o pinto.

– Seus peitos ficam uma delícia nessa camiseta. Eu pensei: "Hum, por que não?".

Aí estava.

Hank não era um pirata, não era um príncipe cafajeste, não era sequer um caubói. Não era o herói, nem o vilão.

Não havia camadas a revelar. Ele era apenas um cara fenomenalmente lindo que sempre seria atraente, mesmo quando adquirisse uma barriguinha e o cabelo maravilhoso começasse a rarear. E não tem absolutamente nenhum problema em ser um cara gostoso e burro. Mas ele nunca enxergaria quão fantásticos meus peitos são de fato. Era melhor que continuasse com suas loiras altas e burras. Morenas baixinhas e tatuadas eram muita areia para seu caminhão.

Eu o deixei sozinho e confuso no celeiro e caminhei em direção à casa. As nuvens carregadas dominavam o céu agora, e meu estado de espírito refletia o tempo fechado. Conforme eu cruzava

o jardim, o vento ergueu minha camiseta, mas eu não estava nem aí. Cheguei à varanda dos fundos ao mesmo tempo que os primeiros pingos gordos de chuva caíram.

Subi a escada, cada degrau mais penoso do que o anterior. Pés podem ficar tristes? Os meus estavam pesados, lentos, entorpecidos. Deixei a porta bater atrás de mim e me dirigi à pia da cozinha para tirar a saliva do meu rosto. E do pescoço. Como eu pude ter ficado nessa por tanto tempo?

Ouvi os pingos no telhado, e, quando voltei para a sala, as janelas eram uma cortina de chuva. Acendi a luz, mas a lâmpada zumbiu e se apagou.

Me concentrei na lareira, no maravilhoso calor que emanava das chamas. Os dedos dos meus pés se retorceram em direção ao fogo; eles estavam temporariamente felizes, mas o resto do meu corpo estava triste. Eu estava tão atiçada com a ideia daquela cópula louca e em perfeita simetria com a paisagem que agora interiorizava a chuva, o vento, o frio.

Olhei para a esquerda e vi o toca-discos trazido do sótão. Olhei para a direita e vi Mathis à minha espera. Por que não me render a essa fossa: colocar uma música antiga, servir um copo de uísque e me entregar? Mas um copo só – nada de repetir a noite passada.

Se era para realmente me entregar à fossa, talvez eu precisasse pensar *de verdade* sobre a noite anterior. Estava preparada para isso?

Explorei os discos e fiz minha seleção. O grandioso romance novelesco que enflorara minha imaginação por meses era ilusório. Eu me encontrava a quase cinco mil quilômetros de distância da minha família, que me amava e se preocupava comigo independentemente do que eu fizesse, dos erros que eu cometesse. Ali, encarapitada num penhasco, sob a chuva. Sozinha. E toda aquela adrenalina que tinha se acumulado para extravasar com o caubói se transformou numa solidão esmagadora. O que Clark dissera outro dia? Todo mundo se sente sozinho às vezes?

Eu me contraí. Merda. Ainda não estava preparada para pensar em Clark.

Tirei o vinil da capa, coloquei-o no toca-discos e soltei a agulha.

Ao escutar as primeiras notas do piano, percebi que a tia Maude tinha razão. Johnny Mathis, você tem que manter por perto sempre. Fui até o bar, fiz um Whisky Soda – muito uísque, pouca soda – e voltei para perto da lareira. Cantarolando “Chances Are”, apertei o copo contra o peito e deitei a cabeça na cornija, sentindo o mármore frio beijar minha pele.

Eu estava num estado de dar dó.

Eu estava um caco.

Eu estava…

Passos.

… acompanhada?

As passadas atrás de mim ressoaram vagarosas e firmes sobre a madeira. Mas eu não senti medo, pois sabia de quem eram.

Do bibliotecário.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Respirei fundo e me virei devagar. Acredite quando digo que foi *devagar*. Porque, conforme eu me virava, algo aconteceu. Algo mágico e intenso, algo bem diferente do que eu esperava.

A iluminação que, segundos antes, era melancólica tornou-se encantadora. O ar frio e úmido se tornou revigorante. O fogo na lareira se transformou em chamas dançantes de dourado e bronze, pintando nas paredes sombras sensuais. A música deixou de ser triste para ser intemporal, profunda e reconfortante ao falar de amor e ternura. E a chuva ficou acolhedora e romântica, um pano de fundo perfeito para a visão de tirar o fôlego que se descortinou à minha frente.

Clark. Calça de sarja marrom. Camisa branca. Blazer de tweed. Cotoveleiras. Óculos de armação grossa.

Ele estava lindo.

Eu estava arrebatada.

As coisas nem sempre precisam ser tão difíceis. Às vezes, para se apaixonar, basta virar para o lado e enxergar o que está diante do seu nariz.

O ar saiu do meu corpo com um silvo, e meus olhos se arregalaram para receber o que estava – o que esteve o tempo todo – diante do meu nariz. Meu coração parou por um segundo, depois se acelerou para acompanhar o restante do meu corpo, que subitamente começou a caminhar em direção a esse homem, a ele e mais ninguém.

Eu tinha estado num romance esse tempo todo, mas no livro errado. *Este* era o meu livro. *Esta* era a minha história. *Este* era o meu homem. Quem precisa de um Super-Homem quando se tem um Clark?

E era um Clark que eu queria.

Era *este* Clark que eu queria. É incrível o que você pode descobrir só de virar para o lado.

– Vim por causa da chuva. Queria ter certeza de que a lona não tinha soltado com o vento forte. Bati na porta, mas acho que você não ouviu por causa da música – ele explicou, empurrando os óculos para trás.

E nesse momento, nesse exato momento, eu me senti cem por cento, perdida e completamente apaixonada por Clark Barrow.

Frio na barriga.

Mas ele não estava olhando nos meus olhos, e eu precisava que ele me *enxergasse*. Meu corpo vibrou de necessidade de dizer a ele… alguma coisa. Qualquer coisa.

– Obrigada – falei. Minha voz vacilou, o que o fez me encarar. – Por se preocupar comigo.

Ficamos de frente um para o outro. A tensão era palpável.

Ele me esquadrinhou, o olhar dançando por meu corpo, e seu cenho franziu ligeiramente. Então seus olhos se semicerraram.

– Que roupa é essa, Vivian? – perguntou numa voz grave e rouca.

Olhei para minha camiseta branca e as meias de cano alto.

– Pijama.

Clark deixou escapar um gemido.

Um gemido que eu já tinha escutado antes. Clark Noturno.

Encorajada, joguei o peso do corpo para um dos lados. O efeito em Clark foi instantâneo.

– Tem consciência de que assim, parada em frente à lareira, eu consigo ver o que você está

vestindo por baixo? – Os olhos dele brilharam e fizeram contato com os meus. – Ou o que você *não* está vestindo?

Enrubesci e levei a mão ao colo ao me lembrar de que estava sem sutiã. Ergui a cabeça para um lado e o fitei por debaixo de meus cílios.

– Tenho. E como tenho.

Ele deu um passo em minha direção, hesitando. Eu dei um passo, sem hesitar. Mais um, depois outro.

Quase na ponta dos pés – porque Clark era muito alto –, afastei uma mecha de cabelo de sua testa.

– Clark – eu sussurrei, e ele fechou os olhos. Mas não sem antes abrir o sorriso mais doce que já vi.

– Vivian – ele sussurrou, inclinando a cabeça a meu toque.

Suas mãos se ergueram lentamente na direção do meu rosto, seus olhos ainda fechados. Mãos fortes se aproximaram da minha pele, e cada nervo do meu corpo convergiu para o ponto circunscrito onde seu toque pousaria. Mas as mãos de Clark eram tão grandes que tocaram tudo de uma vez. Acariciando meu rosto, ele diminuiu a distância entre nós e me inalou. E me fitou com os olhos cor de chocolate mais intensos e quentes que já vi, luzindo o caramelo da língua de fogo.

Agora ele me carregaria até a cama, me deitaria sobre a colcha, me envolveria em seus braços e faria amor comigo sobre uma nuvem de canções angelicais.

Mas então sua expressão mudou. Ele parecia confuso; uma mão correu por meus cachos em direção à minha nuca e retornou com um… pedaço de feno.

Clark o examinou com curiosidade e de repente desviou o olhar para a janela atrás de mim. E eu ouvi o ronco da caminhonete de Hank partindo.

Clark, pude ver, juntou as peças e formou uma imagem do que acontecera no feno. E a fúria e a agonia que tomaram seu rosto encheram meus olhos de lágrimas.

Ele se afastou, o semblante fechado, o corpo completamente rígido.

– Que idiota – murmurou, e sua expressão partiu meu coração.

– *Não*, Clark… Não é o que você está pensando. Não aconteceu…

– Não precisa explicar, *Viv*. Eu já entendi tudo.

Eu resfoleguei, tapando a boca com uma mão ao ouvir meu nome.

– Não – sussurrei, aterrorizada.

– Você tem razão, não é o que eu estou pensando. – Ele partiu tão rapidamente que eu mal vi.

Ouvi passos furiosos e ocos conforme ele atravessava a casa e saía pela porta dos fundos.

Eu desabei no tapete antigo. Tudo o que sentia era um vazio, um buraco na boca do estômago por ter magoado Clark dessa forma. Não importava que não tivesse rolado nada com Hank. Só de saber que Clark pensava que tinha rolado, de saber que minhas atitudes haviam causado tanta dor a um homem tão doce, gentil e maravilhoso, eu me sentia nauseada.

Lágrimas escorreram por meu rosto, o mesmo rosto que aquelas lindas mãos tinham acabado de segurar.

Aquelas mãos que eu tivera a sorte de sentir. Aquelas mãos que qualquer mulher teria orgulho de segurar, de sentir, de enlaçar. E eu queria aquelas mãos.

O que uma heroína faria nessa situação? Choraria e lamentaria e berraria?

Talvez. Mas não ficaria encolhida no chão. Ela ficaria cara a cara com seu herói, ela o faria escutar, ela o faria ver.

Ela lutaria por seu homem.

Levantei num pulo e disparei pela casa, atravessando com um golpe a porta dos fundos e me lançando cambaleante sob a chuva. Desci três degraus até avistá-lo.

Ao lado do carro. Sem entrar. Parado.

Sob a chuva, o trovão, o relâmpago, o tumulto e o vento. Sobre os mocassins cobertos de lama. Sem entrar.

Segurando a chave com o punho cerrado. Uma mão apoiada no teto do carro. Deixando a chuva se derramar sobre ele. Encharcado. Bravo. *Sem entrar.*

– Clark!

Ele se virou. Eu atravessei o jardim correndo. Encharcada. Brava.

– Volte para dentro – ele advertiu, elevando o tom de voz para vencer o barulho da chuva.

– Não! – eu retruquei, e seu punho se lançou contra o teto do carro. – Não antes de você escutar o que eu tenho pra dizer.

– Volte. Para. Dentro. – Ele deu um passo à frente, arrancou os óculos do rosto e os enfiou no bolso do blazer. Seu olhar se anuviou. O cabelo estava grudado no rosto, o blazer e a camisa branca, ensopados.

Absolutamente maravilhoso.

Dei um passo à frente.

– Vem me fazer entrar.

Eu vi a raiva fervendo em sua pele. Nós dois demos um passo à frente ao mesmo tempo. Ele abriu a boca, e minha mão se lançou para cobri-la antes que ele me mandasse entrar novamente.

Sabia que era questão de segundos para que Clark se esquivasse e fosse embora de vez. Então respirei fundo e abri meu coração.

– Eu te amo, porra. Seu bibliotecário maldito.

Seus olhos se estreitaram, e eu continuei:

– E não é só porque você é incrivelmente doce e gentil, ou incrivelmente lindo e maravilhoso, ou incrivelmente inteligente e culto, ou incrivelmente sexy e gostoso, ou incrivelmente impaciente e metido a sabe-tudo, ou incrivelmente forte e bronzeado, ou incrivelmente preocupado com os outros e cavalheiro, ou porque tem um pinto incrivelmente volumoso. Estou bastante certa disso porque já te vi correndo de short, e puta que pariu, Clark!

Seus olhos se arregalaram, e eu continuei:

– Eu te amo porque você é tudo isso, mas principalmente porque você é o Clark. Você é o cara com quem eu sonho e desejo e espero há tanto tempo. Então você pode ir embora se quiser, mas amanhã de manhã eu vou estar na porta da sua casa com broinhas, Clark, e vou estar lá *todas* as manhãs até que você volte a me enxergar como antes. Até que eu volte a ser a sua Vivian.

Minha mão ainda estava cobrindo a boca dele.

– Ou você pode ficar, esta noite e todas as noites, e deixar que eu te ame. – Me inclinei em sua direção. – E, para constar, suas cotoveleiras me deixam louca de tesão, inclusive agora.

O olhar de Clark se tornou intenso, profundo. Continuava anuviado, porém não mais frio.

Então senti os lábios dele se abrirem em contato com minha mão, macios e quentes, e beijarem minha pele.

E senti sua mão se fechar sobre a minha, deslizando o meu braço em torno de seu pescoço, e sua outra mão envolver minhas costas e me puxar para perto.

E ele me disse:

– Não aceito nada menos do que todas as noites.

Clark me puxou para mais perto enquanto nos fez atravessar o jardim correndo, subir os degraus e entrar na casa. E logo eu estava imprensada na parede por um bibliotecário muito molhado, muito intenso e muito ereto.

Ele me prendeu, as mãos apoiadas na parede em ambos os lados da minha cabeça. Minhas costas se arquearam à frente para manter contato com ele, que me fitava.

– Devo deduzir, pelo que você disse lá fora, que andou sonhando comigo? – indagou, o cabelo molhado pinicando minha pele conforme seu nariz percorria meu pescoço antes de se deter na concavidade da base.

Onde Clark pousou um beijo molhado, o nariz me roçando. Eu gemi ao senti-lo, e ele riu.

– Não era bem essa a resposta que eu esperava. – Ele deslizou o nariz pelo meu pescoço de novo, agora flanando na região sob meu ouvido, mordiscando o ponto erógeno. – Foi com isto que você sonhou?

– Sim. – Eu me retorci para manter sua boca colada em mim.

– E com isto? – Ele pressionou seu corpo contra o meu, me fez senti-lo por inteiro. No ponto exato em que o desejava.

– Sim. Nossa, sim.

E então meu bibliotecário me beijou. Aqueles lábios doces encontraram os meus, colidiram com os meus, aqueles lábios e aquela língua invadiram meu ser. Minha boca se abriu no mesmo instante, gemendo ao sentir a dele. Nós nos beijamos loucamente, nos exploramos e nos provocamos, nos contorcemos e gememos. Com perícia, ele lambeu meus lábios, feitos para os dele.

Seus olhos encontraram os meus mais uma vez, e ele sorriu.

– Hummm, Vivian…

Eu suspirei ao som do meu nome e ergui os braços, arrebatada. O que fez a camiseta branca e molhada se colar ao meu peito. Dava para ver tudo, e eu lancei um sorriso tímido como que dizendo *oquevocêvaifazerarespeito*. Ele sorriu também, só que de um jeito infinitamente mais sexy.

– Essa é a roupa mais ridícula que eu já vi, Vivian – disse no tom mais decoroso que eu tinha ouvido até agora.

Acompanhei seu olhar. Minhas meias arriadas na altura do tornozelo, cobertas de lama. Camiseta molhada e ridiculamente esticada, quase caindo pelos ombros.

– Tira – ele ordenou, e minha cabeça se ergueu bruscamente diante da mudança de tom. Os olhos de Clark arderam de desejo. Eu levantei uma sobrancelha. Ele inclinou a cabeça ligeiramente. – Agora.

Clark Noturno tinha chegado.

Estremecendo de desejo, passei a camiseta pela cabeça, olhos fixos nos dele. Quando terminei de tirá-la, o olhar de Clark me percorreu. Eu me abaixei, tirei as meias e, tão vagarosamente quanto era capaz, me endireitei. Sua mandíbula se cerrou, tesa e tensa, à medida que a luxúria tomava conta de sua expressão.

– Sua vez – eu falei, as mãos apoiadas nos quadris, estufando os seios descaradamente.

Sem tirar os olhos dos meus, meu bibliotecário começou a se despir. Blazer, tchau. Mocassins, chutados para longe. Sem aguentar esperar que a camisa fosse tirada, eu mesma a desabotoei. Depois, puxei-a para fora daquela calça de sarja perfeitamente marrom. Uma parte da camisa continuou presa dentro da calça, e eu me inclinei mais para tirá-la; ao fazer isso, rocei meus seios nus em seu peito, pele contra pele, e ambos gememos. Agora com um desespero frenético,

arranquei a camisa e a joguei para longe enquanto seus dedos compridos desafivelavam o cinto e desabotoavam a calça, que foi parar no chão. E eu tive uma bela surpresa.

Clark não usava nada por baixo da calça. E eu tinha razão. Volumoso.

– Oras, bolas, Clark. – Suspirei e observei a obra de arte que se apresentava diante de meus olhos.

Ele riu, mas me deixou olhar. E eu olhei.

Longo e esguio, seu corpo era ainda mais incrível do que na minha memória do dia em que o vira correndo. Porque agora eu tinha o panorama completo. Ombros largos, tórax definido, um discreto chumaço de pelos que traçavam um caminho até a Cidade Volumosa. Minha vontade era me ajoelhar ali mesmo e visitá-la imediatamente, porém Clark tinha outros planos.

– Se você não tirar essa calcinha agora mesmo, eu vou ter que fazer isso por você.

– Por favor.

Fui imediatamente deslizada pelo chão molhado de encontro a Clark, que me girou como a um pião e arriou minha calcinha, me deixando nua e ofegante.

– Uau, você é perfeita – ele sussurrou, começando a encher minhas costas de beijos, exatamente como eu sonhei. O amante dos meus sonhos, o meu cavaleiro misterioso, despejou seu amor na forma de beijos e palavras, e eu arqueei as costas para trás. – Olha só para isso… Olha só para essa perfeição.

Clark deixou beijos molhados na tatuagem de carvalho na minha nuca, cujas raízes se espalhavam pelo topo dos meus ombros. E nos círculos interligados na minha lombar. Na letra pi na minha nádega esquerda; ele gemeu ao beijar essa, desferindo beijos molhados com a boca aberta e leves mordidas. Suas mãos então começaram a deslizar por minhas costelas.

– Vivian – ele murmurou no meu ouvido, e eu me virei entre seus braços.

Nos meus sonhos, eu nunca tinha visto o rosto dele, e eu precisava ver. Eu não queria perder nada, nem um centímetro, nem um segundo. Suas mãos, tão macias, cobriram meus seios por inteiro, como conchas, e eu gemi. Fascinado, ele se inclinou e passou a língua da minha clavícula até a fenda entre os meus seios, onde repousou a cabeça. Minhas mãos agarraram seu cabelo, segurando-o deliciosamente perto enquanto ele inalava o olor da minha pele.

Roçando-me com o nariz, ele pousou beijos mais breves, os cabelos fazendo cócegas na minha pele sensível. As mãos me agarraram cobiçosamente mais uma vez, e eu senti meus seios intumescerem, o que não passou despercebido por ele. Com uma risada misteriosa, ele examinou a argola no meu mamilo, inchado, suplicando por sua boca.

– Maravilhoso – sussurrou antes de seus lábios se fecharem sobre o bico.

Minhas costas se arquearam à provocação e à tentação de sua boca molhada, de sua língua determinada. Algo se contorceu no mais fundo de mim, um desejo tão intenso que eu quase gozei com o toque de sua boca em meu seio. Remexendo a pequena argola com a língua, ele a mordiscou, e eu sibilei.

Ele me abocanhou, os braços envolvendo com força minha cintura, mantendo-me imóvel. Meu corpo se curvou, na ânsia de estar tão perto quanto possível, de encontrar alguma, qualquer fricção. Clark parecia ter o mesmo em mente, porque se deteve e então segurou minha bunda com uma mão e passou a outra ao redor da minha coxa, me fazendo estremecer de prazer com a forma como nossos corpos deslizaram um contra o outro. Minha boca se atirou na dele, aflita para tê-lo dentro de mim, da maneira que fosse.

Sua força nos conduziu velozmente pela casa, passando pela sala de estar, subindo a escada e parando no patamar – e aí ele me posicionou na parte mais larga do corrimão e, com os quadris e

um brilho libidinoso no olhar, afastou minhas pernas. E se ajoelhou na minha frente.

– Tem uma coisa que eu estou louco para fazer desde a primeira vez que você discutiu comigo, bem aqui. – Ele beijou o interior da minha coxa direita, depois da esquerda, lambendo e pressionando com a língua, mantendo minhas pernas afastadas com os ombros. Clark gemeu ao me ver aberta e pronta para ele.

– Você é linda – exclamou admirado.

O desejo, a necessidade, fez meu corpo vibrar. Seu olhar bastava para provocar arrepios em mim. Então ele olhou para cima.

– Sabe onde estamos, Vivian? – Seus olhos estavam turvos de desejo.

Minha mão continuava enterrada nos seus cabelos, agarrando-os em busca de algum apoio enquanto minhas pernas se agitavam.

– Na balaustroda-se? – falei, e o sorriso que Clark deu me fez me apaixonar por ele de novo.

– Balaustrada – ele corrigiu, me puxando mais para perto, as mãos segurando com firmeza meus quadris. – Eu vou te comer tão gostoso nesta balaustrada que você vai ver estrelas. – Ele me inalou, roçando o nariz em mim. Santo Deus, meu bibliotecário falava sacanagem. – Só que antes eu vou realizar um sonho meu. – Ele deslizou o dedo pelos meus quadris, serpenteando-o cada vez mais para perto, me deixando louca. – Sabe quando eu te ligava, Vivian? Tarde da noite? Eu queria falar com você, conhecer você, saber mais sobre você. Saber o que você gosta, o que você ama. – Ele então me provocou, passando levemente a ponta do dedo sobre meu clitóris.

Eu soltei um gemido alto, batendo no corrimão, segura de que Clark me manteria exatamente onde me queria.

– Durante todo esse tempo, sabe com o que eu estava sonhando? – Ele me encarou com olhos explodindo de tesão. – Com seu gosto. Espalhado pela minha língua.

Morri. Gritei. Morri de novo quando ele enterrou o rosto entre minhas pernas e me fodeu com a língua. Ele ergueu minhas pernas e as apoiou em seus ombros, selvagem, louco, forte. Uma mão me mantinha escancarada para ele enquanto a outra agarrava minha bunda e me pressionava contra seu rosto, me segurando com força. Comigo montada nessa bendita balaustrada. E quando eu gozei para ele, meus joelhos comprimindo suas orelhas, mãos enterradas em seus cabelos castanhos e sedosos, gritando seu nome, Clark me olhou de um jeito deliciosamente perverso.

Eu precisava de mais.

– Por favor, Clark, *por favor* – implorei, meu corpo débil ainda o ansiando. Precisava senti-lo dentro de mim.

– Camisinha? – ele perguntou, a voz tensa.

– Tomo pílula. Fez exame recentemente?

– Estou limpo.

– Eu também.

Eu o fitei, encantada. Nada ficaria entre nós. Literalmente nada. Ele me beijou, intenso, lento, curioso, lambuzando-se com meu sabor. Eu lambi seus lábios e agarrei seu pescoço; precisava dele mais perto.

Ele se ergueu, passou minhas pernas em torno de sua cintura e deslizou para dentro de mim num impulso poderoso. Fui arrebatada pelo seu gemido conforme ele me adentrava: um gemido grave, profundo, ancestral, que percorreu todo o meu ser. Mantendo-o colado, observei seu rosto enquanto ele se enterrava em mim. Até ali, tinha sido puro tesão, pura indecência. Mas agora, com seu rosto a centímetros do meu, com seus olhos nos meus, me enxergando, me enxergando

de verdade, era algo mágico.

Fui pungida no mais íntimo de mim, tomada por uma emoção inédita. Estava apaixonada pelo homem dentro de mim, algo que nunca tinha experimentado. Pela segunda vez naquela noite, lágrimas escorreram de meus olhos. Tremi ao senti-lo preencher tudo o que antes era vazio.

– Você é divina, Vivian – Clark sussurrou, beijando minhas lágrimas, apoiando a testa na minha. – Simplesmente divina.

Palavras antiquadas? Podiam ser, mas eu bem que me amarraria em um cara antiquado. Não é sensacional?

E meu amante antiquado começou a se mover, me penetrando mais fundo, o peso dos nossos corpos fazendo a velha madeira ranger. A fricção entre nós chiou e saiu de controle quando o ritmo de Clark aumentou e meus quadris responderam.

– Que delícia, Clark. Que *delícia*.

O arquejo que saiu de sua boca, os gemidos conforme ele me penetrava repetidamente – a beleza desse homem, a promessa do que viria a seguir, me maravilhou. Algo sublime. Ele meneou os quadris, pressionando o ponto certo a cada movimento, e logo eu estava prestes a ver estrelas mais uma vez.

– Consigo sentir você se contraindo em volta de mim, Vivian – ele murmurou.

E, com essas palavras, eu gozei. E, depois de alguns impulsos, ele gozou. Ele gemeu contra meu pescoço enquanto eu o abraçava apertado e sentia sua respiração irregular.

Então ele olhou em meus olhos e me beijou com ternura. Tocando a ponta do meu nariz, disse:

– Eu te amo desde que te vi na varanda ameaçando derrubá-la. Te amo desde que você apoiou a perna seminua no corrimão para me provocar. Te amo desde que você brigou comigo por causa desta coisa em que está sentada agora, desde quando me deu um soco no nariz… principalmente porque você tirou a camiseta para estancar o sangramento. O que foi muita presença de espírito, devo dizer.

O que me fez rir. Eu amava o Clark Diurno também.

– Eu te amo – ele sussurrou e roçou os lábios nos meus.

– *Vivian*. Repete dizendo o meu nome.

Ele sorriu.

– Eu te amo, Vivian.

Eu sorri.

– Eu também te amo, Clark. Mas posso fazer uma pergunta?

– Você pode me perguntar o que quiser. – Ele acariciou meu pescoço com o nariz.

– Você lambeu a minha perna quando estava embaixo do assoalho da varanda?

Ele congelou, depois gargalhou.

– Eu sem sombra de dúvida lambi a sua perna.

– Eu sabia! – exclamei, puxando seu rosto para beijá-lo mais uma vez.

E então a balaustrada cedeu sob nós, que caímos no chão do patamar num emaranhado de membros nus. Comecei a gargalhar tanto que cheguei a me contorcer. O que fez seu olhar se concentrar numa parte bem particular.

– O que tem de tão engraçado? – ele perguntou.

– Eu avisei que ia arrancar a balaustroda-se!

Clark começou a rir também.

Contente, eu o empurrei contra o chão e passei as pernas ao redor de sua cintura, deslizando até a ainda erigida Cidade Volumosa. Colocando suas mãos em meus seios, ordenei:

– Aperta os meus peitos, Clark. – E comecei a cavalgá-lo.

– Mulher impossível – ele disse, mas apertou.

Como se não quisesse largar nunca mais.

*

Acordei com um sobressalto e, num gesto automático, estiquei o braço à procura de Clark, mas a cama estava vazia. Depois de vestir sua camisa branca, como toda heroína que se preze faz na manhã seguinte, desci a escada. Farejei o paradeiro de Clark, o aroma de café me atraindo feito ímã. Espiei pela abertura da cozinha e o vi preparando torradas numa frigideira, assobiando uma melodia que parecia ser "Chances Are".

Acho que nunca houve um ser humano tão gostoso quanto meu bibliotecário naquela manhã ensolarada: descalço, a calça desabotoada e um sorriso. Sorriso que se tornou ainda maior quando ele me viu.

– Traz essa bunda gostosa pra cá. – Ele gesticulou com sua espátula. A-hã.

Três passos, e eu estava ao lado dele. Me envolvendo num abraço ágil, ele me prendeu como nos filmes antigos e pousou beijos em meu pescoço e em minha clavícula, o que me fez rir e gemer.

– Está com fome? – perguntou.

– Morrendo – confessei, e ele me pôs de pé.

– O pão fica pronto em cinco minutos. O café já está na mesa.

Peguei duas canecas e observei Clark virar a torrada, assobiando alegremente enquanto sacudia a frigideira, fazendo o pão chiar.

Ele era muito bom em fazer coisas chiarem, e eu me distraí tanto com sua bunda fantástica que derramei o café. Resmungando, coloquei a cafeteira na mesa e fui pegar papel-toalha. Droga, nós estávamos sem papel.

Nós.

Abri um sorriso, enfiei os sapatos de Clark e caminhei até a porta.

– Vou pegar papel. Comprei e esqueci de tirar do carro – falei, pisando no jardim ensolarado.

Não havia nenhum vestígio da tempestade da noite anterior. Em compensação, havia vários vestígios do Furacão Clark, em forma de chupão, em meu pescoço. E entre meus seios. E entre minhas coxas. Sentindo um arrepio com a lembrança, comecei a caminhar até o Bel Air.

Clark apareceu na porta dos fundos.

– Deixa que eu pego, Vivian. – Ele me alcançou, tomou as chaves da minha mão e abriu o porta-malas.

– Ei, Viv, precisa de aju… Uau! – ouvi alguém na outra ponta do jardim.

Era Hank, na porta do celeiro. Ele olhou para mim, depois para Clark. Depois para mim de novo.

Clark calmamente pegou o pacote de papel-toalha e fechou o porta-malas.

– Bom dia, Hank – cumprimentou e me puxou para seu lado, apertando minha bunda por debaixo da camisa. – Peguei. – E nos conduziu de volta para a casa, segurando a porta aberta para mim e abrindo um largo sorriso.

Hank permaneceu no celeiro, uma expressão confusa no rosto.

E eu ri quando, momentos depois, montei em Clark no chão da cozinha. Por que montar num caubói quando se pode montar num bibliotecário?

A torrada? Ficou ótima… uma hora mais tarde, depois de reaquecida.

EPÍLOGO

Seis meses depois

O sol brilhava com força através das janelas recém-instaladas. O calor aquecia os meus pés descalços no centro do sótão. Com um pincel na mão, eu fitava a tela. Mordisquei a unha do polegar, pensando que direção tomar.

– Vivian? – ouvi uma voz vinda de baixo, e o meu corpo não teve dúvida sobre qual direção tomar. – Você está aí em cima, docinho?

Ele me chamou de *docinho*. Sorrindo, respondi em direção à escada, onde sabia que ele estava:

– Sobe aqui.

Clark sempre esperava meu aval; ele não gostava de me atrapalhar quando eu estava trabalhando.

Eu tinha criado um estúdio repleto de luz e de cor. Nós havíamos instalado um sistema de climatização para que eu pudesse trabalhar em qualquer época do ano, e eu comprara milhares de suprimentos. Mantivera alguns dos manequins vestidos; as cores das roupas se tornaram uma inspiração para mim e me ajudavam a voltar para a realidade.

Caroline e Simon tinham nos visitado alguns meses antes, e, quando eu mostrara a ela meus trabalhos em andamento, Caroline ficara eufórica. Na hora, ela comprou duas pinturas para clientes e me pediu para mantê-la informada sobre novas peças. Ao que parecia, eu tinha uma nova carreira.

Eu havia embalado cuidadosamente todas as pinturas da tia Maude e as enviado para o sr. Montgomery, que ficou muito emocionado e também muito grato. Aquela história pertencia a eles, e eu fiquei contente que as pinturas tivessem encontrado um novo lar.

Sobre minha cabeça, na *minha* casa, havia um novo teto e, dois andares abaixo, uma escadaria totalmente reformada, com uma nova balaustrada. Toda a madeira da casa tinha voltado a brilhar, o chão tinha voltado a brilhar, e a varanda da frente já não tinha nenhum buraco.

E o Cavaleiro Sem Pernas continuava orgulhosamente postado no canto do nosso quarto, guardando o mar de piratas.

Clark se mudara quase imediatamente. Cedo demais? Não sei e não me importo. Eu o amo tanto e tão intensamente que quero tê-lo por perto o tempo todo. Convidei, ele aceitou, nós passamos a morar juntos. E nos apropriamos do quarto principal. Pareceu a melhor opção, e, cá entre nós, precisávamos do espaço. Clark tinha mais blazers do que eu poderia imaginar. No final das contas, o closet de cedro teve bastante utilidade.

Ouvi um relincho nos fundos e caminhei até a janela para olhar o celeiro. Nina, a estudante de veterinária que assumira o cuidado dos animais, estava passeando Paul e Paula no pasto. Hank era história. Vez ou outra, nós o encontrávamos na cidade, normalmente acompanhado por alguma loira peituda. Clark sempre me abraçava com mais força, e sua mão ficava mais boba sempre que o víamos. E eu gostava disso. O que tem de mal em querer se sentir possuída por um homem? Eu gosto, e pronto. Clark era cem por cento dono do meu traseiro.

Escutei os passos do meu bibliotecário pelas placas grandes do assoalho; ele passou os braços debaixo dos meus seios e beijou meu pescoço.

– Não estou te atrapalhando, estou? – murmurou, mordiscando a curvatura do meu ombro.

Eu imediatamente senti um delicioso espasmo e inclinei o corpo contra ele quando suas mãos escorregaram e se detiveram em minha barriga. Clark estava obcecado com o pequeno espasmo nesse ponto, que já não era tão pequeno assim.

Pois é. Se dependesse de Clark, ele teria uma casa abarrotada de crianças. E Clark sabia ser

bastante persuasivo. Agora, com essa maravilhosa surpresa, meus hormônios me deixavam ainda mais louca do que antes ao ser tocada por ele.

No dia em que descobrira que seria pai, ele tirou uma aliança da gaveta de cima da cômoda, se ajoelhou e me pediu em casamento. Depois, desmaiou de emoção. Quando acordou, alguns minutos depois, com a cabeça no meu colo, me disse que era a pessoa mais sortuda do mundo.

A segunda pessoa mais sortuda do mundo.

– Vivian – ele disse.

Meu nome sempre soava tão perfeito quando ele o pronunciava. Só ele tinha permissão para me chamar de Vivian, e só ele jamais teria.

– Estou com fome – falei, me sentindo faminta de repente. – Vamos pegar uma pizza e sair para dar uma volta.

– À Moda do Açougueiro?

– Com certeza. – Me virei, ainda envolta em seus braços, e entrelacei minhas mãos atrás de seu pescoço. – Depois, a gente pode parar perto da praia e se pegar que nem dois adolescentes.

– Mulher impossível – Clark sussurrou no meu ouvido, pousando um beijo debaixo dele, me fazendo soltar um gritinho.

– Vamos, Clark, hora de alimentar a sua mulher impossível. – Soltei uma risada, e nós descemos a escada.

Depois da pizza, não aguentamos esperar chegar na praia. Fechamos a capota do conversível e transamos no acostamento. É assim que *este* romance termina. E, quando meu bibliotecário me penetrou profundamente e sussurrou no meu ouvido as coisas sujas e obscenas que queria fazer comigo, eu tive o meu final feliz.

AGRADECIMENTOS

Este livro foi inspirado nas férias que passei, há muitos anos, nas montanhas da Carolina do Norte. Rodeada pela bela cidade de Cashiers, com seus lagos e montanhas, com sua tranquilidade e pacificidade, imaginei como seria viver em uma cidade tão mágica. Perguntei-me se ali a paixão floresceria tão naturalmente quanto as lindas árvores e flores, ou se precisaria ser cultivada como em qualquer outro lugar. Também imaginei como seria para uma viciada em romances ser removida de sua vida cotidiana e cair de paraquedas no meio de uma fantasia. Como ela reagiria? Ela enxergaria romantismo em todos os lugares? Sabe, como alguém que vive assistindo a filmes pornôs e começa a achar que o entregador de pizza está ali para entregar uma calabresa especial? (Isso nunca acontece, tá?)

E se essa viciada em histórias de amor começasse a achar que todo homem é feito de camadas que precisam ser reveladas? Ela presumiria que há um rei pirata ou um príncipe cafajeste sob cada corpo sarado? Ela deixaria escapar o verdadeiro herói simplesmente porque ele usa blazer de tweed em vez de fivelas gigantes?

Misturei esses pensamentos, substituí as montanhas pela igualmente mágica cidade costeira de Mendocino, e *Derrubando as paredes* nasceu.

Mas não foi um parto fácil. Não, crianças. A Mamãe Alice quase surtou de vez. Este livro me desafiou, me virou do avesso, tentou me partir ao meio. No final, eu venci. Mas por pouco. E somente porque tenho a equipe mais maravilhosa do mundo me incentivando e me ajudando o tempo todo.

Estou falando de Micki Nuding, a única editora que teve coragem de me dizer que terminar um livro faltando dois minutos para o prazo acabar (fuso da Costa Oeste, diga-se) é tecnicamente proibido. Mas ela aceitou mesmo assim. E ela tem uma queda por Clark.

Estou falando de Christina Hogrebe, a agente que sabe como me animar quando eu preciso e que permite que eu me enfurne na minha caverna pelo tempo necessário. Isto é, desde que eu entregue o livro faltando dois minutos para o prazo final. E ela também tem uma queda por Clark.

Estou falando de Jessica Royer-Ocken, minha confidente e a pessoa que limpa meu texto das vírgulas desnecessárias e pululantes. Ela me acompanha desde a quarta série e, acredite ou não, continua tendo fé em mim. E tem uma queda por Clark.

Estou falando de Nina Bocci, minha companheira de taco e grande mentora. Ela permaneceu ao meu lado no saguão do Westin St. Francis, em San Francisco, enquanto eu escrevia as últimas páginas deste livro e aceitou comer lámen embora tivesse receio do prato e só quisesse pizza. E ela tem uma queda por Clark.

Também estou falando de Christina Lauren, que sempre deseja meu sucesso, especialmente quando o assunto é conseguir ingressos para a Space Mountain para ela e sua equipe. E da equipe de marketing, incluindo Kristin e Jules, por evitar que eu tivesse enjoos durante as viagens de carro. E do pessoal da arte, incluindo Louise e Jen, por me permitir mostrar fotos de mulheres sendo atingidas na cara por cachorros-quentes, por entender a graça disso e por me entender. Ah, e, claro, por me ajudar a construir a beleza que é minha vida hoje.

Estou falando da família, que inclui os mais próximos, os mais distantes, os de sangue, os agregados. Vocês me permitiram ser quem eu sou e têm minha gratidão eterna por isso.

Estou falando da senhora Alice; sou só joinhas para você.

A rede maravilhosa de pessoas que me apoiam e me incentivam está se espalhando pelo mundo. Obrigado pelos tweets, e-mails, resenhas, comentários, por indicarem para amigas o livro que acabaram de ler, por me dizerem que estão ansiosas pelo próximo! É a vocês, crianças, que dirijo meu maior agradecimento.

Então, por favor, leiam, curtam, se divirtam, se emocionem, vale tudo. Continuem lendo todos esses romances incríveis que há por aí e, por favor, recomendem a um amigo quando gostarem de algum. Quem ama compartilha, crianças.

Bjos,
Alice

SOBRE A AUTORA



Crédito da foto: Lisa Nordmann

Depois de muito tempo trabalhando como maquiadora e esteticista, aos 33 anos Alice Clayton ligou o seu laptop com a intenção de começar uma nova carreira: a de escritora. Sem nunca ter elaborado nada além das rotineiras listas de supermercado, ela descobriu na escrita a animação que procurava desde os 10 anos, quando deixou de lado as aulas de teatro. Já com seus primeiros romances, ela foi indicada ao prêmio Author Good Reads, em 2010. Mas foi com a série Cocktail, da qual fazem parte *Subindo pelas paredes*, *Arranhando as paredes* e *Derrubando as paredes*, que seu trabalho ficou mundialmente conhecido. Alice mora no estado de Missouri, nos Estados Unidos.

Ela gosta de picles, Bloody Mary, oito horas bem-dormidas e uma boa transa.

Table of Contents

FOLHA DE ROSTO
FICHA CATALOGRÁFICA
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS
SOBRE A AUTORA